

DISSERTAÇÃO

**REPETIÇÕES DE PALAVRAS: ESTUDO
CONTRASTIVO EM TEXTOS LITERÁRIOS
EM PORTUGUÊS E INGLÊS E SUAS
TRADUÇÕES VIA LINGUÍSTICA DE CÓRPUS**

PAULO ROBERTO KLOEPEL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTACATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

Paulo Roberto Kloeppe

**REPETIÇÕES DE PALAVRAS: ESTUDO CONTRASTIVO EM
TEXTOS LITERÁRIOS EM PORTUGUÊS E INGLÊS E SUAS
TRADUÇÕES VIA LINGUÍSTICA DE CÓRPUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de concentração: Lexicografia, tradução e ensino de línguas.

Orientação: Prof. Dr. Marco A. E. Rocha

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kloepfel, Paulo Roberto
REPETIÇÕES DE PALAVRAS: ESTUDO CONTRASTIVO EM TEXTOS
LITERÁRIOS EM PORTUGUÊS E INGLÊS E SUAS TRADUÇÕES VIA
LINGUÍSTICA DE CÓRPUS / Paulo Roberto Kloepfel ;
orientador, Marco Antonio Esteves da Rocha - Florianópolis,
SC, 2015.
216 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Repetição de Vocábulos. 3.
Linguística de Córpus. 4. Coesão Textual. 5. Elipses
Lexicais. I. Rocha, Marco Antonio Esteves da. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Paulo Roberto Kloeppe

**REPETIÇÕES DE PALAVRAS: ESTUDO CONTRASTIVO EM
TEXTOS LITERÁRIOS EM PORTUGUÊS E INGLÊS E SUAS
TRADUÇÕES VIA LINGUÍSTICA DE CÓRPUS**

Dissertação julgada como adequada para a obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 08 de outubro de 2015.

Prof^a. Dr^a. Andréia Guerini - Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Rocha - UFSC/PGET

Orientador e presidente da banca

Prof^a. Dr^a. Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti - UFSC/PPGL

Prof^a. Dr^a. Viviane Heberle - UFSC/PGET

Prof. Dr. Markus J. Weininger - UFSC/PGET

Resumo:

Este estudo contrastivo entre sistemas linguísticos, baseado em linguística de *cópus*, partindo do pressuposto de pesquisa de que, em inglês, a ocorrência de repetições de palavras seja superior, em relação ao português, investigou evidências empíricas que indicassem tendências neste sentido, bem como, investigou possibilidades de as repetições se darem em função de relações intrassistêmicas da língua inglesa. Para tal, inicialmente, foram levantadas hipóteses de pesquisa, relativas às relações gramático-coesivas, às ambiguidades lexicais e polissemias, e ao processamento e armazenamento lexicais, bem como, seus efeitos na cognição de repetições de palavras. Esta dissertação que, no entanto, representa somente a primeira etapa de um estudo maior, se concentra nas investigações das relações gramático-coesivas e seus efeitos nas frequências de ocorrências de repetições lexicais. A pesquisa adentrou duas dimensões, *i.e.*, empírico-investigativa e teórico-investigativa: a primeira envolveu uma série de abordagens verticais contrastivas a um *cópus* linguístico, paralelo e bidimensional, composto por textos originais e suas respectivas traduções, com 782.175 palavras, basicamente via processamentos das ferramentas computacionais do software WordSmith; a segunda dimensão, envolvendo abordagens horizontais ao *cópus*, analisou uma amostra de vocábulos, estatisticamente testada quanto à sua representatividade, sob o viés dos estudos hallidayanos relativos à coesão textual presentes nos livros *Cohesion in English*, (HALLIDAY e HASAN, 1976) e *An introduction to functional grammar* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Os resultados da pesquisa apontaram para a confirmação de seu pressuposto, bem como, da hipótese investigada. Paralelamente, acusaram que alguns tipos de elipses lexicais, que são comumente encontrados em português, tendem a ser problemáticos em inglês.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Reptições de Vocábulos; Linguística de *Cópus*; Coesão Textual; Elipses Lexicais.

Abstract:

*This contrastive linguistic study, carried on via corpus linguistics, has looked for empirical evidence, which could support the assumption of that repetition of words is more commonly found in English than it is in Portuguese. Besides, the study has also looked for evidence that could link this assumption to internal relationships of the linguistic system of English. Aiming at this, it has been launched hypotheses concerning grammatical-cohesive relations, lexical ambiguity and polysemy, processing and storing the latter ones as well as their role in cognition of repetition of words. Yet, this thesis, as it is a first step towards a larger study, approaches only the grammatical-cohesive relations and their role in the frequency of lexical repetition in English. Given this perspective, the research has approached its object of study in two dimensions, i.e. empirical investigation and theoretical investigation: the former has involved a series of vertical contrastive approaches, mainly via WordSmith Tools processing, to a bi-directional parallel corpus with 854,167 words, made up of source texts and their target texts; the latter, focusing on horizontal approaches to the corpus, under the light of Halliday's studies concerning textual cohesion, discussed in the books *Cohesion in English* (HALLIDAY & HASAN, 1976) and *An introduction to functional grammar* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), has analyzed a sample of words, whose representativeness was previously statistically tested. The outcomes of the research point to supporting both its initial assumption and its investigated hypothesis. Besides, it has shown that some sorts of lexical ellipses that are commonly found in Portuguese tend to be problematic in English.*

Keywords: *Translation Studies; Word Repetition; Corpus Linguistics; Textual Cohesion; Lexical Ellipsis*

Sumário

Introdução	13
CAPÍTULO I - CÓRPUS E METODOLOGIA DA PESQUISA	29
1.1 Córpus da Pesquisa	29
1.2 Metodologia de Abordagem ao Córpus	33
1.2.1 Repetições de Vocábulos: Parâmetros	33
1.2.2 Contrastes entre Frequências Gerais de Ocorrências	36
1.2.3 Seleção de Amostras de Vocábulos para as Abordagens Verticais	40
1.2.4 Pré-amostragem: Listas KeyWords.....	44
1.2.5 Pré-amostragem: Teste de Significância Estatística.....	48
1.2.6 Definição da Amostra de Vocábulos.....	54
1.2.7 Metodologia das Abordagens Horizontais	56
CAPÍTULO II – ABORDAGENS VERTICAIS	59
2. Contrastes entre Frequências Gerais de Vocábulos	59
2.1 Pronomes Pessoais e Adjetivos Possessivos	72
2.2 Vocábulo <i>One</i> : Equivalências Intralinguísticas e Correspondências Interlinguísticas	76
2.3 Sufixo <i>-ing</i> : Aspecto Verbal Progressivo e Derivações Deverbais Nominais	91
2.4 Operadores Gramaticais e Substitutos Coesivos: <i>Do</i> , <i>Does</i> e <i>Did</i>	102
2.5 <i>Do</i> , <i>Does</i> e <i>Did</i> : Usos Enfáticos e Coesivos	107
2.6 Ocorrências de <i>Do</i> , <i>Does</i> e <i>Did</i> : Contrastes Quantitativos...	120
CAPÍTULO III – ABORDAGENS HORIZONTAIS	129
3. Alinhamentos de Segmentos Frásicos	131

3.1 <i>Air, Arms, Else, Existence, Hours, Own, Side, Times e Women</i>	132
3.2 <i>Say e Saying</i>	147
3.3 Vocábulo <i>See</i>	154
3.4 Vocábulo <i>There</i>	161
3.5 Vocábulo <i>Were</i>	177
3.6 Pronomes Pessoal, <i>You</i> , e Possessivo Adjetivo, <i>Your</i>	193
CONCLUSÕES	204
APÊNDICE I	212
Referências Bibliográficas	213

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E DIAGRAMAS

Figura I - 1	Janela Statistics da interface WordList	37
Figura I - 2	Tabela de contingência	49
Figura II - 1	Recorte das Listas WordList das etiquetas morfossintáticas: à esquerda, dos contos, à direita, da traduções.....	63
Figura II - 2	Distribuição de frequências de <i>an</i> , <i>a</i> , <i>one</i> , ‘um e ‘uma’ do COMPARA, morfossintaticamente agrupadas.	80
Gráfico II - 1	<i>TTRs</i> dos subcorpora.....	60
Gráfico II - 2	<i>STTRs</i> dos subcorpora	60
Gráfico II - 3	<i>TTRs</i> dos textos selecionados	62
Gráfico II - 4	Contraste entre as curvas de frequências de ocorrências de categorias gramaticais ...	64
Gráfico II - 5	Contraste entre as curvas de frequências relativas de ocorrências de categorias gramaticais	68
Gráfico II - 6	Frequências de ocorrências dos pronomes pessoais analisados	74
Diagrama II - 1	112
Diagrama II - 2	113
Diagrama II - 3	113
Diagrama II - 4	114

LISTA DE QUADROS

Quadro I - 1	Cruzamentos das listas KeyWords	47
Quadro I - 2	Cálculos dos coeficientes <i>Log-Likelihood</i>	53
Quadro I - 3	Seleção final da amostra de vocábulos.....	58
Quadro II - 1	Comparativo entre as frequências de vocábulos repetidos nos subcorpora	59
Quadro II - 2	<i>TTRs</i> e <i>STTRs</i> dos textos selecionados do córpus.....	61
Quadro II - 3	Frequências de etiquetas nas duas línguas	64
Quadro II - 4	Frequências relativas de ocorrências de categorias gramaticais	67
Quadro II - 5	Contraste de percentuais de frequências de alguns pronomes nos subcorpora em português e em inglês	73
Quadro II - 6	Contraste entre as frequências de ocorrências das formas possessivas relativas às 1 ^{as} pessoas	75
Quadro II - 7	Contraste entre ocorrências de <i>one</i> , <i>a</i> e <i>an</i> , e de ‘um’ e ‘uma’	77
Quadro II - 8	Ocorrências de <i>a</i> , <i>an</i> e <i>one</i> : Córpus da Pesquisa versus COMPARA	78
Quadro II - 9	Alinhamentos de excertos: correspondências com <i>a</i> , <i>an</i> , e <i>one</i>	87
Quadro II - 10	Ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ nos excertos	88
Quadro II - 11	Ocorrências de <i>a</i> , <i>an</i> e <i>one</i> nos excertos	88
Quadro II - 12	Correspondências diretas entre locuções verbais: <i>having</i> + Particípio Passado e ‘tendo’ + Particípio Passado	96
Quadro II - 13	Locuções verbais <i>having</i> + Particípio Passado surgidas na tradução	97

Quadro II - 14	Locuções ‘tendo’ + Particípio Passado: não mantidas na tradução	97
Quadro II - 15	Alinhamento de 05 sentenças com <i>running</i>	99
Quadro II - 16	Contraste entre as frequências de ocorrências de <i>as + do + subject</i> e suas correspondências no Português no Córpus COMPARA.....	122
Quadro II - 17	Frequências de ocorrências dos operadores gramaticais e substitutos verbais <i>do, does e did</i> , no subcórpus <i>TT</i> em inglês	124
Quadro II - 18	Contraste entre as frequências de ocorrências de <i>did</i> e das formas verbais flexionadas do verbo fazer	126
Quadro III - 1	Distribuição contrastiva de frequências de ocorrências de <i>there</i>	162
Quadro III - 2	Distribuição contrastiva, por tempos verbais, de ocorrências de <i>were</i> e de <i>were + gerund form of verbs</i>	178
Quadro III - 3	Ocorrências de <i>sock(s)</i> e <i>shoe(s)</i> versus de meia(s) e sapato(s)	190

Introdução

A pesquisa tem como mote principal a investigação da validade da noção, aparentemente comum, de que a repetição de vocábulos na língua inglesa não seja tão problemática quanto é na língua portuguesa. Baseada nos Estudos da Tradução, da Linguística Sistemática e da Linguística de Corpus, ela buscou por evidências que apóiem esta noção. Partindo do pressuposto de que em inglês há uma maior incidência de repetições de palavras, levantou-se questionamentos quanto a isto ser fruto de construtos sociais, ou de relações intrassistêmicas da língua, ou de ambas. Cabe destacar que o uso, acima, de ‘noção comum’ se refere aos discursos de muitos professores brasileiros de inglês, bem como, aporta-se em observações de alguns tradutores, e pesquisadores em Estudos da Tradução, como a Doutora Lourdes Bernardes Gonçalves, mestre pela University of Oxford e doutora pela Universidade Federal de São Paulo, que em palestra por ela ministrada em 2010, afirmou que:

...o português não gosta de repetir palavras enquanto que o inglês não tem esta preocupação exagerada como nós... nós temos...nós achamos mais ou menos que é um pecado mortal ficar repetindo palavras... (informação verbal)¹

Percebe-se, focando nas duas últimas linhas da citação, que a pesquisadora relaciona a problemática da repetição de vocábulos no português a um construto social fortemente enraizado, o que, segundo as percepções iniciais da pesquisa, talvez não se aplique tão enfaticamente ao inglês. Não que, com esta afirmação, se pretenda afirmar que falantes do inglês simplesmente abstraem das repetições de vocábulos. Mesmo porque, como afirmam Halliday e Hasan (1976), em coesão textual, as substituições lexicais existem justamente para se evitar as repetições de itens lexicais. No entanto, não foram poucas as situações, que como tradutor, me encontrei no impasse entre manter, ou não, na tradução,

¹ Citação extraída da palestra intitulada “Linguística de Corpus e Tradução Literária: Uma parceira viável”, ministrada pela Doutora Lourdes Bernardes Gonçalves, no dia 30 de novembro de 2010, na Universidade Federal de Santa Catarina. Vídeo disponível em: http://www.pget.ufsc.br/paginas.php?nomePag=Linguistica_de_corpus_e_traducao_literaria_uma_parceria_viavel, acesso em 17 mar 2014.

algumas repetições lexicais encontradas em textos originalmente escritos em inglês. Recentemente, isto ocorreu, na tradução dessa citação de Halliday e Hasan:

Substitution is a relation between linguistic items, such as words or phrases; whereas reference is a relation between meanings. In terms of the linguistic system, reference is a relation on the semantic level, whereas substitution is a relation on the lexicogrammatical level, the level of grammar and vocabulary, or linguistic 'form'. (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.89).

Com efeito, ao mesmo tempo que me causava certo desconforto manter na tradução as repetições de *relation*, *whereas*, e *level*, indubitavelmente, na leitura do excerto em inglês, as repetições não me pareciam causar problemas, nem pareciam ser evitáveis, até mesmo por conta da inquestionável competência linguística da autoria. Entretanto, me parece, que dificilmente duas ocorrências de ‘enquanto que’ (*whereas*), por exemplo, venham a figurar em dois segmentos frásicos adjacentes tão próximos. Pelo menos é o que parece indicar a interface do *cópus COMPARA* (FRANKENBERG-GARCIA e SANTOS, 2002), que é um *cópus* português-inglês, paralelo, bidirecional, com 2.978.688 palavras, pois ela não fornece nenhuma ocorrência que aponte para o contrário. Nem tão pouco, foram encontradas ocorrências de ‘enquanto que’ em segmentos adjacentes nos subcorpora em português da pesquisa, que somam 371.663 palavras.

Ao longo da vivência com a língua inglesa, entretanto, tenho percebido haver uma forte tendência de brasileiros em transferir para o inglês a problemática das repetições de vocábulos. Tal tendência, todavia, pode ter reflexos negativos em suas produções textuais em inglês, seja atuando como tradutores, seja como aprendizes/falantes da língua, visto que, segundo o artigo *Word Choice* postado no *The Writing Center of The University of North Carolina at Chapel Hill*, “[...] A repetição pode ser uma coisa boa. Às vezes, simplesmente não há substitutos para os termos chave, e selecionar um termo mais fraco como sinônimo pode fazer mais mal do que bem.” (UNC, 2012, tradução nossa).

Observando a tradução de “*Oxford, had kept the background for romance, and, to the true romantic, background was everything, or almost everything*”, extraído de *The Picture of Dorian Gray* (1890) de

Oscar Wilde, que na tradução ficou “Oxford, conservara o cenário romanesco, e, para o verdadeiro romântico, o cenário era tudo, ou quase tudo”, se o tradutor, de modo a evitar a repetição, tivesse substituído o vocábulo ‘cenário’ por um sinônimo, perder-se-ia o efeito, ao que parece pretendido por Wilde, ao usar a coesão por repetição (HALLIDAY e HASAN, 1976) em *background* e *everything*.

Nesta perspectiva, tomando como pressuposto de pesquisa verificável, o de que, em inglês, as ocorrências de repetições de vocábulos são mais comuns do que no português, foi considerada como hipótese inicial a de que este pressuposto pudesse ser confirmado via estudos das relações intrassistêmicas da língua inglesa, para, a partir desta, viabilizar o levantamento de uma hipótese de pesquisa, que justificasse a condução de investigações quanto à sua validade, bem como, que permitisse investigações sob os vieses da linguística de córpus e dos Estudos da Tradução, considerando que “um córpus paralelo bidirecional bem ajustado pode ser a ponte que aproxima a tradução e os estudos linguísticos contrastivos.” (MCENERY e XIAO, 2007, p.6, tradução nossa).

No entanto, bastou um olhar um pouco mais apurado sobre a noção de repetição lexical para imediatamente aflorar a complexidade da abordagem investigativa da pesquisa, visto que ela deveria permear as dimensões sistêmica, semântica e cognitiva. De fato, basta focar na questão da semântica para se perceber tal dificuldade, pois “raramente é possível se analisar uma palavra, um padrão ou estrutura em diferentes componentes de significado; o modo como a linguagem funciona é complexo demais para permitir isso” (BAKER, 1992, p. 19, tradução nossa). Se a pesquisa tentasse abarcar essas três dimensões da língua, abrir-se-ia tamanho leque de desdobramentos investigativos, os quais inviabilizariam que as abordagens ao Córpus da Pesquisa recebessem o devido trato estatístico, dado o número de variáveis que estariam envolvidas. Caso este caminho fosse percorrido, a busca por uma hipótese de pesquisa deveria considerar os três pilares da Linguística de Córpus, que, segundo Nelson, são as coligações, colocações e associações semânticas (NELSON, 2000, apud PACE-SIGGE in ICAME Journal, 2013, p.150), visto que estes pilares, juntos, abarcam as três dimensões da língua. As coligações, de acordo com Firth, são as “coocorrências de opções [escolhas] gramaticais” (FIRTH, 1975 in SICLAIR, 2004, p.32, tradução nossa), as colocações são fruto da “propriedade da língua, pelo que duas ou mais palavras parecem ocorrer frequentemente em companhia umas das outras” (HOEY, 2005, p. 2,

tradução nossa), e as associações semânticas se dão pelo fato de as palavras ocorrerem com determinados grupos semânticos (Ibid. p. 13, tradução nossa).

Diante deste panorama complexo, a busca pela Hipótese da Pesquisa focou em três caminhos, a constar: relações gramático-coesivas, polissemias e desambiguações lexicais, e processamentos lexicais.

A possibilidade de investigar as repetições de vocábulos via coesão textual surgiu do fato de haver um número bastante reduzido de desinências verbais em inglês (RUBBA, 2004), o que, em relações gramático-coesivas por referência nominal, muitas vezes, não permite que sujeitos sintáticos sejam elididos, o que é bastante comum e desejável na escrita em português. Este traço da língua inglesa faz com que, geralmente, para que se estabeleçam as coesões anafóricas, os sujeitos sintáticos sejam explicitados, e isto, muitas vezes, gera repetições nominais dentro de um mesmo segmento frásico, tais como *I*, em “*But, I must admit, I’d gone off milk the moment I saw it.*”. Quanto a isto, Halliday e Hasan, são bastante pontuais, ao afirmarem que em sentenças declarativas em inglês, os sujeitos sintáticos, no caso os pronominais, serem quase sempre explicitados (HALLIDAY e HASAN, 1976). Opostamente, na sentença original, a qual gerou esta tradução, “Mas confesso que enjoei de leite desde o momento em que o vi”, extraída do romance Leite derramado (2009), de Chico Buarque, não há nenhuma ocorrência do pronome pessoal ‘eu’, pois a coesão recorrencial, estabelecida pelas relações anafóricas que as desinências verbais ‘-ei’ e ‘-i’ estabelecem com a desinência ‘-o’ do verbo ‘confessar’, permite a elipse dos sujeitos sintáticos das orações.

Outro aspecto a se considerar, em relação à questão das repetições dos sujeitos sintáticos, envolve os vocábulos neutros *it* e *one*. O primeiro, correspondente aos sujeitos sintáticos inexistente e indeterminado do português, como em ‘Choveu quase todos os dias’, em inglês, algo em torno de “*It rained almost every day*” (BNC, A7H 437²), por ter a mesma ortografia de seu respectivo *object pronoun*, indica uma tendência à repetição dele. O pronome indefinido *one*, por sua vez, tende a se repetir quando é usado para indicar indeterminação e neutralidade de sujeitos sintáticos, quando estes expressam a ideia de

² Conforme instruções presentes na página do BNC na WEB, as citações extraídas deste corpúsculo devem ser acompanhadas do identificador da obra, indicado pelo código alfanumérico, à esquerda, e do número da sentença, indicada pelo numeral à direita: (BNC, código da obra, sentença).

‘qualquer um’, em generalizações, como em “*One says that, like all animals, everything we do is dedicated to the maintenance of the species.*” (BNC, CB8 1543), onde *one says* corresponde a ‘diz-se’. Poder-se-ia argumentar que este uso é formal, o que se confirma no Merriam-Webster Dictionary. Entretanto, este excerto foi extraído da revista popular inglesa *She*. Por outro lado, no British National Corpus (BNC) consta um uso mais formal em, “*The condition of what one says being meaningful is part of what one means*”, extraído do livro *Inner and Outer: essays on a philosophical myth* (1991) de Godfrey N. A. Vesey. Geralmente, *one says* pode ser substituído por *it is said*, de forma que no excerto se evitaria a repetição, entretanto, buscas no BNC, cujo corpúsculo soma 100 milhões de palavras, extraídas de amostras de língua inglesa escrita e falada e no COMPARA, cuja abrangência é a anteriormente indicada, não apresentam ocorrências da sequência *what it is said*, com o sentido de *what one says*. Embora um pouco fora do escopo da questão da referência (pro) nominal, cabe lembrar que o pronome indefinido *one* (e *ones*) é também o substituto nominal em coesões por substituições nominais (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 91).

Inter-relacionável à questão das repetições dos sujeitos sintáticos pronominais, o fato linguístico de os substantivos ingleses (contáveis), no singular, não figurarem em sentenças sem estarem antecidos por um *determiner* (HUDSON, 2004) pode levar a repetições de formas possessivas, como a de *my* em “*I was afraid of running my hand across my lips and finding traces*”, inexistente no original, “*tinha medo de passar a mão pelos lábios e perceber vestígios*”, extraído de Paixão segundo G.H., (1964) de Clarice Lispector. Com efeito, como houve a necessidade de se explicitar o sujeito sintático da forma verbal *was*, o fato de o substantivo *hand* estar no singular, que demandou a inserção de um *determiner* à sua frente, tornou natural a inserção do adjetivo possessivo *my*, por conta da relação anafórica que este estabelece com *I*. Cabe ressaltar, que, embora *lips* esteja no plural, recebeu o mesmo tratamento por parte do tradutor, apesar de a gramática não determinar isto. Talvez, isto possa ser explicado pela análise de colocações e as relações destes com a significação e naturalidade das enunciações, conforme propõe Hoey (2005). Com efeito, numa consulta simples na interface do BNC, das 50, dentre as 4.631 ocorrências de *lips*, aleatoriamente selecionadas e fornecidas na interface da página, somente 08 ocorrências não estão precedidas de um *possessive adjective* ou do *genitive 's*.

O segundo campo passível de investigação, fruto do meu contato com o inglês, como aprendiz, falante, professor, tradutor e profissional da área da linguística, envolve a percepção das polissemias e das possibilidades de ambiguidades lexicais, oriundas das múltiplas funcionalidades de certos vocábulos ingleses, como: (i) *do*, *will* e *have*, que atuam como vocábulos gramaticais, na estruturação de sentenças interrogativas e negativas, em usos enfáticos e em *English Inversions*, e também atuam como vocábulos lexicais; (ii) os terminados em *-ing*, que, por sufixação deverbal, atuam como formas verbais de gerúndio e infinitivo, substantivos e adjetivos, e os terminados em *-ed*, que indicam diferentes tempos-aspectos, e também podem atuar como adjetivos; (iii) os *phrasal verbs*, cujos significados, às vezes, variam muito, como no caso de *give up*, que pode significar ‘desistir’, ‘renunciar’, etc., mas, também, ‘revelar’, por serem “compostos de um verbo mais uma partícula adverbial ou preposicional, especialmente um cujo significado não pode ser deduzido pela a análise do significado de seus constituintes” (HARPERCOLLINS, 2014).

Antes de prosseguir nesta arguição, é fundamental discorrer um pouco sobre a extensão do termo ambiguidade lexical, dentro da noção assumida pela pesquisa, pois, diferentemente de em instâncias comunicativas, que ocorrem entre falantes monolíngues, em processos tradutórios, referenciais léxico-gramaticais de duas atuam simultaneamente. Partindo do fato de que, “estudos mostram que a língua traduzida é tradutês. Os efeitos da língua fonte sobre as traduções são fortes o suficiente para fazer com que a língua encontrada em textos traduzidos, seja diferente da língua alvo” (MCENERY & XIAO, 2007 p. 6, tradução nossa), o que se quer sugerir aqui é que os processamentos de ambiguidades lexicais em instâncias monolíngues diferem dos processamentos em instâncias bilíngues.

Em termos práticos, acredita-se que, alinhando-se com Hoey e Sinclair, em contextos comunicativos monolíngues, “as ambiguidades lexicais sejam raridades” (HOEY, 2005, p. 81, tradução nossa), pois as colocações e coligações (em coocorrências frequentes), que os vocábulos estabelecem, permitem a natural e imediata desambiguação de instâncias polissêmicas (Ibid.). Porém, como afirma Hoey, quando vocábulos polissêmicos são empregados em desacordo com colocações e coligações frequentes, surgem as ambiguidades lexicais (Ibid.) Desta forma, considerando que as colocações e as coligações, que um vocábulo estabelece com outros, podem diferir das que um correspondente seu em outra língua estabelece, em contrastes

interlinguísticos, empregos de vocábulos, que não são ambíguos numa língua, podem ser tomados com tais sob o viés de outra. Com efeito, os participios presentes em inglês (verbo + *-ing*) estabelecem uma gama de coligações e colocações, por exemplo, com preposições e verbos, como em *risk of running* e *he starts running*, as quais não ocorrem em português. Da mesma forma, como as polissemias de vocábulos diferem de língua para língua, se um vocábulo tem a polissemia mais ampliada que a de um correspondente imediato seu em outra língua, parece-me seguro, esperar que ele surja como ambíguo em contrastes interlinguísticos.

Cabe também ressaltar que, embora a questão da ambiguidade lexical esteja associada à questão da polissemia e da homonímia, a pesquisa, desde sua concepção, assume que a ambiguidade lexical é um fenômeno linguístico com efeitos negativos, pois ela torna-se problemática quando da busca pela significação. Portanto, difere da polissemia e da homonímia, no sentido de que estas expressam um atributo positivo relativo à fertilidade dos vocábulos, a qual, na visão de Hoey e Sinclair, acima mencionada, não causa ambiguidade. O fato de, por exemplo, o item lexical *do* poder carregar uma gama de morfemas lexicais, que expressam diferentes significados, evidencia a polissemia do vocábulo. Porém, dada sua capacidade de carregar somente morfemas gramaticais, quando atuando como operador gramatical (auxiliar), ele pode parecer ambíguo num viés interlinguístico, como em, “*since only when I err do I step out of what I know and what I understand*”, pois não fosse a desambiguação de *do I*, que ocorre a partir de *since only*, *do I* apontaria para um segmento interrogativo. Similarmente, na perspectiva dos falantes do português, o uso enfático de *do* pode gerar ambiguidades. Por exemplo, em, “*Grades are more to be blamed for what they do not do than for what they do do*” (BNC, CN5 1307), a colocação *do do* pode gerar ambiguidade de interpretação, visto que, quanto à eufonia do segmento frásico, a colocação pode causar dissimilação (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), sobretudo considerando que, seja qual for o correspondente do português, escolhido para primeira ocorrência de *do*, este deve ser um advérbio, ou uma locução adverbial.

Sendo as coligações e colocações conceitos basilares da Linguística de Córpus, estudos baseados em corpora linguísticos *a priori* dão conta de investigações, quanto aos fenômenos da polissemia e da ambiguidade lexical. Entretanto, diferentemente dos estudos monolíngues, estudos como o da pesquisa, que envolvem contrastes

entre textos originais e traduções, abarcam cruzamentos de polissemias nas duas línguas. Segundo estudos preliminares, análises contrastivas focadas nas semânticas de vocábulos, tendem a gerar contínuos desdobramentos, exponencialmente crescentes, de significados, ora numa língua, ora noutra, dada a quantidade de possibilidades semânticas envolvidas nos dois sistemas linguísticos. Acresça-se a isto, os desdobramentos causados pelas escolhas subjetivas de tradução.

Estas inter-relações semânticas ficam bastante perceptíveis ao se contrastar os significados *the run of* e ‘estiver andando’ em “*As long as he’s in there the Captains of the Sands won’t be able to do anything. After he’s got the run of the Reformatory escape will be easy.*” traduzido de “Enquanto ele estiver ali, os Capitães da Areia não poderão fazer nada. Depois que ele estiver andando no reformatório todo, aí a fuga será fácil.”, extraído de *Capitães de areia* (1937) de Jorge Amado. Com efeito, se ‘estiver andando’ for tomado isoladamente, tem-se uma locução verbal expressando ação contínua, que envolve deslocamento físico, porém, é perceptível que, no contexto frásico, não é esta a função semântica da locução, pois nele, ela pode significar ‘estiver solto’, ‘estiver livre’, etc., ou até, ‘conhecer’, que estabelecem correspondência com *’s got the run of* na tradução.

Como afirma Mona Baker (1992, p.61), o vocábulo *run* “tem uma vasta variedade colocacional”, ou seja, coocorre com uma grande gama de palavras, podendo coocorrer com “empresa, negócio, apresentação, carro, meias, meias-calças, nariz, selvagem, dívida, projeto de lei, rio, curso, água, cor, entre outras.” (Ibid.). E, também segundo ela, “vocábulos com grande variedade colocacional tendem a encontrar menos possibilidades de equivalências intersistêmicas”. No português, conforme pesquisado, a variedade colocacional do verbo ‘correr’ também é grande, e muitas colocações de *run* são correspondentes diretas de colocações de ‘correr’, mas dentre as possibilidades mencionadas por Baker, as com empresa, meia e meias-calças e cores parecem não ser comuns no português. Por exemplo, a coocorrência de ‘empresa’ com o verbo ‘ir’ é comum, como em ‘a empresa vai bem’, mas a coocorrência de ‘empresa’ com ‘correr’ não é, embora seja possível o ‘negócio estar correndo bem’. Similarmente, ‘meias deslizam ou escorregam’, mas ‘não correm’, apesar de o verbo ‘deslizar’ poder estabelecer relação de sinonímia com ‘correr’, como em ‘uma lágrima corria de seus olhos’. O fato de algumas colocações de *run* não serem comuns no português, faz com que, sob a ótica de falantes do

português, este vocábulo se apresente como gerador de mais possibilidades de ocorrência de ambiguidades lexicais.

Diante desta perspectiva, caso a pesquisa focasse na questão da polissemia e das ambiguidades lexicais, num viés interlinguístico, a grande questão seria encontrar uma forma de mensurá-las, quantitativamente e contrastivamente, via Linguística de Córpus.

A terceira possibilidade de investigação envolve os processamentos cognitivos que permitem as desambiguações lexicais em inglês, os quais, em hipótese, teriam efeitos atenuantes na percepção das repetições lexicais. Esta hipótese tomou corpo no contato com o artigo *Representation of polysemous words* de Devorah E. Klein and Gregory L. Murphy, publicado em 2001, no periódico *Journal of Memory and Language*. Neste artigo, os autores, primeiramente, distinguem vocábulos homônimos de polissêmicos, de modo que, os primeiros, por definição, diferentemente das posturas de Hoey e Sinclair, gerariam ambiguidades semânticas, pois têm significados bastante distintos, mas ortografias idênticas, e citando Levelt (1989), afirmam que “acredita-se que geralmente são representados por diferentes lemas”, e “no processamento vocábulos homônimos são distinguidos com base em seus diferentes significados”. (KLEIN e MURPHY, 2001, p. 259, tradução nossa) Quanto aos vocábulos polissêmicos, Klein e Murphy argumentam que estes, diferentemente dos homônimos, expressam significados que são extensões de um significado comum a eles. Nesta concepção, *run*, com a ideia de ‘correr’ e ‘fugir’, é um vocábulo polissêmico, pois expressa extensões da ideia de deslocamento rápido, enquanto que *bank*, por se referir tanto à instituição financeira quanto à margem de rios é homônimo, pois pode expressar significados bastante distintos.

Em relação a como os vocábulos polissêmicos são processados, objetivo do artigo deles, os autores descrevem alguns experimentos psicolinguísticos que conduziram com o intuito de verificar se são processados em torno de um significado central comum a eles, ou se distintamente, tal qual, são os homônimos. Os autores encerram seu artigo, afirmando que, “no conjunto, [...] [os] experimentos forneceram evidências das representações distintas dos sentidos das palavras polissêmicas” (Ibid. tradução nossa), sem, no entanto, encerrar a questão, visto que deixam, nas palavras deles, “para futuros artigos esclarecerem a forma exata das representações dos sentidos, para explicarem como novos sentidos são adicionados às representações

lexicais, bem como delinear um modelo para entender a polissemia.” (ibid. 280).

Pela ótica desta Hipótese da Pesquisa, se os vocábulos homônimos e polissêmicos são processados como distintos em função de seus diferentes significados, considerando o estreito relacionamento entre ‘significado’ e ‘significante’, seguindo a concepção de Barthes de signo linguístico, talvez esta distinção, em algum grau, também se reflita no nível do ‘significante’. Sendo assim, vocábulos, cujos ‘significantes’ sejam iguais, não seriam processados como iguais. Da mesma forma que, num sentido inverso, no processamento, sinônimos são tomados como semanticamente correspondentes, ou seja, seus ‘significados’ são processados como “iguais”, ou *quase* iguais, a despeito de distinções entre seus ‘significantes’.

Barthes expandiu a noção de signo de Saussure, o qual concebeu o signo linguístico como sendo composto por duas porções, o ‘significante’, que compreende a porção fonológica das palavras, - expansível à escrita -, e o ‘significado’ que compreende a porção semântica delas. Na visão de Saussure, ‘significantes’ e ‘significados’ poderiam ser dissociados, dada a arbitrariedade do signo, (SAUSSURE, 1969). Na visão saussuriana, ‘significante’ e ‘significado’ ocupariam posições distintas na significação. Para Barthes, entretanto, não é possível dissociá-los, pois “a significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo.” (BARTHES, 1979, p.51). Numa concepção mais sociológica da língua, Bakhtin também se opôs à arbitrariedade do signo linguístico saussuriano, pois “a teoria da expressão supõe inevitavelmente um certo dualismo entre o que é interior [significado] e o que é exterior [significante], com primazia explícita do conteúdo interior.” (BAKHTIN, 2004, p.111).

Nesta linha de raciocínio, da não dissociabilidade entre os constituintes do signo, se vocábulos homônimos e polissêmicos são processados e armazenados distintamente em função de suas semânticas, é razoável esperar que estas, de algum modo, igualmente imprimam alguma marca distintiva no processamento de seus respectivos significantes.

No mesmo sentido, os estudos de Hoey em seu livro, *Lexical priming*, parecem apontar para uma linha de raciocínio similar, quando ele afirma que são as coocorrências de palavras, as colocações, (e, por consequência, as imediatas desambiguações das palavras destas), que contribuem para que enunciações sejam significativas e naturais.

(HOEY, 2005). Hoey, também afirma que as colocações estão intimamente ligadas ao *priming*, - fenômeno psicológico relativo à fixação de léxico feita pelo cérebro -, pois o *priming* aflora no uso repetitivo das coocorrências de palavras, em diferentes contextos. Esta relação entre colocados e o *priming* me é perfeitamente aceitável se considerarmos a natural desambiguação das duas ocorrências do vocábulo ‘casa’ em, “Ou ele casa ou sai daqui com os ossos em sopa!” (CORPUS DO PORTUGUÊS, 18:Azevedo:Cortiço³) e “O seu ateliê fica em casa” (CORPUS DO PORTUGUÊS, 190r:Br:Intrv:Cid), pois são os colocados sujeito-verbo, e preposição-substantivo que distinguem as duas ocorrências do vocábulo, visto que, o sujeito (ele) e a preposição (em) ativam os diferentes *frames* no processamento da informação. O termo *frames* (MARCUSHI, apud NADAL, 2009) aqui se refere a espécies de quadros mentais armazenados no cérebro, os quais vão sendo acessados à medida que vocábulos são processados na recepção textual. Por exemplo, nas sentenças abaixo dispostas, extraídas do Córpus do Português (DAVIES, e MICHAEL, 2006) com 45 milhões de palavras, a desambiguação do verbo ‘meter’ parece se alinhar com a teoria dos *frames*, bem como, à visão de Hoey, pois num primeiro momento o verbo ‘meter’ tende a ativar algum *frame* relativo à ‘introdução de algo’, mas, quando seguido por ‘cara’, ele ativa algum *frame* relativo a ‘enfrentamento’, e afins. Porém, se ‘meter cara’ for seguido por ‘no travesseiro’ pode ativar um *frame* antagônico, pois este pode remeter a ‘esconder-se’, como em, “Meteu a cara no travesseiro e procurou pensar na própria morte” (19:Fic:Br:Verissimo:Tempo). Por outro lado, se ‘meter’ é seguido de ‘nariz’, pode ativar um *frame* em torno de ‘bisbilhotar’, como em “Não sou de meter o nariz onde não devo” (19:Fic:Br:Gomes:Rios). Nestes exemplos, percebe-se que as coocorrências do verbo ‘meter’ com ‘cara’, ‘travesseiro’ e ‘nariz’ ativam diferentes *frames*, os quais permitem as desambiguações semânticas das diferentes colocações que ele estabelece nestes contextos frásicos.

Retomando os exemplos com o vocábulo homônimo ‘casa’, o morfema gramatical do sujeito sintático ‘ele’ ativa *frames* relativos a ações, que podem se referir a ‘contrair matrimônio’, ‘combinar-se’, ‘harmonizar-se’, ‘apostar’, etc. (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), e o morfema gramatical da preposição ‘em’ ativa *frames* relativos a substantivos, que podem se referir a ‘residência’, ‘divisões de tabuleiros

³ Segundo instruções, as citações de excertos extraídos do Córpus do Português seguem a seguinte formatação: (CORPUS DO PORTUGUÊS, código alfanumérico:autor:obra)

de jogos', 'abertura em peças do vestuário', 'conjunto de expectadores', etc. (Ibid.). Considerando estas possibilidades de significação, poder-se-ia esperar ocorrências de ambiguidades, mas, como Hoey afirma "a ambiguidade na língua em uso é rara" (HOEY, 2005, p.81, tradução nossa). Se, por exemplo, 'em' for substituído por 'na', percebe-se que a coligação 'na casa' pede um determinante que a especifique, pois 'na' contém o morfema lexical relativo a artigos definidos, visto que 'na' surge da combinação do artigo definido 'a' com 'nem'. Em outras palavras, a imediata desambiguação das duas ocorrências de 'casa' em 'em casa' e 'na casa' ocorre por conta das diferentes coligações que se estabelecem.

A relação, entre os colocados e o *priming*, proposta por Hoey, parece estar implícita na definição de Klein e Murphy de que homônimos geralmente "surgem de fatos históricos em que dois significados de palavras diferentes convergem para uma mesma representação fonológica, ou, uma única palavra diverge para dois significados diferentes". (in *Journal of Memory and Language*, 2001, p. 259 tradução nossa), pois são as crescentes frequências de coocorrências de uma palavra em diferentes contextos, os colocados, que impulsionam o movimento de convergência ou divergência dos significados.

Um exemplo, extraído do português, que se alinha à argumentação até aqui desenvolvida, é o vocábulo 'trouxa', cujo significado é "tipo de embrulho, em geral de pano, usado para se carregar coisas, como em trouxa de roupas" ou "o que ou quem é facilmente ludibriado" (HOUAISS e SALES VILAR, 2001). Segundo a etimologia do português, 'trouxa' tem origem na palavra espanhola *troja*. Porém, de acordo com o Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia Espanhola, *troja* significa mochila, ou mala, e *troj* significa espaço fechado por paredes para guardar frutas, em especial cereais (DRAE, 2001). No entanto, no português este pode significar 'palerma' (HOLLANDA, 2008). Assim, este significado, como adjetivo, deve ter surgido ao longo do tempo nas comunidades falantes do português.

Deste exemplo percebe-se a questão do transcórre da história, que fez com que o significado relativo à 'ser facilmente ludibriado' convergisse para o vocábulo relativo a embrulho, como explicado por Klein e Murphy. Paralelamente, pode-se associar este fato linguístico à questão, levantada por Hoey, da relação das colocações com o uso natural da língua, pois à medida que as pessoas repercutiram o vocábulo no sentido de 'ser facilmente ludibriado', este passou coocorrer adjetivando substantivos relativos a seres vivos. E, na significação,

seguindo Barthes, são processados distintamente, tanto quanto aos seus ‘significados’ quanto aos seus ‘significantes’, visto ser difícil imaginar, alinhando com Marcuschi, que, em processos cognitivos, o ‘significante’ do vocábulo, quando usado como ‘ser facilmente ludibriado’, ative algum *frame* que remeta a trouxas que embrulham coisas.

Diante deste quadro, me parece ser possível esperar que, caso seja verificado que em inglês há um grande número de homônimos e palavras polissêmicas, sendo estes processados como distintos, em função de seus significados, são da mesma forma distintamente processados seus significantes. Assim, segundo a hipótese em discussão, isto, de alguma forma, se refletiria nos processamentos das repetições lexicais na cognição em inglês.

Estas argumentações abarcam somente uma dimensão teórica, passível de investigações quanto ao processamento de repetições de vocábulos, a qual poderia justificar a proposição de hipóteses, ancoradas na teoria de Hoey, para, a partir destas, conduzir outras investigações, com vistas à busca por frequências de colocações, que pudessem ajudar na construção de algum modelo hipotético, que permitisse a avaliação da possibilidade de haver diferenças nos processamentos de repetições de vocábulos nas duas línguas. Porém, alicerçar um modelo investigativo na teoria de Hoey também demandaria enfoques psicolinguísticos, pois como afirma Pace-Sigge, o livro de Hoey “analisa evidências via Linguística Córpus, mas a fundamentação psicológica (e psicolinguística) é apenas ligeiramente representada, e [o livro] pode ser visto como insuficiente para se proteger das acusações de circularidade em sua argumentação.” (PACE-SIGGE in ICAME Journal, 2013, p. 150, tradução nossa)

Em seu artigo, Pace-Sigge, a meu ver, oportunamente e apropriadamente, tenta aproximar a teoria de Hoey à psicolinguística, aplicando a noção de *lexical priming* aos experimentos conduzidos por Meyer e Schvaneveldt (1976), nos quais estes pesquisadores mediram os tempos de respostas da memória semântica a estímulos fornecidos por ortografias distorcidas de vocábulos, donde concluíram que, na busca pela significação, as distorções ortográficas ficaram em segundo plano, pois “quando as palavras se tornam mais difíceis de serem decifradas, a memória semântica ajuda no reconhecimento delas (Ibid., tradução nossa)”.

Com base nas últimas considerações, um modelo hipotetizado, via frequências de ocorrências de colocações de repetições de

vocábulos, haveria ser associado a alguns experimentos que envolvessem repetições de vocábulos, os quais deveriam ser aplicados com falantes da língua inglesa, nativos ou não. Porém, a condução destes experimentos demandaria pesquisas no campo da psicolinguística, as quais não estão previstas na metodologia da pesquisa, uma vez que se afastariam do foco da pesquisa que é a Linguística de Córpus.

Uma vez findadas as argumentações quanto aos três vieses de investigação, *i. e.*, coesão textual, desambiguação lexical e processamento cognitivo, à luz dos quais a pesquisa poderia abordar as repetições de vocábulos, via linguística de córpus, cabe, então, refletir sobre os aspectos metodológicos e hierárquicos, estes no sentido da abrangência dentro do sistema linguístico, de modo a, objetivamente, delimitar uma hipótese de pesquisa.

No que se refere à hierarquia, a questão da coesão textual, dado seu caráter basilar, visto que ela abarca desde as relações, denominemos assim, mais elementares entre vocábulos, como entre determinantes e substantivos, até as mais complexas, que envolvem relações entre vocábulos de orações distintas, por vezes, até de parágrafos distintos, ela me parece ser a mais produtiva na investigação da noção de que as relações intrassistêmicas do inglês levam às repetições de palavras, como proposto pela pesquisa. Como as relações gramático-coesivas se dão tanto no nível estrutural, como as por referência, quanto no nível semântico, como as por substituição, (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), elas abarcam, também, questões relativas às desambiguações lexicais, quando estas, exceto em relações exofóricas, se dão em relações intrassegmentais, bem como, abarcam as relações cognitivas, pois estabelecem ligações, inter e intrassegmentais, entre vocábulos, as quais ativam processamentos lexicais distintos dos ativados por palavras isoladas.

E, ainda, uma vez que Hoey propõe que as relações entre as colocações e o *priming* lexical sustentam os usos eficazes e naturais das línguas, as relações gramático-coesivas me parecem também estar implícitas na teoria de Hoey, pois elas estão relacionadas à textura, conceito que remete aos processamentos cognitivos, pois, segundo Halliday e Hasan (1976), “se um excerto em inglês, contendo mais de uma sentença, é entendido como um texto, há certos traços linguísticos presentes nele, os quais podem ser identificados [grifo meu] como contribuintes para a unidade total dele, conferindo-lhe textura” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 2, tradução nossa).

Neste contexto, se, por exemplo, a intenção é analisar as ocorrências das colocações de *so* com *did*, estas me parecem ser justificáveis somente se paralelizadas com outras dos vocábulos com que estes estabelecem relações coesivas. A sequência, *so* + *did* + sujeito sintático pronominal, pode ser analisada via Linguística de Córpus, por exemplo, pelas frequências de ocorrências: (i) de *did*, como vocábulo lexical e gramatical, de modo a investigar sua polissemia; (ii) do colocado *so* + *did*, com vistas à condução de investigações à luz dos estudos de Hoey; (iii) de *so* e *did*, como substitutos em relações coesivas. Destas, as duas primeiras possibilidades de análise envolvem os problemas anteriormente mencionados, relativos à pluralidade de significados que surge em contrastes interlinguísticos. A terceira possibilidade, por sua vez, permite contrastes mais pontuais, no sentido de ela viabilizar averiguações, via alinhamentos de segmentos fráscicos extraídos de textos fonte com seus correspondentes nos textos alvo, sem envolver desdobramentos das inúmeras possibilidades semânticas que emergem dos contrastes interlinguísticos focados nas semânticas de vocábulos. Por outro lado, análises das frequências dos substitutos *so* e *did*, via processos coesivos, efetivamente se realizam, quando apostas às ocorrências dos vocábulos com os quais eles estabelecem relações de coesão, o que indiretamente permeia as duas primeiras possibilidades, no que concerne as colocações que *so* e *did* estabelecem com tais vocábulos.

Assim, embora as questões da coesão textual, da polissemia e desambiguação lexical, e do processamento lexical das repetições de vocábulos, no meu ver, sejam igualmente pertinentes à checagem do Pressuposto da Pesquisa, as duas últimas, acredito, são mais apropriadas a comporem etapas posteriores a esta pesquisa, visto que, sendo confirmado que as relações gramático-coesivas do inglês tendem a causar repetições de vocábulos, a confirmação disto por si só fornece subsídios empíricos que abrem campo para futuras pesquisas nos complexos campos da polissemia e das desambiguações lexicais, e dos processamentos das repetições de vocábulos.

Concluindo as considerações quanto às possíveis hipóteses de pesquisa, assumiu-se como Hipótese da Pesquisa, a de que muitas vezes as repetições de vocábulos em inglês são fruto das relações gramático-coesivas, as quais foram analisadas verticalmente e horizontalmente dentro do Córpus da Pesquisa. É importante ressaltar que, para a pesquisa, o termo 'coesão textual' se estende para além do foco de Halliday e Hasan, pois inclui as relações entre itens lexicais dentro de

uma mesma sentença, enquanto que estes autores, preferencialmente, abordam as relações gramático-coesivas entre sentenças. De acordo com esta postura adotada pela pesquisa, na sentença “*I was afraid of running my hand across my lips and finding traces*”, citada anteriormente, as inserções de *my* na tradução estão mais relacionadas à coesão textual e à textura, do que à gramática. Cabe ressaltar que Halliday e Hasan afirmam que as relações coesivas não são limitadas por aspectos estruturais, e “podem ser encontradas tanto dentro de sentenças quanto entre sentenças, [...] [a despeito de, quando] dentro, chamarem menos atenção devido à força coesiva das estruturas gramaticais.” (Ibid. p.8, tradução nossa). Quanto aos objetivos da pesquisa, as inserções de *I* e *my* na tradução diferem quanto à abordagem conferida a elas, enquanto que a primeira, basicamente, se insere nas abordagens verticais ao *Córpus da Pesquisa*, a segunda, por sua vez, também pode ser alvo das abordagens horizontais.

Tendo definido a Hipótese da Pesquisa, avança-se para a descrição da metodologia da pesquisa, considerando que a dissertação se divide em três capítulos, *i.e.* (i) considerações a cerca da composição do *Córpus da Pesquisa*, e da metodologia da pesquisa; (ii) Abordagens verticais ao *córpus*, com vistas à checagem do Pressuposto da Pesquisa; (iii) Abordagens horizontais ao *córpus*, via alinhamentos de segmentos frásicos e excertos extraídos dos textos originais e suas traduções, voltadas às investigações da Hipótese da Pesquisa.

CAPÍTULO I - CÓRPUS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Antes de se adentrar propriamente na descrição do detalhamento técnico da pesquisa, é importante localizá-la teoricamente dentro dos Estudos da Tradução, bem como, dentro dos estudos do inglês como língua estrangeira.

À parte suas conclusões pontuais, acredita-se que a pesquisa acarreta contribuições de ordem teórica e prática, uma vez que ela visa aflorar reflexões quanto às repetições de vocábulos em inglês, as quais são relevantes tanto no ensino da língua inglesa, como língua estrangeira para falantes nativos do português, quanto na formação de tradutores. Reflexões estas, que se espera que contribuam, sobretudo, nas produções textuais em inglês, sejam elas originais ou traduções, visto que, a pesquisa abre espaço para que os envolvidos nestes tipos de empreitadas possam se sentir menos pressionados a evitar repetições de vocábulos em inglês, por conta de um construto social do português.

A pesquisa, seguindo o mapeamento proposto por Holmes (2000), é de natureza parcial, visto que não abrange as diversas áreas dos Estudos da Tradução e se limita a investigações quanto às repetições de palavras em inglês. Sendo norteadas pela Linguística de Córpus, é basicamente empírica, pois analisou frequências de ocorrências de vocábulos, para, através do método indutivo, chegar a conclusões quanto à confirmação de seu pressuposto e sua hipótese. Paralelamente, é teórica, uma vez que, com base em postulados e práticas estatísticas, algumas amostras foram selecionadas e submetidas às análises contrastivas, sob o viés gramático-coesivo da língua inglesa.

Sob outra ótica, a pesquisa é descritiva, pois se baseia num córpus composto por textos e suas respectivas traduções. Portanto, também é orientada ao produto. E, pode ser tomada como aplicada, uma vez que as investigações quanto a seu pressuposto e hipótese geraram algumas conclusões parciais, que, se submetidas a futuras pesquisas, podem vir a culminar generalizações relevantes tanto à prática de tradução quanto ao ensino de inglês como língua estrangeira.

1.1 Córpus da Pesquisa

O córpus da pesquisa é um córpus paralelo, bidirecional, parcialmente morfossintaticamente anotado. É sincrônico, visto que é composto por textos originais e suas traduções, na maioria, narrativas ficcionais em forma de contos e romances, produzidos no período compreendido entre o fim da segunda década do século XIX e o início da segunda do XXI. A decisão por estes gêneros textuais se deu em

função de nestes, outros, como os gêneros texto jornalístico, textos técnicos, e etc., poderem estar inseridos. Sobretudo, se deu por haver a possibilidade de ocorrências de descrições de falas neles, de modo a se obter certo grau de equilíbrio, pois segundo Sinclair, “a maioria dos corpora de hoje em dia não são adequadamente balanceados por não conterem a quantidade suficiente de língua falada” (SINCLAIR⁽²⁾, 2005)⁴. Considerou-se também que, com esta escolha, apesar do discurso ficcional dos textos, o *córpus* atingiria uma maior representatividade, no sentido estatístico, do que na opção por manuais de instruções, guias, documentos legais, textos jornalísticos, por exemplo, visto ser mais provável que estes gêneros textuais estejam incluídos naqueles, do que o contrário. A compilação dos textos buscou valer-se do princípio da aleatoriedade, salvaguardando as restrições quanto à disponibilidade de textos eletronicamente editados e direitos autorais. Assim, uma parte dos textos, em torno da metade do *córpus*, por estar disponível *online*, sem restrições de acesso, foi obtida via ferramentas de pesquisa da WEB, e armazenada no formato.txt. A outra, comercialmente adquirida, no formato de e-book Kindle, foi convertida para o formato.pdf, via conversores *online* disponíveis na WEB, e, posteriormente, armazenada, também no formato.txt.

O *córpus* é médio, segundo, a classificação de Berber Sardinha (2004), e se subdivide em dois subcorpora paralelos. É bidirecional, com as mesmas proporções, gêneros, domínios e período de amostragem (XIAO e MCENERY 2007), totalizando 782.175 palavras (*tokens* lidos pelo WordSmith), em português e inglês, sendo subdividido em 04 subcorpora conforme segue:

- De textos originais em português, com 211.925 palavras: sub*córpus* *ST* em português;
- De textos traduzidos para o inglês, com 242.943 palavras: sub*córpus* *TT* em inglês;
- De textos originais em inglês, com 167.569 palavras: sub*córpus* *ST* em inglês;
- De textos traduzidos para o português, com 159.738 palavras: sub*córpus* *TT* em português;

⁴ Não foi indicada a página onde se encontra a citação, pois o a versão lida do livro é digitalizada e não contém a numeração de páginas. Como outros textos citados são digitalizados, quando não for mencionada a página de alguma citação, deve-se a este fato.

Onde *ST*⁵, de *source text*, refere-se aos subcorpora dos textos fontes, e *TT*, de *target text*, ao dos textos alvos. Deste ponto em diante, menções aos subcorpora são feitas por estas denominações de modo a simplificar a leitura. Quando a menção for aos subcorpora que englobam pares de línguas, estes são distintos pelos direcionamentos português-inglês e inglês-português. Por fim, quando menção for aos quatro subcorpora juntos, o conjunto é referido simplesmente como *Córpus da Pesquisa*.

Para as anotações de categorias morfossintáticas de alguns textos do *córpus*, optou-se pelos etiquetadores TagAnt 1.0.0 do AntConc (ANTHONY, 2012), para o inglês, e o *UCREL Portuguese Semantic Tagger* consulta on-line, para o português, os quais, despeito de algumas limitações constatadas, permitiram a desambiguação de alguns vocábulos. Por exemplo, as ocorrências do vocábulo inglês *like*, foram desambiguadas pelas etiquetas morfossintáticas IN, VV, JJ, NN e VVP, respectivamente indicativas de preposição, *base form of lexical verb*, adjetivo, substantivo e forma verbal do Presente do Indicativo para as 3^{as} pessoas do singular. Igualmente, foi desambiguar vocábulos ‘o’ do português pelas etiquetas morfossintáticas DET e N, que distinguiram as ocorrências de ‘o’ como artigo definido das ocorrências dele como pronome pessoal oblíquo. Em algumas investigações, que envolveram comparações, com o *córpus* COMPARA da LINGUATECA, utilizou-se as interfaces *Free CLAWS WWW tagger* da UCREL, com base no *CLAWS tagset* para o inglês, e o *UCREL Portuguese Semantic Tagger Demo Site*, com base no *PoS tagset*, para o português, por conta do COMPARA utilizar as etiquetas do *CLAWS*, 5 ou 7, e o analisador sintático computacional PALAVRA usar etiquetas das classes de palavras que coincidem com as do PoS.

A composição do *córpus*, subdividida em 04 subcorpora, numa tentativa de estabelecer uma ponte que aproximasse os Estudos da Tradução dos contrastes interlinguísticos propostos pela pesquisa, viabilizou a checagem do Pressuposto da Pesquisa, no sentido de checar se as tendências quantitativas a repetições de vocábulos que fossem observadas num direcionamento, também o seriam no direcionamento reverso.

Cabe salientar, que a base da pesquisa é essencialmente o sub*córpus* português-inglês, pois de acordo com a Hipótese da Pesquisa, é na transposição do português para o inglês que as relações gramático-

⁵ Optou-se pelas abreviaturas *ST* e *TT*, derivadas do inglês, por acreditar-se que facilitam a leitura e a fixação.

coesivas podem ter força suficiente para sublimarem efeitos do tradutês, fruto do fato de que “as línguas de textos traduzidos são diferentes das línguas alvo” (MCENERY e XIAO, 2007 p.6 tradução nossa) por conta da força das línguas fonte sobre as línguas alvo. Com efeito, a necessidade, por exemplo, da inserção do pronome pessoal *you*, na tradução da sentença “Falaram com ele, não falaram?” (COMPARA, EBJB3 247⁶), só surge no direcionamento de tradução do português para o inglês, pois no sentido reverso, de “*You’ve been talking to him, haven’t you?*” (Ibid.), elidir, ou não, o pronome pessoal, não seria norteador pelo sistema linguístico do português, mas sim por escolhas de tradução, baseadas nas competências linguísticas subjetivas, bem como em vivências pessoais e seus “critérios de avaliação ideológica”. (Bakhtin, 2004, p.32)

Entretanto, paralelamente às demandas do sistema linguístico do inglês, as competências linguísticas do tradutor e suas vivências pessoais também atuam no texto traduzido, pois:

Toda compreensão [...] do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); [...] A compreensão passiva do significado do discurso [...] é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta... (Bakhtin, 2003, p 271).

Por esta razão, é que se fez necessário compilar os subcorpora *ST* em inglês, e o *TT* em português, pois conforme mencionado na introdução, estudos linguísticos contrastivos podem ser mais produtivos, se conduzidos através de investigações num *córpus* paralelo bidirecional bem ajustado (MCENERY e XIAO, 2007). Com efeito, estudos contrastivos quantitativos entre textos originais e suas traduções me parecem serem mais eficazes se baseados em corpora paralelos, visto que, estudos baseados em corpora comparáveis podem evidenciar discrepâncias entre sistemas linguísticos, no entanto, não podem ser assertivos quanto aos contrastes entre frequências de ocorrências de vocábulos, pois as variáveis quantitativas, presentes em textos em duas

⁶ Similarmente às do BNC, citações de excertos extraídos do COMPARA devem ser acompanhadas do identificador da obra, indicado pelo código alfanumérico, à esquerda, e do número da sentença, indicada pelo numeral à direita: (COMPARA, código da obra, sentença).

línguas, podem ser bastante distintas. Por exemplo, através de análises de frequências de ocorrências da dicotomia elipse-repetição de vocábulos, com base num *córpus* comparável, é possível inferir que haja diferenças entre as frequências de ocorrências de elipses e repetições de vocábulos em duas línguas, mas não me parece ser possível estabelecer alguma proporção matemática entre estas frequências, pois, paralelamente às demandas dos sistemas linguísticos, escolhas subjetivas de ordem da Retórica atuam mutuamente nos textos nas duas línguas, livres dos “efeitos de [alguma] [...] língua fonte”. Diferentemente, em estudos contrastivos quantitativos baseados em corpora paralelos, a força dos textos fonte geralmente tende a minimizar a força das escolhas subjetivas de tradução.

Considerando esta última argumentação, os subcorpora *ST* em inglês e *TT* em português foram acessados somente nas abordagens verticais, relativas às checagens do Pressuposto da Pesquisa, visando contrastar alguns resultados obtidos nas investigações no direcionamento do português para o inglês e os obtidos no direcionamento inglês-português.

Segue, então, a descrição dos procedimentos metodológicos adotados para as abordagens ao *Córpus* da Pesquisa.

1.2 Metodologia de Abordagem ao *Córpus*

Uma vez que a pesquisa envolveu contrastes entre frequências de ocorrências de vocábulos, mais especificamente, as daqueles que têm frequências de repetições mais elevadas nos textos originais e suas traduções, antes de se descrever a metodologia aplicada nas abordagens ao *Córpus* da Pesquisa, deve-se, primeiramente, definir o que a pesquisa entende por repetições de vocábulos, pois, apesar da aparente simplicidade do termo, ele abarca tanto a dimensão formal das palavras quanto a dimensão semântica delas.

1.2.1 Repetições de Vocábulos: Parâmetros

No processo de delineamento da metodologia da pesquisa, logo de início, fez-se necessário refletir quanto ao que a pesquisa entendia por repetição de vocábulos, pois diferentemente da sinonímia que, na vasta literatura a respeito, é atrelada à questão da semântica, a repetição de vocábulos pode envolver a semântica, a ortografia e, até, a fonologia deles. Até o ponto que se pesquisou, foi encontrada uma série de textos voltados aos estudos das repetições de vocábulos dentro dos estudos da retórica, mas nenhum que as abordasse sob o viés do Pressuposto e da

Hipótese da Pesquisa. Marcuschi, por exemplo, as define como "produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito do um mesmo evento comunicativo" (MARCHSCHI, 1992 p.6 apud LOPES, 2009), sem, no entanto, importar "o tamanho do segmento repetido, ou se o que se repete é o mesmo conteúdo, a mesma forma ou ambos." (LOPES, 2009). Entretanto, esta concepção de repetição não atendia às necessidades da pesquisa, pois: (1) Marcuschi (1992, p.263) aborda as repetições de vocábulos como estratégias discursivas, enquanto que a Hipótese da Pesquisa as toma como efeitos das relações gramático-coesivas, ou seja, não estratégicas; (2) segundo Lopes (Ibid.) a definição de Marcuschi exclui os vocábulos gramaticais do rol das repetições, mas em inglês muitos destes têm as mesmas ortografias de seus homônimos lexicais, como *like*, que, quando gramatical, atua como preposição e conjunção, e, quando lexical, atua como verbo e substantivo.

Considerando esta posição de Marcuschi, ficou bastante evidente complexidade da delimitação da extensão do significado da expressão 'repetições de vocábulos', dentro do contexto da pesquisa. Coube, então, considerar as possibilidades de repetições de vocábulos nos níveis da ortografia, da semântica e funcionalidade gramatical. A dimensão fonológica não foi considerada por não ser objeto de investigação da pesquisa. Entretanto, dada a abordagem via *córpus* linguístico, tais considerações não podiam se restringir a estes aspectos linguísticos, pois deviam adequar-se às limitações dos processamentos eletrônicos. Além disto, deviam também atender aos princípios da representatividade estatística, pois, como questiona Sinclair, "Como é que são identificadas as instâncias de linguagem [no caso repetições de vocábulos] que são influentes a ponto de servirem como modelos para uma 'população' e, portanto, poderem ser ponderadas mais fortemente do que o resto?" (SINCLAIR⁽¹⁾, 2005, tradução nossa).

Para explicitar a tomada de decisão, o contraste, entre "*he's got the run of*" e "ele estiver andando no", exemplificado na introdução, é retomado, pois este também exemplifica uma das limitações do processamento eletrônico, acima mencionadas: no caso, a dificuldade de se analisar vocábulos ortograficamente idênticos via *córpus* eletronicamente manipulado, pois o computador não decodifica significados, ele reconhece caracteres (SARDINHA, 2004).

No exemplo em questão, tanto *run* quanto *andando*, nos segmentos de onde foram extraídos, significam *estar livre*, no entanto, em processamentos eletrônicos, suas frequências de ocorrências são

quantificadas juntamente com as de outros vocábulos ortograficamente idênticos, mas têm significados distintos. Deve-se considerar também, que *run*, tal quais tantos outros vocábulos, atua como substantivo, adjetivo e verbo. Mas, em processamentos eletrônicos, as quantificações das ocorrências dele não fazem a distinção por categorias morfossintáticas. Esta dificuldade poderia ser parcialmente superada com a inserção de anotações de categorias morfossintáticas ao corpús. Porém, dada algumas limitações das anotações de categorias morfossintáticas, como no caso das derivações deverbais terminadas em *-ing*, que não são diferenciadas das formas de gerúndio dos verbos, a total anotação morfossintática do corpús não pareceu ser produtiva.

Partiu-se, então, para a alternativa de que tomar os vocábulos, no nível dos tipos de morfemas que os compõem, talvez ajudasse na obtenção de uma definição do termo ‘repetições de vocábulos’, pois “As palavras têm seus próprios constituintes, os morfemas. Estes não são marcados no sistema de escrita. Às vezes, eles podem ser identificados como as partes de uma palavra escrita, como em, *eat + -ing*, *curd + -s*, *frighten + -ed*.” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.09). Por exemplo, em *inconceivable*, há três morfemas diferentes: *in* expressando a negação, *conceiv*, significando ‘pensar sobre’ ou ‘imaginar’, e *able* expressando ‘habilidade de’. (BAKER, 1992, p. 18).

Nesta perspectiva, o primeiro caminho tomado foi definir a extensão do termo ‘repetições de vocábulos’ a partir dos morfemas lexicais, de modo, por exemplo, a distinguir o morfema lexical de *run*, atuando como substantivo, do morfema lexical do verbo *run*, quando este corresponde a ‘correr’ em português. Porém, esta perspectiva implicaria em desconsiderar morfemas gramaticais, como *-ed* e *-ing*, em *played* e *playing*, e, estes dois vocábulos deveriam ser considerados como repetições, apesar de serem listados separadamente no processamento eletrônico. Além disso, este caminho acarretaria desconsiderar todos os vocábulos que são constituídos somente de morfemas gramaticais, tais como os operadores gramaticais auxiliares *do*, *does*, *did* e *will*. Entretanto, ainda assim, estes seriam quantificados juntamente com as frequências de vocábulos lexicais idênticos em ortografia, o que demandaria a exclusão manual das quantificações deles, feitas pelos processamentos eletrônicos.

O segundo caminho pensado foi considerar as repetições de vocábulos levando-se em conta o vocábulo a partir do(s) morfema(s) que o compõe, e, assim, *do*, *does*, *did*, e *will* seriam considerados como distintos de seus respectivos vocábulos lexicais idênticos em ortografia.

Mas, isto intensificaria a necessidade de ajustes ao corp us, pois al em de se ter que separar voc abulos lexicais de gramaticais, seria necess rio quantific -los separadamente.

No entanto, at e ent o, estes dois caminhos haviam sido pensados somente   luz da lingu stica sist mica e de corp us, sem considerar o processamento cognitivo das ambiguidades lexicais. E, foi neste, que surgiu uma defini o, **adequada** aos prop sitos da pesquisa, para o termo ‘repeti es de voc abulos’.

Por um lado, como a pesquisa previa contrastes entre os dois sistemas lingu sticos, o primeiro caminho pensado parecia ser o que mais se adequava aos prop sitos dela, visto que, no portugu s, os voc abulos funcionais *do*, *does*, *did* e *will*, n o existem. Al em disto, a no o, na tradi o de escrita do portugu s, de que a n o repeti o de palavras enriquece o texto (BERBER SARDINHA, 2004), parece estar mais associada   n o repeti o de morfemas lexicais. Por outro lado, este direcionamento era inadequado, pois minimizaria a import ncia de voc abulos gramaticais que s o fundamentais em algumas desambigua es lexicais, como no caso de *this*, que indubitavelmente distingue as duas  ltimas de ocorr ncias do voc bulo *do* nas perguntas “*How do you do?*” (BNC, C9R 180) e “*How do you do this?*” (BNC, A6T 1554). Assim, decidiu-se pelo segundo caminho, a despeito de algumas dificuldades que poderiam advir dele.

Assim, apesar da complexidade da defini o do termo ‘repeti es de voc abulos’, dentro dos prop sitos da pesquisa, pareceu ser mais produtivo tomar o termo da forma mais simplificada, ou seja, considerar como repeti o de voc bulo todas as repeti es da ortografia dos voc abulos, salvaguardando, certamente, casos espec ficos, como diferentes fonologias terem a mesma representa o gr fica, como as duas pron ncias de *read*, que distinguem as formas de verbais do *Simple Past* e *Past Participle* das demais formas verbais e nominais de *read*. Assim, diferentemente da defini o de Marcuschi, os voc abulos funcionais (gramaticais) deveriam ser considerados, deixando para o curso natural das investiga es, a sele o de quais deles s o mais relevantes para a composi o de amostras de voc abulos, sempre considerando o questionamento de Sinclair, relativo   representatividade das inst ncias de linguagem.

1.2.2 Contrastes entre Frequ ncias Gerais de Ocorr ncias

Para efeitos da checagem do Pressuposto da Pesquisa são apresentados alguns contrastes bidirecionais entre frequências de ocorrências de repetições de vocábulos nas duas línguas, com base em listas de vocábulos, fornecidas pela interface WordList do software WordSmith 6 (SCOTT, 2010). Estes contrastes bidirecionais, voltados, primordialmente, à checagem de tendências de frequências mais altas de repetições de vocábulos nos textos fonte e alvo, nas duas línguas, se deram nos níveis dos subcorpora e dos textos que os compõem. Estes contrastes tiveram como base duas taxas fornecidas pelo software WordSmith, *i.e.*, *Type/Token Ratio (TTR)* e *Standardised Type/Token Ratio (STTR)*, as quais calculam, respectivamente, as taxas de repetições de vocábulos e da diversidade lexical de textos ou corpora. A figura I - 1 é um recorte da janela Statistics da interface WordList, onde é possível consultar estas taxas.

text file	file size	tokens (running words) in	tokens used for word list	sum of entries	types (distinct words)	type/token ratio	standard TTR
Overall	2.476.424	211.925	211.749		21.931	10,36	45,43
istórias.txt	18.134	1.558	1.558		571	36,65	40,00
e_Areia.txt	865.262	75.071	75.020		7.978	10,63	43,09
isileiros.txt	255.872	19.856	19.776		5.834	29,50	53,85
_01_10.txt	54.896	4.753	4.751		1.688	35,53	50,42
sistente.txt	10.738	890	884		435	49,21	

Figura I - 1 – Janela Statistics da interface WordList.

A *Type/Token Ratio TTR*, onde *type* corresponde ao total de palavras não repetidas, *distinct words*, na figura, e *token*, ou *running words*, ao total de palavras do cópuz, ou dos textos dele, listadas pelo software, indica a proporção entre estas, de modo a indicar a proporção de repetições de *types* em relação ao cópuz (SCOTT, 2010, tradução nossa). Por exemplo, na linha *Overall* consta um total de 21.931 *types*, que dividido pelo total de 211.925 *tokens*, equivale à taxa de 0,1036, a qual em pontos percentuais é 10,36. Ou seja, há uma variação de tipos de vocábulos da ordem de 10,36% no cópuz. Na leitura das *TTRs*, quanto menores forem elas, maiores serão as frequências de repetições de vocábulos. A *STTR* é uma variante da *TTR*, que é calculada por subdivisões do cópuz com base em um número pré-estabelecido de

tokens, por exemplo, a cada 1.000 *tokens*, como foi adotado aqui. Na prática, o WordSmith calcula a *TTR* de cada bloco de 1.000 *tokens* e tira uma média das *TTRs* para obter a *STTR* do *córpus* [ou texto] (Ibid.). Isto permite que se compare corpora ou textos de tamanhos bastante distintos, pois o cálculo da *STTR* neutraliza os efeitos da repetição de palavras, visto que, textos grandes tendem a apresentar um maior número de repetições do que textos menores (BERBER SARDINHA, 2004, 95). Na leitura das *STTRs*, quanto maior for o percentual da *STTR*, maior será diversidade de vocábulos. Desse modo, as *STTR* apontam o percentual de riqueza do texto, como afirma Sardinha:

Na prática, a razão vocábulo / ocorrência indica a riqueza lexical do texto. Quanto maior o seu valor, mais palavras diferentes o texto conterà. Em contraposição, um valor baixo indicará um número alto de repetições, o que pode indicar um texto menos rico, ou variado, do ponto de vista de seu vocabulário. (SARDINHA, 2004 p.94)

Para efetuar o contraste nas duas línguas, obteve-se as *TTRs* e as *STTR* de cada subcórpus, as quais foram contrastadas, com vistas à verificação de tendências a superioridades de repetições de vocábulos e inferioridades de variedades lexicais. As conclusões, a que se chegou a partir das análises destas taxas, estão dispostas no Capítulo II das Abordagens Verticais.

No entanto, Mike Scott, criador do WordSmith, chama a atenção para o fato de “a *TTR* e a *STTR* serem medidas brutas” (SCOTT, 2010, tradução nossa). Por esta razão, os contrastes bidirecionais foram estendidos até o nível dos vocábulos, pois quaisquer tendências, observadas pelos contrastes dessas taxas, com base nos subcorpora e textos nas duas línguas, poderiam estar concentradas nesta ou naquela categoria morfossintática, o que talvez demandasse uma revisão na Hipótese da Pesquisa. Em face desta possibilidade, algumas frequências de ocorrências de vocábulos agrupadas por categorias morfossintáticas foram contrastadas, com base em quantificações, obtidas na interface WordList do WordSmith, de frequências de ocorrências das etiquetas (*tags*) do TreeTagger. Deste modo, foi possível compor um panorama geral, mesmo que bastante rudimentar, de quais categorias morfossintáticas apresentaram tendências a frequências mais elevadas de repetições, nas duas línguas, para, a partir deste panorama, selecionar-se alguns vocábulos para dar continuidade à checagem do

Pressuposto da Pesquisa. É importante enfatizar que este procedimento contrastivo, é deliberadamente apresentado no formato de gráfico no Capítulo II das Abordagens Verticais, visto ter visado tão somente a obtenção de um norte inicial para as buscas posteriormente conduzidas.

As frequências de ocorrências das etiquetagens morfossintáticas dos vocábulos forneceram dados quantitativos que foram usados exclusivamente na geração do gráfico, no software Excell, visto elas, *per si*, não poderem ser utilizadas em contabilizações de frequências de vocábulos, dadas algumas limitações dos etiquetadores morfossintáticos, que causaram distorções, tais como nas leituras das formas clíticas do inglês, *i. e.*, ‘*m*’, ‘*s*’, ‘*re*’, ‘*n’t*’, ‘*em*’, ‘*ve*’, ‘*d*’, e ‘*ll*’, que afetaram as contabilizações. Porém, como também foram observadas distorções nas leituras dos etiquetadores de alguns vocábulos pertencentes a diferentes categorias morfossintáticas, considerou-se que as distorções de leitura de uma categoria morfossintática seriam neutralizadas pelas distorções de leitura de outras. Por exemplo, as ocorrências de ‘*s*’, foram etiquetadas como substantivo plural (NNS), nomes próprios no singular (NP) e no plural (NPS), forma possessiva (POS), forma verbal do *be* (VBZ) ou do *have* (VHZ), adjetivo (JJ) e advérbio (RB). Assim, mesmo não tendo valor quantitativo, em função desta neutralização, os contrastes entre as frequências de etiquetas de categorias morfossintáticas teriam validade no sentido de se obter o referido norte para as investigações. A partir do gráfico em questão, selecionou-se as categorias morfossintáticas que foram submentidos a investigações contrastivas mais aprofundadas.

A priori os contrastes das frequências de ocorrências de repetições de vocábulos, até então descritos, seriam suficientes para a checagem do Pressuposto da Pesquisa. No entanto, considerando que a Hipótese da Pesquisa está diretamente atrelada às relações gramático-coesivas, decidiu-se também analisar, a partir deste ponto exclusivamente no direcionamento português-inglês, as ocorrências dos vocábulos terminados em *-ing*, dos vocábulos *one* e *do/does*, apostos as suas correspondências: (i) os primeiros em função de as derivações deverbais com o sufixo *-ing* gerarem vocábulos pertencentes a diferentes categorizações morfossintáticas; (ii) o segundo, por vocábulo *one*, conforme mencionado anteriormente, ser o substituto nominal inglês (HALLIDAY e HASAN, 1976), bem como, pelo fato de dois de seus correspondentes em português, *i.e.*, ‘um’ e ‘uma’, poderem também corresponder a artigos indefinidos *a* e *an*; (iii) o último, por atuar como substituto verbal em inglês, (Ibid.), como operador gramatical (auxiliar)

em sentenças interrogativas e negativas, em construções enfáticas e em *English Inversions*.

Sumarizando, considerou-se suficiente, no que se refere à checagem do Pressuposto da Pesquisa, investigar, contrastivamente, as frequências de ocorrências de repetições de vocábulos nos textos fonte e alvo, nos dois direcionamentos, como base nas:

- Frequências totais de vocábulos nos subcorpora do Córpus da Pesquisa;
- Frequências totais de vocábulos em alguns de seus textos fonte e alvo;
- Frequências de alguns vocábulos de acordo com suas categorizações morfossintáticas.

E, ainda, acrescentou-se investigações no direcionamento português-inglês, dos vocábulos terminados em *-ing* e dos vocábulos *one* e *do/does*.

Os contrastes previstos nesta parte da metodologia estão dispostos no Capítulo II das Abordagens Verticais.

1.2.3 Seleção de Amostras de Vocábulos para as Abordagens Verticais

Considerando, tanto a natureza descritiva, baseada em linguística de córpus, quanto à magnitude do Córpus da Pesquisa, necessariamente haver-se-ia de compor uma amostra de vocábulos, de modo a viabilizar as análises horizontais previstas para a checagem da Hipótese da Pesquisa. Entretanto, a amostra não poderia ser atrelada aos objetivos da pesquisa, pois, do contrário, o princípio da aleatoriedade na coleta seria ferido. De fato, sendo o Córpus da Pesquisa, tal qual todo e qualquer córpus por maior que seja (SINCLAIR⁽¹⁾, 2005), uma amostra de língua filtrada por parâmetros da pesquisa, se a composição da amostra de vocábulos fosse direcionada pelas relações gramático-coesivas, ela poderia qualitativamente apontar para tendências à confirmação da Hipótese da Pesquisa, sem, no entanto, ser estatisticamente representativa, quanto à checagem do Pressuposto da Pesquisa, o qual transcende a magnitude do Córpus da Pesquisa. Por exemplo, considerando que o vocábulo *do*, em suas formas verbais *do*, *does* e *did*, é o substituto verbal em relações de coesão textual em inglês (HALLIDAY e HASSAN, 1976), caso o segmento *as does Pedro Bala's heart*, extraído do Córpus da Pesquisa, fosse tomado como base para análises quanto às relações de coesão, se concluiria que as relações coesivas presentes no segmento levaram à ocorrência de *as*. No entanto,

esta é a única ocorrência do colocado *as does* no Córpus da Pesquisa, o que poderia levar à minimização do peso do colocado nas investigações. Ou, ele talvez até fosse excluído das análises, considerando que não teria relevância quanto às frequências de repetições de vocábulos. Entretanto, numa pesquisa no BNC, foram encontradas 316 ocorrências deste colocado, sendo que, em todas as 50 sentenças fornecidas pela interface do BNC na WEB, o colocado estabelece relações de coesão. Considerando, então, que relações similares as que *as does* estabelecem, a depender da forma verbal que substituem, também ocorrem com *do* e *did*, a relevância do operador gramatical *do* para pesquisa se intensifica. Sobretudo, por no BNC constarem 382 ocorrências de *as do* e 692 de *as did*, enquanto que no Córpus da Pesquisa, constam somente duas ocorrências de *as did*. Porém, ainda assim, estes números não garantem que a única ocorrência do colocado *as did* possa ser tomada como base quantitativa para selecionar *as* e *did* como vocábulos de uma amostra estatisticamente representativa.

O que está em jogo neste exemplo é a questão da representatividade do Córpus da Pesquisa, pois sendo ele um córpus médio, tende a ter menor representatividade do que corpora extensos como o British National Corpus (BNC), Corpus of Contemporary American English (COCA). Entretanto, a menor representatividade do Córpus da Pesquisa, não significa que todas as frequências de ocorrências de vocábulos, necessariamente, não sejam estatisticamente representativas.

Segundo Sinclair, não é possível arbitrar quais frequências de vocábulos são representativas, via intuições de falantes das línguas (SINCLAIR⁽¹⁾, 2005). Assim o sendo, mesmo que se possa ser positivista e afirmar que as ocorrências repetidas dos operadores gramaticais (auxiliares) *do*, *does* e *did*, e *etc.* têm relevância à pesquisa, por estes inexisterem no português, não se tem noção quanto à representatividade das frequências destes operadores no Córpus da Pesquisa em relação ao sistema linguístico. Diante deste panorama, para obter-se uma amostra (mais) representativa da língua inglesa, foi escolhido o BNC como córpus referência para aplicação de algum método estatístico de coleta de amostragem.

Retomando as noções de *TTR* e *TTRS*, estas, ao, respectivamente, informarem as proporções das ocorrências de repetições vocábulos e da diversidade lexical em relação aos números de vocábulos dos textos, em termos estatísticos, estão expressando um modelo probabilístico teórico, no qual a probabilidade varia entre 0 >

$P_{(v)} > 1$ (MORETTI e BUSSAB, 2004, p.106), onde $P_{(v)}$ indica a probabilidade de um vocábulo de um universo menor (amostra) ocorrer dentro de um universo maior. Embora, não expressamente destacado, ao se propor contrastes entre as *TTRs*, que indicam as taxas de diversidade lexical, dos subcorpora nos direcionamentos português-inglês e inglês-português, o que, indiretamente, foi proposto foi a adoção deste modelo probabilístico, com base em dois universos, o dos textos em português e o dos textos em inglês. Por exemplo, com base no quadro II - 1, nas abordagens verticais, no subcórpus *ST* em português há uma probabilidade aproximada de ocorrer **um** vocábulo distinto (novo) a cada **9,65** (100/10,36) **ocorrências** de vocábulos, pois a *TTR* é 10,36 %. ($P_{(v)} = 0,1036$) Mas, como a *TTR* do subcórpus *TT* em inglês é 6,37 ($P_{(v)} = 0,0637$) neste subcórpus há a probabilidade aproximada de ocorrer **um** vocábulo distinto (novo) a cada **15,7** (100/6,37) **ocorrências** de vocábulos. Ou seja, grosso modo, a probabilidade de ocorrerem vocábulos novos no subcórpus dos textos originais é 1,63 (15,7/9,65) vezes superior à probabilidade desse tipo de ocorrência no subcórpus das traduções em inglês.

Retomando a questão da seleção da amostra de vocábulos, o que se deve considerar é este modelo probabilístico teórico, no nível das frequências de vocábulos individualizados no subcórpus *ST* em inglês, em relação ao universo 311 (242.943/100.000.000) vezes superior dos dados do BNC. No entanto, diferentemente dos contrastes entre as *TTRs*, onde se buscava discrepâncias entre as frequências relativas nos subcorpora, no caso da seleção de vocábulos para compor a amostra, deve se considerar as similaridades, ou seja, buscar por probabilidades, nos dois universos, mais próximas entre si em qualquer ponto do intervalo estabelecido pela equação $0 > P(v) > 1$, de modo a se evitar aleatoriedade, pois como aponta Berber Sardinha, as diferenças de frequências entre traços linguísticos não são aleatórias (2004, p.31).

Assim, caso, por exemplo, a probabilidade do vocábulo X ocorrer num cópulus A seja 0,3 (3 a cada 10 vocábulos), mas a probabilidade deste vocábulo X ocorrer num cópulus B seja de 0,1 (1 a cada 10 vocábulos), o vocábulo X não pode ser tomado como estatisticamente representativo do cópulus B, a despeito de sua alta frequência no cópulus A. Mas, se as probabilidades de o vocábulo Y ocorrer nos corpora A e B forem, respectivamente, 0,01 e 0,0134, por exemplo, a frequência de ocorrências do vocábulo Y no cópulus A pode ser tomada como estatisticamente representativa em relação ao cópulus B, independentemente, de as ocorrências dele serem bastante baixas em

ambos os corpora. Destaca-se que a diferença de 0,0034 entre as probabilidades está dentro do intervalo composto pelas margens de erro, estatisticamente convencionadas por 0,05, 0,01, 0,001 e 0,0001 (UCREL; MORETTI e BUSSAB, 2004).

Entretanto, probabilidades não são cartesianas, pois, dentro de um universo de vocábulos distintos, podem ocorrer repetições destes ou daqueles vocábulos, atuando nestas ou naquelas categorias morfossintáticas. Ou seja, o número de variáveis incontroleáveis, *i. e.*, variáveis da ordem da gramática, semântica, pragmática, coesão textual, estilística, etc., que interferem nas probabilidades de ocorrências de vocábulos é muito grande. E, esta grandeza cresce exponencialmente no caso de textos traduzidos, pois outras variáveis incontroleáveis, tais como, força das “línguas dos textos fonte” (MCENERY e XIAO) e escolhas subjetivas de tradução, propósitos de tradução (VERMEER, 1986, 1996; NORD, 1991; REISS, 1996) também interferem nas probabilidades de ocorrências de vocábulos. Felizmente, com a ajuda de cálculos da Estatística, pode-se estimar relações entre probabilidades de ocorrências de vocábulos em dois corpora, em função das proximidades, ou distanciamentos, entre as frequências de vocábulos nos corpora.

No caso da seleção de vocábulos para as análises horizontais gramático-coesivas, dois procedimentos foram tomados, visando a: (i) minimização dos efeitos das variáveis incontroleáveis da tradução; (ii) checagem da representatividade das frequências de ocorrências de vocábulos, no subcórpus *TT* em inglês, em relação ao BNC. O primeiro se deu via cruzamento das listas KeyWords fornecidas pelo software WordSmith, e o segundo, via testes estatísticos quanto à significância das diferenças entre as frequências de ocorrências de vocábulos no subcórpus *TT* em inglês e no BNC. Estes procedimentos são detalhados a seguir, porém, por ora, é importante se ter em mente que: (i) as listas KeyWords destacam os vocábulos cujas frequências num córpus sejam estatisticamente bastante distintas das frequências destes num outro córpus de magnitude aproximadamente 5 vezes superior à daquele (BERBER SARDINHA, 2004); (ii) em Linguística de Córpus, as significâncias estatísticas indicam as probabilidades de ocorrências de vocábulos se darem ao acaso; em outras palavras, as significâncias estatísticas, no campo da linguística, indicam as probabilidades de vocábulos não ocorrerem em função de relações gramaticais, semânticas, coesivas, etc., pois as variáveis, envolvidas nas ocorrências deles, são independentes entre si, visto que a probabilidade de as

ocorrências deles serem em função destas relações é extremamente baixa, tendendo à nulidade (UCREL).

1.2.4 Pré-amostragem: Listas KeyWords

Para a obtenção das listas KeyWords, definiu-se como populações iniciais de amostragem as ocorrências de vocábulos, cujas frequências estivessem entre as 150 de listas KeyWords obtidas a partir dos subcorpora *ST* e *TT* em inglês. A decisão pelo número de 150 vocábulos para as listas, embora arbitrária, garantiu uma abrangência de, aproximadamente, 60% do total de vocábulos de ambos os subcorpora, portanto, acima dos 50% + 01 ocorrência, que é uma base para uma amostra sugerida por Berber Sardinha. O propósito de se utilizar listas KeyWords foi tomá-las como base de filtragem, inversamente aplicada, pois elas fornecem listas “com os vocábulos cujas frequências são incomuns” (ANTHONY, 2014, tradução nossa), as quais geralmente são “úteis na investigação de aspectos textuais importantes, como a temática (*aboutness*), o estilo e a organização retórica” (BERBER SARDINHA, in *The ESspecialist*, 2005, p. 185). Entretanto, as listas KeyWords, nesta concepção, não teriam utilidade na pesquisa, pois esta se propõe a investigar as frequências de ocorrências de repetição de vocábulos que sejam de uso mais comum no inglês.

No entanto, Berber Sardinha, em um de seus artigos, no qual ele discorre sobre as influências do *cópus* referência na composição de listas KeyWords, forneceu uma alternativa, que permitiu a utilização destas listas como critério de recorte para amostragem, sem que se ferisse os propósitos da pesquisa. Baseado na alternativa por ele proposta, compilou-se um *cópus* referência, observando a magnitude acima mencionada, composto por narrativas ficcionais em forma de contos e romances, originalmente escritos em inglês. Em outras palavras, criou-se um *cópus* referência “com características genéricas semelhantes ao *cópus* da pesquisa” (ibid. p. 187), pois ele,

tende a ‘filtrar’, ou seja, eliminar, os elementos genéricos (*i.e.* relativos a um mesmo gênero) em comum, resultando em uma lista de palavras-chave que não inclui esses elementos. (Ibid. p. 187)

O que Berber Sardinha quer dizer nesta citação é que vocábulos especificamente comuns em função de gêneros textuais, temas, periodicidades históricas, etc., são excluídos das listas KeyWords,

quando o *cópus* de uma pesquisa e o de referência mantêm as similaridades acima descritas. Por exemplo, nos textos de *Dracula*, de Bram Stoker, e *Frankenstein*, de Marry Shelley, os números de ocorrências dos vocábulos *dark* e *darkness* são bastante superiores em relação às frequências de ocorrências deste no texto de *The Picture of Dorian Grey*, de Oscar Wilde. Esta diferença numérica, muito provavelmente, é consequência dos diferentes temas dos romances, pois os temas dos dois primeiros envolvem situações que requerem uma atmosfera sombria, enquanto que este tipo de atmosfera não está atrelado ao tema do texto de Wilde. Assim, no que se refere ao contraste entre as ocorrências repetições de vocábulos nas duas línguas, analisar quantitativamente as ocorrências *dark* e *darkness* no *cópus* talvez não fosse produtivo, pois as repetições destes vocábulos se deram mais em função do tema do texto do que em função de relações intrassistêmicas do inglês.

Neste sentido, Berber Sardinha, atesta que “o conjunto da pesquisa desenvolvida por Biber apresenta evidências inequívocas de que conjuntos de traços linguísticos variam sistematicamente com relação a textos típicos de contextos comunicativos específicos.” (BERBER SARDINHA, 2004, p.31). Se assim for, me parece que tais variações sistemáticas tendem a se manifestar também em correspondências interlinguísticas, e termos específicos também tendem a se repetir mais frequentemente nas traduções, mesmo que estas, por vezes, se valham da sinonímia para evitar as repetições de vocábulos.

Assim, para obtenção das listas KeyWords compilou-se um *cópus* referência com as mesmas características dos corpora *TT* e *ST* em inglês, especificamente para este fim, composto por 1.362.070 vocábulos, ou seja, em torno, de 5,6 vezes do total de 242.943 vocábulos do sub*cópus* *TT* em inglês, e 8,12 vezes do total de 167.569 *ST* sub*cópus* em inglês. Portanto, dentro do parâmetro de superioridade de magnitude, em torno de 5 vezes, dos corpora referências, sugerido por Sardinha (2004).

Na prática, neste primeiro recorte, com vistas à composição de uma amostra inicial, os vocábulos, que figuraram em ambas as listas KeyWords dos subcorpora *ST* e *TT* em inglês, foram selecionados para serem submetidos a recortes posteriores, sendo que a similaridade destes subcorpora com o *cópus* referência permitiu a exclusão de vocábulos específicos aos gêneros, temas e periodicidades históricas, e o cruzamento das listas KeyWords buscou diminuir as influências dos processos tradutórios (McEnery e Xiao, 2006).

Estes procedimentos ocorreram conforme a descrição pormenorizada que segue.

Primeiramente, extraiu-se uma lista KeyWords do subcórpus *TT* em inglês, com 150 palavras-chave, sem nenhum parâmetro restritivo. Porém, entre os vocábulos selecionados pelo WordSmith surgiram nomes de personagens, referências geográficas, nacionalidades, naturalidades, e alguns vocábulos que denotavam estreito vínculo com os títulos e/ou temas dos textos, como, *captians*, *sands*, *legless*, *reformatory*, *carrousel*, *roach*, *cockroach*, etc., os quais antemão considerou-se como não relevantes na composição da amostra, pois, muito provavelmente, muitas das repetições destes não seriam fruto de relações gramático-coesivas. Assim, a partir da primeira lista KeyWords, criou-se uma StopList, que é um arquivo tipo *text plain* criado para listar palavras que se deseja que não constem em listas fornecidas pelo software (SCOTT, 2010). Na sequência, o programa foi executado, desconsiderando os vocábulos listados na StopList, os quais haviam surgido na primeira rodagem do programa, criando uma segunda lista KeyWords, na qual ainda surgiram alguns vocábulos também considerados como não relevantes na composição da amostra, os quais foram incluídos na StopList. O programa foi executado pela terceira vez para obter-se uma nova lista KeyWords. E, assim se procedeu até a obtenção de uma lista KeyWords destituída dos vocábulos da StopList, cujas repetições foram consideradas se darem menos por conta de relações gramático-coesivas do inglês do que por características específicas dos textos. É fundamentalmente importante esclarecer que a sucessiva inclusão de vocábulos na StopList não configurou uma manipulação tendenciosa aos objetivos da pesquisa, pois a StopList simplesmente eliminou os acima referidos vocábulos de modo a dar espaço para o surgimento de outros que talvez fossem mais relevantes na composição da amostra. Por exemplo, o adjetivo *legless*, no texto *Capitians of the sands*, é usado como nome de um personagem, assim como os adjetivos *dry* e *big*, que compõem nomes próprios, assim as quantificações das ocorrências destes talvez exprimissem mais as dos nomes próprios do que as dos adjetivos, portanto, não haveria razão para eles ocuparem lugares, na lista Keywords, de outros vocábulos que talvez fossem mais atuantes em relações coesivas. O mesmo cabe à *captians* e *sands*, pois o título do livro é utilizado como codinome do grupo de garotos que é o mote central do livro. O procedimento foi igualmente efetuado com subcórpus *ST* em inglês, sendo que os

vocábulos deste subcórpus, que foram considerados como não relevantes, foram acrescentados na mesma StopList.

Uma vez obtidas as duas listas KeyWords dos subcorpora em inglês, elas foram cruzadas de modo a se pré-selecionar todos os vocábulo que constassem em ambas as listas. Com este procedimento obteve-se 83 vocábulo, os quais foram, em seguida, testados quanto à significância estatística por meio dos cálculos dos coeficientes *Log-Likelihood*. Este procedimento é descrito após o quadro I – 1, que apresenta os vocábulo em questão, bem como suas frequências no subcórpus *TT* em inglês. Antes, porém, vale destacar que, na geração das listas KeyWords, o software WordSmith também utiliza este coeficiente.

Vocábulo	Freq.	Vocábulo	Freq.	Vocábulo	Freq.	Vocábulo	Freq.
<i>AFRAID</i>	87	<i>HANDS</i>	123	<i>OF</i>	6.616	<i>THE</i>	15.854
<i>AGO</i>	38	<i>HEAD</i>	151	<i>OFF</i>	261	<i>THEM</i>	551
<i>AIR</i>	61	<i>HIM</i>	1.231	<i>ON</i>	1.491	<i>THEN</i>	491
<i>ALL</i>	829	<i>HOURS</i>	52	<i>ONCE</i>	138	<i>THERE</i>	717
<i>AN</i>	724	<i>HOWEVER</i>	75	<i>ONES</i>	81	<i>THIS</i>	624
<i>AND</i>	6.066	<i>HUMAN</i>	109	<i>ONLY</i>	586	<i>THOUGHT</i>	239
<i>ARMS</i>	47	<i>I</i>	5.586	<i>OTHERS</i>	150	<i>TIMES</i>	82
<i>BEEN</i>	532	<i>IF</i>	854	<i>OWN</i>	127	<i>TO</i>	6.130
<i>BOTH</i>	67	<i>KNOW</i>	539	<i>PERHAPS</i>	70	<i>WE</i>	431
<i>CHILD</i>	134	<i>LAUGH</i>	47	<i>ROOM</i>	225	<i>WERE</i>	723
<i>DID</i>	210	<i>LAUGHED</i>	78	<i>SAID</i>	382	<i>WHO</i>	935
<i>DON'T</i>	419	<i>LIFE</i>	443	<i>SAY</i>	203	<i>WHY</i>	166
<i>DRESS</i>	38	<i>LOOK</i>	159	<i>SAYING</i>	69	<i>WIFE</i>	91
<i>EARTH</i>	48	<i>LOVE</i>	294	<i>SECRET</i>	57	<i>WILL</i>	346
<i>ELSE</i>	75	<i>ME</i>	1.548	<i>SEE</i>	330	<i>WOMEN</i>	99
<i>EVER</i>	103	<i>MOTHER</i>	329	<i>SIDE</i>	70	<i>WOULD</i>	850
<i>EXISTENCE</i>	31	<i>MY</i>	2.005	<i>SLOWLY</i>	56	<i>YEARS</i>	124
<i>EYES</i>	318	<i>NEXT</i>	71	<i>SMILED</i>	47	<i>YES</i>	88
<i>FATHER</i>	363	<i>NOR</i>	67	<i>SOUL</i>	62	<i>YOU</i>	1.586
<i>FRIENDS</i>	67	<i>NOTHING</i>	169	<i>STILL</i>	260	<i>YOUR</i>	327
<i>GOING</i>	397	<i>NOW</i>	520	<i>THAT</i>	3.798		

Quadro I - 1 – Cruzamentos das listas KeyWords.

Cabe ressaltar que, ao final do processo de composição da primeira pré-amostra via aplicação das StopLists, parece ter se confirmado a utilidade destas listas, uma vez que, nas sucessivas rodagens da ferramenta KeyWords surgiram vários nomes próprios, adjetivos e substantivos, os quais, segundo os critérios descritos no

subitem 1.2.6 Definição da amostra de vocábulos, não teriam relevância na amostra. De fato, o conjunto destes, que totalizou 163 vocábulos⁷, ultrapassa o número de 150 vocábulos arbitrados para as listas KeyWords. Portanto, se estes vocábulos não tivessem sido excluídos, poderiam gerar uma pré-amostra pouco produtiva no que se refere à relação entre repetições de vocábulos e as relações gramático-coesivas.

1.2.5 Pré-amostragem: Teste de Significância Estatística

Neste procedimento aplicou-se o teste de significância baseado no coeficiente *Log-likelihood*, por este medir o grau de probabilidade de duas variáveis serem dependentes ou não entre elas, ou, em outras palavras, por este testar “se as diferenças entre grupos ou categorias de dados são significativas” (UCREL). A opção pelo *Log-Likelihood* se deu em função de, segundo disposto na página da *University Centre for Computer Corpus Research on Language* (UCREL), este teste não apresentar alguns problemas que o *Chi-square*, - outro teste de significância de possível adoção -, costuma apresentar, em especial, o problema de o *Chi-square* se basear “em certos pressupostos estatísticos que muitas vezes são violados no caso de dados de corpus” (Ibid.).

Como o teste *Log-Likelihood* para significância é probabilístico e é baseado em duas hipóteses relativas a duas variáveis, foram definidas como hipóteses, H e H0:

⁷ Após as sucessivas rodagens da ferramenta Keywords foram excluídos os seguintes vocábulos: dry, gulch, lollipop, leonor, sigismundo, almiro, josé, pedro, legless, dona, joão, t, matilde, helena, dora, capitains, baron, eulália, eulálio, professor, rio, da, ah, maria, mônica, adão, Camilo, lampião, de, dubosc, cecília, brazil, big, camilo, o, ahasverus, prometheus, sir, paula, smallpox, assumption, xavier, javanese, oh, omolu, juan, lepuen, outrigger, canon, bala, aninha, ze, zé, ester, sands, capitains, dalva, roach, cat, god, s-love, brazilians, brazilian, bahia, salvador, camilo, janeiro, cockroach, captains, good-life, camillo, jornal, senhora, tarde, mulatto, rita, villela, Villela, rita, ranulfo, fausto, copacabana, palumba, são, balbino, nhôzinho, ogun, milreis, assis, machado, cangaceiro, firmo, literatura, raul, cosme, ezequiel, roaches, bahian, penuel, França, góis, brasileira, capoeira, gabriela, senhor, henrique, ilhéus, história, minas, gerais, dias, candomblés, janair, antonio, graça, agosto, margarida, joaquim, ferret, lutétia, sousa, souza, alencar, glória, candomblé, antônio, mãe-de-santo, raimundinho, paulo, azevedo, botafogo, Dorian, Gray, basil, henry, hallward, hallward's, mr., sibyl, harry, harry's, clerval, justine, james, vane, felix, elizabeth, safie, agatha, vivian, narborough, narborough's, cyril, frankenstein, krwin, ingolstadt, geneva, victor, Kirwin, Frankenstein, M., Krempe, alan, campbell, campbell's.

- H = as frequências de ocorrências dos vocábulos no subcorpús *TT* em inglês e no BNC são dependentes em função de traços linguísticos;
- H_0 = as frequências de ocorrências dos vocábulos no subcorpús *TT* em inglês e no BNC **não** são dependentes em função de traços linguísticos.

Para o cálculo, foi utilizado o calculador da UCREL, que fornece coeficientes de significância. Para que o calculador de *Log-Likelihood* forneça estes coeficientes, ele deve ser alimentado com as frequências dos vocábulos em dois corpora, no caso, as de cada vocábulo nos corpora, bem como, as frequências totais dos vocábulos destes. No caso da pesquisa, isto representaria 166 alimentações, sendo 83 valores extraídos do subcorpús *TT* em inglês e 83 do BNC, alternando movimentações entre três interfaces diferentes: da do WordSmith para a do *Log-Likelihood calculator*, da do BNC para a do *Log-Likelihood calculator*, e desta para a do Microsoft Word. Para simplificar o processo, e minimizar possibilidades de erros da alimentação manual de dados, as fórmulas, obtidas no site da UCREL, abaixo explicitadas, foram inseridas numa planilha do Microsoft Excel, a qual, automaticamente, calculou todos os coeficientes, conforme disposto no quadro I – 2. O quadro apresenta os coeficientes relativos a cada um dos 83 vocábulos pré-selecionados pelo cruzamento das listas KeyWords, sendo que as linhas sombreadas do quadro indicam os vocábulos que passaram no teste, ou seja, os cujas diferenças não são estatisticamente significativas.

Para o cálculo dos coeficientes *Log-Likelihood*, utiliza-se uma tabela de contingência (UCREL), que é uma tabela que registra as ocorrências de variáveis independentes, (MORETTI e BUSSAB, 2004, p.77) onde estas são representadas pelas a, b, c, e d.

	Subcorpús <i>TT</i>	BNC	Total
Freq. vocábulo	a	b	a + b
Freq. outros vocábulos	c - a	d - b	c + d - a - b
Total	c	d	c + d

Figura I - 2 – Tabela de contingência.

Em termos práticos a tabela de contingência, segue o modelo probabilístico teórico discutido nos primeiros parágrafos desta seção do texto, de forma que as colunas subcorpúpus *TT* e *BNC* apresentam proporções entre os vocábulos testados e os demais dos corpora. A coluna total se refere à associação das variáveis (vocábulos nos corpora), relativa à dependência entre elas (Ibid.), que é o que o *Log-Likelihood* testa.

$$E2 = d*(a+b) / (c+d)$$

$$E1 = c*(a+b) / (c+d)$$

$$G2 = 2*((a*\ln (a/E1)) + (b*\ln (b/E2)))$$

Onde:

$G2 = \text{Log-Likelihood}$

$E1$ e $E2 = \text{Valor Esperado}$

$\ln = \text{Logaritmo Natural}$

E, considerando que o total de vocábulos do subcorpúpus *TT* é 242.943 e do *BNC* é 100.000.000, aplicando as fórmulas para as frequências dos vocábulos da pré-amostra, obteve-se os coeficientes que contam no quadro I – 2.

Vocábulo	Freq. Córpus (a)	Freq. BNC (b)	E1	E2	ln a/E1	ln b/E2	Log- Likelihood
<i>AFRAID</i>	87	5538	13,6324	5611,37	1,85	-0,01	176,73
<i>AGO</i>	38	19312	46,8955	19303,10	-0,21	0,00	1,81
<i>AIR</i>	61	18357	44,6368	18373,36	0,31	0,00	5,39
<i>ALL</i>	829	277168	673,7375	277323,2	0,21	0,00	33,40
<i>AN</i>	724	337074	818,6677	336979,3	-0,12	0,00	11,42
<i>AND</i>	6.066	2632194	6393,934	2631866,	-0,05	0,00	17,16
<i>ARMS</i>	47	10530	25,6338	10551,37	0,61	0,00	14,30
<i>BEEN</i>	532	259852	631,0516	259752,9	-0,17	0,00	16,47
<i>BOTH</i>	67	67356	163,4025	67259,60	-0,89	0,00	73,48
<i>CHILD</i>	134	23693	57,7457	23769,25	0,84	0,00	73,34
<i>DID</i>	210	135732	329,4612	135612,5	-0,45	0,00	49,88
<i>DON'T</i>	419	11	1,0421	428,96	6,00	-3,66	4944,56

<i>DRESS</i>	38	4768	11,6475	4794,35	1,18	-0,01	37,31
<i>EARTH</i>	48	9217	22,4541	9242,55	0,76	0,00	21,91
<i>ELSE</i>	75	19916	48,4490	19942,55	0,44	0,00	12,48
<i>EVER</i>	103	26548	64,5898	26586,41	0,47	0,00	19,37
<i>EXISTENCE</i>	31	6472	15,7603	6487,24	0,68	0,00	11,50
<i>EYES</i>	318	27351	67,0570	27601,94	1,56	-0,01	490,34
<i>FATHER</i>	363	22757	56,0323	23063,97	1,87	-0,01	746,68
<i>FRIENDS</i>	67	14608	35,5655	14639,43	0,63	0,00	22,06
<i>GOING</i>	397	63529	154,9274	63771,07	0,94	0,00	263,91
<i>HANDS</i>	123	17783	43,3959	17862,60	1,04	0,00	97,43
<i>HEAD</i>	151	35809	87,1506	35872,85	0,55	0,00	38,41
<i>HIM</i>	1.231	153366	374,6723	154222,3	1,19	-0,01	1220,73
<i>HOURS</i>	52	18365	44,6344	18372,37	0,15	0,00	1,16
<i>HOWEVER</i>	75	59690	144,8430	59620,16	-0,66	0,00	41,04
<i>HUMAN</i>	109	19287	47,0070	19348,99	0,84	0,00	59,56
<i>I</i>	5.586	868973	2119,530	872439,4	0,97	0,00	3907,29
<i>IF</i>	854	253303	615,9602	253541,0	0,33	0,00	82,23
<i>KNOW</i>	539	118678	288,9274	118928,0	0,62	0,00	172,56
<i>LAUGH</i>	47	3592	8,8193	3630,18	1,67	-0,01	81,32
<i>LAUGHED</i>	78	4437	10,9423	4504,06	1,96	-0,02	173,28
<i>LIFE</i>	443	55058	134,5090	55366,49	1,19	-0,01	440,80
<i>LOOK</i>	159	51991	126,3877	52023,61	0,23	0,00	7,79
<i>LOVE</i>	294	22358	54,8981	22597,10	1,68	-0,01	511,06
<i>ME</i>	1.548	131363	322,1154	132588,8	1,57	-0,01	2419,73
<i>MOTHER</i>	329	24426	59,9948	24695,01	1,70	-0,01	584,72
<i>MY</i>	2.005	276720	675,5018	278049,5	1,09	0,00	1710,02
<i>NEXT</i>	71	44983	109,1903	44944,81	-0,43	0,00	15,29
<i>NOR</i>	67	11996	29,2352	12033,76	0,83	0,00	35,72
<i>NOTHING</i>	169	32239	78,5422	32329,46	0,77	0,00	78,33
<i>NOW</i>	520	139133	338,4549	139314,5	0,43	0,00	83,76
<i>OF</i>	6.616	3051609	7411,737	3050813,	-0,11	0,00	88,87
<i>OFF</i>	261	67880	165,1426	67975,86	0,46	0,00	47,35

<i>ON</i>	1.491	734285	1783,184	733992,8	-0,18	0,00	50,85
<i>ONCE</i>	138	36920	89,8116	36968,19	0,43	0,00	22,24
<i>ONES</i>	81	11504	28,0767	11556,92	1,06	0,00	66,04
<i>ONLY</i>	586	148564	361,4713	148788,5	0,48	0,00	117,52
<i>OTHERS</i>	150	27523	67,0667	27605,93	0,80	0,00	75,87
<i>OWN</i>	127	68878	167,2365	68837,76	-0,28	0,00	10,59
<i>PERHAPS</i>	70	33521	81,4092	33509,59	-0,15	0,00	1,68
<i>ROOM</i>	225	28890	70,5614	29044,44	1,16	-0,01	213,77
<i>SAID</i>	382	195306	474,2581	195213,7	-0,22	0,00	19,28
<i>SAY</i>	203	67135	163,1965	67174,80	0,22	0,00	9,03
<i>SAYING</i>	69	17934	43,6310	17959,37	0,46	0,00	12,55
<i>SECRET</i>	57	5528	13,5355	5571,46	1,44	-0,01	77,31
<i>SEE</i>	330	115086	279,7155	115136,28	0,17	0,00	8,56
<i>SIDE</i>	70	32260	78,3531	32251,65	-0,11	0,00	0,93
<i>SLOWLY</i>	56	7385	18,0336	7422,97	1,13	-0,01	51,17
<i>SMILED</i>	47	6870	16,7636	6900,24	1,03	0,00	36,57
<i>SOUL</i>	62	2914	7,2125	2968,79	2,15	-0,02	158,21
<i>STILL</i>	260	71874	174,8198	71959,18	0,40	0,00	36,14
<i>THAT</i>	3.798	1119443	2722,221	1120518,7	0,33	0,00	379,14
<i>THE</i>	15.854	6055159	14713,35	6056299,6	0,07	0,00	86,44
<i>THEM</i>	551	167106	406,3238	167250,68	0,30	0,00	46,42
<i>THEN</i>	491	154590	375,8453	154705,15	0,27	0,00	32,23
<i>THERE</i>	717	319397	775,8098	319338,19	-0,08	0,00	4,59
<i>THIS</i>	624	457821	1111,060	457333,94	-0,58	0,00	254,64
<i>THOUGHT</i>	239	53745	130,8325	53853,17	0,60	0,00	71,90
<i>TIMES</i>	82	29249	71,0849	29259,92	0,14	0,00	1,60
<i>TO</i>	6.130	2595289	6304,648	2595114,3	-0,03	0,00	4,90
<i>WE</i>	431	350744	851,0874	350323,91	-0,68	0,00	254,17
<i>WERE</i>	723	313231	760,8808	313193,12	-0,05	0,00	1,92
<i>WHO</i>	935	200715	488,7073	201161,29	0,65	0,00	321,63
<i>WHY</i>	166	48582	118,1428	48629,86	0,34	0,00	17,24
<i>WIFE</i>	91	16497	40,2017	16547,80	0,82	0,00	47,24

WILL	346	251085	609,3536	250821,65	-0,57	0,00	135,34
WOMEN	99	38262	92,9695	38268,03	0,06	0,00	0,38
WOULD	850	245415	596,8336	245668,17	0,35	0,00	95,04
YEARS	124	88623	215,0821	88531,92	-0,55	0,00	45,67
YES	88	58534	142,0729	58479,93	-0,48	0,00	23,89
YOU	1.586	667654	1621,9314	667618,07	-0,02	0,00	0,80
YOUR	327	134346	326,3857	134346,61	0,00	0,00	0,00
Total	70637						

Quadro I - 2 – Cálculos dos coeficientes *Log-Likelihood*.

A interpretação dos coeficientes *Log-Likelihood*, obtidos no Microsoft Excel, com base nas explicações fornecidas pela página da UCREL, se deu da seguinte forma:

- Definiu-se a margem de erro para o valor crítico (p), geralmente, convencionada por $p < 0,001$, $p < 0,01$ e $P < 0,05$, significando que, respectivamente, há menos de 0,1%, 1% e 5%, “de chance de ocorrer um vocábulo se não há relação entre os [...] [dois grupos]”. Assim, para estes valores críticos, diz-se que resultados são significativos nos níveis de 0,1%, 1% e 5% (UCREL). No caso deste recorte para a composição da amostra escolheu-se o valor crítico $p < 0,001$ de forma a minimizar a possibilidade de erro, ou seja, minimizar a chance de vocábulos ocorrerem por acaso;
- No wizard da UCREL, descobriu que, para a margem de erro $p < 0,001$, o valor crítico para o teste de significância pelo coeficiente *Log-Likelihood* é 15,13;
- Efetuou-se a leitura dos coeficientes *Log-likelihood*, na qual os coeficientes superiores ao valor crítico de 15,13 indicam significância quanto à diferença entre os grupos de vocábulos. Assim, os vocábulos, cujos coeficientes *Log-likelihood* são superiores a 15,13, não são relevantes à pesquisa, pois tendem a se enquadrar na hipótese H0. Portanto, na amostra somente foram incluídos os vocábulos, cujos coeficientes são inferiores a 15,13 (valor crítico), pois têm maior probabilidade de ocorrerem em função de algum traço linguístico, ou seja, se enquadram a hipótese H1. Em outras palavras, as diferenças entre as frequências de ocorrências no subcorpus *TT* em inglês e o BNC destes vocábulos não são significativas.

Seguindo estes parâmetros da estatística probabilística, os 21 vocábulos, destacados no quadro, foram os tomados como estatisticamente representativos, em relação ao BNC.

1.2.6 Definição da Amostra de Vocábulos

Uma vez definido que as investigações horizontais focariam nos vocábulos que atendessem aos dois parâmetros de recorte, *i.e.*, constar nas listas KeyWords de ambos os subcorpora em inglês, e ser estatisticamente representativos em relação ao BNC, de acordo com os coeficientes *Log-Likelihood* para significância estatística, coube ainda efetuar alguns recortes norteados pelas relações gramático-coesivas.

No que se refere à metodologia da pesquisa, dentre os vocábulos pré-selecionados, alguns têm pouca, ou, nenhuma relevância em investigações quanto às repetições de vocábulos provocadas por relações gramático-coesivas. Neste sentido, primeiramente, faz-se necessário explicitar alguns aspectos, da discussão de Halliday e Hasan, relativos à coesão textual, que foram tomados como relevantes à questão das repetições de vocábulos dentro do escopo investigativo da pesquisa. Segundo estes autores, a coesão textual abrange cinco categorias, *i. e.*, referência, [como *his*, em *Legless laughs, telling about his adventure*] substituição, [como *as does*, em *the sky trembles, as does Pedro Bala's heart*], elipse, [como \emptyset = *it sounds sad*, em *it sounds sad to you, and \emptyset to me too*], conjunções [como *and*, na mesma sentença] e coesão lexical [como *the boys*, em “*They might even be the Captains of the Sands...Thieves,*” *she repeated with disgust. The boys were looking at her with curiosity.*]

Visto que a Hipótese da Pesquisa abaliza que as repetições de vocábulos em inglês são frutos de relações intrassistêmicas peculiares ao sistema linguístico inglês, para a pesquisa, são de interesse as coesões por referência, pois “há certos itens em todas as línguas que têm a propriedade de referência, [...] [que] em vez de serem interpretados semanticamente por atributos próprios, fazem referência a algo mais para a sua interpretação”, (Ibid. p.31) e as por substituição e elipse, pois estas “são claramente gramaticais, na medida em que elas envolvem sistemas fechados: opções simples de presença ou ausência, e sistemas, tais como os de pessoa, número, proximidade e grau de comparação.” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 303, tradução nossa). Não foram abordadas as coesões lexicais, por estas envolverem “um tipo de escolha que não tem um limite determinado, que envolve a seleção de um item lexical que, de alguma maneira, é relacionado a um que ocorre

anteriormente” (Ibid.), nem as conjunções, por estas estarem “na linha de fronteira entre o gramatical e o lexical, pois o conjunto de elementos conjuntivos provavelmente pode ser interpretado gramaticalmente em termos de sistemas, mas tal interpretação seria bastante complexa, e algumas expressões conjuntivas também envolvem seleções lexicais” (Ibid.).

Dentro desta perspectiva, coube, então, determinar quais vocábulos, entre os pré-selecionados, atuam nestas relações coesivas. Para tal, cabem algumas considerações pontuais quanto a estas relações.

Segundo Halliday e Hasan as referências podem ser divididas em três categorias:

- **Referência Pessoal:** se dá “por meio da função na situação de fala, através da categoria pessoa” (Ibid. p.37), e se estabelece extra e intratextualmente, pela ocorrência de pronomes pessoais, pronomes objeto, pronomes possessivos, adjetivos possessivos e as formas pessoais generalizadas *one* e *one's*;
- **Referência Demonstrativa:** ocorre em função da localização, numa escala de proximidade (ibid.). É estabelecida pela ocorrência dos determinantes *this, that, these, those* e *the*, dos advérbios *here, now, there* e *then*;
- **Referência Comparativa:** é uma referência indireta em função de identidade ou similaridade (Ibid.). É estabelecida pela ocorrência dos adjetivos *same, identical, equal, similar, additional, other, different* e *else*, e adjetivos e quantificadores comparativos, como *better, more, etc.*, e as ocorrências dos advérbios *indidentally, similarly, likewise, so, such, differently, otherwise, so, more, less* e *equally*.

Em relação às coesões por substituição os autores as subdividem em três categorias:

- **Substituição Nominal:** se dá pela substituição do núcleo de um grupo nominal pelos substitutos nominais *one* e *ones*, como *ones* em “*Now addicted to colour magazines, French ones, American ones*”;
- **Substituição Verbal:** ocorre pela substituição do núcleo - um verbo lexical - de um grupo verbal, pelo substituto verbal *do*, como em “*But a wet stain will still be visible on the mattress, which I'll turn over as I do every morning, leaving it dry-stainsup*”.
- **Substituição Oracional:** diferentemente de na substituição verbal, onde somente o núcleo do grupo verbal é substituído, na

oracional, todo o grupo é substituído por *so*, como em “*You are surely familiar with plant anatomy?*” “*Partially familiar.*” “*With physiology?*” “*A bit less so.*”

Quanto às elipses, obviamente, não há vocábulos específicos, pois, basicamente, as elipses são substituições por zero (Ø). Porém, “apesar de as substituições e as elipses abarcarem as mesmas relações fundamentais entre partes de textos (relações entre palavras, grupos de palavras e orações – distintamente das referências, que são relações entre significados), são dois mecanismos estruturais diferentes, portanto, têm padrões bastante diferentes.” (Ibid. p.142). Da mesma forma que as substituições, as elipses podem ser nominais, verbais e oracionais.

Com base nesta breve explanação do modelo de Halliday e Hasan para estudos da coesão textual, para efeitos da viabilização da aplicação da metodologia, eliminou-se da subamostra os vocábulos que, à primeira vista, não têm relação direta com questões coesivas, segundo este modelo, no caso, *ago, an, perhaps* e *to*. Com o mesmo intuito, *you* foi, *a priori*, excluído das investigações, por, segundo os autores, este pronome pessoal tipicamente estabelecer referências exofóricas - fora dos contextos frásicos -, não coesivas (Ibid. p.51). Entretanto, algumas ocorrências do pronome pessoal *you*, invariavelmente, foram analisadas nas investigações do adjetivo possessivo *your*, em função das relações gramático-coesivas e colocacionais, que este mantém com aquele. Assim, a amostra final ficou composta dos vocábulos lexicais *air, arms, existence, hours, look, own, say, saying, see, side, times, were* e *women*, e os vocábulos gramaticais *else, there* e *your*.

Resumindo a sequência de recortes: de um total de 87.436 ocorrências das 150 palavras-chave do subcórpus *TT* em inglês, foram selecionadas as 83, que também constaram na lista KeyWords do subcórpus *ST* em inglês, totalizando 70.637 *tokens*, listados pelo WordSmith, do subcórpus *TT* em inglês. Destas 83 palavras-chave, 21 foram selecionadas via aplicação do teste *Log-likelihood*, totalizando 11.720 ocorrências. E, destas 21, após as exclusões por critérios linguísticos, relativos à coesão textual, obteve-se uma amostra com 16 vocábulos, totalizando 3.172 ocorrências (*tokens*) do subcórpus *TT* em inglês, que representam em torno de 1,3 % do total de 242.943 vocábulos do referido subcórpus.

Cabe, então, descrever os critérios adotados para as abordagens horizontais aos vocábulos da amostra.

1.2.7 Metodologia das Abordagens Horizontais

Tendo definido a amostra para as checagens horizontais, mediu-se, denominemos assim, a “vocação” para a repetição dos vocábulos, com base nas relações colocacionais, fornecidas pela janela *Collocates* da interface *Concord* do *WordSmith*. A lógica para este procedimento se alicerça na constatação de Sinclair e Jones de que o intervalo entre 04 palavras à esquerda e 04 à direita de um vocábulo é o ideal para se observar as colocações que ele estabelece (JONES e SINCLAIR, 1974 apud HOEY, 2005, p. 4). Desta constatação, creio ser possível inferir que, neste intervalo, segmentos de vocábulos tendam a se realizar semântica e funcionalmente. Assim, como a janela *Collocates* fornece os colocados que um vocábulo estabelece, num intervalo, entre 02 vocábulos à esquerda e 10 à direita, há uma grande chance de neste intervalo constar pelo menos 01 segmento de vocábulos, gramaticalmente e semanticamente realizado, ou até de 02 ou 03 segmentos, completos ou parcialmente completos. Desta forma, se um vocábulo tem a “vocação” para a repetição, por conta de relações coesivas e gramaticais, a probabilidade de ele se repetir neste intervalo, me parece ser grande. Deve-se ter em mente, porém, que repetições de vocábulos, dentro do intervalo de 10, tendem a ser listadas mais de uma vez pela janela *Collocates*, enquanto que, repetições, à direita de vocábulos em segmentos superiores a 10 itens lexicais, tendem a não constar na janela. Por esta razão, os números, que constam nas colunas intituladas *Esquerda* e *Direita* do quadro I - 3, devem ser tomados somente como critério de checagem da “vocação” para a repetição. No quadro, estas colunas referem-se a ocorrências antes e depois da palavra, sem, no entanto, indicarem as posições dos vocábulos dentro dos segmentos frásicos.

Vocábulo	Com	Textos	Esquerda	Direita	Total*
<i>air</i>	<i>air</i>	9	1	5	61
<i>arms</i>	<i>arms</i>	7	0	0	47
<i>else</i>	<i>else</i>	11	0	1	75
<i>existence</i>	<i>existence</i>	7	1	1	31
<i>hours</i>	<i>hours</i>	10	3	3	52
<i>look</i>	<i>look</i>	14	0	3	159
<i>own</i>	<i>own</i>	10	0	3	127
<i>say</i>	<i>say</i>	14	0	2	203
<i>saying</i>	<i>saying</i>	11	0	1	69
<i>see</i>	<i>see</i>	14	1	7	330
<i>side</i>	<i>side</i>	8	3	5	70
<i>there</i>	<i>there</i>	15	2	20	717
<i>times</i>	<i>times</i>	9	1	9	82

<i>were</i>	<i>were</i>	15	0	33	723
<i>women</i>	<i>women</i>	5	0	2	99
<i>your</i>	<i>your</i>	13	3	33	327

* Total de ocorrências no subcórpus *TT* em inglês.

Quadro I - 3 – Seleção final da amostra de vocábulos.

Dentre os vocábulos dispostos no quadro I - 3, para aqueles que apresentaram pelo menos 01 coocorrência com ele mesmo, no intervalo da janela Collocates, foram selecionados, manualmente, segmentos frásicos (contendo 300 caracteres), nos quais foram encontradas repetições de vocábulos ingleses dentro de uma mesma sentença, ou em sentenças adjacentes. E, para efeitos das abordagens verticais, foram conduzidas investigações, via alinhamentos frásicos, com vistas à identificação de correspondências entre as repetições dos vocábulos ingleses selecionados e as repetições de seus correspondentes nos textos em português. No caso de não correspondência, as repetições de vocábulos em inglês foram analisadas, com vistas à detecção de possibilidades de elas terem ocorrido em função de relações coesivas e/ou gramaticais, ou de escolhas subjetivas de tradução. E, em se tratando da primeira possibilidade, discorreu-se sobre aspectos gramático-coesivos, envolvidos nas ocorrências discrepantes de repetições.

CAPÍTULO II – ABORDAGENS VERTICAIS

2. Contrastes entre Frequências Gerais de Vocábulos

Na busca pela checagem do Pressuposto da Pesquisa, num primeiro momento, a abordagem ao *córpus* se deu via comparação das totalizações obtidas pela ferramenta WordList do WordSmith, *i.e.*, frequência de *Tokens* (palavras), e as taxas *Type/Token Ratio (TTR)* e *Standardised Type/Token Ratio (STTR)*, - explicadas na metodologia -, dos quatro subcorpora, de modo a se ter uma visão preliminar das diferenças entre as repetições de vocábulos nos subcorpora, seguindo o detalhamento exposto na metodologia da pesquisa. O quadro II - 1 destaca estas frequências, onde, quanto menor for o percentual da *TTR*, maior será a taxa de repetições, e quanto maior for o da *STTR*, maior será diversidade de vocábulos. Assim, o quadro e os gráficos gerados a partir dele apresentam as comparações das *TTRs* e *STTRs* nos subcorpora da pesquisa.

Subcorpora	<i>Tokens</i>	<i>Types</i>	<i>TTR</i>	<i>Stand. TTR</i>
<i>ST em português</i>	211.925	21.931	10,36	45,43
<i>TT em inglês</i>	242.943	15.453	6,37	40,30
<i>TT em português</i>	159.738	18.641	11,70	50,19
<i>ST em inglês</i>	167.569	11.751	7,02	43,44

Quadro II - 1 – Comparativo entre as frequências de vocábulos repetidos nos subcorpora.

Na coluna *TTR*, percebe-se que a **repetição de vocábulos** nos subcorpora *ST* e *TT* em inglês é **maior** do que nos do português, enquanto que, a coluna *STTR*, destaca uma **menor diversidade lexical** nestes, em relação aos subcorpora *ST* e *TT* em português. Os gráficos II - 1 e 2 permitem uma visualização disto.

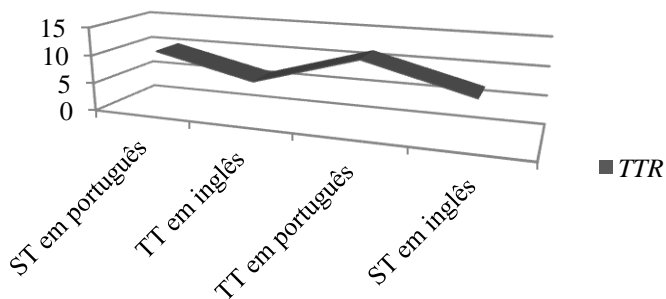


Gráfico II - 1 – TTRs dos subcorpora.

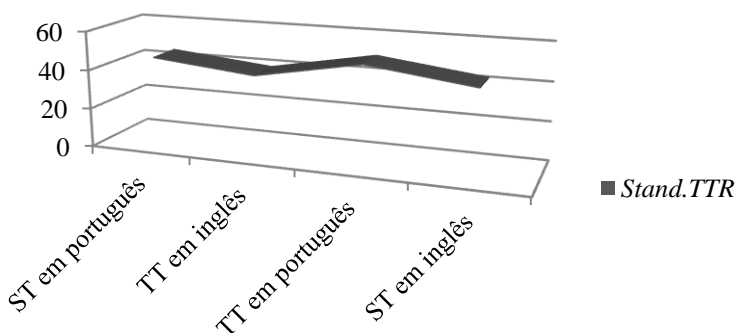


Gráfico II - 2 – STTRs dos subcorpora.

Estes dados, *a priori* confirmam o Pressuposto da Pesquisa. Entretanto, não podem ser tomados como conclusivos quanto à generalização de que no inglês há uma maior ocorrência de repetições de vocábulos, em relação ao português, pois os números do quadro não refletem distorções de concentrações das repetições neste ou naquele texto, ou nesta ou naquela categoria gramatical de palavras, conforme mencionado anteriormente. Entretanto, estas distorções têm bastante relevância na pesquisa, pois caso as distribuições em questão tivessem sido desiguais, seriam necessárias reavaliações quanto ao Pressuposto da

Pesquisa, pois poderiam indicar tendências de tradutores ou de períodos no tempo ou, tendências de repetições de vocábulos de umas poucas classes gramaticais, e, até mesmo, poderiam invalidar o Pressuposto da Pesquisa.

Assim, foi necessário, primeiramente desdobrar a leitura vertical do corpús descendo para o nível dos textos individualizados. O quadro II – 2 apresenta as *TTRs* e *STTRs* dos textos com mais de 10.000 palavras, pois seus respectivos somatórios de vocábulos representam entre 93% e 96% de seus subcorpora, ou seja, compõem amostras bastante representativas do corpús.

Texto	Tokens	Types	TTR	TTR Stand.
<i>Capitains of the Sands (TT)</i>	87.320	5.827	6,67	37,74
Capitães de Areia (ST)	71.020	7.978	10,63	43,09
<i>Spilt Milk (TT)</i>	43.913	6.099	13,89	44,93
Leite Derramado (ST)	38.189	8.078	21,15	51,30
<i>The Passion According GH (TT)</i>	47.261	4.444	9,40	35,35
Paixão Segundo G. H. (ST)	43.838	5.680	12,96	39,19
<i>Frankenstein (ST)</i>	75.210	7.038	9,37	44,30
<i>Frankenstein (TT)</i>	72.720	10.403	14,39	50,20
<i>The Decay of Lying - an Observ. (ST)</i>	12.523	2.797	22,33	46,23
A decadência da mentira (TT)	11.943	3.289	27,54	50,01
<i>The Picture of Dorian Gray (ST)</i>	79.811	7.033	8,81	42,20
Retrato de Dorian Gray (TT)	75.075	11.230	14,97	50,22

Quadro II - 2 – *TTRs* e *STTRs* dos textos selecionados do corpús.

Com base no quadro II - 2 percebe-se que a tendência do quadro II - 1 de **maior** ocorrência de repetições de vocábulos em inglês se manteve, pois as *TTRs* de todos os textos em inglês são **menores** que as dos textos em português, o que indica **maior** número de repetições de vocábulos nos subcorpora em inglês. No mesmo sentido, as *STTRs inferiores* dos textos em inglês, em relação aos em português, indicaram **menor** diversidade de vocábulos nos textos em inglês. O gráfico II - 3 destaca as relações entre as *TTRs*, onde as colunas sem preenchimento indicam *TTRs* dos textos em inglês, e as preenchidas as *TTRs* em português.

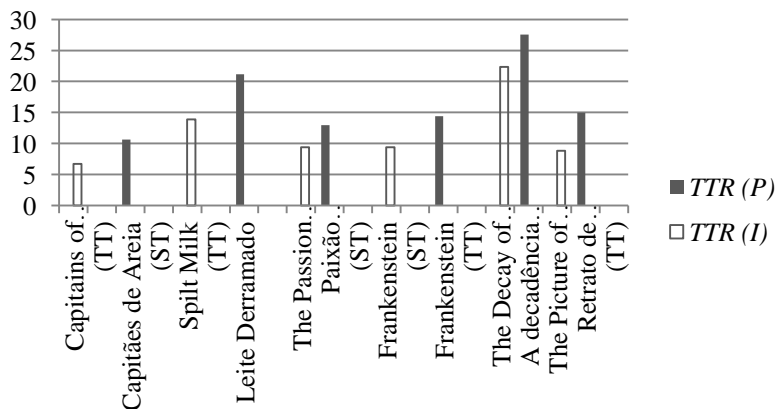


Gráfico II - 3 – TTRs dos textos selecionados.

Na sequência, no sentido de investigar possíveis concentrações de repetições de vocábulos atreladas às classes gramaticais, decidiu-se por checar as frequências de ocorrências de vocábulos, agrupando-os por classes gramaticais. Porém, dada a não disponibilidade de etiquetadores do português, *online* e de livre acesso, que processem textos com número de palavras superiores a 2.000, efetuou-se o procedimento com base em três contos do *Córpus da Pesquisa* e suas traduções, o que gerou etiquetagens para 1.586 palavras em português e 1.955 em inglês.

Na anotação de categorias morfossintáticas dos textos em português, optou-se pelo UCREL Portuguese Semantic Tagger, cuja base de etiquetagem é o Part-of-Speech tagger (PoStagger). Para os contos em inglês, a opção foi pelo o software TagAnt 1.0.0 do AntConc (ANTHONY, 2012), que também tem como base de etiquetagem o PoStagger. Ambos os etiquetadores são processados via TreeTagger engine, que é uma ferramenta computacional para anotação de categorias morfossintáticas, desenvolvida por Helmut Schmid para o Instituto de Linguística Computacional da Universidade de Stuttgart, e está disponível em <http://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/>.

Na etiquetagem morfossintática dos contos e suas traduções, optou-se pela etiquetagem verticalizada, ou seja, em colunas. Deste modo, foi possível isolar as colunas onde constam somente as etiquetas, nas duas línguas. Isto viabilizou que as colunas com as etiquetas fossem tratadas como textos, o que permitiu alimentar a interface WordList, a

qual quantificou as ocorrências de cada etiqueta em cada conto e tradução, e gerou duas listas KeyWords, conforme recortes na figura II - 1.

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	NN	286	13,54	1	100,00		
2	PP	243	11,51	1	100,00		
3	IN	195	9,23	1	100,00		
4	DT	192	9,09	1	100,00		
5	JJ	143	6,77	1	100,00		
6	RB	130	6,16	1	100,00		
7	SENT	127	6,01	1	100,00		
8	VV	89	4,21	1	100,00		
9	VVD	78	3,69	1	100,00		
10	CC	66	3,13	1	100,00		
11	NNS	65	3,08	1	100,00		
12	VVG	59	2,79	1	100,00		

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	#	499	12,81	1	100,00		
2	VERB	358	9,19	1	100,00		
3	NOUN	348	8,94	1	100,00		
4	PUNC	299	7,68	1	100,00		
5	DET	224	5,75	1	100,00		
6	PREP	215	5,52	1	100,00		
7	SPS	209	5,37	1	100,00		
8	VMI	174	4,47	1	100,00		
9	PRON	138	3,54	1	100,00		
10	NCFS	134	3,44	1	100,00		
11	NCMS	126	3,24	1	100,00		
12	FC	123	3,16	1	100,00		

Figura II - 1 – Recorte das Listas WordList das etiquetas morfossintáticas: à esquerda, dos contos, à direita, da traduções.

No entanto, como o etiquetador da UCREL fornece as etiquetas das classes gramaticais primárias, e o TagAnt 1.0.0 não, fez-se necessário agrupar, manualmente, as quantificações fornecidas por este etiquetador, de acordo com as etiquetas utilizadas pelo UCREL Portuguese Semantic Tagger, viabilizando, assim, o contraste entre as quantificações de ocorrências de vocábulos nas mesmas classes gramaticais, nas duas línguas. E, a partir disto foi possível compor o quadro II - 3, que contabiliza os números totais de ocorrências para cada etiqueta (*tag*) nas duas línguas, e serviu de base de dados para a

alimentação de uma planilha do software Word-Excel, que gerou o gráfico II – 4.

UCREL	TagAnt 1.0.0*	Port. Freq.	Eng. Freq.**
VERB	VV, VVD, VVG, VVN, VVP, VBD, VB, VBP, VBZ, VVZ, VHD, VH, VBN, VHP, VBG, VHG, VHZ, MD	358	461
NOUN	NN, NNS, NP	348	378
DET	DT, WDT, PDT	224	201
PREP	IN, TO, POS, RP	215	268
PRON	PP, WP, WRB	138	273
ADJ	JJ, JJS, JJR	99	152
CONJ	CC	99	66
ADV	RB, RBR	98	137
NUM	CD	7	13

* Ver Apêndice I para obter as descrições das etiquetas do TreeTagger.

** Incluindo 06 ocorrências da etiqueta EX categorizando *There* (existencial).

Quadro II - 3 – Frequências de etiquetas nas duas línguas.

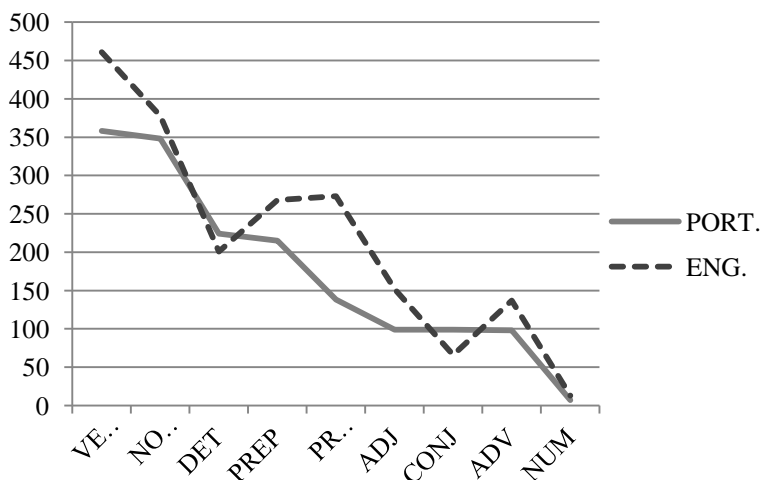


Gráfico II - 4 – Contraste entre as curvas de frequências de ocorrências de categorias gramaticais.

Fazendo uma leitura das curvas do gráfico, considerando as frequências de ocorrências de vocábulos nos três contos e suas traduções como estatisticamente representativas do Córpus da Pesquisa, constata-

se que, em relação à curva dos originais em português, denominemos ‘curva referência’, há:

- 02 pontos de desvio para baixo da curva referência, indicando menos ocorrências de determinantes (DET) e as conjunções (CONJ);
- 03 pontos de aproximação entre as curvas, relativos a substantivos (NOUN), numerais cardinais (NUM), advérbios (ADV), indicando tendências a similaridades quantitativas;
- 04 pontos de desvio para cima da curva referência nos pontos relativos a verbos (VERB), preposições (PREP), pronomes (PRON), adjetivos (ADJ), o que aponta para números mais elevados de ocorrências.

Assim, *a priori*, as investigações verticais contrastivas, quanto às repetições de vocábulo, deveriam focar nas frequências de ocorrências dos vocábulos, cujas categorizações morfossintáticas desviaram-se para acima da curva referência. No entanto, estes desvios não necessariamente apontam para índices mais elevados de repetições de vocábulos, pois eles podem ser atribuídos a diversos aspectos envolvidos em processos tradutórios, como, por exemplo, ao Universal da Explicitação de Baker (1996), que aponta para números mais elevados de palavras nas traduções.

No entanto, tomando por base o Universal de Baker, seja por qual razão, se a necessidade de mais explicitação incorre em números mais elevados de vocábulos nas traduções, estes números podem ser reflexos de variáveis incontroláveis, tais como escolhas subjetivas de tradução, propósitos de tradução, e etc., sem que estas variáveis necessariamente atendam a preceitos das relações intrassistêmicas peculiares às línguas alvo, o que tende a gerar certas proporcionalidades entre as ocorrências de vocábulos, atuando nesta ou aquela categoria morfossintática. Por exemplo, se, por conta de explicitação, há uma superioridade de ocorrências de formas verbais numa tradução em inglês, em relação a seu original em português, pode-se esperar que esta superioridade também se reflita no número de ocorrências de pronomes pessoais e/ou nomes próprios e/ou substantivos, visto que, em inglês, a grande maioria das formas verbais não indica seus sujeitos sintáticos, o que demanda a inclusão deles. Assim, a maior ocorrência de repetições de sujeitos sintáticos nominais e pronominais, numa determinada tradução para o inglês, seria atribuível tanto ao Universal de Baker quanto às relações intrassistêmicas desta língua.

Assim, dada esta relação, havia de se considerar a hipótese de que parte das discrepâncias entre as curvas do gráfico II - 4 não pudesse ser tomada como fruto de relações gramático-coesivas do inglês. Entretanto, se as frequências de ocorrências de vocábulos fossem avaliadas pelas suas frequências relativas, certo modo, os efeitos do universal seriam reduzidos. Vejamos como isto ocorre na prática com base no alinhamento II - 1.

(II - 1) “Vim à Corte despedir-me de um irmão, e segui para a vila. Chegando à vila, tive más notícias do coronel”.

*“First I went to Rio de Janeiro to take leave of a brother who lived at **the** capital, and from there I departed for **the** little village of **the** interior. When I arrived there I heard bad news concerning **the** colonel”.*

Percebe-se que, na tradução, ocorreram duas explicitações: (i) do fato de que o irmão, a que a voz do narrador se refere, vivia na capital (*who lived at **the** capital*); (ii) a localização da vila (*of **the** interior*). Se considerarmos somente as ocorrências de artigos definidos, percebe-se que na tradução há 04 ocorrências de *the*, sendo que 02 surgiram por conta das explicitações acima descritas, e, em função de relações gramático-coesivas do inglês, 02 ocorrências correspondem a 02 de artigos definidos no original. No entanto, neste, 01 destas ocorrências encontra-se embutida na contração da preposição ‘de’ com o artigo definido ‘o’. Assim, dentro da noção de repetição de vocábulos, conforme descrito na metodologia da pesquisa, somente 01 ocorrência de artigo definido, a de ‘a’ precedendo o vocábulo ‘vila’, teria relevância quantitativa no contraste com as 04 ocorrências de *the*, a despeito de haver outras 02 ocorrências do artigo definido ‘a’ embutidas em crases. Considerando, então, a relação proporcional entre os números absolutos de ocorrências efetivas de artigos definidos, constata-se que há 300% a mais ocorrências destes na tradução do excerto. Porém, se as frequências relativas aos números totais de vocábulos nos dois excertos são tomadas como base de cálculo, percebe-se que esta relação de percentual é bastante diferente. De fato, como no excerto original há 20 palavras, sendo 01 artigo definido, a frequência relativa das ocorrências de artigos definidos do português é 5%. E, como na tradução, há 41 vocábulos, sendo 04 artigos definidos, a frequência relativa de ocorrências destes é de aproximadamente 9,75 %. Assim, a

diferença entre as frequências relativas de ocorrências de artigos definidos nos dois excertos é de 4,75 pontos percentuais, para mais em inglês. O que, em termos de percentual contrastivo, representa uma superioridade de aproximadamente 95% ($4,75 / 5$) de ocorrências destes artigos no excerto em inglês. Se este percentual é contrastado com aqueles 300% do contraste entre frequências absolutas, percebe-se uma queda considerável, pois os efeitos das explicitações no número de ocorrências de *the* foram minimizados. Com efeito, percebe-se que a diferença de 95% refere-se tão somente à repetição de *the*, que estabelece correspondência com contração da preposição ‘de’ com o artigo definido ‘a’, pois a outra ocorrência do artigo definido *the* estabelece correspondência com a ocorrência de ‘a’ no original. Portanto, é no percentual de 95% que a superioridade numérica de repetições destes artigos definidos na tradução pode ser avaliada com mais precisão, pois ela não é afetada pelas diferentes extensões dos excertos, do alinhamento II -1, causadas pelas explicitações na tradução.

Retomando as investigações dos três contos, nesta linha de raciocínio, então, foram calculadas as frequências relativas das ocorrências dos vocábulos, de acordo com suas categorizações morfossintáticas, visando a compilação do quadro II - 4 e do gráfico II - 5, abaixo dispostos, de modo a se conferir maior acuidade no contraste aqui proposto.

<i>TAG</i>	<i>PORT.</i>	<i>ENG.</i>
<i>VERB</i>	0,225725	0,236532
<i>NOUN</i>	0,21942	0,193946
<i>DET</i>	0,141236	0,10313
<i>PREP</i>	0,135561	0,137506
<i>PRON</i>	0,087011	0,140072
<i>ADJ</i>	0,062421	0,077989
<i>CONJ</i>	0,062421	0,033864
<i>ADV</i>	0,061791	0,070292
<i>NUM</i>	0,004414	0,00667

Quadro II - 4 – Frequências relativas de ocorrências de categorias gramaticais.

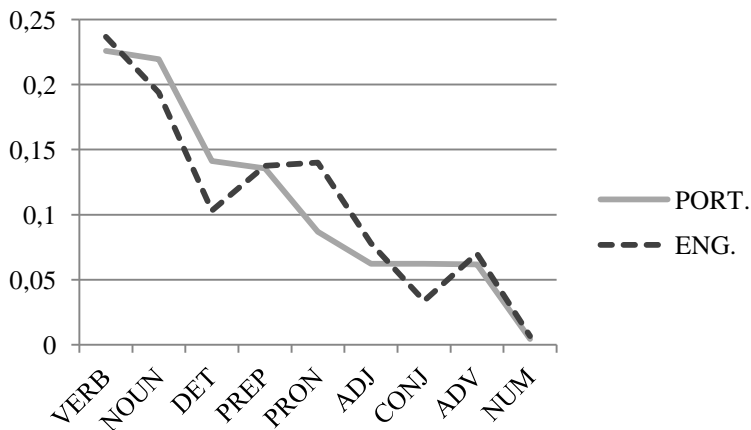


Gráfico II - 5 – Contraste entre as curvas de frequências relativas de ocorrências de categorias gramaticais.

Comparando os dois gráficos, percebe-se que neste a curva relativa aos dados em inglês se distancia, para mais, da curva referência, nos pontos relativos aos verbos (VERB), pronomes (PRON) e adjetivos (ADJ). No entanto, nos pontos relativos aos substantivos (NOUN) esta curva se afastou negativamente em relação à dos originais, a curva referência. E, nos pontos relativos às preposições (PREP) e advérbios (ADV), as curvas relativas às traduções e aos originais se cruzaram, indicando similaridade entre as frequências relativas. Quanto aos determinantes (DET) e às conjunções (CONJ), o distanciamento para menos, nos seus respectivos pontos, se manteve. Perceba que o gráfico II - 4 das frequências absolutas havia acusado desvios na curva no ponto relativo às preposições, no entanto, neste não. Com efeito, considerando a definição de preposição, “uma palavra, ou grupo de palavras, usada antes de um substantivo ou pronome de modo a relacioná-lo gramaticalmente ou semanticamente com outra constituinte de uma sentença” (HARPERCOLLINS, 2014), percebe-se que diferenças entre extensões de textos diretamente se refletem em diferenças entre os números de ocorrências de preposições neles. Assim, sendo o foco das investigações o contraste entre discrepâncias nas frequências de ocorrências de vocábulos nas duas línguas, com vistas aos números de ocorrências de vocábulos mais elevados em inglês, caberia, então, focar nos verbos, pronomes e adjetivos.

No entanto, como o Pressuposto da Pesquisa está alicerçado nas relações gramático-coesivas, para efeitos das análises verticais, a partir deste ponto, foca-se nos pronomes e verbos, visto que estes vocábulos, dentre os três, são os que têm atuação mais efetiva em relações de coesão textual, conforme descrito na seção Definição da Amostra de Vocábulos, dentro da descrição da Metodologia da Pesquisa. Em relação aos adjetivos, como, basicamente, só atuam coesivamente em relações de coesão textual por elipses nominais (HALLIDAY & HASAN, 1976), eles devem ser abordados nas investigações horizontais ao Corpus da Pesquisa.

Cabe ainda ressaltar que, apesar de os desvios para menos das curvas, nos pontos relativos aos determinantes, terem, por ora, sido desconsiderados, não o são, mais adiante, pelo menos parcialmente, quando das investigações verticais relativas às frequências de ocorrências do pronome indefinido *one*, em contraste com as de ‘um’ e ‘uma’. Quanto aos desvios relativos às conjunções, estes não são investigados na pesquisa, dada a natureza das conjunções, pois os “elementos conjuntivos são coesivos não em si mesmos, mas indiretamente por força de seus significados específicos; eles não são os meios principais para se remeter a segmentos frásicos anteriores ou posteriores a eles, mas sim expressam certos significados que pressupõem a presença de outros componentes do discurso” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 227). Ou seja, as ocorrências de conjunções estão mais relacionadas às relações semânticas do que às relações gramaticais que regem as sentenças. Portanto, as investigações delas fugiriam ao escopo da Hipótese da Pesquisa.

Faz-se necessário um último comentário a respeito do que os desvios para menos das curvas têm a dizer: no caso da busca pelo estabelecimento de generalizações quanto à possibilidade de haver maiores quantidades de repetições em inglês em relação ao português, com base no Córpus da Pesquisa, as frequências de ocorrências mais baixas dos determinantes e conjunções em inglês, acusadas nos gráficos pelos desvios para menos das curvas, proporcionalmente atuariam como neutralizantes de parte das frequências mais elevadas dos verbos, pronomes e adjetivos ingleses. Assim, a depender dos resultados das aplicações da metodologia de investigação do todo do córpus, as menores quantidades de ocorrências de vocábulos em inglês podem vir a ter relevância maior na pesquisa.

Por fim, concluiu-se que as análises estatísticas, baseadas nas frequências relativas de ocorrências de vocábulos nos três contos

selecionados, e morfossintaticamente agrupados, forneceram algumas evidências empíricas que parecem apontar para a parcial confirmação da Hipótese da Pesquisa, pois os dados mostraram que as frequências de ocorrências dos verbos, pronomes, e adjetivos nas traduções do *Cópus da Pesquisa* são consideravelmente mais altas, em relação às frequências relativas de ocorrências de vocábulos atuando nestas categorias morfossintáticas, nos seus respectivos textos originais em português. E, uma vez que foram observadas superioridades numéricas de ocorrências de vocábulos atuando nestas classes gramaticais, mesmo quando se neutralizou as diferenças entre as extensões dos textos fonte e alvo, acredita-se que as discrepâncias evidenciadas pelos gráficos efetivamente apontam para possibilidades de mais repetições destas classes gramaticais de vocábulos em inglês, em função de relações intrassistêmicas. Porém, optou-se por focar as investigações somente nos verbos e pronomes, em função das relações gramático-coesivas que estes estabelecem. Inicialmente, focado nos pronomes pessoais, pelo fato de, em inglês, diferentemente de no português, as variações nos números de ocorrências de verbos e, e sujeitos sintáticos, em especial os pronomes pessoais, tenderem a estar proporcionalmente inter-relacionadas, pois, conforme já mencionado, em sentenças declarativas em inglês, os sujeitos sintáticos, no caso, os pronominais, serem quase sempre explicitados (HALLIDAY E HASAN, 1976). Com efeito, Coulthard e Caldas-Coulthard na tradução do conto *Cat in the rain*, constatarem que:

...a frase verbal "*she liked*" é repetida muitas vezes, mas há uma ambiguidade no texto, já que, em inglês, o tempo passado não diferencia uma única ação de um estado ou ação habitual. Em português esta distinção é feita pela escolha do tempo verbal - imperfeito ou perfeito. Assim se escolhermos 'gostou' ou 'gostava', estamos desambiguando o texto e talvez interpretando-o incorretamente. (COULTHARD e CALDAS-COULTHARD 1991 p.14)

De fato, esta citação textualmente destaca os efeitos dos diferentes comportamentos das flexões verbais nas duas línguas, pois a repetição de *she* na frase verbal *she liked* pôde ser evitada na tradução, uma vez que as distinções de número e pessoa dos verbos flexionados do português permitem a elipse dos sujeitos, enquanto no inglês, isto

geralmente não é possível. Assim, se o número bastante reduzido de desinências verbais em inglês leva à necessidade de se explicitar os sujeitos sintáticos, e sendo estes, muitas vezes, explicitados pelo emprego de pronomes pessoais, cujo número de formas é 08, as ocorrências de formas verbais ao se combinarem com estes pronomes tendem a provocar números exponenciais de repetições deles.

Com efeito, com a ajuda de noções de Análise Combinatória das Ciências Matemáticas, pode-se ter uma noção teórica desta relação. Por exemplo, considerando hipoteticamente, e abstraindo possibilidades de elipses, de forma bastante linear, num texto X, para cada 10 ocorrências de formas verbais, pode-se combinar 08 delas com 08 pronomes pessoais, sem a obrigatoriedade de repetição de algum deles, mas, necessariamente, tem-se que repetir 02 pronomes pessoais para combiná-los com as 02 formas verbais restantes. Mas, caso o número de formas verbais no texto X seja triplicado, o número de repetições destes pronomes sobe para 22, pois 08 destes podem se combinar com 08 formas verbais e as 22 restantes devem se combinar com qualquer um entre os mesmos 08 pronomes pessoais. E, caso o número de formas verbais seja quadruplicado, o número de repetições destes pronomes será 32. E, assim por diante, num crescimento exponencial. Obviamente, em linguística, as relações entre vocábulos não podem ser encerradas em equações matemáticas, visto que, são suscetíveis a múltiplas variáveis, como nesta simulação hipotética, onde: (i) as combinações entre palavras normalmente não são lineares, nem são equitativamente distribuídas; (ii) pronomes relativos e indefinidos igualmente se combinam com verbos, quando atuando como sujeitos sintáticos; (iii) embora não tão comuns como no português, ainda assim, algumas elipses de sujeitos sintáticos são possíveis em inglês; (iv) diferenças entre gêneros discursivos também se refletem em distinções entre frequências de ocorrências dos 08 pronomes pessoais; (v) repetições de pronomes pessoais podem ser evitadas com substituições por substantivos e/ou nomes próprios, e/ou grupos nominais substitutivos.

No entanto, a simulação acima apresentada, permite-nos ter uma visualização mais objetiva dos efeitos que o pouco número de desinências verbais no inglês tem sobre o número de ocorrências de pronomes pessoais, sobretudo, se isto é contrastado com os efeitos, inversos, do grande número destas desinências no português, que permite que as elipses de sujeitos sintáticos sejam muito frequentes nesta língua.

Ainda, cabe brevemente destacar, que as repetições de pronomes pessoais tendem a acarretar repetições de (pronomes) adjetivos possessivos, visto substantivos contáveis no singular não poderem figurar em sentenças em inglês, sem estarem antecidos por algum determinante, conforme comentado na introdução desta dissertação, o que, muitas vezes, por força de relações coesivas, pede que tal determinante seja um adjetivo possessivo. De fato, segmentos como “*I was afraid of running my hand across my lips and finding traces*”, traduzido de “tinha medo de passar a mão pelos lábios e perceber vestígios”, extraído de Paixão segundo G. H., em que se percebe que a inserção das duas formas possessivas *my* na tradução, inexistentes no texto original, apontam para isto.

Assim, seguindo as conclusões obtidas pela leitura do gráfico II - 5 e a relação entre as frequências de ocorrências deles e as dos adjetivos possessivos, decidiu-se dar continuidade às investigações verticais contrastivas do *cópus* a partir dos pronomes pessoais e adjetivos possessivos.

2.1 Pronomes Pessoais e Adjetivos Possessivos

Antes de proceder às quantificações destes pronomes, fazem-se necessárias algumas considerações bastante pontuais, em função de que, quando alguns pronomes pessoais do inglês são individualmente contrastados, com seus possíveis correspondentes no português, eles se demonstram causadores de problemas, no sentido de categorizá-los morfossintaticamente, em acordo com as ocorrências de seus correspondentes nos textos originais. Por exemplo, o fato de a forma neutra *it*, inexistente no português, funcionar como pronome pessoal e pronome objeto, causa dificuldades em contrastes com os pronomes pessoais do caso reto ‘ele’ e ‘ela’, e do caso oblíquo ‘o’ (-lo), ‘a’ (-la) e ‘lhe’, pois a distinção de com qual destes pronomes esta ou aquela forma de *it* estabelece correspondência é bastante complexa, e exige o preciso alinhamento dos textos. Além disto, tais dificuldades se intensificam em contrastes de *it* com ‘o’, e ‘a’, pois em português ‘o’ e ‘a’ também são artigos definidos, portanto, igualmente podem corresponder a *it* ou ao artigo definido *the*. Similarmente, o vocábulo *you* também atua como pronome pessoal e objeto, portanto oferece as dificuldades similares as de *it*, com o agravante de *you* poder se referir a sujeitos sintáticos no singular e no plural, ou seja, *you* pode estabelecer correspondência com ‘tu’, ‘vós’, ‘você’, ‘vocês’, ‘ti’, ‘contigo’, ‘te’,

‘convosco’ e ‘vos’. Por estas razões, os pronomes *you*, *he*, *she* e *it* e seus correspondente foram excluídos das quantificações.

Destaca-se que, no que se refere ao pressuposto e parâmetros de repetição da pesquisa, se por um lado, os pronomes *you* e *it* acarretam mais repetições destes em inglês, por outro, as formas obliquas ‘o’, ‘a’, ‘os’ e ‘as’ e os artigos definidos, homônimos, acarretam repetições em português; em contrapartida, ao mesmo tempo, a correspondência dos últimos com o artigo definido *the*, único em inglês, acarreta outras repetições nesta língua.

O quadro II - 5 apresenta o contraste entre as frequências de ocorrências dos pronomes pessoais nos quatro subcorpora, excetuando-se aqueles que causariam algum tipo de ambiguidade nas quantificações, *i. e.*, *you*, *he*, *she* e *it*, bem como, seus correspondentes no português.

Pronomes Pessoais	Frequência no subcórpus <i>ST</i>	Pronomes Pessoais *	Frequência no subcórpus <i>TT</i>	% de superioridade em inglês
Eu	2.021	I	5.586	176,40
Nós	108	We	431	299,07
Eles + Elas	192 + 47 = 239	They**	1.134	374,48
Pronomes Pessoais *	Frequência no subcórpus <i>ST</i>	Pronomes Pessoais	Frequência no subcórpus <i>TT</i>	% de superioridade em inglês
I	4.468	Eu	1.537	190,70
We	420	Nós	150	180,00
They**	603	Eles + Elas	179 + 52 = 231	161,04

* Exceto *you* e *it* que têm as mesmas ortografias de seus respectivos pronomes objeto.

**Inclui também *they* como forma plural de *it*, que estabelece correspondência em português tanto com ‘eles’ como com ‘elas’.

Quadro II - 5 – Contraste de percentuais de frequências de alguns pronomes nos subcorpora em português e em inglês.

Como se percebe no quadro II - 5, há diferenças significativas entre os números de ocorrências dos pronomes pessoais analisados, nos direcionamentos português-inglês e inglês-português, as quais têm melhor leitura no gráfico II - 6, que segue, o qual destaca as diferenças entre as frequências de ocorrências entre *I* e ‘eu’, e *they* e ‘eles’ e ‘elas’.

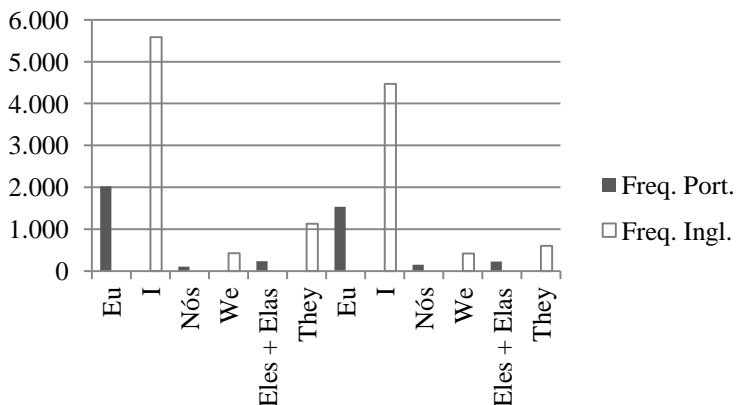


Gráfico II - 6 – Frequências de ocorrências dos pronomes pessoais analisados.

Conforme mencionado, relações gramático-coesivas do inglês, muitas vezes, levam a um maior emprego de pronomes possessivos, em função das ocorrências, mais elevadas em relação ao português, dos pronomes pessoais.

Entretanto, dadas as distinções entre duas línguas, analisar quantitativamente as formas possessivas provou ser uma empreitada ainda mais complexa que a realizada com os pronomes pessoais tanto quanto à classificação morfossintática das formas possessivas quanto às relações coesivas que elas estabelecem. Acresça-se a esta complexidade também as homônimas envolvendo *his*, que tanto atua como (pronome) adjetivo possessivo quanto como pronome possessivo, e *her*, que tanto atua como um adjetivo possessivo quanto como pronome objeto. Ainda mais complexa torna-se a empreitada, pois ‘seu’ e ‘sua’ podem estabelecer correspondência com a forma possessiva masculina *his*, as femininas *her* e *hers*, e a neutra do singular, *its*, bem como, com as formas neutras do plural *their* e *theirs*. E, muitas vezes, em linguagem coloquial, ‘teus’ e ‘tuas’ são substituídos por ‘seus’ e ‘suas’.

Averiguar as ocorrências de *their* e *theirs* parecia simplificar a tarefa, pois estas formas possessivas não têm distinção de gênero e, ainda, se referem ao plural da forma neutra *its*. Mas isto não se comprovou verdadeiro, visto que no português, a preposição indicativa de posse ‘de’ pode ser contraída com ‘eles’ e ‘elas’, gerando ‘deles’ e

‘delas’, os quais ainda podem ser usados como substitutos de ‘seus’ e ‘suas’, como se observa nas duas traduções de “Oh”, *she said with a slight sneer*, “*You’re one of his private patients, are you?*”

(II - 2) “Oh”, disse ela com um sorriso irônico, “você é um de **seus** pacientes particulares, não é?” (COMPARA, EBDL1T2 101)

(II - 3) “Ah!”, disse ela, com uma expressão ligeiramente sarcástica “É um dos doentes particulares **dele**, não é?” (COMPARA, EBDL1T2 102)

Numa pesquisa simples do vocábulo ‘seu’, feita no COMPARA, percebeu-se a extensão do problema, pois foram encontradas ocorrências deste vocábulo traduzidas por *their*, *his*, *her* e *your*. Em alguns, ele casos desapareceu na tradução.

A título de se obter pelo menos um panorama amostral, sem se lançar na empreitada de desambiguar todas as possibilidades já mencionadas, a solução foi analisar as quantificações das formas possessivas relativas às primeiras pessoas, pois conforme destaca o gráfico II - 6, as frequências de ocorrências destas se sobressaem significativamente às das demais, bem como elas não geram ambiguidades nas relações posse/possuidor. Assim, a amostragem se deu com as ocorrências das formas possessivas do inglês *my* e *mine*, formando um grupo e, *our* e *ours*, formando outro, para obter-se correspondências gramaticais com grupos homólogos em português. Os dados, obtidos em percentuais de ocorrências em inglês, em relação aos em português, apontam para um maior número de ocorrências destas formas possessivas no inglês.

ST Português		TT Inglês		
Pron. Possessivo	Freq.	Adj. e Posses. Pron.	Freq.	% de Sup. Inglês
Meu (s)/Minha (s)	1.439	<i>My/Mine</i>	2.065	43,50
Nosso(s) /Nossa (s)	145	<i>Our/Ours</i>	207	42,76
TT - Port.		ST - Ingl.		
Pron. Possessivo	Freq.	Adj. e Posses. Pron.	Freq.	% de Sup. Inglês
Meu (s)/Minha (s)	1.531	<i>My/Mine</i>	2.146	40,17
Nosso(s) /Nossa (s)	178	<i>Our/Ours</i>	254	42,70

Quadro II - 6 – Contraste entre as frequências de ocorrências das formas possessivas relativas às 1^{as} pessoas.

Para se concluir as investigações relativas à classe gramatical dos pronomes, decidiu-se por investigar também o vocábulo *one* visto que ele, quando atuando como pronome indefinido, tem papel fundamental em relações gramático-coesivas, especialmente, em relações de substituições nominais. Sobretudo, pelo fato de *one*, nestas relações, muitas vezes corresponder a substantivos adjetivados elípticos em português, como, por exemplo, em “*Cat began to deal the cards. The first one was a nine*”, onde *one* substitui *card* e estabelece correspondência com a elipse do substantivo ‘carta’, marcada por \emptyset em “O Gato começou a virar as cartas. A primeira \emptyset era um nove”. E, ainda, não menos significativas, quanto ao contraste com o português, são as relações de correspondência interlinguística que as demais atuações do vocábulo *one* estabelecem, pois, ele também atua como numeral, e, por vezes, atua, informal e enfaticamente, em substituição aos artigos indefinidos *a* e *an*, enquanto que em português, tem-se somente os vocábulos ‘um’ e ‘uma’, os quais atuam como artigos indefinidos, numerais e pronomes (quantitativos) indefinidos. Assim, *a priori*, poder-se-ia esperar que houvesse mais ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, se agregadas, em relação à soma das de *one*, *an* e *a*. No entanto, no contraste, por exemplo, entre “*between two boys: a strong black one and a skinny white one*” e “entre dois garotos: um negro forte e um magrelo branco.”, percebe-se que a questão merece investigações mais aprofundadas, pois não se comporta de acordo com o esperado, visto que as duas ocorrências de *one*, a mais em relação às de ‘um’, referem-se à substituição nominal do núcleo do grupo nominal *new boys*, e correspondem a elipses em português, tal qual no exemplo anterior.

Passa-se, então, para investigações relativas aos contrastes entre as frequências de ocorrências dos vocábulos *one*, e indiretamente dos artigos indefinidos *a* e *an*, bem como, de ‘um’ e ‘uma’.

2.2 Vocábulo *One*: Equivalências Intralinguísticas e Correspondências Interlinguísticas

Antes de direcionar a discussão ao vocábulo *one*, em função de tanto este quanto o artigo indefinido *a/an* poderem estabelecer correspondências com os vocábulos *um* e *uma* do português, coube investigar os comportamentos das frequências de ocorrências de cada um destes vocábulos nos subcorpora em português e em inglês da pesquisa, de modo a se compor um panorama contrastivo geral. Para tal,

compilou-se o quadro II - 7, no qual na coluna ‘% sup. Ing’ constam os percentuais de superioridade em inglês.

Subcórpus	<i>One</i>	<i>A</i>	<i>An</i>	Um	Uma	Totais	% sup. Ing.
<i>ST em português</i>				2.859	2.019	4.878	
<i>TT em inglês</i>	889	5.802	724			7.415	52,00
<i>ST em inglês</i>	692	3.310	490			4.492	19,27
<i>TT em português</i>				2.102	1.664	3.766	

Quadro II - 7 – Contraste entre ocorrências de *one*, *a* e *an*, e de ‘um’ e ‘uma’.

Analisando os dados do quadro, percebe-se que as somas das frequências de ocorrências de *one*, *a* e *an* são superiores às de ‘um’ e ‘uma’ em ambos os direcionamentos. Certamente estas quantificações não nos dizem nada muito significativo, pois não distinguem as frequências de ocorrências dos vocábulos individualizados, de acordo com suas correspondências interlinguísticas. No entanto, elas evidenciam superioridades, que motivam investigações mais aprofundadas.

Para que fosse possível compor um panorama quantitativo, contrastivo, mais acurado quanto às frequências de *one*, *a* e *an*, seria necessário alinhar todos os segmentos frásicos em que constasse pelo menos uma das 11.907 ocorrências destes nos subcorpora em inglês, de modo a agrupá-las de acordo com suas correspondências com as 8.644 de ‘um’ e ‘uma’, nos subcorpora em português. No entanto, em função do número elevado de alinhamentos de segmentos frásicos, que provavelmente se fariam necessários, por conta do número elevado de ocorrências destes vocábulos, tal empreitada seria demasiadamente onerosa, talvez mais apropriada para uma pesquisa específica, que envolvesse análises horizontais e verticais, o que não é o caso aqui.

É possível, porém, se ter uma noção melhor deste panorama estabelecendo um paralelo, via comparação com relações de proporcionalidades entre as ocorrências dos vocábulos *one*, *a* e *an* e as de ‘um’ e ‘uma’, no Córpus COMPARA. *A priori*, esta comparação seria plausível, simplesmente devido ao fato de este córpus, tal qual o da pesquisa, ser composto por narrativas ficcionais literárias, originalmente escritas em português e inglês, no mesmo período abrangido pelo Córpus da Pesquisa, e, ainda, em ambos constarem traduções, nos dois direcionamentos. No entanto, para dirimir dúvidas, investigou-se,

quantitativamente, a possibilidade de haver algumas similaridades entre as ocorrências de *one*, *a* e *an* nos dois corpora. Para tal, primeiramente, foram obtidas as frequências de ocorrências destes vocábulos no subcórpus das traduções do COMPARA, as quais, juntamente com as frequências destes vocábulos no subcórpus *TT* em inglês, alimentaram o *Log-likelihood Calculator* na página da UCREL, com a finalidade de testar a asserção relativa à plausibilidade da comparação, via checagem da significância, ou não, das diferenças probabilísticas. Neste procedimento foram encontradas as relações dispostas no quadro II - 8, onde 01 refere-se ao subcórpus *TT* em inglês do Córpus da Pesquisa e 02 ao subcórpus com as traduções para o inglês do COMPARA.

Item	Freq. 01	% 01	Freq. 02	% 02	LL
<i>a</i>	5.802	2,39	15.589	2.15	44,43
<i>an</i>	724	0,30	2.047	0,28	1,45
<i>one</i>	889	0,37	2.525	0,35	1,49

Quadro II - 8 – Ocorrências de *a*, *an* e *one*: Córpus da Pesquisa versus COMPARA.

Analisando o quadro, percebe-se que os percentuais dos números de ocorrências de cada um dos vocábulos, em seus respectivos subcorpora, em relação aos números totais de vocábulos destes, estabelecem proporções semelhantes, sendo que a maior diferença é entre os 2,39% e os 2,15% relativos às ocorrências do artigo *a*. E, considerando que as três diferenças, entre os percentuais de ocorrências nos dois subcorpora, são de aproximadamente 0,24% entre as ocorrências de *a*, e 0,02% entre as de *one* e *an*, percebe-se que todas se encontram dentro do intervalo de margem de erro estatisticamente convencional, que varia entre 0,5% e 0,01%. Além disso, pela ótica dos coeficientes *LL* do teste para significância *log-likelihood*, percebe-se que este coeficiente para *one* e *an* são 1,49 e 1,45, respectivamente, portanto, inferiores ao valor crítico de 15,13 para este coeficiente, conforme estabelecido na metodologia, (ver descrição da metodologia de amostragem), o que indica que os números de ocorrências do vocábulo *one* e *an*, no subcórpus *TT* em inglês da pesquisa, podem ser tomados como estatisticamente representativos dos números de ocorrências destes vocábulos, no subcórpus com as traduções do COMPARA. No entanto, os números ocorrências de *a* nos dois subcorpora acusaram diferenças significativas, dado o coeficiente *log-*

likelihood ser 44,43, mas como os percentuais dos números de suas ocorrências nos dois subcorpora se assemelham, conforme atestado acima, provavelmente a significância da diferença esteja mais relacionada aos números de ocorrências de ‘um’ ou ‘uma’ nos textos fonte, com os quais *a* estabelece correspondências.

Assim, me parece ser razoável assumir que seja aceitável, ao menos no nível experimental, estabelecer que estas equidades percentuais entre as frequências de ocorrências dos vocábulos *one*, *a*, e *an*, nos dois subcorpora, também se reflitam nas frequências de ocorrências destes vocábulos, quando distribuídas entre categorizações morfossintáticas. Paralelamente, parece-me razoável inferir que, em função de correspondências de ordem gramático-coesiva, entre as línguas, isto, certo modo, se reflita nas proporções entre os percentuais de ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ no subcórpus *ST* em português da pesquisa, e no subcórpus com as traduções do COMPARA.

Tomando a comparação entre o Córpus da Pesquisa e o COMPARA como válida, consultou-se as frequências de ocorrências de ‘um’, ‘uma’, *one*, *a* e *an* nos subcorpora com os originais em português e suas traduções em inglês, na interface Pesquisa Ultra-avança na página da LINGUATECA, a qual forneceu as frequências de ocorrências destes vocábulos, de acordo com suas categorizações morfossintáticas, conforme destaca a figura II - 2. As etiquetas de categorias morfossintáticas para anotação em português e em inglês que constam na figura podem ser consultadas no site da LINGUATECA: http://193.136.2.104/COMPARA/construcao_compara.php#anotgramat.

Frequência de ‘um’ = 7.338
Número de casos diferentes: 10

Categoria gramatical	Freq.
DEArti (Artigo)	6284
NUMcard	975
DETquant	55
Nnumfract	8
DET	6
NUM	5
PROP	2
ADJn ADV	1
Nnumqu	1
N	1

Total de ocorrências de *one* = 2525
Número de casos diferentes: 4

Categoria gramatical	Freq.
MC1 (Núm. Card.)	1272
PN1 (Indef. Pron.)	990
PN122 (Indef. Pron.)	221
PPX121	42

Total de ocorrências de *an* = 2.047
Número de casos diferentes: 2

Categoria gramatical	Freq.
AT1 (Artigo)	2045
RR31	2

Total de ocorrências de ‘uma’ = 5365

Número de casos diferentes: 7

Categoria gramatical	Freq.
DETarti (artigo)	4671
NUMcard	636
NUM	32
DETquant	18
Nnumqu	4
DET	3
PROP	1

Total de ocorrências de *a* = 15.589

Número de casos diferentes: 6

Categoria gramatical	Freq.
AT1 (Artigo)	15361
RR21	188
RR31	17
RR43	13
NP1	7
FW	3

Figura II - 2 – Distribuição de frequências de *an*, *a*, *one*, ‘um’ e ‘uma’ do COMPARA, morfossintaticamente agrupadas.

Fazendo uma leitura apurada dos dados, considerando sempre, como base de cálculos, os totais de ocorrências no subcórpus dos originais em português, percebe-se uma superioridade numérica de ocorrências do artigo indefinido, *a* e *an*, indicado pela etiqueta (*tag*) AT1, visto que a soma das ocorrências destes vocábulos é 17.406, enquanto que a soma relativa aos artigos indefinidos ‘um’ e ‘uma’, indicados pela etiqueta (*tag*) DETarti, é 10.955. Portanto, é seguro afirmar-se que 6.451 ocorrências de *a* e *an* nas traduções não correspondem diretamente a ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ nos originais. Isto representa um percentual de superioridade aproximado de 58,89% (6.451/10.955) de ocorrências de artigos indefinidos nas traduções. No entanto, na mesma linha de raciocínio, de acordo com os dados da figura, visto que nos textos originais há 1.661 ocorrências de ‘um’ ou ‘uma’, marcadas por NUMcard, Nnumfract, NUM e Nnumqu, relativos a numerais, enquanto que há 1.272 ocorrências de *one*, no quadro indicado por MC1, percebe-se que há 389, em torno de 23,41% (389/1.661), menos ocorrências de numerais nas traduções em inglês. Ainda, no que se refere aos usos de ‘um’, ‘uma’ e *one*, atuando como pronomes indefinidos, da figura II - 2, pode-se extrair outra relação de proporcionalidade bastante relevante às relações gramático-coesivas, especialmente, considerando que *one* é o substituto nominal em inglês (HALLIDAY e HASAN, 1976). De fato, percebe-se que nos textos em português há 73 (55+18) ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ nesta categorização morfossintática, indicadas por DETquant., enquanto que, nos textos em inglês, indicadas por PN1 e PN122, há 1.211 (990 + 221) ocorrências de *one* como pronome indefinido. O que representa em

torno de 16,6 vezes o número de ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ como pronomes indefinidos. E, ainda, considerando os subcorpora separadamente, constata-se que, enquanto as ocorrências destes vocábulos do português, nesta categorização morfossintática, representam em torno de 0,57% (73/12703) do total de suas ocorrências, as de *one* representam 47,96% (1.211/2.525). E, esta discrepância entre estes dois percentuais, acredito, reflete discrepâncias gramático-coesivas entre os dois sistemas linguísticos, e está diretamente relacionada à função do vocábulo *one*, como substituto em relações coesivas por substituição nominal, visto que, nestas, ele deve atuar como pronome indefinido. Assim, de forma a investigar se estas discrepâncias percentuais encontradas no COMPARA, se repetiriam no Córpus da Pesquisa, 15 excertos extraídos dos subcorpora *ST* em português e *TT* em inglês foram alinhados, seguindo alguns critérios de seleção, conforme disposto a seguir.

Antes de prosseguir com a apresentação dos critérios para seleção dos alinhamentos, é de suma importância destacar que as relações de proporções, acima apresentadas, baseiam-se em lógicas matemáticas, envolvendo relações estatísticas, com base em dados reais existentes no COMPARA, os quais são suscetíveis aos efeitos das diversas variáveis incontroláveis, mencionadas anteriormente. Portanto, as relações de proporções entre os números de ocorrências dos vocábulos em questão dificilmente podem ser tomadas, com rigor matemático, como bases quantitativas para se estimar as distribuições de frequências de ocorrências de *one*, *a*, *an*, ‘um’ e ‘uma’ em outros corpora. Sobretudo, deve-se ter cautela quanto a este tipo comparação, por ela pressupor equidades nas relações interlinguísticas, mas, “as línguas nunca são suficientemente similares para expressarem as mesmas realidades” (BAKER, 1992, p.8, tradução nossa). Desta forma, os dados percentuais acima apresentados devem ser tomados tão somente como indicativos da existência de discrepâncias quantitativas, relativas às ocorrências dos vocábulos *one*, ‘um’ e ‘uma’, no Córpus da Pesquisa, com base nas discrepâncias encontradas no COMPARA.

Por outro lado, considerando o vocábulo *one* separadamente, acredita-se que, à parte algum percentual de ocorrências deste que possa ocorrer nas traduções, meramente, por escolhas subjetivas de tradução, ou outras variáveis incontroláveis, um grande percentual delas ocorra em função de relações gramático-coesivas, peculiares à língua inglesa. Principalmente, conforme mencionado anteriormente, por o vocábulo *one* ser o substituto nominal em coesões textuais por substituição

nominal, como em “*Tristão is coming and announces that this is his last letter - the next one will be himself in propria persona*”, traduzido do excerto original “Tristão aí vem e anuncia que esta carta é a última; a seguinte é ele próprio” extraído do romance Aires de Machado de Assis (COMPARA PBMA6 1084), onde *one* substitui *letter* e *the next one* corresponde à ‘a seguinte’ do original, ou seja, o vocábulo *one* surgiu na tradução, pois seu correspondente ‘carta’ está elíptico no original. Perceba que não é possível, ao menos sem prejuízos quanto à coesão textual, elidir *one* na tradução.

Com efeito, percebe-se que, se *one* não tivesse sido inserido, teríamos *the next*. Porém, o artigo definido *the* necessariamente antecede um substantivo, mas *next*, segundo consultas no Collins Dictionary, Merriam-Webster Dictionary, e Oxford Online Dictionary, tende, majoritariamente, a atuar como adjetivo, advérbio e preposição, portanto *next* precedido de *the* tende a ser acompanhado de um substantivo ou, como no caso da tradução do excerto, do substituto nominal *one*. Assim, na tradução do excerto, relações coesivas permitiram a não repetição do vocábulo *letter*, enquanto que relações gramaticais levaram à inclusão do substituto *one*. Cabe salientar que no Merriam-Webster Dictionary consta a possibilidade de *next* atuar como substantivo, como em “*from one day to the next*”, mas, a meu ver, esta atuação pode ser mais associada a outro tipo de coesão textual, no caso a elipse nominal, pois após *next*, subentende-se *day*, e se ‘ser substantivo’ fosse um atributo do vocábulo *next*, me parece que não caberia subentendimento algum.

Dando sequência à linha de investigação, relativa ao vocábulo *one*, foram definidos alguns critérios para seleção dos excertos a serem alinhados. Neste sentido, alinhou-se um excerto de cada uma dentre as 16 traduções do subcorpúsculo *TT* em inglês, nas quais consta pelo menos uma ocorrência de *one*. Dentro de cada tradução, selecionou-se o excerto, não superior a 160 palavras, com o maior número de ocorrências de *one*, - incluindo uma única -, sem a preocupação com as correspondências com os textos fonte, pois uma seleção de amostra, focando no vocábulo *one*, no direcionamento português-inglês, ficaria comprometida, caso se desse em função das correspondências que *a*, *an* e *one* estabelecem com ‘um’ e ‘uma’. Estes parâmetros de seleção, aqui adotados, visaram manter o princípio da aleatoriedade na seleção das amostras, visto contemplarem diferentes estilos e periodicidades de escritura, sem direcionar a seleção pelo contraste interlinguístico. Paralelamente, ao se definir um número máximo de palavras para os excertos, buscou-se manter uma equidade numérica de chances de

ocorrências do vocábulo *one*, uma vez que isto não permitiu direcionamentos tendenciosos na seleção, que pudessem subestimar excertos de traduções, por estes apresentarem poucas ocorrências do vocábulo, em segmentos frásicos inferiores a 160 palavras, ou superestimar outros, por suas traduções apresentarem muitas ocorrências, em segmentos superiores a 160. Aqui, seguiu-se a lógica das *Standardised Type/Token Ratio (STTR)*, baseada na noção de que quanto mais longo o texto, maior a probabilidade de repetições (SCOTT, 2010). Cabe destacar que, apesar de a seleção ter sido condicionada a este número de palavras, na disposição dos alinhamentos que segue, foram eliminados segmentos frásicos longos, não relevantes às análises, de modo a não se consumir espaço de escritura desnecessariamente.

Sem adentrar o campo das relações gramático-coesivas, visto que estas são abordadas com mais rigor nas abordagens verticais ao *Cópus da Pesquisa*, no quadro II - 9 estão dispostos 15 alinhamentos de excertos de textos originais e suas traduções no *Corpus da Pesquisa*, de modo que se possa contrastar relações reais de correspondências interlinguísticas envolvendo o vocábulo *one*, com as, também reais, encontradas no *COMPARA*.

Visto que, nesta seção da dissertação, não são abordadas as relações gramático-coesivas, de modo a facilitar a leitura do quadro II - 9, nos excertos alinhados, foram inseridas algumas indicações relativas a aquelas relações: (i) ocorrências de *one*, *a* e *an*, e suas correspondências, são destacadas com a aplicação de **negrito**; (ii) elipses e não ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, nos originais em português, correspondentes às ocorrências de *one*, são indicadas por \emptyset_1 , da mesma maneira que situações similares envolvendo *a* ou *an* foram marcadas com \emptyset_2 ; (iii) relações de coesão, envolvendo ocorrências *one*, são marcadas por **grifos** nos grupos nominais, indicando que um item lexical entre os grifados se relaciona coesivamente com uma(s) ocorrência(s) de *one*, imediatamente posterior(es) a ele, e, às vezes, anterior(es). Ainda, foram inseridas marcações com [...] indicativas de exclusões de partes internas dos excertos, por conta, do explicado no final do parágrafo que antecede o anterior. O quadro II - 9 apresenta os 15 alinhamentos em questão.

Excertos das Traduções	Excertos dos Originais
<i>The one with the mustache bet five milreis. The short one put up three. They both bet on an ace against a jack for the dealer. Pedro Bala and</i>	O \emptyset_1 de bigodinho apostou cinco mil. O \emptyset_1 baixo foi com três mil-réis. Foram ambos num ás contra um valete da banca. Pedro Bala e

<p><i>Big João bet on the ace too. Cat began to deal the <u>cards</u>. The first one was a nine. The short <u>man</u> was drumming with his fingers, the other one was tugging at his mustache. A deuce came next and the short one said: “Now it’s the ace. A two, then a one...” [...] The short one confessed that he was cleaned out. The one with the little mustache put his hands in his pockets: (Captains of the sands)</i></p>	<p>João Grande foram no ás também. O Gato começou a virar as cartas. A primeira \emptyset_1 era um nove. O baixo batia com os dedos, o \emptyset_1 outro puxava o bigodinho. Veio em seguida um dois e o \emptyset_1 baixo disse: - Agora é o ás. \emptyset_2 Dois, depois \emptyset_2 um... [...] O \emptyset_1 baixo confessou que estava limpo. O \emptyset_1 de bigodinho meteu as mãos nos bolsos: (Capitães de areia)</p>
<p><i>- in the primary world I had entered, beings exist others as a way of seeing one another. And in that world I was coming to know, there are several ways that mean seeing: one a looking at the other without seeing him, one possessing the other, one eating the other, one just being in a place and the other being there too: all that also means seeing” (The passion according to G. H.)</i></p>	<p>- no mundo primário onde eu entrara, os seres existem os outros como \emptyset_2 modo de se verem. E nesse mundo que eu estava conhecendo, há vários modos que significam ver: um \emptyset_2 olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significa ver. (Paixão segundo G. H.)</p>
<p><i>And it wasn’t only <u>book</u> stories he knew; there were others I’ve never seen written down. The one about the rower on the River Itapicuru who was seduced by a white branch, and the story of the <u>sucupira</u> tree. [...] The girls only needed one glimpse of him on his elegant <u>steed</u> - lasso around his waist, cattle prod clasped to rawhide-clad thigh - to fall head over heels in love. (Christmas Corral)</i></p>	<p>E não só história dos livros, outras sabia que eu jamais em letras vira: a \emptyset_1 que descrevia a vara branca seduzindo o remador do Itapicuru e o conto do sucupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinência. [...] Raparigas, que uma vez o viam montado no garboso ‘fábrica’, o laço em volta da cinta, a agulhada firme sobre a coxa coberta de couro cru, perdiam-se de amor por ele. (Firmo - o vaqueiro)</p>
<p><i>Maybe their recounting will beguile me and the old shades come lightly to pass by, as they did for the poet — not the one from the train, but the author of Faust: “You’ve come again, restless shades...?” [...] OK then, let’s begin by evoking a celebrated November afternoon, one which I’ve never forgotten. There</i></p>	<p>Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o \emptyset_1 do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras?... [...] Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, \emptyset_1 que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas</p>

<p><i>have been others, better and worse, but that one never faded from my mind. [...] (Dom Casmurro)</i></p>	<p>aquela Ø₁ nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo. (Dom Casmurro)</p>
<p><i>But an old man's memory can't be trusted, and now I'm sure I saw the <u>boy</u> just the other day, alive and kicking. <u>He</u> even gave me a box of cigars, but wait, my mistake, the one who died was another <u>Eulálio</u>, one that looked like a thinner Amerigo Palumba. The thin Eulálio is the one <u>who</u> became a communist, because he was born in prison and they say he was weaned too soon. [...] He visited me at my place with a <u>girlfriend</u> with her midriff bare and an earring in her bellybutton. I wouldn't have minded that one as a daughter-in-law, but the one who gave birth in prison was another. (spilt milk)</i></p>	<p>Mas lembrança de velho não é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o Ø₁ que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Amerigo Palumba mais magro. O Eulálio magro é que virou Ø₁ comunista, porque já nasceu na cadeia e dizem que teve um desmame precoce. [...] Visitou-me em casa com uma namoradinha de barriga de fora e Ø₂, brinco no umbigo. Essa me faria gosto como Ø₂ nora, mas Ø₁ quem pariu na cadeia foi outra. (Leite derramado)</p>
<p><i>In 1902, when it was published, Canaan, one of the rare symbolist novels in the history of Brazilian literary, achieved an exemplary success. Taking into account that four years before the author of that book had been among those who founded the Brazilian Literary Academy, an institution devoted to promoting the unity of the national literature, one can evaluate Graça Aranha's prestige among the intellectual elite of the time. One thing that nobody could image was that. (Brazilian classics)</i></p>	<p>Em 1902, quando de sua publicação, Canaã, um dos raros romances simbolistas da história literária brasileira, teve um sucesso exemplar. Levando-se em conta que, quatro anos antes, seu autor havia sido um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, Ø₂ instituição que buscava dar unidade à literatura do país, pode-se avaliar o prestígio de Graça Aranha na elite intelectual da época. O que não se conseguia imaginar é que. (Clássicos brasileiros)</p>
<p><i>belief in one card and disbelief in others, all of these sensations, that drew him to cards. When he gambled that way for a good period of time, day and night, he was sated for a while. The worst thing is that the rest periods got shorter and shorter, and the need came at ever-smaller</i></p>	<p>a fé em uma carta, a descrença em outras, todas as comoções trazem [1] o meneio delas. Quando jogava assim uma boa temporada, dia e noite, ficava farto por algum tempo. O pior é que o prazo do descanso ia diminuindo, e a necessidade vinha cada vez mais cedo.</p>

<p><i>intervals. IV When it came time for the birth of his child, Xavier was in one of his states of desire; the birth managed to distract him. There was already a doctor in the house, as well as a midwife, one of his wife's uncles, and two girls. No one wanted for anything (A game)</i></p>	<p>IV Quando veio a hora de nascer o filho, estava Xavier em um dos estados de desejo; o acontecimento pôde distraí-lo. Já tinha em casa médico e uma comadre, um tio da mulher e duas filhas. Não faltou nada. (Uma partida)</p>
<p><i>BARON SIGISMUNDO I don't understand. (Out loud) I will have to be blunter. Henrique is infatuated with one of your nieces, the one who just left here a minute ago, I think. I told him not to return to this house; he resisted me. I have only one way left: for you to close your door to him, senhora [...] DONA LEONOR. But before we take leave of each other I'd like to tell you one thing" (Botany lesson)</i></p>	<p>BARÃO (á parte) - Não entendeu. (Alto). Sou obrigado a ser mais franco. Henrique anda apaixonado por uma de suas sobrinhas, creio que esta que saiu daqui, há pouco. Impus-lhe que não voltasse a esta casa; ele resistiu-me. Só me resta um meio: é que V. Excia. lhe feche a porta. [...] D. LEONOR - Antes, porém, de nos despedirmos, desejava dizer uma coisa e perguntar outra." (Lição de botânica).</p>
<p><i>I just journeyed, ever and ever, one day after another, year after year unendingly, century after century. Eternal justice knew what it was doing: it added idleness to eternity. One generation bequeathed me to the other. [...] Happy are those who read only one chapter of life. (Life)</i></p>	<p>andava apenas, sempre, sempre, sempre, um dia e outro dia, um ano e outro ano, e todos os anos, e todos os séculos. A eterna justiça soube o que fez: somou a eternidade com a ociosidade. As gerações legavam-me umas às outras. [...] Felizes os que só leram a vida em um capítulo. (Viver)</p>
<p><i>Then I'd break each egg carefully and separately, just in case one of them is actually bad. [...] (The clever woman)</i></p>	<p>Quebrar os ovos em um prato fundo com cuidado (há sempre a possibilidade de haver um ovo estragado). (Mulher inteligente)</p>
<p><i>I received an ovation from rich and poor alike and, just a few days later, no one less than the President of the Republic invited me to dinner. [...] And I'll go back one day to complete my studies of the Malayan, Melanesian and Polynesian languages (The man who spoke Javanese)</i></p>	<p>recebi uma ovação de todas as classes sociais e \emptyset_1 o presidente da república, \emptyset_2 dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia. [...] e para onde voltarei \emptyset_1, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia. (O homem que falava javanês)</p>
<p><i>It was as if each letter were different,</i></p>	<p>Era como se cada letra fosse</p>

<p>with one period more or one period less, a different curve, a longer leg or some sort of defect on the paper that would interfere with the shape [...]The pages were too thick, moist, a little moldy or heavy with dust. They were glued to one another(The girl who liked listening to stories)</p>	<p>diferente da outra, faltando um ponto ou Ø₁ sobrando, com uma curva diferente, uma perna mais comprida ou algum defeito do papel deformando um canto. [...] As páginas eram grossas, úmidas, meio mofadas ou afetadas pela poeira. Grudavam-se, eram pesadas, algumas pareciam definitivamente pregadas Ø₁ nas outras (A menina que gostava de ouvir histórias)</p>
<p>In other words, we are hungry for plaintiffs, so we end up stealing from one another (Assistant intern)</p>	<p>Ou seja, nos tornamos mercenários de autores, roubando uns dos outros. (Estagiária-assistente)</p>
<p>In one occasion, she had both legs exposed and the shiny metal caught my attention. [...] However, that one leg was eternal, both due to the care taken with it and the fact that the part could always be replaced. (Fetish)</p>	<p>Numa ocasião, descobertas ambas pernas o luzir da perna metálica me despertou a curiosidade [...] aquela perna se mantinha eterna, tanto pelo zelo quanto pela muda de peças (Fetische)</p>
<p>Actually, you were the one talking," she countered, without letting him respond. (End of shift)</p>	<p>Na verdade era você que tava dizendo... - mas ela não deixou que prosseguisse. (Fim de turno)</p>

Quadro II - 9 – Alinhamentos de excertos: correspondências com *a*, *an*, e *one*.

Após esta apresentação dos 15 alinhamentos, cabe analisar as ocorrências de *one*, *a* e *an*, contrastivamente às de ‘um’ e ‘uma’, bem como, analisar outras correspondências interlinguísticas estabelecidas. Para tal, procedeu-se à etiquetagem por categorias morfossintáticas dos excertos em português e em inglês, agrupando-os em dois grupos, que receberam trato como se fossem dois textos distintos, de modo que as frequências de ocorrências destes vocábulos pudessem ser distribuídas de acordo com as mesmas etiquetas do COMPARA. Isto permitiu a aposição dos percentuais de frequências encontrados nos excerto com os percentuais destacados anteriormente, conforme disposto nos quadros que seguem. Para a etiquetagem em inglês, foi utilizada a interface *Free CLAWS WWW tagger* da UCREL (<http://ucrel.lancs.ac.uk/claws/trial.html>), com base no *CLAWS5 tagset*, e para a em português, a interface *UCREL Portuguese Semantic Tagger Demo Site*, acessível em e

<http://phlox.lancs.ac.uk/ucrel/semtagger/portuguese>, com base no *PoS tagset*.

Um	Freq.	Uma	Freq.
det_DI0	20	det_DI0	11
num_Z	01	num_Z	01
adj_AQ0	01	proun_NP0	01
Total	22	Total	13

Quadro II - 10 – Ocorrências de ‘um’ e ‘uma’ nos excertos.

Onde:

Det_DI0 = Determinante;

Nun_Z= Numeral;

Proun_NP0 = Pronome;

Adj_AQ0 = Numeral adjetivo.

<i>One</i>	Freq.	<i>A</i>	Freq.	<i>An</i>	Freq.
PN1	25	AT1	23	AT1	06
CRD	19	ZZ1	01		
PNX	3				
Total	47	Total	24	Total	06

Quadro II - 11 – Ocorrências de *a*, *an* e *one* nos excertos.

Onde:

CRD = Número cardinal;

PN1 = Pronome indefinido;

PNX = Pronome reflexivo;

AT1 = Artigo; ZZ1 = Letra.

Tendo obtidos os dados das ocorrências de *one*, *a*, *an*, ‘um’ e ‘uma’ nos excertos dos 15 alinhamentos, distribuídos de acordo com suas categorizações morfossintáticas, diferenciadas pelos mesmos etiquetadores utilizados pela LINGUATECA, é possível investigar se há similaridades entre as proporções, anteriormente obtidas, entre os dados homólogos do COMPARA. Primeiramente, com base nos totais, cabe estabelecer relações de proporção gerais, entre os números de ocorrências nos excertos e nos subcorpora *TT* em inglês e *ST* em português. O total das ocorrências de *one*, *a* e *an* somam 77 (47+24+6),

enquanto que o de ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, 35, ou seja, nos alinhamentos contabilizou-se 120% a mais de ocorrências em inglês, em relação às em português. Porém, no início destas contabilizações, constatou-se que no subcorpúsculo da Pesquisa, este percentual de superioridade é 52% (ver quadro II – 7), em torno da metade do percentual relativo aos alinhamentos. Estas diferenças entre estes percentuais parecem indicar que há um déficit no número de ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, na amostra composta pelos excertos, o que é perfeitamente explicável, visto que a seleção foi exclusivamente norteadada pelas ocorrências de *one*, norte este que, em função das expectativas, de menos ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, especialmente, geradas pelos seus 0,57% de ocorrências como pronomes indefinidos no COMPARA, levou ao déficit das ocorrências destes pronomes nos excertos em português. Em outras palavras, este déficit, por si só, aponta para confirmação de que o pronome indefinido *one* tende a ocorrer mais em inglês do que seus correspondentes em português. Vejamos como se comportam em outras relações de proporções, tomando os vocábulos separadamente, de acordo com suas frequências distribuídas entre categorias morfossintáticas.

Começando pelas ocorrências de *a* e *an* como artigos (AT1) percebe-se que a soma das ocorrências deles é 29, ou seja, muito próxima das 31 ocorrências de ‘um’ somadas às de ‘uma’, marcadas por (det_DIO). Porém, esta equidade numérica parece, de fato, não existir, pois o *Portuguese Semantic Tagger Demo Site*, só registrou 03 ocorrências destes vocábulos como numerais, marcadas por num_Z e adj_AQ0, enquanto que o CLAWS indicou 19 ocorrências de *one* como numeral, indicadas por CRD. Ou seja, destas ocorrências correspondentes de *one*, 16 (19 - 03), necessariamente estão incluídas nas 31 de ‘um’ e ‘uma’. Em resumo, tem-se somente 15 ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, como artigos indefinidos, que em comparação às 29 ocorrências relativas aos artigos *a* e *an*, significa que há em torno de 51,72% a mais de ocorrências de *a* e *an* nos excertos, em relação à soma das ocorrências de ‘um’ e de ‘uma’. Considerando que no COMPARA, há 17.406 ocorrências de *a* e *an* como artigo indefinido e 10.955 de ‘um’ e ‘uma’ atuando como tal, constata-se que há em torno de 58,89 % a mais de ocorrências de *a* e *an*, o que não foge tanto assim do percentual de superioridade 51,72% dos alinhamentos, a qual é parcialmente explicável pelas 09 inclusões de *a* ou *an*, marcadas por Ø₂ nos excertos originais.

Focando no vocábulo *one* e sua atuação como substituto nominal, ou seja, atuando como pronome indefinido, indicado por PN1, constatou-se que, nos excertos em inglês, eles representam 53,19% (25/47) do total de ocorrências dele nos excertos, o que também não difere muito dos 47,96% (990+221/2525) constatado na relação de proporção homóloga na figura II – 2, relativa ao COMPARA. Ainda, em relação aos excertos em português, há somente 01 ocorrência de ‘uma’ como pronome indefinido, o que representa 2,86% (1/35) do total de ocorrências de ‘um’ e ‘uma’, mas as ocorrências de *one*, atuando como tal, representam 53,19% do total de suas ocorrências.

Considerando estes contrastes interlinguísticos, acredito que estes percentuais confirmam as expectativas de discrepâncias entre os sistemas linguísticos, geradas pela constatação dos percentuais homólogos no COMPARA que indicaram 47,96% para *one* como artigo indefinido e 0,57% para ‘um’ e ‘uma’. Tais expectativas são, ainda mais, reforçadas pelas 17 ocorrências de *one* que surgiram nas traduções, marcadas por Ø₁ nos excertos originais. Especialmente considerando que muitas delas surgiram nas traduções por relações de coesão textual por substituição.

Conclui-se, portanto, que as análises dos excertos corroboraram para reforçar a possibilidade de se estimar um panorama quanto às distribuições por categorizações morfossintáticas, de ocorrências do vocábulo *one*, no Córpus da Pesquisa, com base nas distribuições homólogas encontradas no COMPARA, bem como, parecem reforçar a noção da existência de uma tendência às frequências mais elevadas de ocorrências do vocábulo *a*, *an* e *one* nas traduções, em relação a textos originalmente escritos em português. Findadas as investigações contrastivas, nos direcionamentos português-inglês, relativas aos pronomes pessoais, adjetivos possessivos, e o pronome indefinido *one*, e seus equivalentes intrassistêmicos, coube direcionar as investigações à questão verbal. Neste sentido, arbitrou-se investigar os vocábulos terminados em *-ing*, visto que estes, à parte suas atuações como núcleos de grupos verbais, expressando progressividade de ação, podem, por processos de derivação deverbal nominal, também atuar como substantivos e adjetivos. Esta arbitragem tem como alicerce o fato de as ocorrências de tais vocábulos acarretarem mais possibilidades de repetições, e, ao mesmo tempo, gerarem mais possibilidades de surgimento de ambiguidades lexicais, estas no sentido descrito na introdução desta dissertação. E, sobretudo, por o sufixo ‘-ndo’ do português, correspondente gramatical do *-ing*, na formação de

Participios Presente, não estabelecer correspondência com o sufixo inglês, quanto à questão das derivações deverbais nominais. Em outras palavras, no que se refere aos contrastes quantitativos, as frequências de ocorrências de vocábulos acrescidos de *-ing* tendem a ser mais elevadas do que as frequências de ocorrências de vocábulos terminados em ‘-ndo’. De fato, basta consultar o vocábulo *running* no COLLINS Dictionary, para se constatar que, à parte a forma verbal de gerúndio, o dicionário fornece 12 entradas do vocábulo como adjetivo e 05 como substantivo, enquanto que, no português, o vocábulo ‘correndo’ só pode expressar ação progressiva.

2.3 Sufixo *-ing*: Aspecto Verbal Progressivo e Derivações Deverbais Nominais

Ao longo do texto, várias vezes foi mencionada a questão dos vocábulos terminando em *-ing*, sem, no entanto, se ter aprofundado nela. À parte suas ocorrências como Participio Presente, expressando progressividade de ações, em investigações no Córpus da Pesquisa, em torno do vocábulo *going*, encontrou-se ele nas seguintes colocações (coocorrências de vocábulos), abaixo negritadas:

- *Dora was sad and thought about going back to the hill.*
- *...eleven o'clock when Pedro Bala, before going out, spoke...*
- *... I won't be long in going to the Reformatory,...*
- *It's just like going to the cemetery...*
- *I now felt there was no going back.*
- *Pedro Bala thought of going with her...*
- *...everything made me impatient; the going and coming of those who...*
- *All this, this going out to see how Bahians really live...*
- *... and she got used to going to bed at the country...*

Estas colocações, quando lidas da esquerda para a direita, evidenciam que *going* pode atuar como forma verbal do infinitivo (*about going*) e também pode atuar como substantivo (*no going*), este gramaticalmente categorizado como um substantivo deverbal (LEE, 2007, p.168-169), ou seja, um substantivo derivado de uma forma verbal. No entanto, quando os mesmos colocados, entre parênteses, são lidos da direita para esquerda, percebe-se que as preposições *back* e *out* adicionam significados à semântica de *going*, nestes casos formando *phrasal verbs*. Ainda, embora no córpus não tenha surgido nenhum caso com *going*, o acréscimo de *-ing* a uma forma verbal pode também

formar um adjetivo deverbal (ibid.), como em *ongoing problem*. Além do que, *be going to* também compõe grupos verbais do futuro.

O fato de o vocábulo *going* estabelecer estas colocações, além de compor formas verbais do gerúndio e do futuro, faz com que aumentem a polissemia e a ambiguidade acerca dele, o que culmina em repetições deste vocábulo nos mais diversos contextos frásicos. Como Mona Baker aponta, “quanto mais geral for uma palavra, mais ampla é a gama de colocações que ela estabelece e quanto mais específica for, mais restrita é a gama de colocações que ela estabelece” (BAKER, 1992, 62, tradução nossa). Portanto, este traço da língua inglesa, que aponta para as derivações deverbais nominais com o acréscimo do *-ing*, o qual pode ocorrer com diversas *base forms of lexical verb* do inglês, merece ser estudado mais aprofundadamente.

Este tipo de derivação deverbal nominal pode parecer possível no português, como em ‘formando’. Porém, neste, a derivação difere da derivação deverbal nominal com acréscimo de *-ing*, pois no caso de ‘formando’, a forma verbal ‘formar’ regrediu para ‘forma’ à qual se acresceu dois morfemas ‘-nd’ e ‘-o’. Uma vez que o morfema ‘-o’ é relativo ao gênero masculino do substantivo (CÂMARA, 1988), denominado de desinência nominal na gramática do português, este pode ser substituído pela desinência nominal ligada ao gênero feminino ‘-a’, e, ainda, pode ser acrescido das desinências nominais indicativas de número, ‘-os’ e ‘-as’, como em ‘formandos’ e ‘formandas’. Em inglês, similarmente, é possível o acréscimo do morfema ‘-s’ aos substantivos deverbais ingleses terminados em *-ing*, indicando plural, mas não há como designar gênero. Cabe, ainda, lembrar que sendo o gerúndio uma forma nominal dos verbos, ele também pode atuar como adjetivo, como em “Estou com os olhos **lacrimejando**” (HERNANDES, 2000). Entretanto, não se trata de uma derivação, mas de uma funcionalidade da forma nominal gerúndio, a qual também é possível em inglês, como se observa nos excertos extraídos do cópuz.

(II – 4) “*He would stand with his eyes **burning**, as he also did when he saw someone mistreating small children...*”

“Ficava com os olhos **ardendo**, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores.”

Com base nisto, decidiu-se por averiguar o contraste entre as frequências de ocorrências dos vocábulos do subcórpus *TT* em inglês

terminando em *-ing* e *-ings*, e as frequências dos vocábulos contendo o morfema em ‘-nd’ seguidos das desinências ligadas aos gêneros ‘-o’ e ‘-a’ e das ligadas ao grau de plural ‘-os’ e ‘-as’, incluindo as formas verbais de gerúndio do subcórpus *ST* do português. Entretanto, neste contraste algumas exclusões foram necessárias, pois alguns vocábulos do inglês, como *thing* e compostos, e *base forms of lexical verb* terminadas em *-ing*, como *sing*, a despeito da terminação, não correspondem às derivações deverbais acima descritas, nem a formas do Particípio Presente expressando continuidade. Similarmente, alguns vocábulos do português como ‘quando’ e ‘bando’ que têm derivação do latim de *quando* e *bandum* (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), ou, formas verbais, como ‘respondo’ foram excluídas das contagens. Ainda, no caso de ‘-ndo’, eliminou-se as derivações regressivas de infinitivos, como em, de ‘andar’ para ‘anda’ e ‘comandar’ para ‘comanda’.

Nesta análise, nas WordLists dos subcorpora *ST*, com o comando CTRL + F6, obteve-se uma coluna *sort reverse alphabetical*, na qual os vocábulos foram listados, tal modo, que os com os mesmos sufixos foram dispostos um após o outro. Em seguida, com a ferramenta *marking* selecionou-se todos os vocábulos ingleses terminados em *-ing* e *-ings*, e os portugueses em ‘-ndo’, ‘-nda’, ‘-ndos’ e ‘-ndas’ relevantes à contagem, exceto os casos mencionados no parágrafo anterior. Com a ferramenta *joining* os vocábulos selecionados foram agrupados e suas frequências foram somadas.

Obteve-se, com estes procedimentos, que no subcórpus *TT* em inglês os vocábulos terminados em *-ing* totalizam 6.987 ocorrências, o que representa 2,88% dos vocábulos do subcórpus, e os terminados em *-ings* totalizaram 139, o que representa 0,06%. No *ST* em português, por sua vez, os terminados em ‘-ndo’ totalizaram 1.898 ocorrências, representando 1,17% de seu total de vocábulos. Observou-se que as frequências dos vocábulos terminados em ‘-nda’, ‘-ndos’ e ‘-ndas’ não ultrapassaram 10 ocorrências, representando menos de 0,01%. Dos dados obtidos, percebe-se um maior número, entorno de duas vezes e meia, de ocorrências de vocábulos terminados em *-ing* no subcórpus em inglês, em relação à soma das ocorrências de derivações deverbais contendo ‘-nd’ e de formas verbais do gerúndio do português. Esta diferença confirma que há uma maior funcionalidade do sufixo *-ing*, em relação ao ‘-ndo’ do português, pois considerando que o contraste se dá a partir de originais e traduções, pode-se inferir, grosso modo, que haja certa equidade numérica entre as sentenças indicando ações contínuas nas duas línguas. Portanto, a diferença para mais no número de

ocorrências do sufixo *-ing* em relação à terminação ‘-ndo’ deve estar relacionada aos usos do *-ing* na formação de substantivos e adjetivos, bem como, relacionada à funcionalidade do sufixo como indicativo de forma verbal do infinitivo.

Entretanto, estas quantificações são muito gerais, pois tais quais as diferenças nas frequências gerais de vocábulos obtidas nas primeiras quantificações contrastivas, apresentadas no quadro II - 1, estas podem estar concentradas num ou outro aspecto linguístico relacionado ao *-ing*. Deste modo, para os propósitos da pesquisa, analisou-se também o *-ing* no sentido da checagem da afirmação de Mona Baker de que “o inglês [...] usa a forma contínua *-ing* muito mais frequentemente para vincular [ligar] orações do que outras línguas que tenham equivalentes para o *-ing*” (BAKER, 1992, p.32 tradução nossa).

Quanto à questão da vinculação de orações, selecionou-se o verbo *have* na *gerund form* (*verb + -ing*) seguido de outro verbo no Particípio Passado, estabelecendo vinculação de orações, como em destaque neste exemplo extraído de *The Picture of Dorian Gray*:

(II - 5) “***Having done this, he got up and went over to the window.***”

Escolheu-se o verbo *have*, pois quando ele é semanticamente classificável, de acordo com a classificação de Chafe, (CHAFE,1970, apud ILC) como um verbo de estado, *i.e.*, indicando posse, qualidade, feito, relacionamento, habilidade de uso, haver exigência/necessidade, etc., não é normalmente usado na forma progressiva (contínua), portanto, a escolha permitiu diminuir as possibilidades de ocorrências no subcorpú *TT* em inglês. Como a locução verbal *having + Particípio Passado* estabelece correspondência direta com a locução verbal de gerúndio ‘tendo’ seguido de verbo no particípio, foi possível analisar contrastivamente o aspecto vinculativo destas locuções. Numa busca no subcorpú *ST* em português encontrou-se 31 ocorrências de ‘tendo’, sendo que destas, 11 na locução verbal de gerúndio estabelecendo relação de causa e efeito entre duas orações, como em:

(II - 6) “No dia seguinte, Xavier acordou tarde, **tendo-se recolhido tarde**, na forma do costume.”

Do restante das ocorrências, 08 expressam ação na forma contínua, e as 12 estabelecem diferentes relações coesivas, como “tendo

aos poucos” e “não tendo ninguém”, ambos extraídos de Paixão Segundo G. H.

Em busca similar no subcórpus *TT* em inglês encontrou-se 123 ocorrências de *having*, sendo 15 locuções verbais *having* + Particípio Passado vinculando duas orações. E, destas 15, as 09, que constam no quadro II – 12, mantiveram a estrutura da locução verbal dos textos originais.

	Subcórpus <i>ST</i> em português	Subcórpus <i>TT</i> em inglês
01	Desempenhou o papel de ultracantor do Romantismo caboclo, tendo encontrado razões objetivas para se abater e penar.	<i>He played the part of the mestizo romanticism's ultra singer, having found objective reasons to debase himself and grieve.</i>
02	Tendo lido , no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade...	<i>Having read in your excellent newspaper the letter by Maria Ricardina, who called on me as a person who could clarify what life is like for children kept in the Children's Reformatory, I am obliged to come out of the obscurity...</i>
03	Bom é dizer (visto que faço uma confissão geral) que, nada gastando e tendo guardado integralmente os ordenados, estava ansioso por vir dissipá-los aqui.	<i>...since I am here making a general confession--that having spent nothing of my wages, I was itching to dissipate them at the capital.</i>
04	No dia seguinte, Xavier acordou tarde, tendo-se recolhido tarde , na forma do costume.	<i>The next day, Xavier, having as usual gone to bed late, woke up late</i>
05	Tendo chegado ao conhecimento do Dr. Chefe de Polícia a local publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre as atividades dos "Capitães da Areia", bando de crianças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o Dr. Chefe de Polícia se apressa a comunicar direção deste jornal que a solução	<i>The account published yesterday in the second edition of your paper about the activities of the "Captains of the Sands," a gang of delinquent children, and the attack carried out against the residence of Commander José Ferreira having come to the attention of the Chief of Police, he hastens to write to the editor of the paper that the solution of the problem lies more in</i>

	do problema compete antes ao juiz de maiores que à polícia.	<i>the hands of the juvenile judge than in those of the police.</i>
06	Dona Paula viveu cheia de temor durante as primeiras semanas; tendo brincado com fogo , aterrava-a naturalmente a idéia de o ver...	<i>Dona Paula was full of terror the first few weeks; having played with fired, she was naturally terrified by the...</i>
07	Letras na Sorbonne (França), tendo residido também nos EUA, lugares nos quais entrou em contato com...	<i>...in Letters at Sorbonne University in France, having also lived in the USA, coming into contact with ...</i>
08	Vindo a hora , fechei o caixão, com as mãos trêmulas,..	<i>The hour having come, I closed the coffin, <i>but with trembling hands,..</i></i>
09	Quem sabe essa atitude ou falta de atitude também tenha vindo de eu, nunca tendo tido marido ou filhos, não ter precisado,	<i>Perhaps this attitude or lack of attitude also came from never having had a husband or children, never needing,</i>

Quadro II - 12 – Correspondências diretas entre locuções verbais: *having* + Particípio Passado e *tendo* + Particípio Passado.

E, 06 das ocorrências da locução verbal vinculativa *having* + Particípio Passado, dispostas no quadro II - 13, surgiram na tradução.

	Subcórpus <i>ST</i> em português	Subcórpus <i>TT</i> em inglês
01	No exato momento em que deram nove horas e quarenta minutos da manhã, durante os dez minutos de intervalo que ela aproveitara nos cinco dias anteriores para continuar a leitura, ela chegou à última palavra da última página.	<i>At 9:40, having dedicated her 10-minute recess for the past five days to keep up with her reading, she finally reached the last word on the last page.</i>
02	Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravessasse a cozinha...	<i>Having decided to begin with the maid's room, I crossed the kitchen...</i>
03	Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo.	<i>Having convinced myself that it was the easiest language in the world, I left.</i>

04	Escreveu O Evangelho na selva, onde buscou sua imortalidade literária, e é tido como o último dos grandes românticos...	Having written <i>Evangelho na selva (Gospel in the jungle)</i> , where he strove for his literary immortality, he is regarded as the last great romantic...
05	A este só se chega quando se experimentou o poder de construir, e, apesar do gosto...	<i>One only reaches it having experienced the power of building, and, despite the taste</i>
06	Não ter tido filhos me deixava espasmódica como diante de um vício negado.	Not having had children left me spasmodic as if confronting an addiction denied.

Quadro II - 13 – Locuções verbais *having* + Particípio Passado surgidas na tradução.

Por fim, duas ocorrências da locução ‘tendo’ + Particípio Passado, sendo uma, não vinculativa (tendo publicado), não foram mantidas na tradução.

	Subcórpus ST em português	Subcórpus TT em inglês
01	Morto aos 31 anos de idade e tendo publicado o seu primeiro romance, A afilhada, apenas em folhetim, além de alguns contos esparsos em jornais, seu percurso tinha tudo para fadá-lo ao anonimato...	<i>When he died at the age of 31, he had published his first novel, A afilhada (The goddaughter), only in serial format, besides a few short stories in newspapers. His path was bound to predestine him to anonymity.</i>
02	Se não tivesse sido eu, eu não saberia, e tendo sido eu , eu soube - apenas isso...	<i>If it hadn't been me, I wouldn't know, and since it was me, I knew - that's all.</i>

Quadro II - 14 – Locuções ‘tendo’ + Particípio Passado: não mantidas na tradução.

Os quadros II -12, II - 13 e II - 14 indicam que apesar de haver 11 ocorrências da locução verbal vinculando orações no português, surgiram 15 em inglês vinculando orações, mesmo não tendo uma vinculativa em português sido mantida na tradução, ou seja, há um

maior número de ocorrências da locução vinculativa em inglês, em torno de 36,36 % das ocorrências delas em português. Ainda, foram constatadas outras 05 ocorrências da locução verbal precedida de *although, in spite of* e *despite*, vinculando orações, não relacionadas nos quadros, as quais elevariam para 81,81% a diferença. Desta forma, estes números apontam para a confirmação do postulado de Baker de que o inglês usa mais a forma contínua *-ing* para vincular orações, do que outras línguas.

Por fim, considerando que foram constatadas 123 ocorrências de *having* no subcorpus *TT* em inglês, e 20 são da locução *having* + Particípio Passado vinculando orações, restaram 103 ocorrências de *having*. Destas, contabilizou-se 15 ocorrências indicando ação contínua (Particípio Presente), 11 não vinculativas da locução verbal precedida de *not*, e 77 ocorrências, em geral, nas funcionalidades como as descritas anteriormente, que não vinculam orações, como *having lost* e *having suffered* indicando uma sequência de eventos passados em:

(II - 7) “*Auta passed away prematurely at the age of 24, after having lost her parents and brother, after having suffered from chronic lovesickness and fought against tuberculosis during almost one decade.*”

Cabe destacar que, apesar da elipse de *having* antes de *fought* na última oração, a construção não estabelece vinculação desta com “*Auta passed away prematurely as age of 24*”, pois para que a vinculação efetivamente ocorresse deveria ser incluído algo que apontasse para uma relação de causa e efeito, por exemplo, a inclusão de *in vain* na oração.

Resumidamente, até este ponto das investigações relativas aos contrastes entre os vocábulos ingleses terminados em *-ing* e os portugueses terminados em ‘-ndo’, constatou-se que há uma superioridade considerável no número de ocorrências de destes vocábulos ingleses, por conta de diferenças entre as relações intrassistêmicas, envolvendo os processos de derivação deverbal nominal. De fato, constatou-se, com base nos percentuais de representatividade nos seus respectivos subcorpora, que há em torno de 2,5 vezes mais ocorrências de *base forms of a lexical verb* acrescidas de *-ing*, seja atuando como formas verbais progressivas ou formas nominais, em relação às homólogas progressivas em português. Ainda, constatou-se que o número de ocorrências do vocábulo *having*, no subcorpus *TT* em inglês, vinculando orações é 81,81% mais levado do

que o número de ‘tendo’, também vinculando orações, no subcórpus *ST* em português.

Uma vez detectadas estas superioridades de ocorrências no inglês, numa instância de ampliar um pouco mais a análise de vocábulos sufixados por *-ing*, coube retomar o vocábulo *run*, o qual foi bastante mencionado na introdução deste texto. Para tal, estudou-se a forma verbal *running*, que demonstrou ter uma frequência significativa se comparada às demais formas verbais do vocábulo *run*. De fato, as 42 ocorrências de *running* no subcórpus *TT* em inglês é bastante significativa face às 61 de *run*, às 9 de *runs* e às 65 de *ran*. Assim, 05 contextos frásicos contendo o vocábulo *running* foram extraídos do córpus para serem analisados horizontalmente quanto à coesão textual. O quadro II - 15 alinha estes contextos frásicos aos seus correspondentes nos textos fonte.

Subcórpus <i>TT</i> em inglês	Subcórpus <i>ST</i> em português
<i>They played three days running.</i> (1)	Jogaram três dias seguidos .
<i>...imagined me missing running my tongue around her wet nipples.</i> (2)	...imaginar saudoso de roçar a língua em seus mamilos úmidos.
<i>But Don'Aninha was well worth running a risk for.</i> (3)	Mas Don'Aninha bem que merecia que um corresse risco por ela.
<i>...I was afraid of running my hand across my lips and finding traces.</i> (4)	...tinha medo de passar a mão pelos lábios e perceber vestígios.
<i>As a result we were running a little late when we left...</i> (5)	Com isso saímos um pouco atrasados...

Quadro II - 15 – Alinhamento de 05 sentenças com *running*.

No quadro II - 15 percebe-se que as correspondências, que *running* estabelece, se referem a 01 adjetivo (posposto) no excerto 01, 02 verbos no infinitivo nos excertos 02 e 04, 01 verbo no pretérito imperfeito no excerto (3), e 01 pretérito perfeito no excerto (5), sendo que este último foi traduzido para o Passado Progressivo do inglês. Neste caso específico, *were running* pode ter resultado somente do processo tradutório, no que se refere às escolhas subjetivas de tradução. Entretanto, as demais ocorrências de *running* nos excertos do quadro não o foram, pois são frutos dos seguintes fatos linguísticos, pertinentes somente ao sistema linguístico do inglês:

- Em inglês indica-se infinitivo de duas maneiras: com a partícula *to* à frente do verbo (*to run*), ou sem ela,

adicionando o sufixo *-ing* ao verbo, formando o que, em inglês, é chamado de *gerund form*, pois:

- Certos verbos ingleses pedem que os infinitivos que o seguem sejam feitos com o acréscimo do *-ing* aos verbos, como no excerto 2, e;
- Alguns verbos aceitam as duas formas de infinitivo;
- Há certas expressões fixas, como *be worth*, que pedem que os infinitivos que as sigam, sejam feitos com a *gerund form*, como em *was...worth running* no excerto 3;
- Da mesma forma, certas preposições, como *of*, pedem que os infinitivos que as sigam, sejam feitos com a *gerund form*, como em *afraid of running* no excerto 4;
- Certos adjetivos são formados pelo acréscimo da *gerund form* a verbos, como em *three days running* no excerto 1.

Estes fatos linguísticos do inglês explicam os usos de *running* nas traduções, e ao mesmo tempo evidenciam discrepâncias entre os dois sistemas linguísticos, as quais tem relevância na pesquisa. Analisando as formações de adjetivos, substantivos, e formas verbais do infinitivo pela sufixação com *-ing*, constatou-se que elas evidenciam uma pluri-funcionalidade do sufixo, a qual, normalmente, não ocorre no português, visto que, geralmente, os sufixos do português para a formação de palavras a partir de verbos têm funcionalidades específicas, ou seja, nestas sufixações há sufixos específicos para a formação de adjetivos que, em geral, são distintos dos sufixos para a formação de substantivos. E, sobretudo, por a desinência verbal de gerúndio ‘-ndo’ do português não poder se ligar a um verbo para formar um substantivo ou um adjetivo. Cabe lembrar que, conforme discutido anteriormente, a formação de substantivos a partir de verbos, como em ‘formando’, difere em formação da derivação deverbal com *-ing*. E, apesar de o gerúndio ser uma forma nominal do verbo que pode funcionar como adjetivo, este não expressa grau de singular ou plural, como percebe-se em ‘olhos lacrimejando’. No entanto, mesmo que pudesse atuar como adjetivo tal qual o *-ing*, deveria expressar o grau, pois adjetivos em português concordam em grau e gênero com os substantivos a que se referem.

Outro traço linguístico do inglês, que as relações intrassistêmicas acima listadas evidenciam, envolve a questão da polissemia, pois se o acréscimo do sufixo *-ing* aos verbos permite que eles, mantendo a mesma ortografia, atuem como vocábulos, pertencentes a diferentes categorias gramaticais, é razoável esperar que a gama de possibilidades de seus significados aumente. Assim, considerando a Hipótese da Pesquisa, relativa às relações gramático-coesivas, as *gerund forms* têm pluralidade funcional em relações coesivas, pois:

- Como substantivos podem ser núcleos de grupos nominais, portanto, atuando: (i) como referentes em relações coesivas por referência; (ii) como substituintes em coesões por substituição nominal; (iii) e como itens elípticos em substituições por zero (elipses);
- Como substantivos podem atuar como classificadores pré ou pós- posicionados, que têm papel fundamental nas relações coesivas por substituição e elipses nominais;
- Como adjetivos, atuam como epítetos, os quais, tais quais os classificadores, têm papel fundamental nas relações coesivas por substituições e elipses nominais;
- Sendo polissêmicos, podem atuar em relações de coesão lexicais, tais como sinonímia, antonímia, hiperonímia, metonímia, etc.

O conjunto de investigações relativas às *gerund forms*, guardadas as limitações no grau de aprofundamento delas, de fato, apontam para maiores tendências de repetições delas, em relação às tendências de repetição de presentes participípios pelo acréscimo do sufixo ‘-ndo’ em português. Sobretudo, elas destacaram pluralidades de atuação do sufixo *-ing*, as quais têm papel fundamental nas relações de coesão textual.

Visando encerrar as abordagens verticais ao Córpus da Pesquisa, investigou-se o vocábulo *do* e seus correlatos semânticos e/ou gramaticais, *does* e *did*, por duas razões bem pontuais: (i) atuarem como operadores gramaticais sintáticos; (ii) atuarem como operadores gramaticais em relações de coesão por substituição. Além disto, estes vocábulos foram escolhidos por eles estabelecerem correspondências gramaticais com outros operadores gramaticais, tais como, *can*, *could*, *may*, *might*, *will*, *would*, etc., aos quais certamente caberiam investigações verticais, que acredito, revelariam resultados bastante significativos para a pesquisa. No entanto, a escolha, por *do*, *does* e *did*,

permitiu que as investigações se direcionassem às relações de coesão por substituições verbais, visto que *do*, conforme exposto na Metodologia da Pesquisa, normalmente é o substituto verbal em inglês.

2.4 Operadores Gramaticais e Substitutos Coesivos: *Do, Does e Did*

Neste item, a discussão em torno da repetição de vocábulos adentra o universo dos vocábulos ingleses que tanto atuam como verbos lexicais quanto como verbos gramaticais auxiliares, tais com *do, will, can, etc.*, aqui restrita às formas verbais do *Simple Present* e *Simple Past* do primeiro, por este, segundo Halliday e Hasan (1976), ser o vocábulo inglês que tipicamente estabelece relações de coesão por substituição verbal, e também ser um operador gramatical (auxiliar), o que permite um maior aprofundamento nas análises relativas às relações gramático-coesivas a serem abordadas.

Neste direcionamento, a seleção das formas verbais *do, does e did* se deu: (i) por elas estabelecerem correspondências interlinguísticas com as diversas conjugações do verbo ‘fazer’, bem como, de outros, cujos significados centrais giram em torno deste; (ii) por estas formas verbais, muitas vezes, não estabelecerem correspondências morfossintáticas com vocábulos do português, o que explicita divergências marcantes entre os dois sistemas linguísticos. Enquanto, por exemplo, os vocábulos *do, does e did*, quando atuando como operadores gramaticais auxiliares, são compostos somente por um único morfema gramatical que indica seus respectivos tempos-aspectos verbais, no português, estes são indicados por uma gama de morfemas gramaticais, implícitos nas flexões verbais, os quais são associados a morfemas lexicais, relativos aos significados centrais dos verbos. Em resumo, as funcionalidades sintático-gramaticais (auxiliares) de *do, does e did* apontam para funcionalidades que não são atribuíveis ao verbo ‘fazer’, e afins.

Quando *do does e did* atuam como substitutos verbais em relações de coesão textual, os três podem acarretar repetições deles em orações adjacentes, como em “*Does she sing? No, but Mary does.*” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.127). Similarmente, quando atuam como operadores gramaticais, podem ocorrer mais de uma vez numa mesma oração, como em “*How do you do?*” (BNC, C9R 180), sendo que o operador gramatical *do*, desta pergunta, não estabelece correspondência direta com nenhum vocábulo do português, portanto não figura numa tradução para esta língua.

Os atributos funcionais de *do*, *does* e *did*, descritos nos dois últimos parágrafos, abrem campo para expectativas da existência de frequências mais elevadas de ocorrências deles nas traduções para o inglês. No entanto, buscas por confirmações destas expectativas em Corpora linguísticos são demasiadamente complexas, por conta de elas demandarem contrastes interlinguísticos, via alinhamentos frásicos, envolvendo ocorrências destes vocábulos, como operadores gramaticais e como formas verbais lexicais homônimas, e as ocorrências das diversas formas verbais conjugadas, ou não, do verbo ‘fazer’ e afins. Em outras palavras, o contraste é por demasiado complexo, pois, por um lado, envolve diferentes aspectos gramático-coesivos dos vocábulos nas duas línguas, e, por outro, envolve as diferentes polissemias destes dentro de seus respectivos sistemas linguísticos, o que demandaria um alinhamento total do córpus, que viabilizasse os contrastes entre frequências de ocorrências, o que não é o caso da pesquisa.

Face esta complexidade, optou-se por um caminho inverso ao adotado nas investigações contrastivas dos vocábulos terminados em *-ing*, abordando, primeiramente, a questão pelo viés teórico, para em seguida, apresentar algumas frequências de ocorrências de *do*, *does* e *did*, que não estabelecem correspondências com formas verbais das traduções.

Não se pretendeu, porém, com este direcionamento investigativo subverter a ordem geral dos *Descriptive Translation Studies* (DTS), que, segundo Toury (2102), essencialmente, não são prescritivos. E, como a Linguística de Córpus enquadra-se nos DTS, o método indutivo torna-se *sine qua non*. No entanto, devido à complexidade dos contrastes interlinguísticos, necessários para se aplicar este método à questão dos vocábulos *do*, *does* e *did*, o método dedutivo permitiu focar nas ocorrências destes, que por força de relações gramático-coesivas, pertinentes ao sistema linguístico do inglês, evidenciam possibilidades de surgimentos de discrepâncias quantitativas entre as frequências de ocorrências de repetições nos textos originais e as traduções do Córpus da Pesquisa.

Cumpram então, primeiramente, definir as linhas teóricas aqui adotadas. Por conta da Hipótese da Pesquisa, elencou-se essencialmente a teoria hallidayana como norte das investigações por vir, em razão do aprofundamento, que Halliday e Hasan (1976) conferiram aos estudos da Coesão Textual. Aliado à questão da coesão textual, parte das investigações foram direcionadas a aspectos da Gramática Funcional também de Halliday (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004), em

especial, quanto ao fluxo de informação de mensagens linguísticas, pois, segundo Mona Baker (2001), este também é um aspecto a ser considerado pelas estratégias de tradução.

A despeito de um aparente silogismo, em relação ao direcionamento acima proposto, a discussão tem como ponto de partida as atuações de *do*, *does* e *did* encontradas no Córpus da Pesquisa, meramente, como referenciais estruturais do texto. Nas investigações quanto às atuações gramático-coesivas de *do*, *does* e *did*, no subcórpus *TT* em inglês, encontrou-se 06 distinções, *i.e.*:

1. Expressando ações em sentenças declarativas positivas, podendo ser finitos - indicando pessoa, número, tempo-aspecto verbal (LINGUATECA) - ou não finitos;
2. Atuando como verbo finito em sentenças interrogativas;
3. Atuando como verbo finito em sentenças declarativas negativas;
4. Enfatizando ações, antecedendo verbos lexicais;
5. Conferindo efeitos retóricos, formais ou literários via *English Inversions*, antecedendo sujeitos sintáticos;
6. Estabelecendo coesões por referência e/ou substituição, incluindo as em *short answers* negativas e positivas;

Com vistas à busca por possibilidades de correspondências com o português, a seguir são dispostas correlações entre as seis atuações de *do*, *does* e *did*, acima listadas, e as distinções propostas por Halliday e Hasan (1976, p.123-129), em negrito e entre parênteses, a saber:

- Como formas verbais lexicais (**verbos lexicais *do***) (1) expressando ações em sentenças declarativas positivas, podendo ser finitos ou não finitos. Quando finitos, estabelecem correspondências interlinguísticas com as formas verbais de alguns verbos do português, cujos significados centrais giram em torno de ‘fazer’. Quando não finitos, estabelecem correspondências semânticas, mas nem sempre gramaticais;
- Como auxiliares sintáticos (**operadores gramaticais *do***), (2) e (3) sempre como verbos finitos (Ibid.), mas não lexicais. Em outras palavras podendo indicar pessoa, e/ou número, e sempre indicando tempo-aspecto verbal, mas não expressando significados, o que, conforme disposto anteriormente, não ocorre com ‘fazer’ no português. Ou seja, o verbo ‘fazer’ não atua como um operador gramatical no português, e, por conta disto, também inexistem usos similares aos usos dos **operadores gramaticais *do***, precedendo formas verbais

lexicais para enfatizar ações (4), nem similares aos usos enfáticos (retóricos) (5) destes operadores precedendo sujeitos sintáticos em *English Inversions*. Cabe aqui ressaltar que, tradicionalmente, o termo *English Inversion* é mais abrangente; aqui ele se restringe às inversões que se dão por conta de estratégias retóricas;

- Em relações coesivas (6), podendo estabelecer diferentes relações anafóricas, catafóricas e endofóricas, bem como diferentes correspondências interlinguísticas:

(i) Anaforicamente, como **verbos lexicais do**, sendo sempre transitivos, portanto, sempre acompanhados de objeto direto sintático, referindo-se a formas verbais lexicais idênticas, como em “*He ought to be doing his homework. – He’s doing it.*” (Ibid. p.124). Estabelecem relações de coesão por repetição, e estabelecem correspondências morfossintáticas e semânticas com seus homólogos em português;

(ii) Anaforicamente, como **substitutos verbais do** de formas verbais lexicais e de grupos verbais, sendo que se distinguem dos verbos lexicais *do* por poderem não ser acompanhados por objetos sintáticos, como em, “*He is doing*” (ibid.), outra resposta possível para a pergunta do exemplo anterior. Destaca-se que, quanto à correspondência interlinguística, esta distinção entre (i) e (ii) em inglês, às vezes, não é facilmente perceptível no português, em função de neste haver uma tendência à elipse do objeto sintático, em respostas curtas, correspondentes às possíveis do exemplo;

(iii) Anaforicamente, como **substituto verbal do**, sempre como forma verbal finita, substituindo uma forma verbal lexical, como em, “*Does she sing?*” e “*Yes, she does.*”, onde *does* é elíptico (Ibid., p. 127). Em geral, não encontram correspondências diretas no português, a não ser se considerar-se, como elípticas, as respostas ‘Sim.’ ou ‘Não’ para, por exemplo, a pergunta ‘Ela canta?’;

(iv) Atuando como itens lexicais com significados generalizados, - **verbos genéricos do** -, como na forma nominalizada, em “*they did the dance*, significando, simplesmente, *they danced*” (Ibid. p. 125). Podem estabelecer correspondências com o português, como em, ‘*they do lunches*’ e ‘*it does no harm*’ (Ibid.) correspondendo, respectivamente, a ‘fazem almoços’ e ‘não faz mal’. Podem estabelecer coesão anafórica por referência, quando um dos itens lexicais, da forma nominalizada, for mencionado anteriormente;

(v) Estabelecendo referência como **pró-verbos**⁸ *do*, associados há algum item lexical, pró-substantivo, como *it*, *this* e *that*, referindo-se a grupos verbais, como em “*Her chin was pressed so closely against her foot, that there was hardly room to open her mouth; but she did it last...*” (Ibid.), onde *did it* se refere à *open her mouth*, por conta da referência anafórica que *it* estabelece com *her mouth*. Mas, “na realidade é todo grupo verbal que estabelece a referência” (Ibid.). Em geral, estabelecem correspondências diretas com o português.

Cabe ressaltar que, algumas das distinções, propostas por Halliday e Hasan, têm relações diretas com aspectos fonológicos da língua inglesa. Como os próprios autores afirmam, ao distinguirem as ocorrências de *does* nas respostas no exemplo II - 8, que “na oralidade, as duas formas são mais distintas do que na escrita, porque o substituo *do* é fraco, enquanto que, o operador *do* é proeminente, quando finaliza o grupo verbal,” (Ibid. p.127, tradução nossa).

(II - 8) <i>Does she sing?</i>	}	Yes, she does. (operador <i>do</i>)
	}	No, but Mary does. (substituto <i>do</i>)

Em função das distinções entre traços fonológicos das duas línguas, algumas vezes, as distinções nos usos de *do*, *does* e *did* feitas por estes autores, também podem não ser aplicáveis ao português. Neste exemplo, as duas coocorrências do vocábulo *does* dificilmente estabeleceriam correspondências no português, pois nestes contextos frásicos, o núcleo, ‘canta’, do grupo verbal, é comumente elidido na oralidade. Caso não o seja, tende a ser repetido, portanto, ambas as ocorrências de *does* corresponderiam à ‘canta’. Perceba que não seria possível traduzir a segunda resposta por “Não, mas Mary faz”. Seria

⁸ Segundo os estudos de Halliday e Hasan, as relações coesivas podem se estabelecer entre substantivos, verbos, e partes de orações. Assim, o sufixo ‘pró’ em pró-verbo *do*, indica que ele se refere às coesões por referência que *do* estabelece com grupos verbais, tais quais as que os pró-substantivos, como *it* e *one* estabelecem com substantivos ou grupos nominais.

possível, mas somente em contextos mais formais, por “Não, mas Mary o faz”.

Na sequência investiga-se, ainda pelos vieses teóricos da coesão textual e do fluxo de informação, os efeitos, que algumas das atuações de *do*, *does* e *did*, que não encontraram correspondências nas traduções presentes no *Cópus da Pesquisa*, podem ter nas frequências de ocorrências destes vocábulos, e, por conseguinte, nas frequências de ocorrências de repetições deles. Porém, pela obviedade de tais efeitos, no que se refere às atuações destes vocábulos como operadores gramaticais nas estruturações de sentenças interrogativas e declarativas negativas,, excluímos estas atuações das investigações por vir, retomando-as nas quantificações das ocorrências destes vocábulos no sub*cópus TT* em inglês.

Antes de dar prosseguimento às investigações, cabe ressaltar que, a partir deste ponto, quando adequado, a terminologia Halliday e Hasan é privilegiada, visto que a distinção destes autores auxilia na melhor compreensão dos usos de *do*, *does* e *did*, o que facilita no contraste com os usos de seus possíveis correspondentes interlinguísticos em português. Cabe reiterar que, na terminologia proposta pelos autores, *do* refere-se a todas as suas formas verbais, incluindo *done* e *doing*. No entanto, nesta seção do texto, *do* compreende somente as três formas verbais em questão.

Passa-se, então, para as análises de alguns aspectos gramático-coesivos e de alguns relevantes ao fluxo de informação, com vistas ao mapeamento das funcionalidades dos vocábulos *do*, *does* e *did*, que corroboram com o aumento das repetições de vocábulos em inglês. Cabe retomar o que já foi enfatizado na Introdução desta dissertação, que a pesquisa adota a posição de Halliday e Hasan, quanto ao fato de “o conceito coesão ser um conceito semântico e não estrutural” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p.4, tradução nossa). Portanto, as relações coesivas não são limitadas por aspectos estruturais, e “podem ser encontradas, tanto dentro de sentenças, quanto entre sentenças, [...] [a despeito de, quando] dentro, chamarem menos atenção devido à força coesiva das estruturas gramaticais.” (Ibid. p.8, tradução nossa).

2.5 *Do, Does e Did*: Usos Enfáticos e Coesivos

Primeiramente, foram selecionados os alinhamentos II – 9, II – 10 e II – 11 para serem investigados, visto eles não envolverem, pelo menos diretamente, relações coesivas, mas, sobretudo, evidenciarem relações morfossintáticas, envolvendo *do*, *does* e *did*, bastante distintas

das encontradas no português, *i. e.*, *English Inversions* e os usos enfáticos dos operadores gramaticais *do*, *does* e *did*, como no excerto em inglês do alinhamento II – 9, em que o operador gramatical *does*, que antecede à forma verbal lexical *alter*, visa atribuir certo aspecto enfático a esta forma.

(II – 9) “Ninguém troca o bilhete de loteria que lhe saiu branco; e se o **emenda**, para receber um prêmio, vai para a cadeia.”

*“No one alters the lottery ticket that came up blank on him, and if anyone **does alter** it to win a prize he goes to jail.”*

Neste alinhamento, a despeito das diferenças semânticas entre ‘emenda’ e *alter*, o uso enfático do operador gramatical *does*, também possível com *do* e *did*, parece ter sido uma estratégia de tradução para enfatizar a ação, de modo a estabelecer correspondência com o aspecto enfático, na oralidade, que o uso proclítico do pronome oblíquo ‘o’ confere à forma verbal ‘emenda’, pois, na oralidade, este posicionamento do pronome resulta na pronúncia semitônica dele (AZEREDO, 2008, p.259). A inserção de *does* fez com que a forma verbal lexical *alter* atuasse como não finita, o que aponta para uma tendência à repetição desta, pois, formalmente, é idêntica à sua *base form*. Isto é bastante perceptível contrastivamente, pois se o original fosse, por exemplo, ‘se o emendasse’ a tradução, seguindo a estratégia da tradução, ficaria *if anyone did alter it*, ou ainda, se ele fosse, ‘se o emendar’, ficaria, *if you do alter it*. Conforme já mencionado, por conta das conjugações verbais do português, a tendência às repetições em inglês se reforça, pois à medida que a forma verbal de ‘emendar’ varia, se repetem tanto o operador gramatical quanto a forma verbal não finita *alter*, pois a tendência à repetição das formas verbais não finitas, causada pelos usos enfáticos dos operadores gramaticais também se aplica a eles mesmos. Ressalta-se que tendências similares também são observáveis nas relações entre os operadores gramaticais *do*, *does* e *did*, e formas verbais não finitas em sentenças interrogativas e declarativas negativas.

Assim, à parte de ter sido ou não uma escolha de tradução, o uso enfático, bastante comum em inglês, de operadores gramaticais antecedendo verbos lexicais, evidencia uma distinção entre os dois sistemas linguísticos, a qual tem efeitos diretos nas proporções de repetições de vocábulos entre as duas línguas. Com efeito, caso se

desejassem conferir uma marca ainda mais enfática do que a conferida pela pronúncia semitônica de ‘o’, isto não acarretaria repetição de outra forma verbal, pois haveria de se utilizar algum adjunto adverbial, tal como, ‘de fato’ ou ‘realmente’, ou uma locução adverbial, como ‘se atreve a’ ou ‘se arrisca a’.

Funcionalmente diferente do uso enfático do operador gramatical *does*, acima investigado, as ocorrências de *does* e *did* nos alinhamentos II – 10 e II – 11 visam acrescentar marcas retóricas ou enfáticas aos segmentos frásicos, pois estas não se restringem em enfatizar formas verbais lexicais, uma vez que não estão posicionados à frente delas, mas sim, à frente de seus sujeitos sintáticos. Por esta razão pertencem à categoria de estruturas sintáticas conhecidas por *English Inversions*.

(II – 10) “**Tampouco** Pedro Bala **quer** ir como Gato enganar os coronéis de Ilhéus.”

“Nor does Pedro Bala want to go off like Cat to trick the colonels of Ilhéus.”

(II – 11) “Só depois é que me **ocorreria** uma frase antiga que tolamente se gravara há anos na minha memória”

“Only afterward did an old sentence occur to me, one that years before had been unwittingly engraved upon my memory”

As *English Inversions* podem ser utilizadas para “se enfatizar o que se quer dizer, pois, de algum modo, a informação a ser passada é impressionante, original ou surpreendente” (BBC WORLD SERVICE, 2014 tradução nossa), bem como, pode ser usada para “conferir aspectos formais e literários às sentenças” (GRAMMARING, 2014 tradução nossa). Em alguns casos, por exemplo, “advérbios negativos, como *nor*, podem ser posicionados no início das sentenças para conferir efeitos retóricos às sentenças;” (Ibid.) E, isto leva a inversões de posicionamento na relação sujeito-verbo, estruturadas por inserções de um operador gramatical *do* à frente do sujeito sintático, como em *did* antecedendo *an old sentence*, no alinhamento II – 11, que reforça o efeito retórico introduzido por *only afterward*. Por consequência disto, a forma verbal lexical, no caso *occur*, atua como não finita. Destaca-se

que as inversões também podem ser utilizadas em alguns contextos frásicos informais (Ibid.).

Basicamente, a diferença entre os usos enfáticos dos operadores gramaticais e as *English Inversions* está no direcionamento do foco da ênfase, pois em *if anyone **does alter** it* o foco é na ação, mas em *Only afterward **did** an old sentence **occur** to me*, o foco da ênfase se direciona simultaneamente a *only afterward* e *occur*. Entretanto, ambos os usos podem acarretar acréscimos nas frequências de ocorrências de repetições tanto de verbos lexicais não finitos quanto dos próprios operadores gramaticais. E, isto, em relação ao português, se reflete nas proporções de repetições de vocábulos entre as duas línguas.

Dando continuidade, a seguir são analisadas algumas ocorrências dos substitutos *do*, *does* e *did*, com vistas à detecção de possíveis efeitos de suas atuações nos fluxos de informação. Porém, dada à complexidade e à fertilidade de análises desta sorte, foram elencados apenas três pares de alinhamentos frásicos, aqui indexados por II – 12, II – 13 e II – 14. O aprofundamento teórico das análises por vir se dá na relativa ao primeiro alinhamento, sendo que as análises dos outros dois reforçam este ou aquele aspecto discutido nas que os antecedem.

(II – 12) “Os gritos enchem a noite, calam a voz do negro que canta no mar, **estremecem** o céu de estrelas e o coração de Pedro”.

*“The shouts fill the night, drown out the voice of the black man singing on the sea, the sky **trembles, as does** Pedro Bala’s heart.”*

Considerando que Enkvist afirma que “um tradutor deve estar consciente não só de significados cognitivos e estruturas sintáticas básicas em seu texto, mas, também, da dinâmica de informação dele.” (ENKVIST, 1978a apud. BAKER, 1992, p. 119, tradução nossa), passe-se para a análise do alinhamento II – 12 sob o viés, ainda que não muito aprofundado, da noção de fluxo de informação, segundo estudos de Halliday (1976 e 2004). Para tal, deste ponto em diante, o termo ‘mensagem’ foi adotado, para quando o foco das análises for o fluxo de informação, reservando, para as análises das relações morfossintáticas, os termos ‘sentença’ e ‘oração’.

Primeiramente, cabe ressaltar que algumas diferenças entre os fluxos de informação das mensagens original e traduzidas do alinhamento II – 12 parecem ser inevitáveis, em função de o verbo *tremble*, segundo o Collins Dictionary, ser somente intransitivo, diferentemente de ‘estremecer’, que também pode ser transitivo direto (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), como na sentença original. Percebe-se que no original a agência de estremecer é atribuível unicamente a ‘os gritos’, dada à relação coesiva recorrencial da sequência das formas verbais ‘enchem’, ‘calam’ e ‘estremecem’, enquanto que na tradução, por conta da intransitividade do verbo *tremble*, surgiram três agentes, no caso, os sujeitos sintáticos *the shouts*, *the sky* e Pedro Bala.

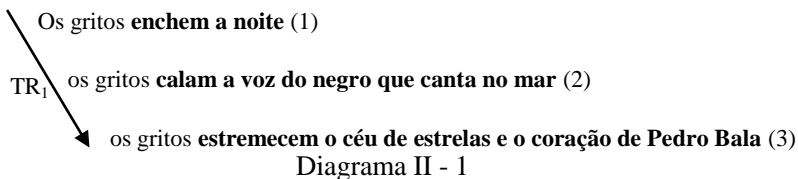
Considerando, assim, que, segundo Halliday, as estruturas de mensagens “se consistem de um Tema⁹ [do que se fala] acompanhado por um Rema [o que se fala], e as estruturas se expressam nesta ordem, a partir do que é escolhido como o Tema, sendo este sempre colocado em primeiro lugar”, (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004 p.65, tradução nossa), a mensagem em português tem como Tema (T) ‘os gritos’, o qual é seguido pelo Rema (R), composto pelo restante da mensagem. Porém, na tradução, dada à intransitividade da forma verbal *trembles*, as agências de causar estremecimento, atribuíveis ao Tema da mensagem original, não puderam ser mantidas na íntegra na tradução, o que, certo modo, criou um paralelismo de informações entre *The shouts fill the night, drown out the voice of the black man singing on the sea* e *the sky trembles*, e *as does Pedro Bala’s heart*. Isto acarretou diferenças quanto às correspondências entre os Temas e os Remas das mensagens original e traduzida, pois, enquanto que um Tema (Th_1) da tradução, *the shouts*, corresponde ao Tema (T) da original, ‘os gritos’, o Rema (Rh_1) da tradução, *fill the night, drown out the voice of the black man singing on the sea*, compreende somente a parte do Rema (R) da original. Por outro lado, os grupos nominais “o céu de estrelas” e “o coração de Pedro”, objetos sintáticos na sentença original, em função da intransitividade do verbo *tremble*, correspondem a sujeitos sintáticos na tradução, no caso, “*the sky*” e “*Pedro Bala’s heart*”. E, como em segmentos declarativos, como os em questão, os Temas são “tipicamente grupos nominais atuando como sujeitos sintáticos”

⁹ Na realidade, as nomenclaturas Tema e Rema, aqui atribuídas a Halliday, foram cunhadas pela Escola de Praga de Linguistas, como o próprio Halliday firma. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004)

(HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004 p.78, tradução nossa), os grupos nominais em inglês tornaram-se Temas (*Th*), enquanto que os seus correspondentes em português fazem parte do Rema (R) da mensagem original.

Desta forma, em função destas relações sintático-temáticas, seria de se esperar que surgisse um distanciamento considerável entre os fluxos de informação nas mensagens traduzida e original. Entretanto, dois traços gramático-coesivos da língua inglesa, *i.e.*, referência comparativa e substituição verbal, utilizados como estratégias de tradução, permitiram que o fluxo de informação na tradução pudesse se aproximar, um pouco mais, do fluxo de informação da mensagem original.

Para prosseguir com esta linha de raciocínio, é necessária a adoção de um artifício, que permite desdobramentos dos Temas e Remas das mensagens, em Temas e Remas de submensagens, correspondentes às orações que compõem as mensagens. Visando isto, parte-se do fato de que na mensagem original, é possível identificar elipses nominais - substituições por Ø - de “os gritos”, antes dos verbos ‘calam’ e ‘estremecem’, viabilizadas por conta da força das relações coesivas internas da sentença, (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.8), explicitadas pelas flexões das formas verbais ‘enchem’ ‘calam’ e ‘estremecem’. E, fundamentando-se nestas possibilidades, norteadas pelo fato de que, em português, “em orações declarativas, o sujeito sintático está muitas vezes elíptico” (GOUVEIA e BARBARA, apud. ILHA DO DESTERRO, 2004), foi possível desdobrar a mensagem em submensagens, conforme abaixo dispostas, onde a seta TR₁ indica o direcionamento das relações Tema-Rema da mensagem original.



Nesta configuração desdobrada, T₁, T₂ e T₃ seriam ‘os gritos’ e seus respectivos R₁, R₂ e R₃ seriam os destacados acima, em negrito. No entanto, em R₃ poder-se-ia arbitrar outra elipse de ‘os gritos estremecem’ antes de ‘o coração de Pedro Bala’, e assim, o fluxo de informação TR₁ passaria a ser:

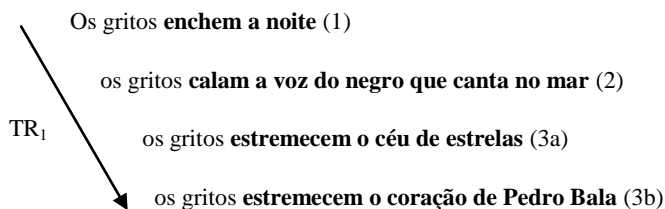


Diagrama II - 2

Onde, ter-se-ia $T_1 = T_2 = T_{3a} = T_{3b} =$ ‘os gritos’, e os R_1 , R_2 e R_{3a} e R_{3a} , em negrito.

Nesta composição, o fluxo de informação da mensagem original seria o na ordem da sequência de Temas e Remas, abaixo em negrito e entre parênteses, onde \emptyset indica grupo nominal elíptico:

Os gritos (**T₁**) enchem a noite (**R₁**), \emptyset (**T₂**) calam a voz do negro que canta no mar (**R₂**), \emptyset (**T_{3a}**) estremeecem o céu de estrelas (**R_{3a}**) e \emptyset (**T_{3b}**) o coração de Pedro (**R_{3b}**)

Entretanto, aplicando o mesmo artifício à mensagem em inglês, tem-se:

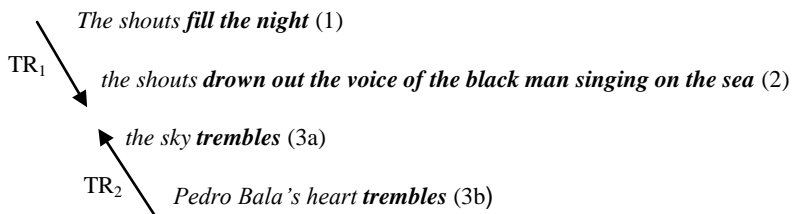


Diagrama II - 3

Analisando o direcionamento de seta, percebe-se, pelo desdobramento, que surge outro direcionamento, TR_2 , por assim dizer, oposto ao TR_1 das relações Tema-Rema da mensagem original. Assim, nesta configuração, os Temas (*Th*) seriam $Th_1 = Th_2 =$ *The shouts*, $Th_{3a} =$ *the sky* e $Th_{3b} =$ *Pedro Bala's heart* e os Remas (*Rh*) seriam Rh_1 , Rh_2 e

*Rh*_{3a} e *Rh*_{3b}, destacados em negrito no diagrama II - 3. E, aplicando a relação Tema-Rema na mensagem traduzida, tem-se:

The shouts (Th₁) fill the night (Rh₁), Ø (Th₂) drown out the voice of the black man singing on the sea (Rh₂), the sky (Th_{3a}) trembles (Rh_{3a}), as does Ø (Rh_{3b}) Pedro Bala's heart (Th_{3b}).

Comparando a sequência de Temas e Remas da mensagem desdobrada em inglês com a sequência homóloga da mensagem traduzida, percebe-se que os *Th*₃ e o *Rh*₃ desta, não coincidem com os *T*₃ e *R*₃ da mensagem original. Para que ambos os Temas e Remas coincidissem, seria necessário alterar o último período, *as does Pedro Bala's heart*, para *Pedro Bala's heart trembles*. Mas, ao se fazer isto, a relação de coesão, entre *trembles* e *does* das submensagens (3a) e (3b), estabelecida pela forma como foram traduzidas, seria alterada, pois, ao invés da presença do substituto verbal *does*, ocorreria a repetição da forma verbal, *trembles*, o que se afastaria do original, visto que o autor evitou a repetição ao optar por agrupar os grupos nominais “o céu de estrelas” e “o coração de Pedro Bala” em um único grupo nominal, atuando como objeto sintático da forma verbal ‘estremecem’.

Além disto, a alteração que haveria de se fazer também levaria à outra alteração no fluxo da relação TR, em relação ao da mensagem original, pois, sendo *Pedro Bala's heart* o *Th*_{3b}, seria um Tema não marcado, considerando que, segundo Halliday, os grupos nominais com nomes próprios são não marcados (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004 p.73), e assim, *trembles* seria marcado, o que reforçaria os efeitos retóricos da repetição da forma verbal.

Em função dos efeitos acima descritos, cabe, então, analisar os efeitos da relação Tema e Rema na coesão estabelecida na tradução, em relação à mensagem original. Para tal, convém analisar o diagrama II - 4 das submensagens da mensagem traduzida.

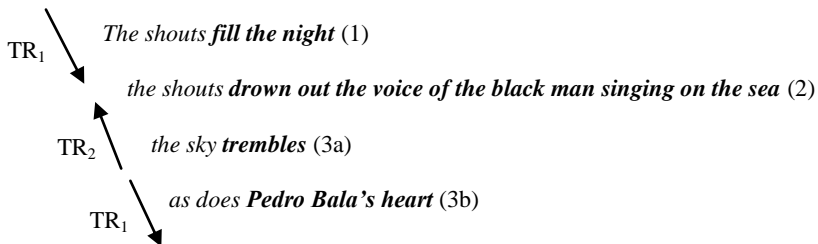


Diagrama II-4

Focando nas setas do diagrama II-4, destaca-se que na submensagem 3b, a seta reverteu parte do sentido TR₂, retomando o do TR₁, o que corroborou com a aproximação entre o fluxo de informação da mensagem original e o fluxo de informação da traduzida, e, ainda, permitiu a não repetição de *trembles*. E, sob seu aspecto fonológico, conferiu proeminência na oralidade de *Pedro Bala's heart*, evitando que ela se deslocasse para a forma verbal.

Cabe, então, analisar as relações gramático-coesivas que nortearam as estratégias de tradução. Não surpreendentemente, a reversão do direcionamento TR₂, que recuperou o TR₁ da mensagem original, ocorreu onde há uma inversão sujeito-verbo no grupo verbal *as does Pedro Bala's heart*, onde *does* se realiza semanticamente na relação anafórica que ele estabelece com a forma verbal lexical *trembles* da oração, que antecede o grupo verbal, estabelecendo coesão anafórica por referência comparativa equitativa (HALLIDDAY e HASAN, 1976, p. 127), ao mesmo tempo em que *does* atua como substituto verbal de *trembles*. Cabe ainda ressaltar, que o substituto *does*, não poderia ser elidido, pois não haveria como ‘recuperar’ o significado da elipse, na oração anterior, no caso, *the Sky trembles*. Isto é retomado nas análises do alinhamento II – 13.

Cabe também salientar que inversões, como a que ocorre em *as does Pedro Bala's heart*, não devem ser confundidas com as *English Inversions*, pois, conforme descrito anteriormente, as últimas são estruturadas com um operador gramatical, antecedendo a um sujeito sintático. Entretanto, *does* na inversão do excerto analisado não pode ser um operador gramatical, visto não haver uma forma verbal lexical não finita na oração. Observando atentamente, percebe-se que a relação anafórica que o vocábulo *as* estabelece com a oração, que o antecede, viabiliza a coesão e permite a realização semântica do vocábulo *does*, que é o substituto verbal de *trembles*. Desta forma, a rigor *as + does* representam uma única instância coesiva (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.126), e segundo os autores, nesse caso, *does* é um pró-verbo. Portanto, parece ser razoável inferir que as estratégias de tradução minimizaram os efeitos da discrepância entre as transitividades do verbo ‘estremecer’ e do verbo *tremble*.

Para encerrar as abordagens às relações de coesão textual e ao fluxo de informação, envolvendo os vocábulos *do*, *does* e *did*, a seguir, analisa-se, mais sucintamente, outros dois alinhamentos.

(II – 13) “Por Pedro Bala, João Grande **se deixaria cortar** a facão como Ø₁ aquele negro de Ilhéus Ø₂ por Barbosa, o grande senhor do cangaço.”

*“For Pedro Bala Big João would **let himself be cut** with a knife like that black man in Ilhéus when **he did it** for Barbosa, the big boss of the scrublands.”*

No excerto em português do alinhamento II – 13, é possível identificar uma elipse, a qual poderia estar em Ø₁ ou Ø₂: estando na primeira posição, seria algo em torno de ‘se deixou’, ou ‘o fez’; estando na segunda, algo em torno de ‘que o fez’, ou ‘que se deixou’. Na tradução, ela foi eliminada pela inserção de ‘*when he did it*’ em substituição à Ø₂. Porém, isto causou uma alteração semântica, em relação ao original, pois *that black man in Ilhéus*, semanticamente, difere de ‘aquele negro **de** Ilhéus’, em que ‘**de**’, neste contexto frásico, refere-se à procedência do ‘negro’, enquanto que, **in** localiza a ação no espaço.

Observando a oração em inglês, na qual a elipse foi eliminada, percebe-se que sua estrutura é basicamente a mesma que a estrutura da oração que a antecede, sendo que nesta, o adjunto adverbial vem à frente do restante da oração, tal qual no original, o que permitiu a elipse no original, pois a coesão se dá pelo paralelismo entre ‘por Pedro Bala’ e ‘por Barbosa’. No entanto, no inglês a elipse não poderia ser mantida, pois a preposição *for* antecedendo um nome próprio ou substantivo, pode indicar ‘a favor/em benefício de’ (HARPERCOLLINS, 2014), como no excerto, mas, também, pode indicar ‘com a intenção de se alcançar a’, ‘se dirigir a’, ‘para vantagem de’, e afins (ibid.), o que prejudica o paralelismo entre *for Pedro Bala* e *for Barbosa*. Perceba que o segundo grupo de significados apresentados pelo COLLINS Dictionary estabelece correspondência no português com ‘para’. Deste modo, parece ter havido a necessidade de inserir *he did it* para que *for* assumisse o significado de ‘a favor de’, e o paralelismo fosse estabelecido. Outro aspecto a se considerar é fluxo de informação, pois com o adjunto adverbial *For Big Pedro*, antecedendo o resto da oração, Big Pedro atua como Tema, já *for Barbosa* é o Rema da segunda mensagem, assim se a elipse fosse mantida na tradução, o significado da oração elíptica no Rema teria que ser ‘recuperado’ no Tema da informação anterior, o que, me parece, prejudicar a coesão. Por fim, o

paralelismo foi estabelecido por *let himself be cut* e *he did it*, onde *did* substituiu o grupo verbal, *let himself be cut*.

No alinhamento II – 14, é analisada uma elipse verbal do excerto em português, que é bastante complexa, pois as relações coesivas entre as formas verbais se dão numa sequência de relações catafóricas, que são alicerçadas em relações anafóricas por referências nominais.

(II – 14) “Mulheres mais abonadas **faziam como** mamãe Ø₁, **que todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações.**”

“Wealthy women did what Mother did; she went to Europe every year with my father and brought back clothes for all four seasons.”

Para a análise deste par de excertos, faz-se necessário destacar que a relação de coesão por substituição verbal que ‘faziam’ estabelece, no excerto em português, está alicerçada na relação de coesão por referência comparativa que o referente ‘como’ estabelece com ‘*todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações.*’ Com efeito, a resposta para ‘mulheres mais abonadas faziam o quê?’ seria algo em torno de ‘*todo ano acompanhavam seus maridos à Europa e traziam vestuário para as quatro estações.*’

Cabe, então, diferenciar objetivamente substituição de referência:

...substituição é uma relação entre itens linguísticos, tais como, palavras ou orações, enquanto que, referência é uma relação entre significados. Em termos do sistema linguístico, referência é uma relação no nível semântico, enquanto que substituição é uma relação no nível léxico-gramatical. (HALLIDAY E HASAN, 1976 p.89, tradução nossa).

A relação semântica, destacada por Halliday e Hasan, é bastante perceptível se consideramos que o vocábulo referente ‘como’ expressa a igualdade no nível semântico e a forma verbal substituída *did* no nível léxico-gramatical, pois substitui as formas verbais substituintes

‘acompanhava’ e ‘trazia’, juntamente com seus adjuntos e complementos.

Transpondo as distinções acima estabelecidas para os dois excertos alinhados, abstrai-se do em português, duas relações coesivas por substituição verbal, sendo uma indicada por ‘faziam’ e, outra por zero \emptyset_1 , relativa à elipse de ‘fazia’ após ‘mamãe’, sendo que ambas se recuperam em ‘todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações’. Ainda, detecta-se duas relações coesivas por referência entre ‘como’ e ‘que’, sendo a primeira comparativa e a segunda relativa. Na sentença em inglês também há duas relações, por substituição verbal, estabelecidas pelas duas ocorrências de *did*, que cataforicamente se realizam em *went to Europe every year with my father and brought back clothes for all four seasons*. No entanto, há somente uma relação de referência, no caso, em *what*, que, cataforicamente, complementa *did*. Ou seja, na tradução a referência comparativa foi eliminada. Assim, o ponto de investigação envolve os porquês da exclusão desta referência na tradução. Cabe aqui, salientar, que algumas considerações, a respeito da relação de referência comparativa, presentes nas análises do excerto da tradução do alinhamento II – 11 são aplicáveis a esta investigação.

Tomando como ponto de partida o original, a conjunção ‘como’ subordina, comparativamente, a oração ‘Mulheres mais abonadas faziam’ à ‘mamãe \emptyset_1 (fazia)’, que por sua vez é subordinada à ‘todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações’, pela presença do pronome relativo ‘que’.

Supondo a tentativa da manutenção da comparação, poder-se-ia vislumbrar a possibilidade de inserção da conjunção *as*, de modo que a tradução ficasse algo em torno de *Wealthy women did as Mother did; she went to Europe every year with my father and brought back clothes for all four seasons*. No entanto, o vínculo entre as duas orações separadas pelo ponto-e-vírgula seria enfraquecido, pois a referência comparativa ocorreria no nível dos grupos nominais *mother* e *wealthy*, o que poderia ser, *a priori*, tal qual no original, corrigido pela inserção de um pronome relativo, no lugar do pessoal *she* que pudesse reestabelecer o vínculo, por subordinação. Entretanto, isto não caberia, pois o pronome relativo teria que se referir ao grupo nominal *Mother*, mas para que isto acontecesse, seria necessário elidir a forma verbal *did*, pois pronomes relativos referem-se aos grupos nominais imediatamente anteriores a eles. Contudo, tal elipse não seria possível, visto que ela comprometeria a ‘recuperação’ do significado do grupo verbal, pois “a

substituição de um verbo por um marcador da substituição sinaliza que o item lexical relevante tem que ser recuperado em algum outro lugar.” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 122, tradução nossa) Também não seria possível a inversão no posicionamento sujeito-verbo, em função da semântica do contexto frásico, pois ao se posicionar *did* à frente de *Mother* (*as did Mother*), ocorreria a inversão do direcionamento da comparação, ou seja, seria *Mother* que faria algo como *Wealthy women* faziam, visto que *did* em *as did Mother* seria o substituto verbal anaforicamente recuperável em *Wealthy women did*. Desta forma, a eliminação da referência por comparação, pela inserção de *what*, atuando como pronome relativo, correspondendo a ‘como’, permitiu que a oração *she went to Europe every year with my father and brought back clothes for all four seasons* passasse a atuar como explicativa da oração *Mother did* que, pela referência relativa que *what* estabelece, permite que o significado seja resgatado na primeira ocorrência de *did*. Aqui, cabe um adendo contrativo, perceba que em português, se fosse o caso, não haveria o problema que ocorreria no inglês, pois trocas de posição entre sujeitos e verbos, tendem a não causar complicações quanto às relações gramático-coesivas, pois semanticamente, pouca alteração ocorre. De fato, no original, caso se eliminasse a elipse \emptyset_1 , caberia tanto ‘como mamãe fazia’ quanto ‘como fazia mamãe’.

As análises dos alinhamentos II - 9, II - 10, II - 11, II - 12, II - 13 e II - 14 destacam a complexidade das relações de coesão textual e da manutenção do fluxo de informação, especialmente, quando se deve transpô-las do inglês para o português, via processos tradutórios. Sobretudo, destacam funcionalidades dos operadores gramaticais *do*, *does* e *did*, os quais não encontram correspondências morfossintáticas no português. Paralelamente, evidenciam atuações destes vocábulos como substitutos verbais, que, ou por força da gramática, ou por questões de retórica, ou por necessidade de manutenção do fluxo de informação, também não estabelecem correspondências no português. Notadamente, as análises destacam que ambas as atuações destes vocábulos levaram aos surgimentos deles nas traduções, o que representa mais repetições destes em inglês, e, em alguns casos, também acarreta repetições de suas *base forms* homônimas.

Em relação ao português, percebeu-se que as elipses em inglês parecem ser mais restritas, pois, nos alinhamentos analisados, constatou-se que muitas das que ocorreram em português, não foram mantidas nas traduções, não por escolhas de tradução, mas por força de relações morfossintáticas peculiares à gramática inglesa. Portanto, com base nas

análises aqui realizadas, parece ser razoável assumir que há uma tendência às repetições dos vocábulos *do*, *does* e *did*, especialmente no que se refere às coocorrências destes em diferentes funções morfossintáticas.

Por fim, para encerrarmos estas análises qualitativas, sob os vieses teóricos da coesão textual e fluxo de informação, cabe antecipar que elas, nesta seção, também têm caráter ilustrativo, no sentido de se explicitar algumas estratégias de análises e alguns aportes teóricos adotados nas, por vir, abordagens horizontais aos vocábulos da amostra do *cópus*, cuja composição e descrição constam na Metodologia da Pesquisa. Por ora, estas análises terminam neste ponto, de modo a abrir espaço para a apresentação de alguns contrastes entre as ocorrências de *do*, *does* e *did* e suas correspondências nos textos originais, sob a ótica quantitativa.

2.6 Ocorrências de *Do*, *Does* e *Did*: Contrastes Quantitativos

Antes da apresentação de um quadro geral contrastando as frequências de ocorrências de *do*, *does* e *did* com as frequências de ocorrências de vocábulos com os quais *do*, *does* e *did* estabeleceram correspondências nos originais do *Cópus da Pesquisa*, com intuito de se estabelecer um vínculo entre este item e o anterior, selecionou-se o segmento genérico *as + do + sujeito* para submetê-lo a investigações que visam verificar se ocorreram elipses nos originais que não estabeleceram correspondências interlinguísticas. Para tal, quantificou-se as ocorrências de orações exclusivamente nas seguintes formas: *as do + sujeito*, *as does + sujeito*, e *as did + sujeito*.

No sub*cópus TT* em inglês da pesquisa, não foram encontradas ocorrências de *as do + sujeito*, nem nenhuma outra de *as does + sujeito*, além da já analisada. Encontrou-se somente 02 ocorrências de *as did + sujeito*, sendo uma em, *receiving almost as many insults as did I*, e outra em, *our love grew old, as did our bodies*, que foram traduzidas, respectivamente, de, ‘como a mim’ e ‘junto aos corpos’. Percebe-se que em ambos os casos, em português, não há verbos, nem formas possessivas.

Embora as duas ocorrências encontradas pareçam corroborar com a expectativa de ocorrer menos elipses em inglês, alvos destas investigações, não se pode tomá-las como confirmadoras desta expectativa, dado o número reduzido de suas ocorrências. Assim, na busca por mais evidências quantitativas, pesquisas similares foram conduzidas no COMPARA, pois sendo este um *cópus paralelo*,

disponibiliza os contrastes desejados. Neste, novamente não foram encontradas ocorrências de *as do* + sujeito, e foi encontrada 01 de *as does* + sujeito. Entretanto, encontrou-se as 13 ocorrências de *as did* + sujeito dispostas no quadro II – 16.

As + did	Correspondências
<i>made communication with him a stressful proceeding, as did his way of closing one eye</i>	tornava penoso o processo de comunicar com ele, bem como Ø o de cerrar um olho
<i>made communication with him a stressful proceeding, as did his way of closing one eye</i>	tornava a comunicação com ele um procedimento extenuante, da mesma maneira como Ø o seu hábito de fechar um olho
<i>fragments of speech seemed strangely familiar to Persse's ears, as did the words of a song</i>	estes pedaços de conversa pareceram estranhamente familiares aos ouvidos de Persse, tal como acontecia à letra de uma canção
<i>the hand of God passing over the sun, to the ravages of rats that lay waste as did the boar to the environs of Calydon</i>	a mão de Deus tapando o Sol, aos destruidores ratos tão devastadores como Ø o javali de Cálidon,
<i>to plead for justice as did that poor offended mother who appeared before Solomon to claim her child.</i>	a fim de solicitar justiça, como Ø aquela pobre mãe ofendida que a Salomão se apresentou a reclamar o filho.
<i>her long, black, Londony coat which proclaimed, as did all her clothes, how far she had deliberately come from the land on which she grew up.</i>	seu sobretudo preto, londrino, que mostrava, como Ø toda a sua roupa , até que ponto se afastara deliberadamente da terra onde fora criada.
<i>until the official opened his umbrella as did the others.</i>	até que o oficial abriu o guarda-chuva e fez como os outros .
<i>The interests of their professions served this purpose, as did their personal relations,</i>	os interesses do ofício serviriam a este efeito, as relações pessoais também Ø ,
<i>and cannot offer Thee my blood as did the prophets who remained there.</i>	não pude Te oferecer meu sangue, como fizeram os profetas que lá ficaram.

<i>(He knew, later, that, as did the royal birds, she wore a golden anklet, but she was not wearing it here);</i>	Uma mulher escoltada por aves de palácio (só mais tarde saberá que ela usou uma corrente de ouro no tornozelo como Ø as aves reais...);
<i>Matos took a note from his pocket, as did Rodrigues;</i>	O Matos tirou uma nota do bolso, e também o Rodrigues Ø.
<i>The owner, in his long drawers and shirt, appeared in the middle of us, as did the waiter, in his underpants.</i>	O patrão, de ceroulas e camisola, apareceu no meio de nós, e também , só de cuecas, Ø o criado.
<i>The only way to publish a book is in a limited edition at 100 francs a copy, as did...</i>	Só compreendo que se publique um livro numa tiragem reduzida; e a 100 francos o exemplar, como fez Ø...

Quadro II - 16 – Contraste entre as frequências de ocorrências de *as + do + subject* e suas correspondências no Português no Córpus COMPARA.

Analisando o quadro, constata-se que 08 ocorrências de *as did* + sujeito correspondem a ‘como’ + elipse de uma forma verbal + sujeito, 03 a ‘também’ + elipse de uma forma verbal + sujeito, e, por fim, 02 traduzidas a ‘como’ + uma forma verbal de ‘fazer’ + sujeito. Destaca-se, que, apesar de as duas primeiras traduções do quadro terem partido do mesmo texto fonte, em ambas, houve a elipse do verbo. Ainda, cabe ressaltar, que destes 13 excertos, 06 são no direcionamento inglês-português e 07 no português-inglês. Assim, baseado nestes dados, poder-se-ia esboçar um algoritmo em torno de ‘relações de coesão por referência comparativa entre orações nos tempos verbais de Pretérito tenderiam a aceitar mais elipses em português do que em inglês, visto nesta língua geralmente ocorrerem substituições grupos verbais pelo substituto *did*.

No entanto, ao se testar este algoritmo, com base no BNC, encontrou-se 13 ocorrências de *as + do/does* + um pronome pessoal, com *do* e *does* atuando como substituto de um grupo verbal, e, somente, 06 ocorrências de *as + did* + um pronome pessoal, onde *did* tem a mesma atuação, o que parecia indicar que se deveria suprimir do algoritmo a restrição relativa aos tempos verbais do Pretérito. No entanto, checando o Collins Dictionary e o Merriam-Webster online Dictionary constata-se que nos dois dicionários o vocábulo *as* não é descrito como referente comparativo. Os dois dicionários, porém,

conferem ao vocábulo *so* tal atuação, pois *so* significa “*likewise*, quando é seguido de um verbo auxiliar, *do* e *have*, ou é seguido por *be* quando este é verbo principal” (HARPERCOLLINS, 2014, tradução nossa), e, ainda, “num modo ou maneira indicado anteriormente, como em *do you really think so*, geralmente como substituto de uma oração anterior” (MERRIAM-WEBSTER, 2015, tradução nossa). Coube, então, testar o algoritmo sob o viés das referências comparativas com *so* contendo substituições verbais. Optou-se por executar o teste com base no Córpus COMPARA, por ele ser um intermediário quanto ao número de palavras, entre o Córpus da Pesquisa e o Córpus BNC. Para tal teste, foram pesquisadas as colocações *so do*, *so does* e *so did*, nos dois direcionamentos, donde surgiram somente 03 ocorrências com *does* e 08 com *did*, sendo que, com exceção de em duas ocorrências, nas sentenças correspondentes em português, os verbos ou grupos verbais substituintes estão elípticos, como em “*and so did Cush*” que foi traduzido por ‘tal e qual como Kuch’ (COMPARA EBJB2 447). Cabe ressaltar, que nesta checagem foram excluídas coocorrências de *so* + *do/does/did* que não expressam comparação.

Assim, as pesquisas nos três corpora se demonstram ser inconclusivas, quanto à relação entre as ocorrências *as/so* + *do/does/did* e tempo verbais, contudo, parece ser inquestionável, que neste tipo de referência comparativa, as elipses verbais sejam mais comuns no português do que no inglês.

Dando continuidade, quantitativamente, no córpus da pesquisa, as tendências à repetição de *do*, *does* e *did*, se traduzem na distribuição de frequências de ocorrências destes vocábulos dispostas no quadro II – 17, as quais tendem a não estabelecerem correspondências diretas com algum vocábulo do português. Por esta razão, no quadro não constam as distribuições de todas as 369 ocorrências de *do*, nem de todas as 74 de *does*, e nem de todas as 210 de *did*, pois não foram contabilizadas as ocorrências de *do*, *does* e *did*:

- Quando atuando como verbos lexicais indicando o tempo-aspecto em sentenças afirmativas;
- Quando aglutinados com *n't*, visto estas ocorrências estabelecerem correspondências diretas com o vocábulo ‘não’, sendo, portanto, menos propensas a representarem discrepâncias quanto às repetições de vocábulos nas duas línguas;

- Quando atuando como substitutos verbais e estabeleceram correspondências com as formas verbais lexicais do verbo ‘fazer’.

Em resumo, as frequências de ocorrências dos vocábulos no quadro referem-se somente àquelas que somente surgiram nas traduções, incluindo as que correspondem a elipses nos originais em português.

Função	Do	Does	Did
indicando tempo-aspecto em sentenças interrogativas	90	12	47
indicando tempo-aspecto em sentenças negativas	21	38	47
ênfatisando ações, antecedendo verbos lexicais	06	04	14
estabelecendo coesão por substituição	10	07	27
em usos enfáticos, retóricos, formais ou literários em <i>English Inversions</i> , antecedendo sujeitos sintáticos	12	05	31
Totais	139	66	166

Quadro II – 17 - Frequências de ocorrências dos operadores gramaticais e substitutos verbais *do*, *does* e *did*, no subcórpus *TT* em inglês.

Com base nos números do quadro, os totais de ocorrências de *do*, *does* e *did* representam, respectivamente, 0,05%, 0,02%, 0,06% do total de 272.726 vocábulos do subcórpus *TT* em inglês. Sob outra perspectiva, os totais de ocorrências destes vocábulos, que só surgiram na tradução, respectivamente, representam respectivamente, 38% (139/369), 89% (66/74), e 80% (166/210) dos totais de ocorrências de 369 de *do*, 74 de *does*, e 210 de *did*. Em outras palavras, as frequências de *do*, *does* e *did*, quando estes atuaram como operadores gramaticais ou substitutos verbais e corresponderam a elipses nos originais, ou surgiram nas traduções, são consideravelmente altas em relação aos totais gerais de ocorrências destes vocábulos no subcórpus *TT* em inglês.

Assim, sabendo que estes percentuais são relativos às ocorrências de *do*, *does* e *did*, que somente surgiram nos textos em inglês, é possível inferir que as frequências de repetições destes, no que se refere ao contraste entre as frequências de repetições de vocábulos nos subcorpora *ST* em português e *TT* em inglês, são quantitativamente significativas. Cabe ainda acrescentar a esta significância, o fato de as ocorrências destes vocábulos, quando atuando como operadores gramaticais (auxiliares), acarretarem também repetições das *base forms* dos verbos lexicais. E, considerando o número elevado de conjugações verbais de Presente e Pretérito gramaticais do português, as repetições

de *base forms* do inglês acarretam aumentos consideráveis em coeficientes proporcionais de repetições em inglês e em português.

Embora, esta questão seja bastante previsível para falantes do português, a título de se compor um panorama contrastivo, os textos *Capitães de areia* e *Capitains of the Sands* foram alinhados, de modo a se obter um coeficiente proporcional, amostral, entre as frequências de repetições em inglês e em português, sob o viés das discrepâncias entre os números de formas verbais conjugadas em inglês e em português. Para tal, foram selecionadas somente as ocorrências de *did*, atuando como verbo lexical, correspondentes a formas verbais flexionadas do verbo ‘fazer’. Selecionou-se este contraste, em função de, dentre os três vocábulos, *did* ter sido o que estabeleceu correspondências com um maior número de flexões do verbo ‘fazer’ do português.

A escolha pelo texto de Jorge Amado e a tradução deste, se deu em função de tanto um quanto a outra conterem números mais elevados de vocábulos, dentre as três narrativas e respectivas traduções mais longas dos subcorpora *ST* em português e as traduções *TT* em inglês, bem como, a escolha se deu por o original e a tradução apresentarem as menores *TTRs*, - o que indica maior número de repetições lexicais -, do que as *TTRs* dos outros dois originais e traduções (vide quadro II - 2).

Do texto original	Do texto fonte
O padre José Pedro dizia que a culpa era da vida e tudo fazia para remediar a vida deles...	<i>Father José Pedro said that life was to blame and did everything to improve their life...</i>
Mas se o fizesse , Deus o castigaria, o fogo do inferno comeria,	<i>But if he did it God would punish him, hell's fire would consume him</i>
Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche.	<i>Once he did some terribly cruel things to a cat that had come into the warehouse.</i>
Só faço o que fiz hoje. Te deixo donzela...	<i>"I'll only do what I did today. I'll let you stay a virgin..."</i>
Deus julgará se fiz bem.	<i>God will judge whether or not I did the right thing</i>
Foi o que fez o marinheiro James, um homenzarrão.	<i>That was what the sailor James did, a big hulk of a man.</i>
Só fiz isso pro senhor me pegar mesmo...	<i>I only did it so you'd grab me...</i>
O padre José Pedro fazia tudo para mudar a vida deles.	<i>Father José Pedro did everything to change their lives.</i>
Sem-Pernas desviou o olhar, não pensava que fosse de propósito.	<i>Legless averted his eyes, didn't think that she did it on purpose.</i>

Por isso estive com eles, fiz como eles queriam muitas vezes...	<i>That's why I was with them, did what they wanted so many times...</i>
“Eu é que não queria ser condutor de bonde, nem motorneiro. Ganha uma porcaria. Eles faz bem...”, fala João Grande.	<i>“I wouldn't want to be a motorman or a conductor. They don't get a pig's wages. They did the right thing...” Big João says.</i>
Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa,	<i>If they did all that it was because they had no home,</i>
Tu fez direito, Volta Seca -- Pedro Bala bateu no ombro do mulato.	<i>“You did right, Dry Gulch.” Pedro Bala patted the Halfbreed on the back</i>
Quem sabe se não é melhor mesmo fazer uma coisa como tu faz ? Pode até dá mais bonito, mais vistoso.	<i>“Who can say, maybe it's better that you drew what you did. It might even be prettier, get more attention.”</i>
Tu não te contenta, desgraçado, com o que me fez ?	<i>“Aren't you satisfied with what you did to me, you bastard?”</i>

Quadro II – 18 – Contraste entre as frequências de ocorrências de *did* e das formas verbais flexionadas do verbo fazer.

Fazendo uma leitura do quadro, considerando que na tradução do texto de Jorge Amado, contabilizou-se 57 ocorrências de *did*, mas somente 16, em torno de 28% do total, atuam como verbos lexicais correspondentes a ‘fazer’, 41 (72%) ocorrências acarretaram repetições de *did*, quando atuando como operadores gramaticais ou como substitutos verbais correspondentes a elipses no original. No entanto, as 16 ocorrências de *did*, como verbos lexicais, não se traduzem em 16 repetições no original, pois corresponderam com 16 ocorrências distribuídas, irregularmente, entre 08 flexões do verbo ‘fazer’, *i.e.*, 02 de ‘faz’, 01 de ‘fazer’, 02 de ‘fazia’, 01 de ‘faziam’, 01 de ‘faço’, 04 de ‘fez’, 04 de ‘fiz’ e 01 de ‘fizesse’. Assim, tem-se 08 repetições de formas verbais flexionadas de ‘fazer’ no original, enquanto que, na tradução, há 16 repetições da forma verbal lexical *did*, o que aponta para um coeficiente proporcional de repetição entre a tradução e o original da ordem de 150% ([17/7]-1) a mais na tradução.

Dando fechamento às análises verticais das ocorrências dos vocábulos *do*, *does* e *did*, buscou-se compor um panorama geral das ocorrências destes vocábulos, atuando como verbos lexicais, incluindo os substitutos verbais, e operadores gramaticais (auxiliares), o qual, após as abordagens quantitativas, apontou para tendências destes vocábulos se repetirem nas traduções, num patamar de frequência tal, que parece ser possível afirmar que estas tendências corroboram na confirmação do

Pressuposto da Pesquisa. Por outro lado, as abordagens, via análises de alinhamentos de alguns segmentos frásicos nas duas línguas, apresentaram algumas relações gramático-coesivas que, apesar do número reduzido de alinhamentos, expuseram alguns porquês de os vocábulos *do*, *does* e *did*, nas traduções do subcórpus *TT* em inglês, tenderem a se repetir, o que parece corroborar com a confirmação da hipótese de que, muitas vezes, as repetições de vocábulos em inglês se dão por força de relações gramático-coesivas peculiares a este sistema linguístico. Salienta-se que, embora não tenham ocorrido casos similares no córpus da pesquisa, de acordo com o Collins Dictionary, os vocábulos *do* e *does* também podem atuar como substantivos: (i) *do*, como gíria, significando “ato ou instância de burla ou fraude” e “reunião formal, ou festiva, e festa, especialmente no inglês britânico e da Nova Zelândia”; (ii) *does*, como gíria sul-africana, significando pessoa tola ou desprezível.

Retomando o parágrafo de abertura deste item da dissertação, acredita-se que, tendências similares às repetições observadas nas investigações de *do*, *does* e *did*, também sejam observáveis em investigações das frequências de ocorrências dos vocábulos *will*, *shall*, *would*, *might*, *ought*, *may*, *can*, *could*, *should*, *must*, *have*, *has*, *had*, e *need*, desde que, estes estejam atuando nas mesmas categorias morfossintáticas aqui analisadas pelo viés gramático-coesivo, como *need* em *need* em “*Need some ESL materials for Thanksgiving?*” extraído de um e-mail recentemente recebido por este pesquisador. Salienta-se que, apesar de os vocábulos acima listados não atuarem como substitutos verbais, eles têm atuação em elipses, quando atuando como operadores gramaticais auxiliares, tal qual *does* na resposta *Yes, she does*, para a pergunta *Does she sing?* De fato, como atestam Halliday e Hasan, “o auxiliar *do* não é em si, em sentido algum, um agente coesivo, mas o tipo de grupo verbal em que este operador ocorre sozinho é extremamente frequente, portanto, é coesivo por força de ser elíptico.” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 127, tradução nossa).

Ressalta-se, também, que o fato de *will* e *would* figurarem em orações declarativas afirmativas, indicando os tempos-aspectos de Futuro e Futuro do Pretérito, respectivamente, modalizando verbos lexicais, aponta para possibilidades de ocorrências de números mais elevados de suas repetições, bem como, de repetições das *base forms* dos verbos lexicais. Também no sentido da modalização de verbos lexicais, acrescenta-se que alguns verbos, como, por exemplo, o *have*, atuando como forma menos marcada, semanticamente equivalente à

must, podem acarretar repetições deles mesmos, como em “*to do this you have to have a good understanding of the materials*” (BNC, CGS 1260), ou como o *need*, em atuação similar, em “*we’ll have a look at decimals because you need to need to know what you’re doing with decimals*” (Ibid., FUH 983).

Por fim, embora não seja objeto de investigações nesta dissertação, conforme de descrito na introdução dela, cabe, desde já, destacar que as ocorrências dos operadores gramaticais *do*, *does* e *did* em segmentos frásicos interrogativos e negativos, *English Inversions* e marcando enfaticamente verbos lexicais terão grande importância em futuras pesquisas, relativas ao fenômeno *lexical priming*, pois as discussões anteriores evidenciaram que algumas coocorrências de *do*, *does* e *did*, em orações adjacentes, causadas por relações gramático-coesivas, são inevitáveis, mas outras ocorrências, como marcando verbos lexicais em usos enfáticos ou em *English Inversions*, as ocorrências *do*, *does* e *did* que talvez pudessem ser substituídas por vocábulos ou estruturas semanticamente equivalentes, não o foram, talvez por, como afirma Hoey, “o *priming* fazer falantes reproduzirem não intencionalmente alguns aspectos das línguas (HOEY, 2005, p.9, tradução nossa)”.

Tendo findado as investigações verticais ao Córpus da Pesquisa, passa-se então para o Capítulo III, que foca nas abordagens horizontais.

CAPÍTULO III – ABORDAGENS HORIZONTAIS

Tendo concluído as abordagens verticais ao Córpus da Pesquisa, seguindo a metodologia de abordagem horizontal, como proposta pela a pesquisa, foram realizadas investigações quanto às repetições dos vocábulos da amostra, em segmentos frásicos adjacentes, via alinhamentos de sentenças e parágrafos nas duas línguas. É de suma importância esclarecer os propósitos destas abordagens, de modo a localizá-las no escopo da pesquisa. Considerando que, nas análises verticais, foram constatadas tendências à maior ocorrência de repetições de vocábulos nos textos em inglês, as investigações, descritas neste capítulo, buscam promover a evidenciação de ocorrências de repetições dos vocábulos da amostra selecionada, conforme consta na metodologia da pesquisa. Esta seção, ainda, em alguns casos, visa fomentar reflexões sobre relações intrassistêmicas, gramático-coesivas e, por vezes, semânticas, peculiares à língua inglesa, que possivelmente tenham norteado, e, talvez até, impelido tradutores a fazer escolhas de tradução, que levaram às ocorrências de repetições de vocábulos nas traduções do subcórpus *TT* em inglês, repetições estas que não encontram correspondências nos textos originais. Por exemplo, em “os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez **os dele**, que os consultavam antes de”, o pronome demonstrativo (dêítico) ‘os’ permite que o leitor/receptor infira, via relação anafórica, que ‘os’ remete à ‘olhos’, o que é, sobretudo, possível em função das marcas de gênero e grau do pronome demonstrativo. Contudo, em inglês, caso opção tivesse sido por traduzir ‘os dele’ pelo pronome possessivo *his*, a coesão se enfraqueceria, visto que as relações anafóricas, que este pronome estabeleceria, ficariam comprometidas, em função de os pronomes possessivos ingleses necessitarem de dois referentes, i.e., posse e possuidor, para serem interpretados. Assim, na tradução optou-se pelo emprego do pronome *own* (HARPERCOLLINS, 2014), antecedido pelo adjetivo possessivo *his*, de modo que *own* estabelecesse a coesão anafórica por referência com *eyes*. Isto é explicado mais detalhadamente na análise do alinhamento III – 5 desta seção. Por ora, interessa o fato de que na tradução, apesar da não repetição do substantivo *eyes*, ocorreu a repetição de *own*, visto que na sequência do parágrafo há duas outras ocorrências de *own*, atuando como intensificador, sendo que uma ocorrência é a oitava palavra à direita de *his own*. E, em função deste posicionamento, *own* foi classificado, conforme denominado na metodologia da pesquisa, como vocábulo com “vocação” para a

repetição, com base na janela Collocates da interface Concordance do WordSmith, mesmo sendo detectadas somente 03 instâncias do vocábulo, merecedoras de investigações.

Cabe ressaltar, porém, que as abordagens horizontais não se limitam ao colocados fornecidos pela interface Collocates, visto que, algumas repetições dos vocábulos foram selecionadas manualmente por constarem em segmentos frásicos adjacentes aos das colocações processadas pelo WordSmith.

Percebe-se, após a explanação da ocorrência de *own*, acima discutida, que as relações gramático-coesivas permitiram a não repetição de um vocábulo, no entanto, este procedimento levou à repetição de outro. Não se quer com isto, vislumbrar uma relação de causa e efeito encerrada em si, porém o fato é que no original consta somente 01 ocorrência do intensificador ‘próprio’, correspondente à *own*, enquanto que no excerto em inglês, há 03 ocorrências de *own*, sendo que uma pode ser explicada por meio de análises das relações gramático-coesivas, outra por questões de aproximação entre texto fonte e alvo, mas uma não pode ser explicada por nenhuma destas duas vias. Quanto a esta não possibilidade de explicação, seria incauto tentar o contrário, mas ela sucinta alguns questionamentos pertinentes à pesquisa: (i) se, segundo Halliday e Hasan, os mecanismos coesivos permitem a não repetição de vocábulos, quais seriam as razões para se inserir uma repetição de vocábulo na tradução, sem nem mesmo haver a correspondência com o original? (ii) seria ela meramente fruto de uma escolha subjetiva de tradução? (iii) teria alguma relação com a questão do *lexical priming*, de acordo com a teoria por Hoey, conforme descrito na introdução desta dissertação? Na realidade, mais do que a busca por respostas para estas perguntas, interessa o fato de que a repetição em questão aponta para uma decisão do tradutor estadunidense, que diverge da noção de se evitar ao máximo as repetições desnecessárias de palavras, a qual é nutrida por falantes nativos da língua portuguesa.

Prolongou-se na exemplificação acima, de modo a se fornecer um panorama, por assim dizer, que sirva como protótipo das possíveis investigações por virem, pois ela detalha alguns dos procedimentos que foram seguidos em algumas investigações dos alinhamentos aqui apresentadas, tal qual efetuou-se com os alinhamentos apresentados nas investigações relativas aos operadores gramaticais e substitutos verbais *do*, *does* e *did*. Não obstante às intrincadas relações gramático-coesivas, face à relevância da dimensão quantitativa da pesquisa, como suporte para possíveis conclusões quanto à Hipótese da Pesquisa, paralelamente

às investigações previstas, também foram conduzidas algumas contabilizações de frequências de ocorrências de vocábulos, contrastivas, envolvendo os vocábulos da amostra. No entanto, as quantificações aqui apresentadas devem ser tomadas com cautela, sem muito rigor e exatidão matemáticos, visto que elas, por critérios metodológicos ou linguísticos, não abrangem todas as ocorrências dos vocábulos selecionados para a amostra. Some-se a isto, o fato de, por as buscas terem se baseado em seleções de alinhamentos e filtragens manualmente efetuados, sempre haver a possibilidade de ocorrência de pequenas falhas inerentes à condição humana.

Ainda, cabe ressaltar, que os exemplos, aqui apresentados, não abarcam todas as ocorrências de repetições de vocábulos detectadas nos segmentos frásicos adjacentes, pois as repetições de vocábulos presentes nos excertos de textos originais e suas traduções, que estabeleceram correspondências interlinguísticas, não são apresentadas, exceto no caso de ser produtivo se destacar não discrepâncias entre os sistemas linguísticos, de modo a realçar a não confirmação de expectativas prévias norteadas pela Hipótese da Pesquisa. Outrossim, são apresentados alguns alinhamentos sem, no entanto, serem analisados detalhadamente, visto as repetições neles contidas serem fruto de discrepâncias entre os sistemas de conjugação verbal das duas línguas.

3. Alinhamentos de Segmentos Frásicos

No total foram investigadas as 3.172 ocorrências dos 16 vocábulos distintos, conforme constam no quadro I - 3, no subitem Metodologia de Abordagens Horizontais, de modo a se selecionar os alinhamentos suscetíveis de análises morfossintáticas, com vistas às relações gramático-coesivas que estabelecem. Para efeitos de obter-se uma melhor organização na apresentação e análise dos alinhamentos, os vocábulos *air*, *arms*, *else*, *existence*, *hours*, *own*, *side*, *times* e *women* foram agrupados, compondo o subitem 3.1 bem como, *say* e *saying* e *you* e *your*, respectivamente os subitens 3.2 e 3.6, sendo que, *you* não foi contabilizado no total de ocorrências acima apontado. Esta não contabilização se deve ao fato de as ocorrências deste vocábulo terem sido excluídas, após o último recorte que compôs a amostra, conforme explicado na metodologia. No entanto, coube analisá-las, quando estabelecendo relações de coesão com *your* em segmentos frásicos adjacentes, visto que as ocorrências de *your*, muitas vezes demandam a presença do sujeito sintático *you*, estando este elíptico ou não, ou sendo exoforicamente referenciado, de modo que *your* possa estabelecer as

devidas relações anafóricas. Esta questão é retomada no subitem 3.6. As investigações das ocorrências dos vocábulos *see*, *there* e *were*, constam em itens distintos, sendo respectivamente numerados por 3.4, 3.4, e 3.5.

Alinhou-se 91 excertos extraídos dos textos fonte e alvo dos subcorpora *ST* em português e *TT* em inglês, incluindo 02 com uma repetição de *air*, que não foram indexados, por estarem inseridos num parágrafo do texto da análise, bem como, alinhou-se 07 parágrafos mais longos do que os excertos. Cabe salientar que nos excertos e parágrafos dos textos fonte, inseriu-se 53 marcas com o símbolo Ø, indicando que se constatou alguma ausência de vocábulo em português, a qual foi eliminada na tradução. Ao longo das análises dos alinhamentos, tais ausências de vocábulos são referidas como ‘elipses’, o que, não necessariamente, indica que todas as marcadas são oriundas de processos coesivos, pois em alguns casos, as ausências de vocábulos nos textos originais e as inserções de vocábulos nas traduções não puderam ser explicadas pelo viés das relações coesivas. No entanto, considerando que a soma das ocorrências dos 16 vocábulos horizontalmente analisados totalizou 235 ocorrências, as 53 inserções de vocábulos nas traduções, correspondentes a ausentes nos originais em português, representam aproximadamente 22,5% de ocorrências a mais em inglês, cabendo, assim, analisá-las cuidadosamente, no sentido de se detectar se, ao longo dos processos tradutórios, relações gramático-coesivas as nortearam, ou não, como no caso das repetições do vocábulo *were*, que surgiram nas traduções de verbos no Pretérito Imperfeito do indicativo por formas verbais no *Past Progressive*, as quais, naturalmente, não se encontram entre as 53 não ocorrências de vocábulos nos excertos dos textos originais marcadas por Ø.

3.1 *Air, Arms, Else, Existence, Hours, Own, Side, Times e Women*

De um total de 61 ocorrências de *air* no subcorpú *TT* em inglês, 07 envolvem colocações com ele mesmo, sendo que destas, 03 encontram-se em segmentos frásicos adjacentes, mas, que correspondem a 03 ocorrências de ‘ar’ no original. Como estas são oriundas do texto, Paixão segundo G.H., ao que parece, estão relacionadas ao estilo de escritura do original, como, por exemplo, em, “o desejo de aprofundar o **ar**, de entrar em contato mais profundo com o **ar**, o **ar** que não é para ser aprofundado, que foi destinado a ficar assim mesmo suspenso”, onde seria possível elidir a primeira repetição de ‘o ar’, utilizando pronome pessoal ‘ele’ após o vocábulo ‘com’, bem como, seria possível elidir a segunda, visto que o pronome relativo ‘que’ cumpriria o papel de sujeito

sintático, e estabeleceria referência anafórica com o objeto sintático, ‘ele’, da oração anterior.

No entanto, na tradução, que ficou *the desire to deepen the air, to enter into deeper contact with the air, the air that cannot be deepened, that was destined to stay right there suspended*, a possível eliminação da segunda ocorrência de *the air* pelo emprego do pronome pessoal *it*, e a omissão da terceira ocorrência, me parece, comprometeriam a coesão textual. De fato, se assim tivesse sido, a tradução teria ficado *the desire to deepen the air, to enter into deeper contact with it, that cannot be deepened, that was destined to stay right there suspended*, onde haveria perda na força da coesão da segunda ocorrência de *that*, pois este pronome relativo teria que retomar o significado em *it*, o qual, por sua vez, só se realizaria na primeira ocorrência de *air*, o que geraria o enfraquecimento das relações coesivas. Tal enfraquecimento parece ficar bastante perceptível na leitura da tradução hipotética se a oração *to enter into deeper contact with it* for excluída, ou se a oração *stay right there suspended* for substituída por algo semelhante a *to be as deep as it is*. Perceba que na última, tanto a ocorrência do pronome pessoal *it* quanto à ocorrência de *deep* corroboram para recuperação da força coesiva do segmento, pois o elo coesivo se desloca de *that* para *deep* e *it*. Assim, no caso da tentativa da elisão das repetições dos grupos nominais ‘o ar’ e *the air*, em seus respectivos segmentos, seria possível eliminar 02 em português, mas somente 01 em inglês.

Para finalizar as investigações relativas ao vocábulo, cabe destacar que uma repetição de *air*, a qual não corresponde ao original quanto ao grau do substantivo, aponta para uma distinção entre os sistemas linguísticos que é bastante relevante à pesquisa. Trata-se do vocábulo ‘ares’ em “se as fábricas enchessem **os ares** com seu fumo, e **neles** repercutisse o ruído de suas máquinas?”, pois ele é tomado como um substantivo contável, portanto admite plural, enquanto que seu correspondente em inglês *air*, neste contexto, deve ser tomado como incontável, não admitindo, assim, a forma plural (MURPHY, 1994, P.68-69). Por isto, a tradução ficou “*if the factories had filled the air with their smoke, and the noise of their machines had echoed in the air?*”, mesmo porque, *airs* significa “maneira afetada que visa impressionar os outros” (HARPERCOLLINS, 2014), traduzível por ‘afetação’, ‘presunção’, e etc.

Percebe-se também, que no original, ‘neles’ estabelece coesão por referência com ‘os ares’, no entanto, em inglês, a repetição do

substantivo, conforme consta na tradução, parece ter sido a escolha mais adequada, pois, na tentativa de se evitar a repetição, a referência deveria ser estabelecida por *in it*. Entretanto, se assim tivesse sido, a interpretação do pronome neutro *it* poderia causar ambiguidade, pois a referência anafórica e, por conseguinte, a textura (HALIDAY e HASAN, 1976, p.2), seria afetada pela existência de dois substantivos no singular entre *air* e o pronome *it*.

As investigações do vocábulo *arms*, com 47 ocorrências no subcórpus *TT* em inglês, detectaram somente 01 coocorrência de repetição em segmentos adjacentes a qual, conforme destaca o alinhamento III - 1, foi ocasionada por questões semânticas associadas a questões gramático-coesivas, pois como se percebe ‘um [menino] de colo’ foi traduzido por *babe in arms*, onde a elipse de ‘menino’ foi eliminada na tradução. Quanto à semântica, cabe destacar que no BNC encontrou-se 02 ocorrências de *a babe in arms*, onde *in arms* atua como locução adverbial de lugar, e 05 outras ocorrências do grupo nominal *a babe in arms*, sendo que *in arms*, atua como um pós-modificador (adjunto adnominal), de modo que o grupo assume sentido similar à ‘recém-nascido’. Mas, analisando o alinhamento percebe-se que, além deste sentido, correspondente à ‘bebê de colo’, em ‘levava nos braços’ ‘nos braços’ atua como locução adverbial de lugar. Vejamos:

(III - 1) “Ali é um Deus Pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito, ainda mais igual àqueles mais novos do grupo, exatamente igual a **um de Ø colo**, de poucos meses de idade, que fico abandonado na rua no dia que sua mãe morreu de um ataque, quando levava **nos braços**, e que João Grande trouxe para o trapiche, onde ficou até o fim da tarde.”

*“There he’s a Poor God, a poor child, just like Lollipop, even more like the youngest member of the gang, exactly like a **babe in arms** a few months old who’d been abandoned on the street when his mother died of an attack while she was carrying him in **her arms** and Big João brought him to the warehouse where he stayed until nightfall”*

Analisando o alinhamento, percebe-se que, em função das relações acima descritas, a elipse de ‘menino’ ou, presumidamente, via exófora, de ‘bebê’, no excerto do original, não seria possível em inglês, pois a ocorrência de *him* em *carrying him in her arms*, necessariamente

demandou a eliminação da elipse, pois do contrário não haveria um referente ao qual *him* pudesse se referir anaforicamente.

Após as análises relativas à *arms*, investigou-se as repetições do vocábulo *else*, o qual soma 75 ocorrências no corpus, sendo que 04 delas ocorrem em seguimentos adjacentes, conforme destacam os alinhamentos III – 2 e III - 3.

(III - 2) “A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar **o resto**. Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; **ou então**, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela.”

“The very suspension of his calls without any apparent reason, with the flimsiest of pretexts, would confirm everything else. Camillo walked hastily along, agitated, nervous. He did not read the letter again, but the words hovered persistently before his eyes; or else, which was even worse, they seemed to be murmured into his ears by the voice of Vilela himself.”

No alinhamento III - 2, ‘o resto’ estabelece coesão anafórica referencial comparativa, distintiva, a algo mencionado anteriormente, ou exofórica, envolvendo a função ideacional da língua; ‘ou então’, por sua vez, garante coesão textual sequencial, sendo seguida outra referência comparativa, distintiva, estabelecida por ‘o que era ainda pior’ (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 76). Na tradução, a primeira referência é estabelecida pelo vocábulo *else*, e a coesão sequencial pela expressão *or else*. Considerando *the rest*, outra possibilidade de tradução para ‘o resto’, ao que parece, esta não caberia em função do dêitico *the*, visto que, segundo os mesmos autores, este artigo definido, ou se referiria anaforicamente a algo identificável numa oração anterior, ou, exoforicamente, caso se referisse a algo identificável extralinguisticamente. Mas, no contexto do conto, ‘o resto’ é bastante ‘indefinido’, visto que tanto parece se referir a algo previamente mencionado quanto a algo pertinente ao contexto extralinguístico.

Quanto à *or else*, destaca-se que para que fosse possível a correspondência semântica e funcional, esta no sentido da Functional Grammar hallidayana (HALLIDAY e MATTHIESEN, 2004), a

tradução de ‘ou então’ por *or else* parece ser a mais adequada, pois segundo o Collins Dictionary, indica, antecipa e/ou ameaça que algo pode ter consequências ruins, portanto, coaduna com as funções semânticas e discursivas de ‘ou então’ no excerto do texto original.

(III - 3) “Penso que ele sabia muito bem com quem sua mulher se deitava, como deve ter sabido no Panamá, na Guiana Francesa e **não sei mais onde**, como saberia na Turquia e **por aí afora**.”

“I think he knew all too well who his wife had been sleeping with, as he must have known in Panama, French Guiana and goodness knows where else, as he would know in Turkey and wherever else they went.”

No alinhamento III - 3, no original a coesão se estabelece semanticamente por uma relação de sinonímia, pois tanto ‘não sei mais onde’ e ‘por aí afora’ apontam para um sentido mais amplo de ‘em qualquer lugar’ e ‘sabe-se lá onde mais’, e, ao mesmo tempo, ambas estabelecem referências comparativas distintivas, pois distinguem as localidades, previamente mencionadas, de outras. Estas referências foram mantidas na tradução pelas duas ocorrências de *else*, em *where else* e *wherever else*, portanto em acordo com os estudos de Halliday e Hasan, que afirmam que *else* estabelece “referências comparativas de não identidade e dissimilaridade” (1976, p.333, tradução nossa).

Dando continuidade, foram investigadas as ocorrências do vocábulo *existence*, o qual totaliza 31 ocorrências no subcorpú, donde foram extraídos 04 segmentos frásicos, nos quais se constatou 10 ocorrências de repetições do vocábulo *existence*, sendo que em três segmentos, as repetições correspondem a repetições que constam no original, que, tal qual, constatado anteriormente na análise do vocábulo *air*, parecem ser características da escritura do romance Paixão segundo G.H. No entanto, no alinhamento III - 4, extraído do conto machadiano Lição de Botânica, no original há duas elipses de ‘existência’ que, por questões semânticas e coesivas, não puderam ser mantidas na tradução.

(III - 4) “Contudo, sabe que a opinião dos sábios não admitia Ø₁ o perianto... (D. Helena faz sinal afirmativo). Posteriormente reconheceu-se **a existência** do perianto.”
‘Pois este livro refuta a segunda opinião.’

‘Refuta Ø₂ o perianto?’

‘Completamente.’

“All the same, you know that scholarly opinion did not admit the **existence of the perianth**. . . . (Dona Helena nods.) Later, **its existence was acknowledged**.” (Another nod from Dona Helena). Well, this book refutes the latter opinion.

‘It refutes the **notion of the perianth**?’

‘Completely.’

Percebe-se que a primeira elipse de ‘a existência’, marcada por Ø₁, é interpretada, cataforicamente, na ocorrência deste grupo nominal, na oração que segue ao vocábulo ‘posteriormente’. No entanto, em inglês, em elipses nominais, “na grande maioria das situações o item lexical pressuposto [o que é elidido] está presente na oração anterior à elipse, ou seja, a elipse é normalmente uma relação anafórica. Ocasionalmente, a pressuposição numa estrutura elíptica pode ser exofórica” (Ibid. p.144, tradução nossa). Desta forma, no nível segmental, a elipse Ø₁ não poderia ocorrer em inglês, e, mesmo sendo possível a relação exofórica, se ocorresse, afetaria a textura, pois anteriormente no texto, só é mencionado o nome *perianth*. Quanto à segunda ocorrência de *existence*, o impedimento para uma possível elipse está atrelado à noção de substituição nominal, no que se refere aos processos deste tipo de substituição, considerando a elipse como uma substituição por zero (Ø). Segundo Halliday e Hasan, “um substituto carrega alguma informação que diferencia o segmento, onde ele se encontra, do outro segmento, ao qual ele se relaciona por coesão” (Ibid. p.93, tradução nossa), como *her tear-filled blue* em “*Placing a hand on each of her shoulders, his steady brown eyes looked deep into her tear-filled blue ones*” (BNC C98 1548), que repudia *his steady brown*. Percebe-se que, na construção original, ‘o perianto’ e ‘a existência do perianto’ descrevem a mesma coisa, sem nenhuma informação extra que os diferencie. Assim, na tradução não caberia a substituição pelo substituto *one*, nem por zero (Ø), tanto que para evitar a repetição de *perianth*, estabeleceu-se uma coesão referencial com o emprego do pronome possessivo *its*. Percebe-se que, em relação à segunda elipse, Ø₂, ela não é possível em inglês, pois a identidade semântica se mantém. Cabe aqui, lembrar que as coesões por substituição, incluindo as elipses, são de ordem gramatical, enquanto que, as coesões referenciais são de ordem semântica. Ou seja, as referências se alicerçam em identidades

semânticas entre referente e referido, enquanto que, em substituições nominais, equivalências morfossintáticas, entre substituintes e substitutos, os distinguem.

Seguindo a sequência do título deste tópico, houve investigar o vocábulo *hours*, que soma 52 ocorrências no subcorpus *TT* em inglês. No entanto, encontrou-se somente 06 ocorrências dele com ele mesmo, sendo que todas as repetições nas traduções correspondem a repetições nos originais. Portanto, não coube investigações mais aprofundadas, assim passa-se para as investigações e análises do vocábulo *own*.

Seguindo a metodologia, apesar de na janela Collocates constar apenas 03 ocorrências de *own* com *own*, que totalizariam 06 repetições do vocábulo, na busca manual na janela Concordance, dentre as 127 ocorrências de *own* no subcorpus *TT* em inglês, foram encontradas 23 em orações adjacentes, sendo que 16 estabeleceram correspondências interlinguísticas diretas, restando, assim, 07 ocorrências passíveis de investigações.

(III - 5) “Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez **os Ø dele**, que os consultavam antes de o fazer **ao Ø marido**, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no **próprio coração**”

“And now came personal intimacies, the timorous eyes of Rita, that so often sought his own, consulting them before they questioned those of her own husband, the touches of cold hands, and unwonted communion. On one of his birthdays he received from Villela a costly cane, and from Rita, a hastily pencilled, ordinary note expressing good wishes. It was then that he learned to read within his own heart”

Neste alinhamento, brevemente comentado na introdução desta seção, percebe-se que a presença de ‘os dele’ no original garante a relação anafórica da elipse de ‘olhos’ com o núcleo do grupo nominal ‘os olhos teimosos de Rita’, pois, ‘dele’ refuta ‘de Rita’. Refuta, aqui, se refere à informação que, semanticamente, diferencia segmentos que estabelecem coesão por substituição, neste caso por Ø, ou seja, uma elipse. No entanto, na tradução, a correspondência de ‘os dele’ com o

pronome possessivo *his* enfraqueceria a referência anafórica existente no original, pois a interpretação deste pronome possessivo requer dois referentes, o possuidor e a posse (HALLIDAY e HASAN, 1974, p. 55), sendo que quanto ao possuidor a coesão se dá por referência anafórica, mas quanto à posse se dá por substituição por Ø (Ibid.). No entanto, o referente ‘possuidor’, no segmento, é explicitado posteriormente em *her own husband*. Portanto, haver-se-ia de estabelecer uma relação catafórica. Assim, para recuperar a força coesiva do segmento na tradução, fez-se necessário estabelecer outra forma de referência anafórica, a qual se deu pelo emprego do pronome *own* (HARPERCOLLINS, 2014), atuando como núcleo do grupo nominal, referindo-se à posse (*eyes*), antecedido pelo adjetivo possessivo *his*, o qual cumpre o papel de refutar *of Rita* do grupo nominal *the eyes of Rita*.

A segunda ocorrência do vocábulo *own*, como intensificador enfático (Ibid.), ao que parece, visa auxiliar o leitor a se localizar quanto às relações de posse, pois há uma sequência de vocábulos que podem estabelecer relações anafóricas, relativas tanto aos olhos de Rita quanto aos de seu marido, no caso, *them*, *they*, e *those of*. No entanto, cabem questionamentos quanto aos porquês desta ocorrência, visto que ela, além de gerar uma repetição inexistente no original, ela se afasta do original, pois nele, o marido de Rita é quem é questionado, não os olhos dele.

(III - 6) “Simões Lopes Neto, como todo escritor de gênio, criou o **seu Ø mundo**, a **sua Ø visão de mundo** e esse cosmos adquiriu vida própria.”

“Simão Lopes Neto, as with all writers of genius, created his own world, his own view of the world and this cosmos actually came to life.”

No alinhamento III - 6, as duas ocorrências do vocábulo *own* evidenciam usos enfáticos deste vocábulo. No entanto, não é possível atrelar estas ocorrências a relações gramático-coesivas. Mesmo porque, em pesquisa no BNC, foram encontradas mais ocorrências do grupo nominal *his world* como objeto sintático, do que de *his own world*.

(III - 7) “Um estadista do império, biografia de seu pai, e Minha Ø formação, em que narra o **próprio percurso**.”

“Um Estadista do Império (A statesman of the Empire), a biography of his father, and Minha Formação (My own background), where he provides an account of the course of his own life.”

Em III – 7, as duas ocorrências referem-se ao uso enfático do intensificador *own*, da mesma forma que as duas ocorrências do vocábulo no alinhamento III – 8, que segue, sendo que, porém, neste, *own* corresponde à reflexividade pronominal expressada por ‘se’ antecedendo à forma verbal nominal ‘processar’, a qual foi substituída pelo substantivo *process*, o que não permitiu o emprego do pronome reflexivo *itself*, pois este deve anteceder formas verbais para expressar reflexividade.

(III - 8) ”Do germe que sou, também é feita esta matéria alegre: a coisa. Que é uma existência satisfeita em se processar, profundamente ocupada em apenas se processar, e o processo vibra todo.”

“Of the embryo that I am, this joyful matter is also made: the thing. Which is an existence satisfied with its own process, deeply occupied with no more than its own process, and the process vibrates entirely.”

Partiu-se, então, para as investigações do vocábulo *side*, o qual totaliza 70 ocorrências no subcorpópus *TT* em inglês, sendo que a janela *Collocates* aponta 08 ocorrências do vocábulo com ele mesmo. No entanto, estas não se apresentaram como relevantes às análises quanto às questões gramático-coesivas, pois das 14 ocorrências de repetições em segmentos adjacentes, 12 correspondem à locução ‘lado a lado’ e quatro correspondem diretamente a ocorrências de ‘lado’ nos originais. Porém, nos alinhamentos III – 9 e III - 10, que seguem, percebe-se, conforme os grifos, que *side* pode atuar como adjetivo, significando ‘secundária’. Inclusive, no BNC, foram encontradas 06 ocorrências de *the side street* e 39 de *a side street*. No português, porém, segundo o dicionário Houaiss, ‘lado’, como adjetivo, é um diacronismo, antigo, para ‘largo’ (dimensão perpendicular) (HOUAISS e SALES VILAR, 2001).

(III - 9) “Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas. E pelo meu **lado** materno, o Rio de Janeiro parece uma árvore genealógica”

*“My grandfather is also a side street, over by the docks. And on my mother’s **side**, Rio de Janeiro looks like a family tree;”*

(III - 10) “Cruzei a sacristia, para susto do padre e seus acólitos, e alcancei uma saída **lateral** da igreja. Ao deparar com gente na calçada, despi o paletó, protegi minhas pernas e me enfiar numa ruela.”

*“I crossed the sacristy, startling the priest and his acolytes, and reached a **side** exit of the church. Seeing people on the pavement, I took off my coat, covered myself and darted down a side street.”*

Dando continuidade, investigou-se o vocábulo *times*, que figura com 82 ocorrências no subcorpus *TT* em inglês, sendo que 05 repetições dele se encontram em segmentos frásicos adjacentes em 05 excertos distintos. Foram alinhados também 03 excertos onde há ocorrências do vocábulo *sometimes*, por este poder estabelecer correspondências similares no português, quando o determinante *some* antecede *times*. Na maioria das vezes, as ocorrências de *times* corresponderam às ocorrências de ‘vezes’ ou ‘ora’, à exceção da constatação de duas elipses do original, em III - 11, que não foram mantidas na tradução.

(III - 11) “Reli a carta, cinco Ø, dez Ø, muitas vezes; lá estava a notícia.”

*“I reread the letter five **times**, ten **times**, a hundred **times**; it was true.”*

A não manutenção, na tradução, das duas elipses de ‘vezes’, presentes no original, pode ser explicada pela análise da classificação de *five*, *ten* e *a hundred*, dentro do modelo experimental de grupo nominal proposto por Halliday e Hasan, associada à noção de elipse. No excerto, os vocábulos *five*, *ten* e *a hundred* atuam como pré-modificadores de *times*, portanto, são passíveis de serem núcleos de grupos nominais **elípticos**. No entanto, para que pré-modificadores possam assumir este

papel, os núcleos de grupos nominais a serem elididos, neste caso *times*, devem ter sido previamente mencionados, de modo que as lacunas deixadas pelas elipses possam ser recuperadas anaforicamente. No excerto, isto não aconteceria se as elipses do original tivessem sido mantidas, como se percebe em, *I reread the letter five, ten, a hundred times*, pois não haveria onde ‘resgatar’ o significado dos itens elípticos (*times*) e, a primeira ocorrência de *five* tenderia ser tomada como pós-modificando *letter*. Percebe-se que, com alguns ajustes, seria possível elidir *times* após *ten* e *a hundred*, desde que houvesse a ocorrência dele antecedendo *five*, como, por exemplo, em, *I reread the letter five times. Maybe, ten. Even a hundred*, pois o advérbio *maybe*, atuando como modificador, e o advérbio *even*, atuando como intensificador comparativo, estabeleceriam as relações anafóricas, permitindo o ‘regaste’ do significado de *times*.

Vejam, então, como se deram as demais correspondências que as repetições do vocábulo *times* estabeleceram, visto que elas envolvem diferentes vocábulos do português, *i.e.*, ‘data’, ‘antigos’, ‘às vezes’, ‘ora’, e ‘já’.

(III – 12) “Os amigos que me restam são de **data** recente; todos os **antigos** foram estudar a geologia dos campos-santos.”

*“The friends I have left are of recent **times**; those **from times long past** have gone to study geology in God’s acre.”*

(III - 13) “adotadas as atenções convenientes ao assunto, **ora** grave, **ora** alegre, **ora** rasgadamente burlesco, constituem, do princípio ao fim do livro”

*“according to the attentions suitable to the subject, **some times** serious, **some times** funny, **some times** openly burlesque, constitute, from the beginning to the end of the book”*

(III - 14) “O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três **vezes** por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas **vezes** porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo.

*“The least that happens to peoples kids is that they beat them two or three **times** a day. The director is dead drunk all the time and likes to hear the whip sing a song on the backs of poor peoples kids. I saw that a lot of **times**”*

- (III - 15) “Ele entrava de madrugada, **às vezes** de manhã, às seis horas e mais. Dona Paula dormia até nove, e almoçava só. Outras **vezes**, o jogo era em casa;”

*“he would come back at dawn, **sometimes** in the morning light, at half past six or later. Dona Paula slept until nine and breakfasted alone. Other **times**, the gambling was at home”*

- (III - 16) “O pai criou-o um pouco à revelia. **Já** na fazenda, **já** na capital, aonde ele vinha muitas vezes, fazia tudo que queria e gastava à larga”.

*His father raised him, in a way, in absentia. **Sometimes** on the estate, other **times** in Rio, to which he often traveled, he did as he liked and lived with no thought for expenses.*

- (III - 17) “O Xavier de três anos passados não era este de hoje, com as suas feições duras, **ora** alegre, **ora** frio, **ora** turbulento — muitas **vezes** calado e aborrecido —, estouvado também, e trivial — sem alma, sem delicadeza”.

*“The Xavier of three years earlier wasn’t the same as the Xavier of today, with his hard features, **sometimes** cheerful, other **times** cold, and still other **times** rowdy—very often silent and dreary—thoughtless as well, and vulgar—soulless, indelicate.”*

- (III - 18) “Tu viste isso, não dez **vezes**, não mil **vezes**, mas todas as vezes;

“You have beheld this, not ten **times**, not a thousand **times**, but ever;

Das 99 ocorrências do vocábulo *women* no subcórpus *TT* em inglês, 15 se encontram num mesmo texto, em ocorrências numa

sequência de uns poucos parágrafos adjacentes, que somam 472 vocábulos. Destas 15 ocorrências, 13 estabelecem correspondência com 13 ocorrências do vocábulo ‘mulheres’ e 02 com ‘mulherio’, sendo que outra ocorrência de ‘mulherio’ estabeleceu correspondência com *womandom*, vocábulo que não consta no BNC, COLLINS, Merriam-Webster, nem no COMPARA. No entanto, consta no título *Teetering on the verge of wild womandom* de um capítulo do livro *She who laughs, lasts!* Estatisticamente, os números acima dispostos não evidenciam discrepâncias quantitativas significativas, porém, coube analisar algumas ocorrências de ‘mulheres’ e as de ‘mulherio’ apostas às suas correspondências, visto elas explicitarem discrepâncias relacionáveis tanto à dimensão semântica quanto à dimensão social das duas línguas.

(III – 19) “Os navios chegam a Ilhéus carregados de **mulheres**. **Mulheres** que vêm da Bahia, de Aracaju, o **mulherio** todo de Recife, mesmo do Rio de Janeiro. Os gordos coronéis olham das pontes a chegada das **mulheres**. Morenas, loiras e mulatas **Ø**, vêm em busca deles.”

*“The ships reach Ilhéus loaded with **women**. **Women** who come from Bahia, from Aracaju, the complete **womandom** of Recife, the same for Rio de Janeiro. The fat plantation colonels watch the arrival of the **women** from the docks. Black, blond, mulatto **women**, they’ve come in search of them.”*

(III - 20) “O **mulherio** de Recife desceu todo em alguns navios do Lloyd Brasileiro. Os pernambucanos ficaram sem **mulheres**, vieram todas para o cabaré Bataclan, apelidado pelos estudantes em férias de Escola. Vieram algumas do Rio de Janeiro e estas foram para o Trianon, ex-Vesúvio, o mais luxuoso dos quatro cabarés da cidade do cacau. Até Rita Tanajura, célebre pelas grandes nádegas reboleantes, deixou a paz da sua cidade de Estância, onde era a rainha do pequeno **mulherio** de vida fácil e onde se dava com todo mundo,”

*“The **women** from Recife came down on ships of the Lóide Brasileiro Line. The Pernambucans were left without **women**, they’d all gone to the Bataclan cabaret, nicknamed the School by students on vacation. Some had come from Rio de Janeiro,*

and these went to the Trianon, formerly the Vesúvio, the most luxurious of the four cabarets in the cacao city. Even Rita Tanajura, famous for her great rolling behind, left the peace of her city of Estância, where she was queen of the women of easy virtue and where she took on everyone, ”

Há dois pontos, basicamente envolvendo aspectos semânticos e funcionais, a se considerar nos alinhamentos III – 19 e III - 20, *i.e.*, a não ocorrência de mulheres, marcada por Ø, e as correspondências que ‘mulherio’ estabelece. Primeiramente, seguindo o modelo experimental de grupo nominal de Halliday e Hasan, - dêitico → numeral → epíteto → classificador → coisa -, (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 40) deve-se considerar que *black*, *blond* e *mulatto* atuam como classificadores de *women*, mas classificadores raramente atuam como núcleos de grupos nominais elípticos, “pois em geral são substantivos e se atuassem como núcleos de grupos nominais elípticos, poderiam ser tomados como a ‘coisa’, assim não poderíamos substituir *a tall brick chimney* por *a tall brick*” (Ibid., p 148, tradução nossa). No entanto, no segmento ‘morenas’, ‘loiras’ e ‘mulatas’ atuam como substantivos do gênero feminino, não como classificadores. Funcionalmente, o emprego dos substantivos correspondentes em inglês não seria adequado. Refiro-me aqui a Metafunção Ideacional hallidayana, pois caso tivesse havido o emprego de tais substantivos, o efeito discursivo seria afetado, pois: (i) segundo o COLLINS Dictionary, “apesar de *blond* e *blonde* corresponderem às formas masculina e feminina do francês, a distinção não se faz consistente em inglês. *Blonde* é a forma mais comum tanto como substantivo quanto como adjetivo, e é mais frequentemente usada para se referir a mulheres do que a homens. A variante menos comum *blond* geralmente ocorre como adjetivo, ocasionalmente, como substantivo, e é a forma mais usada para se referir a homens com cabelos claros” (HARPERCOLLINS, 2014, Tradução nossa); (ii) também segundo este dicionário, *black* como substantivo, é uma forma ofensiva, e “se referir à *a black* ou *Blacks* é considerado ofensivo; é melhor referir-se à *a Black person* ou *Black people*” (Ibid.); (iii) similarmente o dicionário aponta que *mullato* tende a ser tomado como ofensivo. Percebe-se, com base nestas definições, que os empregos dos vocábulos *black*, *blond* e *mulatto*, pré-modificando o vocábulo *women*, minimizam as possibilidades de leituras ambíguas e/ou ofensivas.

Por fim, cabe analisar as diferentes correspondências que ‘mulherio’ estabelece nos dois segmentos traduzidos, que são adjacentes

entre si, pois, embora ambos os excertos tenham sido traduzidos pela mesma pessoa, 01 ocorrência de ‘mulherio’ no excerto III – 19 foi traduzida por *womandom*, mas 02, no excerto III – 20, foram traduzidas por *women*. Isto talvez possa ser explicado, ao se contrastar ‘o mulherio todo de Recife’ com ‘o mulherio de Recife’ e ‘o mulherio de vida fácil’, pois percebe-se que os pós-modificadores ‘de Recife’ e ‘de vida fácil’, funcionam como partitivos, que distinguem *women* de todas as mulheres. No entanto, no excerto III – 19, as que vieram da Bahia e do Rio de Janeiro foram nominadas como ‘mulheres’, portanto, certo modo, diferenciadas das de Recife, nominadas como ‘mulherio todo de Recife’. Todavia, no excerto III – 20, as oriundas da cidade de Estância também foram nominadas como ‘mulherio’, pós-modificado por ‘pequeno’. Assim, considerando, a definição do sufixo - *dom* apresentada pelo Collins Dictionary, “*those having a (specified) office, occupation, interest, or character*” (HARPERCOLLINS, 2014, Tradução nossa), o substantivo *womandom* foi previamente caracterizado, no excerto III – 19, como se referindo às mulheres oriundas de Recife. Deste modo, a ocorrência de ‘mulherio’, que se refere às mulheres da cidade de Estância, em inglês, ao que parece, merecia ser diferenciada da que se refere às mulheres de Recife, o que se deu na tradução de ‘mulherio de vida fácil’ por *women of easy virtue*. Cabe ressaltar que, na leitura do excerto III – 19, o leitor, com base no sufixo - *dom*, naturalmente, infere que *womandom* remete a ‘um grupo de mulheres com alguma(s) característica(s) semelhante(s), no caso determinada(s) pelo pós-modificador ‘de Recife’, lembrando que o vocábulo *womandom* não é dicionarizado e não consta nenhuma ocorrência dele nem no BNC, nem no Corpus of Contemporary American English (COCA).

Esta linha de raciocínio, contudo, não explica, sem abrir espaço para arguições, a não tradução de ‘mulherio de Recife’ por *womandom of Recife*, pois a escolha de tradução acarretou mais uma repetição do vocábulo *women*, a qual, no meu entender, poderia ser evitada.

Com estas últimas análises findam aqui as análises deste subitem desta seção da dissertação.

A decisão por agrupar as análises dos vocábulos *air*, *else*, *existence*, *hours*, *own*, *side* e *times* deu-se em função do menor número de ocorrências de repetições deles em segmentos frásicos adjacentes. Com este procedimento, foi possível adentrar-se um pouco mais nos estudos da coesão textual como proposta por Halliday e Hasan sumarizados no subitem 2.5 Definição da Amostra de Vocábulos,

especialmente, no que se refere ao modelo experimental de grupo nominal proposto por estes autores. Quanto ao contraste com o português, as análises, até então efetuadas, indicam que por algumas prerrogativas de coesão textual em inglês, elipses de vocábulos em português muitas vezes não encontraram correspondências nas traduções. Merecem destaque, além do exemplo que consta na introdução desta seção, onde se contrastou ‘os deles’ com *his own*, as repetições do vocábulo *times* em, *five times*, *ten times*, *a hundred times* por efetivamente apontarem para uma diferença entre as relações coesivas nas duas línguas, pois, enquanto que em inglês as elipses, quando não por exófora, são essencialmente relações anafóricas, conforme afirmam Halliday e Hasan, em português elas também podem se dar cataforicamente, como em ‘cinco, dez, muitas vezes’.

Tendo concluído as abordagens horizontais aos vocábulos deste subitem passa-se para as relativas aos vocábulos *say* e *saying*.

3.2 *Say* e *Saying*

Nas análises do vocábulo *say*, que totalizam 203 ocorrências, 06 alinhamentos apontaram para repetições do vocábulo *say* em seguimentos frásicos adjacentes. Deve-se considerar, no entanto, que muitas das repetições deste vocábulo nas traduções são frutos de repetições de formas verbais do verbo ‘dizer’, as quais parecem ter sido utilizadas como recursos retóricos, conforme apontado por Marcuschi, e discutido na seção Repetições de Vocábulos: Parâmetros do Capítulo II. Deve-se considerar ainda que foram encontradas 18 ocorrências de *say*, que correspondem a 06 ocorrências de ‘dizer’, 02 de ‘disse’, em segmentos negativos, 04 de ‘dizem’, 01 de ‘diz’, 02 de ‘dizia’, 01 de ‘digamos’ e outra de ‘diríamos’. Isto quer dizer, que 11 ocorrências de repetição de *say* são pulverizadas entre 06 formas verbais distintas do verbo ‘dizer’, tomando a *verbal base form* ‘*say*’ como correspondente direta da forma do infinitivo ‘dizer’, considerando que 01 ocorrência do vocábulo em *didn't say* surgiu na tradução de ‘calou-se’. Em termos de percentuais proporcionais, experimentalmente, pode-se assumir que 61%, (11/18) das ocorrências de repetições de *say* nos alinhamentos foram geradas por conjugações do verbo ‘dizer’.

Outro aspecto a se considerar, pertinente à questão de repetição de vocábulos, é que as repetições de *say* em traduções a partir de segmentos frásicos negativos e interrogativos, e de segmentos afirmativos expressando futuro e futuro do pretérito, em geral, acarretam também repetições de operadores gramaticais (auxiliares), quando estes

não ocorrem aglutinados a sujeitos sintáticos. Cabe aqui retomar que, para a pesquisa, as repetições de vocábulos se referem às representações gráficas da fonologia das palavras, conforme disposto na seção 2.1 da metodologia da pesquisa. Assim, as duas ocorrências de *say* em *we might say* e *as we would say*, configuram repetições, enquanto que seus correspondentes nos textos originais, respectivamente, ‘digamos’ e ‘diríamos’, em ‘talvez digamos’ e ‘como diríamos, não configuram repetições.

Ao analisar os 06 primeiros alinhamentos, que seguem, constata-se também que, das 08 ocorrências das formas verbais do verbo ‘dizer’ sublinhadas, 05 foram traduzidas pela forma verbal do passado *said*, 01 por *tell* e outra por *telling* e, por fim, 01 por *think*.

(III - 21) “No mês seguinte, despejada do palacete por insolvência, você retornou ao seu estado natural, e um pouco curvada olhava para mim **como quem diz**, viu só? Chegavam as faturas, as prestações do conversível, da companhia de navegação, do antiquário, de todo lado explodiam apólices, hipotecas, papagaios, e **você me dizia**, eu não disse? De Amerigo Palumba recebi notícias duvidosas. Não sei se aplicou minhas finanças em títulos nobiliárquicos, **dizem até que** fez camaradagem com o rei destronado da Itália.”

*“The following month, evicted from the palace for insolvency, you returned to normal and, a little stooped, looked at me **as if to say**, see? The bills poured in, instalments on the convertible, the cruise company, the antique shop, policies, mortgages and promissory notes started to arrive from every direction, and **you’d say**, didn’t I tell you? Of Amerigo Palumba I received dubious news. I don’t know if he sank my money into aristocratic titles; **some even say** he became an intimate of the dethroned king of Italy.”*

(III - 22) “Daí a alguns séculos ou daí a alguns minutos **talvez digamos** espantados: e dizer que Deus sempre esteve! quem esteve pouco fui eu - **assim como diríamos do petróleo** de que a gente finalmente precisou.”

*“A few centuries on or a few minutes on **we might say** astonished: and to think that God always was! the one who*

barely was was me - just as we would say of oil that we finally needed it enough to know”

- (III - 23) “Mas há alguma coisa que é preciso ser dita, é preciso ser dita. - **Vou te dizer** o que eu nunca te disse antes, talvez seja isso o que está faltando: ter dito. Se eu **não disse**, não foi por avareza de dizer, nem por minha mudez de barata que tem mais olhos que boca. Se eu **não disse** é porque não sabia que sabia - mas agora sei. **Vou te dizer** que eu te amo. Sei que te disse isso antes, e que também era verdade quando te disse, mas é que só agora estou realmente dizendo. **Estou precisando dizer** antes que eu...”

*“But there is something that must be said, it must be said. - **I’m going to say** what I never said to you before, maybe that’s what’s missing: having said. If I **didn’t say** it, it wasn’t out of greed in telling, or because of my muteness of a roach that has more eyes than mouth. If I **didn’t say** it it’s because I didn’t know that I knew — but I know now. **I’m going to say** to you that I love you. I know that I said that to you before, and that it was also true when I said it, but only now am I really saying it. **I have to say** it before I . . .”*

- (III - 24) “Morria tudo. Almiro tinha casa, tá certo. Eu não tenho ninguém. Professor **calou-se**. Queria **dizer** muita coisa. O mulato estava na sua frente, a trouxa debaixo do braço cheio de bolha de bexiga. Boa Vida falou: - Tu **diz** a Pedro Bala. Os outros não precisa. Professor só soube **dizer**:”

*“Everybody would die. Almiro had a home, you know, I haven’t got anyone.” The Professor **didn’t say** anything. He wanted **to say** a lot of things. The mulatto was in front of him, the bundle under the arm that was full of smallpox sores. Good-Life spoke: “You **tell** Pedro Bala. The others don’t have to know.” Professor **could** only say:”*

- (III - 25) “Mas o padre ainda ficou parado uns minutos, querendo **dizer** alguma coisa. Mas **não dizia** nada, estava como que apatetado, olhando a porta por onde o Cônego tinha saído.”

*“But the priest still stood there for a few minutes wanting to say something. But he **didn’t say** anything, it was as if he had been kicked, looking at the door through which the canon had left.”*

(III - 26) “Eles **dizem** tudo, a Bíblia, eles **dizem** tudo - mas se eu entender o que eles **dizem**, eles mesmos me chamarão de enlouquecida. Pessoas iguais a mim haviam dito, no entanto entendê-las seria a minha derrocada.”

“They say everything, in the Bible, they say everything — but if I understand what they say, they themselves will call me mad. People just like me have said it, yet to understand them would be my downfall.”

As repetições de *say*, acima apresentadas, embora não envolvam relações coesivas, são relevantes à pesquisa, na medida em que elas ajudaram no delineamento do panorama empírico quantitativo, experimentalmente detalhado na introdução deste subitem, relativo aos efeitos das conjugações verbais do português nas diferenças entre frequências de ocorrências de repetições de formas verbais nas duas línguas.

Partiu-se, então, para as análises horizontais das repetições do vocábulo *saying*, considerando que, nas análises verticais relativas ao contraste entre as frequências de ocorrências dos vocábulos terminados em *-ing* e as de ocorrências de vocábulos terminados em ‘-ndo’, foi constatada uma superioridade proporcional da ordem de 268 pontos percentuais em favor das primeiras. No entanto, das 69 ocorrências deste vocábulo encontradas, somente 09 correspondem a formas nominais (não verbais) e 56 a formas verbais progressivas. Como não foram constatadas repetições de formas nominais de *saying* em segmentos frásicos adjacentes, na sequência, são apresentados 04 alinhamentos, relativos às coocorrências da forma verbal progressiva em segmentos adjacentes, bem como, são apresentados 09 alinhamentos relativos às ocorrências das formas nominais, mesmo estas não estando em segmentos adjacentes, uma vez que elas estão incluídas na superioridade proporcional acima mencionada.

(III - 27) “Tá bom, Sem-Pernas, você não quer topar o negócio, vá embora, mas deixe a gente combinar as coisas direito. -- Não

tou **dizendo** que não topo. Tou só **falando** que trabalhar pra um gringo ladrão não é negócio.”

*“O.K., Legless, if you don’t want a piece of the action, beat it, but let us get our things straight.” “I’m not **saying** I’m not in. I’m just **saying** that working for a thieving foreigner is a bad deal.”*

Aqui a questão reside na não manutenção da relação de sinonímia que ‘dizendo’ estabelece com ‘falando’, visto que na tradução optou-se pela repetição de *saying*. Com relação à segunda ocorrência de *saying*, parece-nos que a repetição está relacionada à relação entre colocações e usos naturais das línguas, conforme defendido por Hoey (2005), Sinclair (1991), e outros, visto que, em pesquisas no BNC, foram encontradas as seguintes coocorrências (colocações): 3.857 ocorrências de *saying + that*, 30 de *telling + that*, 17 de *speaking + that* e 13 de *talking + that*, ou seja, notadamente, há uma supremacia considerável de uso da colocação *saying + that*.

(III - 28) “A garota começou a digitar exatamente o que eu **dizia**. - Não, não precisa digitar como eu estou **dizendo**. É só uma ideia que estou te dando.”

*“The girl started to type exactly what I was **saying**. “No, you don’t have to type what I’m **saying**! I’m just giving you some ideas.”*

(III - 29) “como se estivesse no pico de uma montanha, eu olhava a vista, provavelmente com o mesmo olhar inexpressivo de minhas fotografias. Eu via o que aquilo **dizia**: aquilo não **dizia** nada. E recebia com atenção esse nada, recebia-o com o que havia dentro de meus olhos nas fotografias;”

*“as if on a mountaintop, I was looking at the view, probably with the same inexpressive look I had in my photographs. I saw what it was **saying**: it was **saying** nothing. And I was taking this nothing in attentively, I was taking it in with what was inside my eyes in the photographs;”*

Nestes alinhamentos, destacam-se as correspondências que *saying* estabelece com ‘dizia’, visto a forma verbal composta progressiva do inglês, corresponder à forma do Pretérito Imperfeito do português. Estas correspondências se devem ao aspecto de inconclusividade (CÂMARA, 1988, p.49) do imperfeito, que, quanto ao aspecto, se assemelha ao “gerúndio [que] é «imperfeito» (processo inconcluso)” (Ibid. p. 51). Salienta-se que, no alinhamento III – 29, há 02 ocorrências desta correspondência, as quais correspondem a uma coocorrência de ‘dizia’, portanto não geram diferenças quantitativas, mas, se somadas às ocorrências de *saying* no alinhamento III – 28, apontam para um número superior de repetições nas traduções. Mais adiante, no subitem 4.5, relativo às análises do vocábulo *were*, as correspondências entre formas verbais de Pretérito Imperfeito do português e as de gerúndio do inglês são retomadas.

Quanto às 09 ocorrências da forma nominal *saying* em segmentos não adjacentes, em todas elas, o vocábulo atua como infinitivo, o que destaca o aspecto distintivo da pluralidade de atuações dos vocábulos terminados em *-ing* discutido na seção 2.3 das abordagens verticais ao *Cópus* da pesquisa, principalmente, por este ser um traço linguístico bastante característico da língua inglesa.

(III - 30) “Teve vontade de **dizer** que o padre era bom como João Grande”

“He felt like saying that the priest was a good man like Big João”

No alinhamento III – 30, cabe destacar que em *feel like*, *like* é uma preposição, e segundo Murphy (1994), a estrutura verbo → preposição → objeto, sendo o objeto um verbo no infinitivo, este é indicado por *verbs + -ing*, como aponta a definição de *feel like* no Collins, “*to have an inclination (for something or doing something)*”.

(III – 31) “realmente é melhor que não **comece a dizer** missa atrás das portas”

“really it would be better if he didn’t start saying mass behind closed doors”

(III – 32) “olhava por cima de mim e não **parava de falar**, l’ambassadeur?”

*“he looked over my head and wouldn’t **stop saying**, l’ambassadeur?”*

Nos alinhamentos III – 31 e III - 32, as ocorrências de *saying* surgiram em função de que verbos, que indicam início e fim de ações, tais como *start* e *stop*, serem, em geral, seguidos de infinitivos formados por *verb* + *-ing* (MURPHY, 1994).

Por fim, as 06 ocorrências de *saying*, que seguem, similarmente à ocorrência do vocábulo no alinhamento II – 30, devem-se ao fato de infinitivos, quando precedidos de preposições, serem indicados por *verbs* + *-ing*. A diferença, entre estas ocorrências e aquela, é que *feel like* é um verbo composto, enquanto que nos seguimentos que seguem, os verbos não são compostos.

(III - 33) “Pedro achava que o negro era bom e não se cansava **de dizer**.”

*“Pedro found the black boy good and never tired **of saying**.”*

(III - 34) “não **sem dizer** para o padre José Pedro.”

*“not **without first saying** to Father José Pedro”*

(III - 35) “Primeiro Pedro Bala pensou **em dizer** que não, depois confessou.”

*“At first Pedro Bala thought **of saying** no, then he confessed.”*

(III - 36) “Também me lembro de como Matilde, sem **falar** nada, se aborreceu com minha mãe,”

*“I also remember how, without **saying** a word, Matilde became annoyed with my mother”*

(III - 37) “se recolheu **sem se despedir** direito”

“*He got out without saying goodbye properly*”

(III - 38) “E hoje saiu **sem avisar** aonde ia”

“*And today she went out without saying where she was going*”

Uma vez terminadas as análises de *say* e *saying*, cabe destacar que três pontos desta abordagem chamam bastante à atenção, *i.e.*, (i) a superioridade numérica de colocações de *saying* + *that*, em relação às outras três pesquisadas no BNC; (ii) o fato de que infinitivos quando precedidos de preposições serem indicado pelas *gerund forms*, pois, segundo o Merriam-Webster Dictionary, as preposições são seguidas de substantivos, pronomes ou grupos nominais; (iii) as correspondências das formas verbais progressivas com as formas verbais de pretérito imperfeito do português.

Passa-se então para as investigações do vocábulo *see*.

3.3 Vocábulo *See*

No total foram analisados 24 alinhamentos contendo o vocábulo e suas correspondências nos textos originais, totalizando 59 ocorrências de *see*, em coocorrências dele em seguimentos frásicos adjacentes, dentre suas 330 ocorrências no subcorpus *TT* em inglês. Das 59 repetições do vocábulo *see*, 25 correspondem à forma verbal do infinitivo ‘ver’, portanto, quantitativamente, não são relevantes à pesquisa, no que se refere às discrepâncias entre frequências e ocorrências de repetições. Outras 09 ocorrências, por terem surgido na tradução, a partir de ocorrências de ‘enxergasse’, ‘até logo’, ‘adeus’, ‘sei’, ‘achava’, ‘recebê-la’ e ‘conhecer’, grifadas nos alinhamentos, não envolvem relações gramático-coesivas, portanto, não são analisadas aqui. No entanto deve-se destacar que estas correspondências, grosso modo, sugerem que, talvez o vocábulo *see* deva ser investigado quanto à sua polissemia, conforme previsto na introdução desta dissertação. As 25 ocorrências restantes correspondem a traduções de 08 formas verbais, *i.e.*, ‘vejo’, ‘vemos’, ‘vendo’, ‘verei’, ‘verás’, ‘visse’, ‘via’ e ‘vê’ do verbo ‘ver’. Desta forma, novamente, experimentalmente, pode-se inferir que, por força da gramática do inglês, nas traduções no subcorpus *TT* em inglês, há 03 vezes (25/8) mais chances de repetições do vocábulo *see* do que de ‘ver’ em textos originais em português. Segue,

então, a apresentação dos 24 alinhamentos, sendo que, quando oportuno, tece-se alguns comentários.

(III - 39) “D. HELENA - Espera e **verás**.

D. CECÍLIA - Não posso encara-lo; adeus.”

“DONA HELENA. Wait and see.

DONA CECÍLIA. I can't face him; see you later.”

Quanto a este alinhamento, cabe comentar que em pesquisa no BNC foram encontradas 275 ocorrências de *wait and see*, sendo elas relativas ao futuro, o que sugere um padrão colocacional possível de ser atribuível ao *lexical priming*, conforme defendido por Hoey.

(III - 40) “Tu és o ele, eu sei, eu sei porque quando toco eu **vejo** o ele. Mas o ele, o homem, cuida do que lhe deste e envolve-se num invólucro feito especialmente para eu tocar e **ver**.”

“Thou art the he, I know, I know because when I touch I see the he. But the he, the man, takes care of what Thou hast given him and covers himself in a casing made especially for me to touch and see.”

(III - 41) “Ficarei perdida entre a mudez dos sinais? Ficarei, pois sei como sou: nunca soube **ver** sem logo precisar mais do que **ver**. Sei que me horrorizarei como uma pessoa que fosse cega e enfim abrisse os olhos e enxergasse - mas enxergasse o quê? Um triângulo mudo e incompreensível. Poderia essa pessoa não se considerar mais cega só por **estar vendo** um triângulo incompreensível? Eu me pergunto: se eu olhar a escuridão com uma lente, **verei** mais que a escuridão? a lente não devassa a escuridão, apenas a revela ainda mais. E se eu olhar a claridade com uma lente, com um choque **verei** apenas a claridade maior.”

*“Will I get lost amidst the muteness of the signs? I will, because I know how I am: I **could** never see without immediately having to do more than see. I know I'll be horrified like a blind person who finally opened her eyes to see - but see what? a mute and incomprehensible triangle.*

*Could that person consider herself no longer blind just because **she could see** an incomprehensible triangle? I wonder: if I peer at the darkness with a magnifying glass, will I **see** more than darkness? The glass doesn't expose the darkness, it only reveals more of it. And if I look at light with a magnifying glass, with a shock I will only **see** more light."*

No alinhamento III – 41, destaca-se o grupo verbal *could* (*never*) *see*, pois estabelece correspondência com o grupo verbal 'estar vendo', sendo que está na forma verbal progressiva, enquanto que aquele, não. Esta correspondência envolve o conceito de 'verbos não ação' segundo Murphy, ou, 'de percepção', segundo disposto no site Edufind (<http://www.edufind.com/>), isto é, aqueles que não são usados para expressar ações contínuas, por serem considerados 'não dinâmicos'. Assim, por o verbo *see*, diferentemente de 'ver', significando 'enxergar', 'ver', etc. ser prioritariamente um verbo de percepção, ou seja, de 'não ação', ele não pode expressar continuidade. Em inglês, é possível expressar continuidade de ações designadas por estes verbos com o uso dos verbos modais *can* e *could* (MURPHY, 1994, p.8), como em "*First it was the violins who became quite carried away, and then **I could see** more and more musicians losing themselves in their performance*" traduzido de "Primeiro foram os violinos que se deixaram empolgar, em seguida fui **vendo** mais e mais músicos serem arrebatados pela sua execução." (COMPARA, EBKL1 3361)

(III - 42) "A verdade não tem testemunha? Ser é não saber? Se a pessoa não olha e não **vê**, mesmo assim a verdade existe? existe? A verdade que não se transmite nem para quem **vê**."

*"Truth has no witness? being isn't knowing? If a person doesn't look and doesn't **see**, does the truth exist anyway? The truth that doesn't transmit itself even to those who can **see**."*

(III - 43) "**Vai ver** como a gente acaba com os traidor. Explicava a Alberto:

- Eu vou com um grupo pro depósito maior. João Grande vai com outro. Barandão com o terceiro para o menor. Não entra ninguém. A gente sabe fazer. **Tu vai ver**...

- Eu estarei lá para **ver** fez o estudante. -- Então, às quatro horas da madrugada?

- Tá certo. O estudante faz um gesto.

- Até logo, companheiros...”

“You’ll see how we’ll take care of those traitors.” He explained to Alberto:

“I’ll go with one group to the main yard. Big João will take another. Outrigger will take a third one to the smaller yard. Nobody gets in. We know what to do. You’ll see...”

“I’ll be there to see,” the student said. “So, at four in the morning?”

“That’s right.” The student makes a gesture:

“See you later, Comrades...”

- (III - 44) “Dispo Matilde com os olhos, mas ao invés de **vê-la** nua, **vejo** o vestido sem o corpo dela. **Vejo-me** a cheirar o vestido, a alisá-lo por fora e por dentro, a agitá-lo para **ver** o caimento da seda, vou levá-lo.”

“I undress Matilde with my eyes, but rather than seeing her naked, I see the dress without her body. I see myself smelling the dress, caressing it outside and inside, shaking it out to see how the silk falls:”

Embora fora do contexto destas análises, destaca-se aqui a correspondência de ‘vê-la’ com *seeing her*, pois a forma infinitiva ‘vê’ foi traduzida por uma *gerund form* (verb + -ing) indicando um infinitivo verbal, conforme mencionado acima, por este estar precedido da preposição *by*.

- (III - 45) “Tá **vendo**, pedaço de gente? Diz isso a Dalva. - Tou **vendo** um couro espichado ali, sim senhor.”

“See, squirt? Tell that to Dalva.” “I see an old whore stretched out there, yes, sir.”

- (III - 46) “Tu não tá **vendo** que é uma menina? Tu não tá **vendo**?”

“Can’t you see she’s just a girl? Can’t you see?”

Nos alinhamentos III - 45 III - 46, destacam-se, novamente, ocorrências de *see* que se deram em função de este ser um verbo não

ação. Diferentemente de no alinhamento III - 41, onde a ideia de continuidade da ação, que não pode ser expressa pela forma verbal progressiva, é indicada pela presença do verbo modal *could*, no III - 45 ela é indicada pelo uso do verbo *see* no *Simple Present* (MURPHY, 1994, p.8). No alinhamento III - 46, novamente um verbo modal, no caso *can*, cumpre a função de expressar continuidade de ação.

(III - 47) “**Vê**, meu amor, **vê** como por medo já estou organizando, **vê** como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório sem logo querer organizar a esperança.”

“You see, my love, see how out of fear I’m already organizing, see how I still can’t deal with these primary laboratory elements without immediately wanting to organize hope.”

(III - 48) “Que me deixara **ver**. Pois Ele sabia que eu não saberia **ver** o que visse.”

“Who had let me see. Since He knew that I would not know how to see whatever I saw.”

(III - 49) “Vá de repente e há de **ver** quem tem razão. E por essas e outras que existem os "Capitães da Areia". Eu prefiro **ver** meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser **ver** unia coisa de cortar o coração vá lá.”

“Drop by all of a sudden and you’ll see I’m right. That’s why there are “Captains of the Sands.” I’d rather see my son among them than in the reformatory. If you want to see something to break your heart go there.”

(III - 50) “Abre mais os olhos. Agora não **vê** mais Dora. Só a cara do diretor que sorri: Vamos **ver** se agora fica mais manso.”

“He opens his eyes more. Now he doesn’t see Dora anymore. Only the face of the director, who smiles: Let’s see if you’re a little tamer now.”

(III - 51) “O horror é que sabemos que é em vida mesmo que **vemos** Deus. É com os olhos abertos mesmo que **vemos** Deus. E se adio a face da realidade para depois de minha morte - é por astúcia, porque prefiro estar morta na hora de **vê-Lo** e assim penso que não O **verei** realmente.”

*“The horror is that we know that we **see** God in life itself. It is with our eyes fully open that we **see** God. And if I postpone the face of reality until after my death — it’s out of guile, because I prefer to be dead when it is time to **see** Him and that way I think I shall not really **see** Him.”*

(III - 52) “Não **vê** que eu não me passo...
De outra vez Pedro Bala conseguiu **ver** o Sem-Pernas.”

*“You can’t **see** that I wouldn’t do it...” Another time Pedro Bala managed to **see** Legless.”*

(III - 53) “- Não sei por quê. - Tu não tá **vendo** que tu não pode?”
“I don’t see why.” “Don’t you **see** that you can’t?”

No alinhamento III - 53, tal qual no III - 45, o *Simple Present* de *see* corresponde a um verbo no gerúndio do português, no caso ‘vendo’.

(III - 54) “não montava frases coerentes e não **via** os erros que eu apontava. Ela até comia palavras e não achava o erro quando eu pedia que ela corrigisse!!!”

“she didn’t write in a coherent way and couldn’t see the typos I was pointing out. She’d even leave some words behind and fail to see the mistakes I had asked her to correct.”

(III - 55) “em vez de O sermos, nós queríamos **vê-Lo**. Não faria mal **vê-Lo**, se fôssemos tão grandes quanto Ele.”

*“instead of being He, we wanted to **see** Him. It would not hurt to **see** Him, if we were as great as He.”*

(III - 56) “quisera **vê-la** abatida, triste e até chorando... Ri, ao contrário; despede-se desta gente, como se devesse recebê-la amanhã...”

*“I’d like to **see** her downcast, sad, and even crying. Instead, she’s laughing; she’s saying goodbye to these people as if she were going to see them tomorrow.”*

(III - 57) “Pior - me levaria a **ver** que o deserto também é vivo e tem umidade, e a **ver** que tudo está vivo e é feito do mesmo.”

*“Worse — it would lead me to **see** that the desert too is alive and has moistness, and to **see** that everything is alive and made of the same.”*

(III - 58) “Como direi agora que já então eu começara a **ver** o que só seria evidente depois? Sem saber, eu já estava na ante-sala do quarto. Já começava a **ver**, e não sabia;”

*“How can I say now that I’d already begun to **see** what would only become evident afterward? without knowing it, I was already in the entrance to the room. I was already starting to **see**, and didn’t know it;”*

(III - 59) “Não quer **ver** nada do que se passa no mundo para ter os olhos suficientemente limpos para poderem **ver** a face de Deus.”

*“He doesn’t want to **see** anything that’s going on in the world in order to have his eyes sufficiently clean to **see** the face of God.”*

(III - 60) “Eu só queria era **ver**... -- Que era que tu vinha **ver** com as mãos?”

*“I only wanted to **see**...” “What did you come to **see** with your hands?”*

(III - 61) “que desejou conhecer a antiga propriedade onde Maria Eulália por um fio não veio à luz. Confesso que, para mim, era um pouco melancólico **ver** as ruínas da sede colonial”

“who wanted to see the old property where Maria Eulália had narrowly missed being born. I confess that, for me, it was

somewhat depressing to see the ruins of the colonial farmhouse,”

(III - 62) “basta **ver** o pinto andando para **ver** que seu destino será aquilo que a carência fizer dele,”

“all you have to do is see the chick walking around to see that its destiny will be what neediness makes of it,”

Finalizando as investigações quanto às repetições de *see*, parece-me seguro atestar que, à parte as diferenças relativas às conjugações verbais do português, o fato de o verbo *see*, correspondendo a ‘ver’ e afins, ser considerado como um verbo de estado/não ação/percepção, diferentemente de seus correspondentes em português, tende a, digamos, impulsionar as ocorrências de suas repetições em inglês. Poder-se-ia argumentar que esta relação se neutraliza, pois numericamente as ocorrências de ‘vendo’ correspondem às de *see*. Porém, caso se extrapole a questão para o nível dos grupos verbais, percebe-se que, enquanto em português o grupo verbal ‘estar vendo’ pode variar de acordo com as 06 conjugações de cada um dos 10 tempos verbais de ‘estar’, em inglês, as variações estão limitadas a poucas formas verbais (simples) e a algumas formas verbais modais.

3.4 Vocábulo *There*

O vocábulo *there* demandou atenção especial por ele poder atuar como: (i) pronome, “como sujeito gramatical com alguns verbos, especialmente o *be*, quando o verdadeiro sujeito é um sintagma nominal não definido, ou massa, que é seguido pelo verbo como complemento, [como em] *there is a girl in that office*, [e] *there doesn't seem to be any water left*” (HARPERCOLLINS, 2014); (ii) advérbio, como em “*we never go there*” (Ibid.); (iii) adjetivo, como em “*that boy there did it*” (Ibid.); (iv) substantivo, em ‘*near there, from there*’ (Ibid.).

Considerando o contraste interlinguístico, as atuações de *there* como pronome necessariamente acarretam ocorrências do vocábulo que, isoladamente, não têm correspondência no português, pois os sujeitos sintáticos, que o vocábulo inglês designa, tendem a ser elípticos em português, como quando *there* é o sujeito das formas verbais do verbo *be*, correspondendo aos verbos ‘haver’, ‘ter’, ‘existir’, quando impessoais. As atuações de *there*, como advérbio, adjetivo e substantivo, correspondem a alguns vocábulos distintos do português, como ‘ai’, ‘lá’,

‘dali’, etc. Considerando o foco na questão da coesão textual, nestas atuações *there*, geralmente, estabelece relações anafóricas com locais, lugares, e afins, como em “*went over to the coatrack. Nothing in the pockets of the clothes hanging there*”, onde *there* se refere à *coatrack*. Se seguido de orações explicativas, como em, “*But he saw her there in Dora’s place*”, estabelece referência catafórica. Ainda, anaforicamente, pode se referir “a porções de textos, [...] geralmente, com um significado que não é de um lugar, mas ‘a respeito de’” (HALIIDAY e HASAN, 1976, p. 74, tradução nossa); como afirmam estes linguistas, “*atua como demonstrativo e difere do pronome there seguido de alguma forma verbal de be*”. Vejamos, em “*Hope to see you soon — I’ll be coming through for Janet’s and Nick’s leaving ceilidh on the Renfrew Ferry on the 2nd, so will maybe see you there?*” (BNC, GXM 18), *there* não se refere à *Renfrew Ferry* isolada, mas a *Janet’s and Nick’s leaving ceilidh on the Renfrew Ferry on the 2nd*, pois a referência inclui o motivo e a data do evento, no caso, respectivamente, *ceilidh e leaving*.

Das 717 ocorrências de *there* no subcórpus *TT* em inglês, excluindo as em contrações, constatou-se 134 (19%) coocorrências dele em segmentos frásicos adjacentes, em 66 excertos de texto, que foram alinhados e analisados. Destes, algumas ocorrências de *there*, que evidenciaram discrepâncias entre as frequências de repetições de vocábulos nas duas línguas, são apresentadas no quadro III - 1, de modo a compor um panorama quantitativo contrastivo, no qual vocábulos dos textos originais e suas frequências de ocorrências são apostos às suas traduções, encontradas no subcórpus *TT* em inglês.

Original	Freq.	Traduções
ai	5	<i>there</i>
ali	23	<i>there</i>
dali	7	<i>of there, from there, near there</i>
lá	19	<i>there</i>
nele	3	<i>there</i>
à vila	1	<i>there</i>
há	14	<i>there is, there are</i>
houvesse	1	<i>there were</i>
houve	2	<i>there have been, there was</i>
houver	1	<i>There is</i>
havia	24	<i>there was, there were, there had been, there hadn’t be</i>
havam	1	<i>there were</i>
haveria	1	<i>there were</i>
existem	1	<i>there are</i>

existiam	1	<i>there were</i>
tinha	2	<i>there was</i>
não deve ter	1	<i>there mustn't be</i>
tiver	1	<i>there are</i>
há de haver	1	<i>there has to be</i>
era	2	<i>would there be</i>
eram	3	<i>there were</i>
Ø	13	<i>there</i>
Ø	1	<i>there are</i>
Ø	1	<i>there were</i>

Quadro III - 1 – Distribuição contrastiva de frequências de ocorrências de *there*.

No quadro constam 129 ocorrências de *there*, dentre as quais, 15 foram inseridas nas traduções a partir de ocorrências elididas nos originais. Por tanto, as 114 restantes foram geradas a partir de um conjunto de 21 vocábulos ou grupos verbais diferentes dos originais. Estes números, por si só, indicam uma tendência a frequências mais elevadas de repetições de *there*, em relação a suas correspondências em português. Cabe salientar, que o total de 129 ocorrências dispostos no quadro não corresponde ao total de 134 ocorrências analisadas via alinhamentos, visto que 05 ocorrências não foram contabilizadas por se tratarem de traduções bastante diferenciadas, as quais, por um lado, podem ter sido traduzidas, tal qual foram, simplesmente por escolhas de tradução, por outro, podem evidenciar outros aspectos polissêmicos e coesivos.

Nos alinhamentos que seguem, algumas destas ocorrências de *there* são analisadas com maior aprofundamento.

- (III - 63) “- Ezequiel mais três. Só são homem Ø de quatro pra cima...
 - Fez isso em tu?
 - Foi quatro. Assim mesmo porque me pegaram desprevenido.
 -Eu caí na besteira de pensar que Ezequiel vinha só. Era quatro.”

“Ezequiel and three others. They're only men when there are four or more...”

“Did he do that to you?”

“There were four of them. Even so, they hit me when I wasn’t looking. I was dumb enough to think Ezequiel was alone. There were four of them.”

Percebe-se que no diálogo original há 03 repetições do vocábulo ‘quatro’, as quais estabelecem coesão lexical com ‘Ezequiel mais três, o que permitiu a elipse, marcada por Ø. Analisando a elipse Ø, percebe-se que ela pode ser preenchida por algo em torno de ‘quando estão’, onde ‘estão’ tem o sentido de ‘haver’. Considerando que, em inglês, as elipses são relações coesivas que se dão no nível gramatical, diferentemente das referências, que são dadas no nível semântico, (HALLIDAY e HASAN, 1976), e, nelas, “o item lexical pressuposto [o elidido no grupo nominal elíptico] está presente na porção de texto que o antecede” (Ibid., p. 144, tradução nossa), caso se tentasse, não seria possível manter a elipse em inglês. Com efeito, dada às distinções de ordem gramatical, a locução a adverbial *in four or more* tenderia a não estabelecer vínculo anafórico com o grupo nominal *Ezequiel and three others*. Tão pouco, estabeleceria tal vínculo, por o grupo nominal ser sujeito sintático de alguma forma verbal (não explicitada) de pretérito, enquanto que, a locução adverbial complementa uma sentença no presente. Com a inclusão do pronome *when* a não possibilidade de se elidir *there are* aumentou, pois, de acordo com pesquisas no BNC, colocações de *when* com *in* são seguidas por locuções adverbiais de tempo, modo ou lugar. Assim, *four* em *when in four* deveria indicar modo, mas sendo *four* um numeral, ele, estando isolado, não cumpre esta função. Encontrou-se no BNC uma única ocorrência desta colocação em “*when in Four Quartets*” (BNC, EFX 442), mas neste caso *four* atua como numeral do grupo nominal, sendo que este expressa o modo do adjunto. Na tradução do alinhamento, porém, isto não ocorre, pois o núcleo, algo em torno de *boys, guys, etc.*, está elíptico.

(III - 64) “...vai achar uma foto do tamanho de um papel-ofício, datada no verso de 1920. [...] Posso quase jurar que aquele Rodolfo Valentino aparece Ø na escadaria do palácio Guanabara, por ocasião de uma visita de parlamentares ao rei Alberto da Bélgica, **ali** hospedado. A foto é das prediletas da mamãe, traz meu pai ao lado da rainha Elizabeth, um degrau abaixo do rei. A cabeça do pai de Matilde também aparece Ø um pouco atrás”

“...you'll find a photo the size of a standard sheet of paper, dated 1920 on the back. [...] I could almost swear that that Rudolf Valentino is there on the stairs of the Guanabara Palace during a congressional visit to King Albert of Belgium, who was staying as a guest **there**. It's one of Mother's favourite photos, and shows my father next to Queen Elisabeth, a step below the king. Matilde's father's head is also there, a little further back,”

A questão fundamental neste alinhamento reside nas possibilidades ambigüidade de leitura, pois o verbo ‘aparecer’, como está no excerto, pode causar uma ambigüidade de leitura, visto que permite tanto a leitura remetendo à ‘surgir/estar na escadaria’ quanto à ‘estar presente na foto’. No entanto, a ambigüidade de leitura, se desfaz se considerarmos as inferíveis elipses da locução adverbial ‘na foto’ ou da contração ‘nela’, marcadas por Ø. Considerando as duas elipses, sob o viés da tradução, elas tiveram que ser suprimidas, pois a elipse da locução adverbial *in/on the photo* não poderia ser resgatada no grupo nominal *a photo the size of a standard sheet*, lembrando que as elipses nominais envolvem relações gramaticais identitárias dos pré-modificadores dos núcleos de grupos nominais com os pré-modificadores que atuam como núcleos de grupos nominais elípticos. Assim, o dêitico *there*, correspondendo às elipses de ‘na foto’ ou ‘nela’, estabelece referência anafórica com *photo*, presente no grupo nominal *a photo the size of a standard sheet*, dada à relação semântica que *there* estabelece com *photo*. Ademais, com a presença da forma verbal *is*, a elipse também não poderia ser mantida na tradução, pois, se mantida, causaria uma inadequação de tempo verbal, visto que a tradução ficaria *I could almost swear that that Rudolf Valentino is on the stairs*, onde a relação temporal, que *could* estabelece com o dêitico *that* pré-modificando *Rudolf*, tenderia a remeter ao passado, enquanto que *is on the stairs* remete ao presente. No entanto, com a inserção do vocábulo *there*, esta inadequação foi desfeita, pois a remissão ao presente foi deslocada para *photo*, a qual de fato existe no presente, e *that Rudolf* pode estar nela. Outro aspecto a considerar refere-se à coesão textual em torno do grupo nominal *Matilde's father's head*, visto que a cabeça do pai de Matilde não poderia estar na escadaria. Com a eliminação da segunda elipse, o segmento manteve a coerência, pois a cabeça pode estar na foto.

(III - 65) “Não **havia** luz. Pedro fechou a porta, acendeu um fósforo. **Havia** apenas uma cama, um baú e um cabide na parede. O fósforo se apagou, mas Pedro já estava em cima da cama, que correu toda com as mãos. Depois viu embaixo do colchão. Tampouco **havia** nada. Desceu então da cama, se aproximou, sem fazer ruído, do baú. Suspendeu a tampa, acendeu um fósforo que prendeu nos dentes. Remexeu a roupa com cuidado, **não havia** nada. Cuspiu o fósforo (depois se lembrou que o homem podia não fumar e então o recolheu ao bolso) e foi até o cabide. Nada nos bolsos da roupa **ali** dependurada Pedro Bala acendeu outro fósforo, mirou todo o quarto: - Com certeza está com o homem. Agora é que vão ser elas. Abriu a porta do quarto, desceu as escadas. Chegou na porta da cozinha, o homem ainda estava sentado **Ø**.”

*“There wasn’t any light. Pedro closed the door, lighted a match. **There was** only a bed, a trunk, and a coatrack against the wall. The match went out but Pedro was already on top of the bed, which he went over with his hands. Then he looked under the mattress. **There wasn’t** anything there either. He got off the bed then and without making any sound went over to the trunk. He lifted the lid, lighted a match that he held in his teeth. He went through the clothes carefully, **there wasn’t** anything. He spat out the match (then he thought that maybe the man didn’t smoke and put it in his pocket) and went over to the coatrack. Nothing in the pockets of the clothes hanging **there**. Pedro Bala lighted another match, looked all over the room. “The man must have them. They’ve got to be **there**.” He opened the door of the room, went down the stairs. He reached the kitchen door, the man was still sitting **there**.”*

O alinhamento III - 65 evidencia uma distinção considerável, no que se refere às frequências de repetições de vocábulos, pois, enquanto no original há 04 ocorrências de ‘havia’, na tradução há 04 de *there* como pronome, referente ao sintagma nominal não definido, e mais 03 deste vocábulo atuando como advérbio de lugar. Esta distinção numérica deve-se: (i) à polissemia do vocábulo *there*, que, na tradução atua como pronome e advérbio; (ii) à eliminação de 01 elipse do advérbio ‘ali’, que consta no original, a qual foi motivada pela transitividade da forma verbal *sitting*, que, em geral, é acompanhada de

um objeto sintático; (iii) à presença de *there* na oração sublinhada, a qual não encontra correspondência sintática, nem semântica, com o original, portanto, está mais atrelada a escolhas subjetivas de tradução do que a relações gramaticais ou coesivas. No entanto, esta ocorrência de *there* torna-se relevante à discussão, à medida que ela envolve o uso dele, discutido no primeiro parágrafo deste subitem, como demonstrativo, diferindo do pronome *there*, pois anaforicamente ele se refere tanto à *the kitchen* quanto à oração *a man playing solitaire*, mencionada no parágrafo antecedente ao excerto. Esta relação de dupla referência anafórica, associada ao aspecto modal do verbo *have* ('ve), confere certo sentido antecipatório à oração, tal qual o inferível na expressão desafiadora 'Agora é que vão ser elas'.

Quanto à questão eliminação da elipse do original, a explicação é simples. No contexto frásico, o verbo *sit* é intransitivo, pois estabelece correspondência com 'sentado', que é seguido da elipse de uma locução adverbial, em torno de '(à mesa) na cozinha'. De acordo com o Collins Dictionary, quando o verbo *sit* é intransitivo, "ele é geralmente seguido de *down, in* ou *on*" (HARPERCOLLINS, 2014), sendo que estas preposições em locuções adverbiais de lugar requerem substantivos, tais como *chair, bank, etc.*, que as completem. No caso do excerto, *there* substitui a locução adverbial *in the kitchen*. Caso a elipse fosse mantida, a ausência da locução adverbial, aliada à intransitividade do verbo *sitting*, faria com que ele tão somente descrevesse o posicionamento corporal do homem, perdendo-se assim o vínculo coesivo que a dupla referência, mencionada no parágrafo anterior, estabelece.

Similarmente, no alinhamento III - 66, teria ocorrido a perda do vínculo coesivo, caso a elipse do original não tivesse sido eliminada pela inserção de *there* após a forma verbal *sitting*.

(III - 66) "dizia quando eu perguntava que fazia **ali** sozinho. Estávamos, às vezes, sentados juntos Ø,"

*"he'd say, if I asked what he was doing **there** all alone. Sometimes, sitting **there** together,"*

Na análise do alinhamento III - 67, cabe destacar a segunda ocorrência de *there*.

(III - 67) "Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do professor. **Lá** está ele, no mais longínquo canto do casarão,

lendo à luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna do mar”

*“He peeps in for a moment, undecided until he spots the light of the professor’s candle. **There** he is, at the far corner of the big shed, reading by candlelight. Big João thinks that the light **there** is even smaller and flickers more than the lamp at the Gate of the Sea”*

A segunda ocorrência de *there* na tradução do alinhamento III - 67, se deu fundamentalmente por questões de coesão, em função de a **não** tradução do dêitico ‘aquela’, que antecede ‘luz’, a qual se refere à ‘luz de uma vela’, que por sua vez, estabelece coesão com ‘luz da vela do professor’, ter sido necessária para a recuperação da força da cadeia coesiva do original. Com a tradução da locução adverbial ‘à luz de uma vela’ por *by candlelight*, a semântica da locução foi sutilmente alterada, pois nela o substantivo *candlelight* está desprovido de algum pré ou pós-modificador, portanto, não lhe é conferida nenhuma especificidade, enquanto que, o numeral em ‘de uma vela’ confere mais especificidade ao substantivo ‘vela’, conferindo lhe certa materialidade, bem como, também confere à luz, que é pós-modificada pelo classificador ‘de uma vela’. Cabe aqui lembrar que, no modelo de grupo nominal de Halliday e Hasan, numerais atuam como modificadores dos núcleos destes grupos. Assim, de certa maneira, parece ser aceitável afirmar que a locução do original, além de expressar ‘modo’, também expressa ‘lugar’, enquanto que *by candlelight* me parece expressar somente ‘modo’. Esta alteração na semântica da locução enfraqueceu os elos coesivos que ‘a luz da vela do professor’, ‘à luz de uma vela’ e ‘aquela luz’ estabelecem, pois na cadeia coesiva *the light of the professor’s candle, by candlelight* e *the light*, se estabelece um único elo coesivo entre o último grupo nominal que tende a se referir anaforicamente ao primeiro, lembrando que as coesões por referência se dão no nível da semântica (HALLIDAY e HASAN, 1976). No entanto, no original ocorre a coesão recorrencial estabelecida pelas três repetições do elo coesivo ‘luz’.

Se *that* tivesse sido mantido na tradução, a referência demonstrativa que este dêitico estabeleceria também se enfraqueceria, visto que *candlelight*, por estar desprovido de um pré-modificador, não tenderia a estabelecer coesão com *that light*, em função da não atuação da força coesiva dos pré-modificadores. A força dos elos coesivos que

os dêiticos, numerais e núcleos de grupos nominais estabelecem em inglês fica bastante evidente em transposições de grupos nominais no singular para o plural, pois geralmente somente os dêiticos, numerais e núcleos de grupos nominais variam para concordarem quanto ao grau. Perceba que em português, na referência demonstrativa que ‘aquela luz’ estabelece com ‘a luz de uma vela’, à parte a coesão por repetição lexical, outro elo coesivo encontra-se na relação que o pré-modificador dêitico ‘aquela’ estabelece com o pós-modificador por ‘de uma vela’, tanto que seria possível elidir a última ocorrência de ‘luz’, sem muito prejuízo coesivo.

Por outro lado, o enfraquecimento que a tradução de ‘aquela’ por *that* causaria na cadeia coesiva também se refletiria em outra referência anafórica que se estabelece no segmento, no caso, a referência comparativa (não dêitica) (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.77) que *even smaller* e *flickes more* estabelecem com *the lamp at the Gate of the Sea*.

Assim, da forma como o excerto foi traduzido, com a inserção do dêitico *the*, não seletivo, pois *the*, “como outros demonstrativos, é um agente especificador, que serve para identificar algo determinado, [...] designado por um substantivo, mas só o faz pela dependência de algo mais, pois ele não contém especificação própria” (Ibid. p. 71, tradução nossa) foi necessário especificar *light* com a inserção de *there*. Percebe-se que, com esta especificação, o elo coesivo deslocou-se da referência demonstrativa, coesivamente fraca, que *that* tenderia a estabelecer com *the light of the professor’s candle*, para a referência, coesivamente forte, que advérbio de lugar *there* estabelece com *at the far corner of the big shed*.

Nos alinhamentos III – 68 e III - 69, abaixo, as ocorrências de *there* estão ligadas às metafunções ideacional e interpessoal de Halliday, visto que as ocorrências do vocábulo se dão em segmentos que visam correspondências com segmentos, que, em geral, ocorrem na coloquialidade compartilhada por falantes do português brasileiro, *i.e.*, ‘quanto tempo levei?’, ‘que barulho é esse?’ e ‘e tome’, sendo que a primeira que *a priori* corresponderia à ‘*how much time did it take me*’ e a segunda à *what a noise*, enquanto que, a terceira é um tanto mais complexa, pois, até onde a pesquisa foi, parece não encontrar correspondência em inglês.

(III - 68) “Quanto tempo levei? - Oito dias. Já morreu um **ali**. O menino vai embora. Pedro nem perguntou seu nome. Tudo o que quer

é dormir. Mas os que andam para as camas dos pederastas fazem ruído. O bedel Fausto sai do seu quarto de tabiques: - Que barulho é esse?”

*“How long was I in **there**?” “A week. Somebody died **there** once.” The boy goes away. Pedro didn’t ask his name. All he wants is to sleep. But the ones going to the pederasts’ beds make noise. The beadle Fausto comes out of his walled-off room: “What’s going on **there**?”*

Considerando o primeiro grifo, percebe-se que, o uso no contexto do livro, tem o sentido de ‘quanto tempo fiquei lá?’, pois em ‘quanto tempo levei?’ ‘leve’ refere-se à ‘tempo para sair do canavial’. Em outras palavras, o sentido que a pergunta assume está diretamente relacionado ao “contexto compartilhado pelos falantes”, a metafunção interpessoal da língua (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.30). Assim, para manter-se a correspondência semântica, fez-se necessário o uso de alguma forma verbal do verbo *be*, no caso, *was*, e esta demandou a inserção de uma referência a algum lugar. Como, no contexto, este tinha sido mencionado anteriormente, no caso o canavial, optou-se por *there*, estabelecendo referência anafórica.

Quanto à ‘que barulho é esse?’, a questão está relacionada à intenção do falante, pois esta pergunta, no contexto do romance, tem caráter repreensivo, direcionado aos receptores pela referência exofórica que ‘esse’ estabelece. No entanto, ao que tudo indica, o direcionamento expresso por ‘é esse’, não ser possível em inglês, pois não foram encontradas ocorrências *what a noise is...*, no COMPARA. No BNC encontrou-se 06 ocorrências de *what a noise?*, sendo que todas ocorreram ao longo de entrevistas orais, mas nenhuma apresentando caráter repreensivo, mas sim sugerindo sentimentos de incômodo ou surpresa, correspondentes a algo em torno de ‘mas que barulho’. No entanto, encontrou-se uma única ocorrência com o demonstrativo adjetivo *this* em ‘*what is this noise?*’ seguido de ‘*Mary-Lou have you gone mad?*’ (BNC, KCP 35), que explicita a intenção repreensiva do interlocutor, correspondente à do original. Em outras pesquisas no mesmo corpus, encontrou-se 30 ocorrências de ‘*what’s going on?*’, o que sugere que esta construção, de acordo com a noção de *lexical priming*, discutida na introdução desta dissertação, é priorizada, em relação às duas outras. Considerando que este tenha sido o norte da escolha de tradução, cabe, então, explicar a presença de *there*. Neste

caso, *there*, no contexto do diálogo, estabelece referência exofórica, e, também em função do contexto, me parece imprescindível, no sentido de a pergunta ser efetivamente endereçada aos ouvintes alvo, no caso, *the ones going to the pederasts' beds*.

(III - 69)“encantaria a metrópole com seu maxixe, seu francês esdrúxulo e sua beleza mestiça. E tome bateaux-mouches, torre Eiffel, Mona Lisa, uns flocos de neve, em pouco tempo ela acreditaria ter visto praticamente tudo Ø na vida.”

“she would enchant the metropolis with her maxixe, her awful French and her exotic beauty. And then there would be the bateaux mouches, the Eiffel Tower, the Mona Lisa, snowflakes; in no time she would imagine that she had seen everything there was to see in life.”

No alinhamento III - 69, cabe, primeiramente, analisar a ocorrência de *there* em *then there would be*, que visa encontrar correspondência interlinguística com ‘e tome’ do original. Para analisar esta expressão, cabe um paralelo com outra ocorrência de ‘e tome’, talvez até mais comum, em “A reação de Hoh Mehm? Inclina-se e pega um cacete e tome porrada pra valer”, extraído de Histórias da Pré-história (MORAVIA, 2003).

Percebe-se que, na citação de Moravia, ‘e tome’ pode ser substituído por ‘e daí em diante’, da mesma forma que esta substituição é possível no segmento do texto original no alinhamento. Em outras palavras, ‘e tome’, certo modo, introduz uma sequência de eventos, sucedendo a outro, no caso, uma sequência de porradas, após Hoh Mehm ter pegado o cacete, e, algo em torno de ‘e tomaria os bateaux-mouches, visitaria a torre Eiffel, apreciaria a Mona Lisa...’, cujas ações poderiam ser agrupadas pela inserção de um único verbo, no caso, ‘viriam’, com o sentido de ‘passar a existir’ (HOUAISS e SALLES VILAR, 2001). Nesta linha de raciocínio, *And there would be*, me parece, corresponder semanticamente à ‘e tome’, bem como, sintaticamente, pois, conforme consta no Collins Dictionary, *would* atua como passado de *will*, o qual é:

- Usado como auxiliar para expressar capacidade ou habilidade;
- Usado como auxiliar para expressar probabilidade, ou expectativa da parte do falante;

- Usado como auxiliar para expressar prática costumeira ou inevitabilidade.

Em relação à inserção de *there was to see*, correspondendo à elipse indicada no excerto do original, acredita-se que ela esteja somente relacionada às escolhas subjetivas de tradução, pois uma pesquisa por *everything in life* no BNC, acusou 15 ocorrências, sendo 10 atuando como sujeito sintático de orações, e 05 como locução adverbial, como é o caso do alinhamento. De qualquer modo, esta escolha de tradução acarretou a inserção do vocábulo *there*.

No alinhamento que segue, parece não haver dúvida quanto ao papel de uma escolha subjetiva de tradução no surgimento do vocábulo *there* na tradução.

(III - 70) “Eu tinha agora uma sensação de irremediável. E já sabia que embora absurdamente, eu só teria ainda chance de **sair dali** se encarasse frontal e absurdamente que alguma coisa estava sendo irremediável. Eu sabia que tinha de admitir o perigo

*“I now felt **there was no going back**. And I already knew that, absurd as it may seem, my only chance of **getting out of there was** by admitting head-on and absurdly that something was becoming irremediable.”*

De fato, uma vez que o verbo *have* pode significar “experimentar ou submeter-se a” (HARPERCOLLINS, 2014), bem como, vivenciar, sentir, e afins, não havia impedimentos de ordem da semântica, e nem de ordenação gramatical, que tivesse levado à necessidade da alteração na tradução. Com efeito, os dois exemplos que seguem, dentre 70 ocorrências de *had a sense*, encontradas no BNC, atestam tal asserção: “*When he left I had a sense of futility and frustration*” (BNC, B0U 1314) e “*I felt I had a sense of searching out my identity*” (Ibid., C89 690 e CFL 654).

No entanto, embora fuja do foco destas análises, cabe registrar que, casos como este, outros já analisados e outros por vir, onde as escolhas subjetivas de tradução levaram a repetições de vocábulos, evocam questionamentos quanto aos porquês de os tradutores não terem evitado as repetições, uma vez que, ao optarem por diferir dos textos originais, abriram espaço para escolhas dentro da vasta gama de possibilidades lexicais que as línguas oferecem. Espera-se que as respostas para isto possam ser encontradas em pesquisas posteriores,

talvez, baseadas no *Lexical Priming* de Hoey, conforme discutido na introdução desta dissertação.

Diferentemente do alinhamento III - 70, o seguinte, à parte a localização do texto traduzido (ver REISS e VERMEER, 1996) pelas inserções de Rio de Janeiro e *the capital*, e a explicitação, no sentido do Universal de Baker (1996), em *who lived at the capital*, apresenta discrepâncias entre a tradução e o original que estão intimamente relacionadas à coesão textual e a relação desta com a noção de textura proposta por Halliday e Hasan, (1976) os quais, de forma bastante simplificada, atestam que a textura de um texto, ou melhor, a falta de, é percebida na identificação de que um texto, a despeito de sua perfeita adequação léxico-gramatical, emana algo de não genuinidade, ou causa certo estranhamento de leitura e/ou de interpretação, mais ou menos como causa o gerundismo para alguns falantes do português.

(III - 71) “Vim à Corte despedir-me de um irmão, e segui para a vila. Chegando à vila, tive más notícias do coronel.”

*“First I went to Rio de Janeiro to take leave of a brother who lived at the capital, and from **there** I departed for the little village of the interior. When I arrived **there** I heard bad news concerning the colonel”*

Primeiramente, há que se destacar que a localização do texto, acima mencionada, incorreu na eliminação da repetição na tradução de algum vocábulo que objetivasse a correspondência com ‘vila’. Cabe também chamar a atenção para a inserção do vocábulo *first*, no início do segmento traduzido, pois este abre espaço para, ou demanda, o estabelecimento de relações coesivas sequenciais (KOCH, 1988), as quais, geralmente, são bastante perceptíveis em usos adequados de conectores lógicos em textos mais longos. No caso deste alinhamento, a coesão sequencial se dá em *first I went, from there I departed, e arrived there*, nesta ordem, a qual evidencia uma evolução temporal, e ao mesmo tempo, explicita o deslocamento físico da personagem. Uma vez que, tanto a sequência quanto a repetição do vocábulo *there* envolvem as formas verbais *departed* e *arrived*, cabe analisá-las. O verbo *depart*, segundo o Collins Dictionary, é normalmente seguido da preposição *from*, a qual, neste caso, pede a complementação com a menção de uma localização, a qual, na tradução, se deu pela inserção de *there*, anaforicamente se referindo à *the capital*, que por sua vez é um

hiperônimo de Rio de Janeiro. O verbo *arrive*, por sua vez, segundo os dicionários consultados, pode ou não vir acompanhado de alguma forma de localização espacial, a não ser, obviamente, que se queira indicar a localização. Assim, a rigor, a inclusão da localização na tradução seria opcional. No entanto, a meu ver, a não inserção do referente demonstrativo *there* acarretaria a quebra da coesão sequencial, e, por conseguinte, causaria a quebra na textura do texto.

No alinhamento III - 72, que segue, a tradução do conectivo ‘e’ por *there were* manteve, e, sobretudo, reforçou a coesão referencial do original estabelecida por ‘havam’, ‘e’ e ‘havia’. Perceba a pluralização incomum do verbo ‘haver’ significando ‘existir’, presente no conto A Menina que Gostava de Ouvir Histórias, de José Geraldo Gouvêa. Da forma como ‘e’ foi traduzido, *there were* resgata a forma verbal elíptica ‘havia’, ou ‘havam’, conforme marcado por Ø no excerto original. Há, ainda, que se considerar que *that* refere-se anaforicamente *amusing absurdities*, e estabelece uma relação de subordinação entre orações, portanto, pressupõe uma oração subordinativa que o anteceda, a qual se constituiu com a não manutenção da elipse do original.

(III - 72) “**Havam** os príncipes ladrões e o elefante magro que ensinava o tigre a comer alface — e Ø tantas outras coisas absurdas que faziam rir. Mas **havia** também coisas tristes demais, mortes e mistérios e separações.”

“There were thieving princes and a skinny elephant who was trying to teach a tiger how to eat lettuce. There were so many amusing absurdities that would make her laugh. There were also many sad things, like deaths, mysteries, and people kept apart from each other.”

Nos alinhamentos III – 73 e III - 74, a explicação para a ocorrência de *there* nos grifos é bastante simples, pois na construção ‘faltava ainda muito’ o sujeito sintático é um sintagma nominal não definido, portanto, conforme analisado na introdução das análises de *there*, este vocábulo atua como sujeito.

(III - 73) “Amarrou a corda num dos armadores de rede que **existiam** na parede. Deixou que a corda caísse pela janela. Era curta. Faltava ainda muito.”

*“He tied the rope to one of the hammock hooks **there were** on the wall. He let the rope fall out the window. It was short. There was still a long way to go.”*

(III - 74) “rouba depressa o ginete enquanto é tempo, enquanto ainda não entardece, se é que ainda **há** tempo”

*“swiftly steal the steed while there’s still time, before darkness falls, if **there still is time**,”*

A questão de sujeitos sintáticos representados por sintagmas nominais não definidos, conforme indicam as notações Ø, de elipse, no excerto do original do alinhamento III - 75, explica as inserções de *there* na tradução. Percebe-se que ‘em minha ignota mônada’ e ‘de mim’ atuam como locuções adverbiais, portanto, os sujeitos sintáticos de ‘vibra’ e ‘decorrem’ são indefinidos.

(III - 75) “A simbiose das coisas me equilibra.

Em minha ignota mônada, ampla, Ø **vibra**

A alma dos movimentos rotatórios...

E é de mim que Ø **decorrem**, simultâneas.

A saúde das forças subterrâneas

E a morbidez dos seres ilusórios!”

“The symbiosis of all things gives me balance.

*In the unknown monad of mine, wide, **there vibrates**
the soul with spinning movements...*

*And from me **there**, simultaneously, **result***

both the health in the underground forces

And the morbidity in the illusory beings!”

Novamente, a ocorrência de *there* no grifo na tradução, em III - 76, parece ter sido fruto de escolhas subjetivas de tradução, visto que no excerto em inglês, *there were*, correspondendo a *havia*, estabeleceu correspondência interlinguística com a forma verbal ‘andavam’, sem que houvesse a real necessidade, pois, segundo Collins Dictionary, o verbo *walk* pode significar “passar em, ou sobre, a pé, especialmente, se habitualmente” (HARPERCOLLINS, 2014, tradução nossa).

(III - 76) “Perto **dali**, na praça do Palácio, andavam muitos guardas, investigadores, soldados. Mas eles tinham sede de aventura, estavam cada vez maiores, cada vez mais atrevidos. Porém **havia** muita gente na casa, deram o alarme, os guardas chegaram. Pedro Bala e João Grande

*“Near **there**, on the Praça do Palácio, there were a lot of guards, detectives, policemen. But they were thirsty for adventure, they were getting bigger and bigger and more and more daring. But **there were** a lot of people in the house”*

Em III - 77, a questão reside numa associação de uma escolha subjetiva de tradução com questões envolvendo aspectos verbais, pois, se por um lado, o verbo ‘correr’, no contexto em questão, significando, segundo o Dicionário Houaiss, “ser de conhecimento público, ser evidente, notório, desenvolver-se, processar-se, desenrolar-se, transcorrer, ter continuidade no tempo, e etc.” (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), pode corresponder ao verbo *run*, significando “espalhar, ou circular, rapidamente, [como em] *a rumour ran through the town*” (HARPERCOLLINS, 2014, tradução nossa), por outro, o traço semântico de continuidade do aspecto imperfectivo da forma verbal ‘corria’ não é usualmente expressado pela forma verbal *ran*. De fato, sendo *ran* uma forma verbal do aspecto *simple*, que não expressa continuidade, não poderia corresponder à ‘corria’. A continuidade expressada por esta forma verbal poderia ter o sido pelo emprego do Past Perfect Continuous, porém a tradução optou pela correspondência com a forma verbal *there was*, a despeito de incorrer em repetição, dada a presença da preposição *there* no mesmo segmento.

(III - 77) “Um pedaço mulher. Corria uma história que teu pai tinha fintado ela de casa, ela era de uma família rica **lá** de cima”

*“A slip of a woman. There was a story going around that your father had stolen her away from home, that she came from a rich family up **there** above,”*

Na tradução do alinhamento III - 78, deve-se primeiramente considerar o aspecto semântico envolvido na ocorrência de *there*. No excerto do original, ‘vai cavar’, aponta para “buscar com afinco, alcançar algo” (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), ou seja, conquistar

algo que não se tem. No entanto, vida, todos a tem, então, normalmente busca-se por uma vida diferente daquela que se tem. Desta forma, independentemente do verbo escolhido para estabelecimento da correspondência com ‘cavar’, o qual poderia ser *begin, start, step*, e etc., o substantivo *life* demanda algum tipo de especificação, que tanto poderia se dar pela inserção de um epíteto (adjetivo) quanto pela inserção de um advérbio ou locução adverbial de lugar ou modo, ou ainda, uma oração explicativa. Na tradução, o advérbio *there* cumpre este papel, pois estabelece referência anafórica com ‘em Ilhéus’, correspondendo à locução prepositiva *in Ilhéus*, portanto, *there* atua como um qualificador pós-posicionado, visto que “normalmente, qualificadores são orações relativas ou locuções prepositivas” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.147, tradução nossa).

(III - 78) “Mano, vou para Ilhéus. A patroa vai cavar a vida Ø. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando **tiver** fazendeiro a gente vai fazer uma farra daquelas.”

“Buddy, I’m going to Ilhéus. The old lady is going to try out life there. I’m going with her. I might even get rich. Where there are plantation owners, you can pull a big swindle.”

3.5 Vocábulo *Were*

Das 723 ocorrências do vocábulo *wer*, no subcorpópus *TT* em inglês, 211 se encontram em segmentos frásicos adjacentes, excluindo-se as ocorrências de *there were* com ele mesmo, e as ocorrências de *there were* com *were* em segmentos, onde não há repetições de *were*. Salienta-se que 07 repetições do grupo verbal *there were*, provenientes de suas ocorrências em segmentos que apresentam repetições do vocábulo *were*, também foram desconsideradas. Cabe lembrar que, conforme disposto na seção 2.1 Repetições de Vocábulos: Parâmetros, a despeito de distinções semânticas, coocorrências de *there were* representam repetições da mesma representação ortográfica de *were*. Inversamente, as repetições de *weren’t* e *there weren’t* não, visto que são ortograficamente distintas entre si.

Para efeitos das análises das repetições do vocábulo *were*, desconsiderou-se a questão semântica, visto que ele pode corresponder a várias formas verbais do pretérito dos verbos ‘ser’ e ‘estar’ do

português, o que, por si só, acarreta distinções significativas entre os números de frequências de repetições nas duas línguas.

Primeiramente, as correspondências no nível dos tempos verbais foram tomadas como viés investigativo quantitativo. Foram constatadas 129 ocorrências de *were* e 68 de *were + verbal base form + -ing*, ambas correspondendo a alguma forma do pretérito do português, bem como, 07 ocorrências de *were*, as quais estabeleceram correspondências com elipses nos segmentos frásicos dos originais. Estes três totais de ocorrências se somados àquelas 07 ocorrências de *there were* que foram descartadas, perfazem o total das 211 ocorrências do vocábulo *were* encontradas. No quadro III – 2, as ocorrências em questão são distinguidas de acordo com os tempos verbais do português, com os quais elas estabeleceram correspondências.

Indicando	<i>were</i>	<i>were + verbal base form + -ing</i>
Pretérito Imperfeito do Indicativo	118	57
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	08	04
Gerúndio Passado		05
Pretérito Perfeito	02	
Infinitivo		01
Futuro Pretérito	01	01
Totais	129	68

Quadro III - 2 – Distribuição contrastiva, por tempos verbais, de ocorrências de *were* e de *were + gerund form of verbs*.

O quadro III – 2, claramente, evidencia tendências a frequências superiores de ocorrências de repetições do vocábulo *were*, pois, apesar de a grande maioria (175) das correspondências que *were*, seja na forma progressiva ou não, estabeleceu ter sido com formas verbais do Pretérito Imperfeito do Indicativo, 22 ocorrências, não equitativamente distribuídas, estabeleceram correspondências com formas verbais de cinco tempos verbais distintos. O que significa que 12,57% (22/175) das ocorrências de *were* no subcorpúsculo *TT* em inglês correspondem a repetições dele que inexistem nos textos originais do Córpus da Pesquisa.

Na sequência, seguem algumas análises horizontais gramático-coesivas de alguns alinhamentos onde constam coocorrências de *were*.

(III - 79) “Voltou com dois copos d’água e **eram** copos como eles nunca tinham visto de tão bonitos **Ø**”

*“She came back with two glasses of water and they **were** glasses such as they had never seen before, **they were** so pretty”*

Neste alinhamento, o que chama a atenção é a elipse de ‘que eram’, indicada por \emptyset , correspondente à ‘*they were*’. Em termos de coesão, como no original ocorreu a elipse de **todo** um grupo verbal, esta não poderia ser mantida na tradução, pois, em inglês, “um grupo verbal elíptico pressupõe uma ou mais palavras de um grupo verbal anterior” (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 167, tradução nossa).

(III - 80) “Porque o Far-West era o cabaré dos capatazes, dos pequenos fazendeiros **Ø** de repente enriquecidos. Na rua de Dalva, na zona das mulheres perdidas da Bahia, as casas **se despovoaram.**”

*“Because the Far-West was the cabaret of the foremen, the small **landowners who were** suddenly wealthy. On Dalva’s street, in the district of lost women in Bahia, the houses **were depopulated.**”*

Similarmente, pela mesma razão que no alinhamento III - 79, também houve a necessidade de inserir um grupo verbal, no caso, composto somente por *were* na tradução. Neste caso, esta prerrogativa coesiva tornou-se ainda mais evidente, dada a presença do advérbio *suddenly*, pois advérbios “são usados para modificar sentenças inteiras, verbos, outros advérbios e adjetivos” (HARPERCOLLINS, 2014, tradução nossa), sendo *suddenly* derivado de *sudden*, “que acontece, surge ou é feito de modo, geralmente, inesperado” (MERRIAN-WEBSTER, 2015, tradução nossa), ou seja, remete às ações. Portanto, *suddenly* não poderia modificar o adjetivo *wealthy*, pois necessariamente deveria modificar uma oração ou grupo verbal. De fato, em pesquisas no BNC e no COMPARA, não foram encontradas ocorrências de *suddenly wealthy*. Perceba, que *who were suddenly wealthy*, traduzível por algo em torno de ‘que de repente estavam ricos’, expressa o sentido de acontecimento inesperado, tanto que seria possível substituir *were suddenly* por *have suddenly become*, por exemplo.

Quanto a este alinhamento, cabe ainda destacar que a voz passiva, em *were depopulated*, que gerou outra ocorrência do vocábulo *were*, me parece ter sido a melhor escolha de tradução, se não inevitável, visto que, a atuação do pronome pessoal ‘se’, indicando “reflexividade ou reciprocidade” (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), gerou a indeterminação do ‘agente’ do despovoamento. No entanto, segundo consultas no BNC, *depopulated*, tende a ocorrer como adjetivo ou como predicado verbo-nominal. Portanto, a tradução pela voz passiva, sem a explicitação do ‘agente da passiva’, parece-me ter sido a melhor opção de correspondência para a aproximação entre o texto fonte e o alvo.

No alinhamento que segue, há outro caso de elipse no original que não pôde ser mantida na tradução, cabível de investigação.

(III - 81) “Da minha sala de jantar eu via as misturas de sombras que **preludiavam** o living. Tudo aqui é a réplica elegante, irônica e espirituosa de uma vida que nunca existiu em parte alguma: minha casa é uma criação apenas artística. Tudo aqui se refere na verdade a uma vida que **se fosse real** não me serviria. O que decalca ela, então? **Ø Real** eu não a entenderia.”

*“From my dining room I could see the mixtures of shadows that **were a prelude** to the living room. Everything here is the elegant, ironic, and witty replica of a life that never existed anywhere: my house is a merely artistic creation. Everything here actually refers to a life that wouldn’t suit me **if it were real**. What is it imitating, then? **If it were real**, I wouldn’t understand it.”*

A elipse, presumível como algo próximo de ‘se fosse’, antes de ‘Real’, não seria possível em inglês, pois se tomarmos como ponto de partida ‘eu não a entenderia’, percebe-se que esta oração é subordinada a uma “subordinativa”, se é que é possível aplicação desse termo aqui, que é elíptica. Este processo de elisão é complexo, pois dentro da elipse há outra de ‘ela’, marcada por Ø em ‘(se Ø fosse) Real eu não a entenderia’. Considerando a definição de Halliday e Hasan para elipse: “Um item elíptico é aquele que, por assim dizer, deixa uma lacuna de uma estrutura específica para ser preenchida por uma de outro lugar” (Ibid. p. 143, tradução nossa), a explicitação da oração “subordinativa”, acima mencionada, na tradução, reintegrou as lacunas deixadas pela elipse, permitindo que o último item referente *it* anaforicamente se refira

às outras ocorrências de *it*, que por sua vez se referem à *life*. Caso a elipse tivesse sido mantida na tradução, a última ocorrência de *it* haveria de estabelecer referência com *real*. No entanto, o vocábulo ‘real’ no contexto frásico do original é um adjetivo, pois se fosse um substantivo, necessariamente, seria masculino (HOUAISS e SALES VILAR, 2001), e assim não se referiria à vida real.

Por a elisão ter sido possível no original, o adjetivo *real* passou a atuar como núcleo do grupo nominal elíptico, sendo que ele não é nem pré-modificado nem pós-modificado. Em inglês isto não seria possível, pois as relações que adjetivos e substantivos estabelecem em inglês tendem a diferir das homólogas em português. Adjetivos pré-posicionados, como *real* no excerto, geralmente são acompanhados de: (i) substantivo (s); (ii) o substituto nominal *one/ones*; (iii) elipses nominais, em alguns casos, sendo precedidos de um dêitico ou numerador, seguindo o modelo experimental de grupo nominal de Halliday e Hasan (1974): dêitico, numerador, epíteto, classificador e núcleo, como em *the two high stone walls*, onde *the* é o dêitico, *two*, obviamente, é o numeral, *high* o epíteto e *stone* o classificador.

Considerando este modelo experimental hallidayano, percebe-se que, no alinhamento III - 81, o adjetivo *real* atua como classificador, a despeito de neste modelo, vocábulos classificadores tenderem a atuar como substantivos (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.41), pois distingue *real life* de *unreal life*, tal qual, o vocábulo *English* em *English book*, que neste caso atua como classificador. Faz-se necessário aqui diferenciar epíteto de classificador, pois segundo Halliday e Matthiessen, “a fronteira entre epíteto e classificador não é muito nítida, porém há diferenças significativas entre eles” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 320, tradução nossa). De fato, uma vez que o vocábulo *English* pode atuar tanto como adjetivo quanto como substantivo, o que determina que em *English book*, ele atua como substantivo (classificador)? Segundo Halliday, um “classificador indica uma subclasse” (ibid.) e um epíteto “indica alguma característica” (Ibid. p. 318), sendo que um mesmo vocábulo pode ter as duas atuações. Por exemplo, em *fast train*, se *fast* atua como adjetivo (epíteto), este indica o atributo ‘ser rápido’ de algum ‘trem’, mas se *fast* atua como substantivo (HARPERCOLLINS, 2014) (classificador), ele indica um veículo do subgrupo ‘trens expressos’ (ibid. p. 321). Assim, como *English* diferencia a subclasse ‘de inglês’, em *English book*, ele é um classificador. Perceba que, nesta colocação, não é possível a intensificação de *English*, diferentemente de *very English style* (BNC

C9X 1252), onde *English* é um epíteto, portanto atua como adjetivo, e pode ser intensificado por *very*.

Retomando a questão de *Real* no excerto da tradução, classificadores raramente são núcleos em grupos nominais elípticos (Ibid. p.148), e, normalmente, permitem somente substituições nominais, portanto, são seguidos do substituto *one* ou *ones*. Cabe, aqui, um contraste interlinguístico, baseado num exemplo de Halliday e Hasan, para facilitar a compreensão desta última asserção. Por exemplo, em português, em ‘chaminés de tijolos’, chaminés é o núcleo do grupo nominal, assim é o item a ser pressuposto numa elipse, e ‘de tijolos’ é o classificador. Desta forma, numa elipse, poderíamos ter, ‘prefiro as de tijolos’, onde ‘as’ seria o dêitico e ‘de tijolos’ o núcleo do grupo nominal elíptico, sem que houvesse problemas para se resgatar ‘chaminés’. No entanto, em inglês, o grupo correspondente ao pressuposto, ‘chaminés de tijolos’, é, *brick chimneys*, sendo que o núcleo e o classificador correspondem aos seus homólogos em português. Todavia, caso se tentasse uma elipse, estruturalmente similar à do português, teríamos *I prefer brick*, que significaria algo em torno de ‘prefiro tijolos’, portanto diferindo do significado pretendido para o grupo nominal. Diante disto, se o objetivo fosse evitar a repetição de *chimneys*, somente seria possível obter-se o significado desejado, via substituição, como em *I prefer brick ones*.

No caso da tradução do alinhamento III - 81, considerando a última argumentação, seria possível, então, a tradução de ‘Real eu não a entenderia’ por *a real one, I wouldn't understand it*. Contudo, a despeito da adequação semântica e sintática, no que se refere a *it* estabelecer referência anafórica com ‘*a real one*’, me parece que raramente ela ocorreria, pois há uma restrição quanto esta possibilidade de substituição, visto que, de acordo com Halliday e Hasan, “uma palavra que segue a palavra oralmente enfatizada, de uma expressão nominal, não pode ser substituída” (Ibid. p. 97, tradução nossa). De fato, como em *a real life*, a tonicidade recai sobre *life*, a substituição poderia causar estranhamento na leitura.

(III - 82) “Ah, **eram** tantos livros! com capas feias ou bonitas, com páginas branquinhas ou **Ø amareladas**”

“Oh, **there were** so many books! Some had pretty covers, others not so much. Some had white pages, others **were yellowing.**”

A eliminação da elipse na tradução parece estar relacionada à mesma questão discutida acima, pois ‘amareladas’, dentro do modelo hallidayano, atua como classificador, distinguindo, as páginas amareladas das branquinhas. Como visto na análise do alinhamento III - 81, em inglês, salvo algumas situações especiais, classificadores não atuam como núcleo de grupos nominais elípticos. Esta questão, porém, não dá conta de explicar o porquê, ou porquês, de a tradução não ter optado pela substituição nominal, numa tentativa de se manter a correspondência entre o adjetivo amareladas e o adjetivo *yellowish*, traduzindo ‘com páginas branquinhas ou amareladas’ por algo em torno de *some had white pages, others (had) yellowish ones*. Entretanto, considerando a noção de “repudiar”, a qual norteia as relações de substituição, conforme descrito por Halliday e Hasan, percebe-se que tal construção, pretensamente coesiva, acabaria por criar um problema de coesão. “Repudiar” aqui se refere ao fato de que, conforme mencionado anteriormente, em substituições, o substituto *one/ones* sempre vem acompanhado de um modificador que repudia o núcleo do grupo nominal, do qual se resgata o significado do substituto. Por exemplo, em “*These biscuit are stale. Get some fresh ones*” (Ibid. p.92), fresco (*fresh*) repudia velho (*stale*). Similarmente, considerando que as elipses são substituições por zero, a noção de “repudiar” também se aplica a elas. Deste modo, não caberia a substituição de *pages*, pois, no contexto, não são as páginas que devem ser repudiadas, mas os diferentes livros, visto que *some* e *others* são núcleos de dois grupos nominais elípticos, nos quais o núcleo *books* do grupo nominal *so many books* é que foi elidido.

(III - 83) “Camilo achou o tilburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo. Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e **as caras Ø joviais**. Chegou a rir dos seus receios, **que chamou pueris;**”

*“Camillo found the tilbury waiting for him; the street was now clear. He entered and the driver whipped his horse into a fast trot. To Camillo everything had now changed for the better and his affairs assumed a brighter aspect the sky was clear and **the faces of the people he passed were all so merry**. He even began to laugh at his fears, which he now saw **were puerile;**”*

No alinhamento III - 83, independentemente de ter havido a inserção de *he passed* na tradução, a elipse da forma verbal ‘estavam’ no original, marcada por Ø, não poderia ser mantida em inglês, em função de que o verbo *be*, correspondendo a ‘estar’ no português, estar atuando como um verbo lexical, mas para que se possa elidir um verbo lexical é necessário que no grupo verbal elíptico ocorra um verbo gramatical, como em, “*Is John going to come? He might.*” (Ibid. p. 171) onde o operador gramatical (auxiliar) *might* permite a elipse da forma verbal lexical *come*. Assim, caso se tentasse elidir *were* restariam dois grupos nominais sem um verbo para conferir estrutura e significado à oração. Cabe lembrar que “um grupo verbal elíptico pressupõe um ou mais vocábulos de um grupo verbal anterior”. No entanto, como no original ‘estava’ é o único vocábulo do grupo verbal elíptico que antecede ‘as caras joviais’, não seria possível manter a elipse em inglês.

(III - 84) “Maria Eulália batia pé, sustentava que o espólio da mãe **era** tão dela quanto Ø meu.”

“But Maria Eulália insisted, claiming that her mother’s possessions were as much hers as they were mine.”

Tomando como ponto de partida para as análises o excerto extraído do original, cabe destacar que o referente, na relação coesiva que se estabelece, não é um substantivo, mas um processo (Ibid. p. 82), no caso, o de ‘o espólio da mãe pertencer a alguém’, explicitado pelos pronomes possessivos ‘dela’ e ‘meu’. Similarmente, por exemplo, em “*the little dog barked as noisily as the big one*” (Ibid.), onde, efetivamente, não se compara os cachorros, pois ambos são expressamente diferenciados; o que é de fato comparado são as potências sonoras dos latidos dos dois cachorros. Assim, a questão, relativa à elipse no original, reside em: seria possível elidir *they were* e ainda assim manter a comparação no mesmo processo, tal qual ocorre no exemplo onde *barked* que foi elidido sem prejuízo algum à coesão? A resposta está nas relações anafóricas que se estabelecem, pois da forma como foi traduzida, o pronome possessivo *hers* faz referência à *mother’s possessions* tanto quanto à *they*, de forma que *mine* estabelece referência com *they*. No caso, se *they were* tivesse sido elidido, perder-se-ia a última relação de referência, o que poderia gerar ambiguidade, pois caberia também a possibilidade de *hers* se realizar cataforicamente

em *mine*, visto que seria possível completar a comparação com *were*, ficando *her mother's possessions were as much hers as mine [were of hers]*, gerando outro processo, envolvendo outro espólio, no caso, relativo à *mine*.

(III - 85) “Olhou, viu as janelas **Ø fechadas**, quando todas as outras **estavam** abertas e pejudas de curiosos do incidente da rua.”

*“He looked closer, saw that the windows **were closed**, while all the others on the street **were opened**, filled with folks curious to see what was the matter”*

A inserção do vocábulo *were* na tradução me parece ter sido consequência da conjunção coordenativa ‘quando’, correspondente à *while*, que é sinônimo de *whereas* e *and in contrast* (HARPERCOLLINS, 2014), pois introduz uma oração contrastiva, onde o adjetivo pós-modificador ‘fechadas’ se opõem á abertas’. No entanto, em inglês, este tipo de relação coesiva não seria possível, pois o(s) item(s) lexical(is) que refuta(m) o núcleo de grupo nominal, ou verbal, elíptico, deve(m) pertencer a(s) mesma(s) categoria(s) morfo sintática(s), pois substituições e elipses se dão no nível gramatical (HALLIDAY e HASAN, 1976). Contrastivamente, para que o contraste no original ficasse mais explícito, seria mais adequado o emprego da forma verbal ‘viu’ seguida da conjunção subordinativa ‘que’, de modo que ‘viu que’ claramente assumisse o sentido de ‘perceber’ pois, como se encontra no original, ‘viu’ tende a assumir o sentido de enxergar. Com a inserção da conjunção, ela demandaria a construção da oração na seguinte forma: ‘viu que as janelas estavam fechadas’, a qual corresponde à traduzida. Perceba que caso se tentasse manter a estruturação do original na tradução, como algo em torno de *He looked closer, saw the closed windows, while all the others were opened*, perder-se-ia a coesão, pois *while* tenderia a ser interpretado como ‘enquanto’, não como ‘enquanto que’, pois se criaria uma sequência de eventos no passado, marcada pelas formas verbais *looked* e *saw*.

(III - 86) “Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. **Eram gritos** de pessoas **Ø** terrivelmente assustadas.”

“Five minutes had not gone by when Ramiro the gardener heard frightened screams coming from inside the residence. They were the cries of people who were truly terrified.”

A segunda ocorrência de *were* no excerto traduzido, correspondente à elipse de ‘que estavam’ no original, deve-se à relação de subordinação entre as duas orações, causada pela forma como foi traduzida, visto que *they* estabelece referência anafórica com *frightened screams*, e é o sujeito sintático da primeira oração, enquanto que *the cries of people* é o predicado desta oração. Na segunda oração, *truly terrified* qualifica *people*, sendo este elíptico, portanto, é o predicado verbal nominal, o que faz com que seja necessário indicar o sujeito sintático, o que, na tradução, coube ao pronome relativo *who*. Cabe ressaltar que, em relações de subordinação, o pronome relativo pode ser elidido, desde que, ele seja objeto da subordinativa, “*the woman [who] I want to see was away in holiday*” (MURPHY, 1994 p.184).

Entretanto, considerando que seria possível traduzir a oração em questão por *They were the cries of truly terrified people*, pois na tradução *truly terrified* poderia, sem prejuízo quanto à semântica e à sintaxe, ser posicionado à frente do substantivo *people*, a repetição de *were*, a despeito das explicações acima dispostas, se deu mais por uma escolha subjetiva de tradução, talvez para aproximar mais o texto alvo do fonte, do que por implicações coesivas.

(III - 87) “E embora **Ø rodeada** por meio mundo, pois até o vice-presidente da República veio lhe dar os pêsames, você **por força prestou** atenção na sua futura nora.”

“And although you were surrounded by absolutely everyone, since even the Vice-President of the Republic had come to offer you his condolences, you were forced to pay attention to your future daughter-in-law.”

O fato de *although* ser geralmente seguido de um sujeito sintático + um verbo (MURPHY, 1994, p.224), por si só justificaria a ocorrência de *you were* na tradução. No entanto, uma vez que outra solução de tradução para ‘rodeada’ poderia ser *being surrounded*, esta restrição de uso, me parece estar intimamente associada à noção de Hoey de que a gramática é regida pelo uso natural das línguas e este está

relacionado às colocações “priorizadas¹⁰” pela cognição. Em consultas no BNC, constatou-se que o uso de *although*, antecedendo *being*, (14 ocorrências), é bem menos comum que, por exemplo, *despite being* (335 ocorrências). Poder-se-ia, então, arguir que a inserção de *you were* está mais relacionada a escolhas subjetivas de tradução, do que a questões gramático-coesivas, visto haver outras alternativas possíveis.

Porém, quanto à questão coesiva, percebe-se que a tradução por *being surrounded* levaria a perdas nas relações coesivas, visto que o grupo verbal tanto pode ser impessoal, como em, *It's proven that being surrounded by like-minded people is itself inspirational* (BNC, C9N 1553) quanto não, como em *Dury acquired a reputation for being surrounded by London demi-monde characters of menacing disposition* (BNC AJN 376), no qual, a identificação da pessoa a que *being surrounded* se refere, se dá anaforicamente em *Dury*.

Como no original, a presença da oração subordinativa ‘pois até o vice-presidente da República veio lhe dar os pêsames’ evidencia que ‘rodeada’ não é impessoal, a substituição de *you were surrounded* por *being surrounded* prejudicaria a relação catafórica que esta estabeleceria com oração subordinativa *since even the Vice-President of the Republic had come to offer you his condolences*, visto que nesta há dois referentes possíveis de estabelecer a referência catafórica, no caso, *Vice-President* e *you*. Perceba que se fosse este o caso, a exclusão da oração subordinativa tornaria mais natural a desambiguação de *being surrounded*. Ademais, o emprego de *although*, seguido de *you were*, facilita a realização do contraste entre as orações que antecedem e seguem a oração subordinativa, visto que, como segundo Halliday e Hasan, o pronome *you* estabelece primeiramente relações exofóricas, relativas a contextos fora de segmentos frásicos, e secundariamente, anafóricas inter e intrassegmentais (1976, p.51), ou seja, a presença de *were you* auxilia na priorização do estabelecimento das relações exofóricas, as quais facilitam a interpretação do contraste introduzido por *although*.

(III - 88) “Não duvido que, em seus relatórios à Companhia, fizesse comentários **Ø danosos** à minha reputação profissional. E se **eu fosse** vingativo, aproveitaria”.

¹⁰ O termo ‘priorizadas’ aqui corresponde à *primed*, que Hoey emprega ao longo de seu livro *Lexical Priming* (2004).

*“I wouldn’t be surprised if in his reports to the Company he made comments **that were damaging** to my professional reputation. And if I **were** vindictive, I would have taken advantage of”*

No alinhamento III – 88, a ocorrência de *were* na tradução está relacionada à tentativa, ao que parece, de aproximar a tradução do original, visto que haveria outras opções de tradução, inclusive sem o emprego da forma verbal *were*, mas com maior afastamento entre texto fonte e alvo, conforme exemplificado mais abaixo. O fato é que, com esta tentativa, houve a necessidade de se utilizar a preposição *to*, em correspondência à ‘à’, a qual relaciona a causa, *made comments*, ao efeito, *damaged my professional reputation*. No entanto, no segmento, *damaging*, fruto de derivação deverbal, é um particípio presente que atua como adjetivo, e, como tal, é geralmente pré-posicionado, ou seja, antecede substantivos em grupos nominais. Porém, ‘danosos’, - também deverbal -, é pós-modificador, o que permite que preposição ‘a’, inclusa em ‘à’, estabeleça a ligação entre ‘danosos’ e ‘minha reputação’. Assim, se na tradução ‘*damaging*’ tivesse sido pré-posicionado, teríamos *he made damaging comments*, o que demandaria que a preposição *to* ligasse *damaging comments* à *professional reputation*, o que não caberia. De fato, como a preposição *to*, quando pós-posicionada à *comments*, tende, segundo consultas no BNC, COLLINS e Merriam-Webster, a significar ‘em prol de’, como em *making comments to newspapers*, ou ‘direcionado a’, como em *the teacher’s comments to children*, e ainda ‘com o objetivo de’, como em *comments to justify*, sendo que neste caso, seguido de verbo, ela não poderia anteceder ao grupo nominal *professional reputation*, pois para que *comments to* assumisse o sentido de ‘com o objetivo de’, como no original, haveria de ser seguido de um verbo. Assim, para que a tradução se aproximasse do original, coube explicitar a elipse de ‘que fossem’, perceptível antes de ‘danosos’, que, por consequência, gerou a oração subordinativa adjetiva explicativa *that were damaging*. Supondo que a elipse não tivesse sido explicitada na tradução, haver-se-ia de pré-posicionar *damaging*, o que demandaria, pelas mesmas razões, a inclusão outra oração explicativa, e a tradução ficaria algo em torno de *made damaging comments that could affect my professional reputation*, ou, em torno de, *made damaging comments that could be prejudicial to my professional reputation*. Perceba que na segunda, a relação de sinonímia, entre *damaging* e *prejudicial*, alteraria a retórica discursiva do original.

Similarmente, ocorreria tal alteração, caso a tradução tivesse se afastado ainda mais do original, inserindo o efeito, como acima mencionado, pois ela ficaria algo em torno de, *made comments that could damage my professional reputation*, onde se perderia a adjetivação de *comments*. Perceba que na forma com que ficou a tradução, *damaging*, tanto aponta para *comments*, como para *professional reputation*.

No alinhamento III - 89, abaixo, as ocorrências de *were* estão relacionadas à questão da relação singular-plural dos substantivos, pois alguns do português, que tanto admitem a forma singular quanto a plural, como roupa(s), calça(s), meia(s) e sapato(s), estabelecem correspondências com alguns ingleses que, normalmente, tendem a admitir somente a forma plural. Por exemplo, enquanto que, no COMPARA, no direcionamento do original para a tradução, encontrou-se 32 ocorrências de calça e 60 de calças, como substantivos, em inglês, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *pant*, como substantivo, mas encontrou-se 12 de *pants*, 13 de *trouser*, como substantivos classificadores, portanto funcionando como adjetivos, não como núcleo de grupo nominal, e foram encontradas 39 de *trousers* como núcleo. Similarmente, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *clothe* como substantivo, mas 109 de *clothes*.

(III - 89) “Gato olhou cheio de espanto. A sua roupa **era** a melhor do grupo, sem dúvida. Mas **era** roupa velha, estava muito longe de valer a boa roupa de casimira que o Sem-Pernas vestia.”

“Cat looked at him in surprise. His clothes were the best without any doubt. But they were old clothes, far from being worth as much as the fine cashmere clothing Legless was wearing.”

Cabe ressaltar que se constatou a mesma discrepância entre os dois sistemas linguísticos, em relação a outros substantivos, tais como entre ‘meias’ e ‘sapatos’ apostos a *socks* e *shoes*, como destaca o quadro III - 3 abaixo.

Item	Nº de ocorr.	Item	Nº de ocorr.
meia	6	sapato	26
meias	26	sapatos	67
<i>sock</i>	Ø	<i>shoe</i>	12 ¹
<i>socks</i>	11	<i>shoes</i>	63

¹ 07 ocorrências distinguindo um pé de outro, 01 referindo-se ao par, 01 como classificador e 03 como modificadores pós-posicionados.

Quadro III - 3 – Ocorrências de *sock(s)* e *shoe(s)* versus de meia(s) e sapato(s)

No alinhamento III - 90 as ocorrências de *were*, que não encontram correspondências diretas com seus homólogos em português, estão relacionadas à alternância da voz ativa no original para a voz passiva na tradução. No entanto, esta alternância, como se constata logo abaixo do alinhamento, está mais relacionada a relações gramático-coesivas do que a escolhas de tradução.

(III - 90) “A notícia foi cochichada por inveja, por gosto, por maledicência, na sala e na rua, no teatro e no baile, e tanto na palestra de peralvilhos, como entre duas mãos de voltarete dos comerciantes, à noite, nos arrabaldes. **Contavam-se** os indícios; **pesquisava-se** a vida de ambos;”

“The news was passed on out of envy, out of pleasure, out of perversion, inside and out, at the theater and at balls, no less in the cockpit than between shopkeepers’ two hands of voltarete, at night, in the outskirts. Clues were racked up; the lives of the two of them were scrutinized;”

Observando as formas verbais ‘contavam-se’ e ‘pesquisava-se’, percebe-se que ambas estão na forma indeterminada e impessoal, cujos sujeitos sintáticos remetem à ‘as pessoas’, no caso, as inseridas no contexto da narrativa. Em inglês, este tipo de impessoalidade, e indeterminação, pode ser expresso por referências exofóricas generalizantes, via emprego dos pronomes pessoais *you*, *it*, *we* e *they* (HALLIDAY e HASAN, 1976, p. 53). Ou, ainda, ser expresso pelo emprego do pronome *one* indicando “qualquer pessoa indefinida, usado como sujeito sintático de sentenças que atuam como construções gramaticais alternativas para estruturas na voz passiva” (HAERPERCOLLINS, 2014, tradução nossa). No entanto, o emprego de qualquer um deles no contexto frásico causaria problemas de coesão, visto que, no contexto, a indeterminação e a impessoalidade das formas verbais não estabelecem relações exofóricas, pois se referem às pessoas (indeterminadas) presentes no contexto situacional da narrativa, ou seja, todas as pessoas que cochichavam a respeito das duas outras, cujas vidas eram pesquisadas. Assim, não caberiam os empregos de: (i) *you*, e *one*,

pois implicaria relações exofóricas, referindo-se a qualquer indivíduo; (ii) *we*, pois implicaria as mesmas relações, sendo que o leitor se identificaria entre os indivíduos; (iii) *it*, pois implicaria generalizações distintas de qualquer personalidade; (iv) *they*, pois exoforicamente se referiria a pessoas não especificadas, e poderia causar ambiguidade, pois, no mesmo contexto frásico consta o pronome objeto *them*, referindo-se a duas pessoas, alvo dos cochichos; além do que, o pronome *they* poderia se referir a *shopkeepers*.

Diante deste quadro, o uso da voz passiva, me parece, ter sido a melhor alternativa, pois a indeterminação do agente da voz passiva conferiu impessoalidade ao sujeito e a adequação do tempo verbal dela, o inseriu no contexto situacional da narrativa, permitindo a inferência do sujeito impessoal como se referindo às pessoas daquela época.

Para encerrar as análises horizontais relativas ao vocábulo *were*, cabe analisar o alinhamento III - 91, no qual é possível estabelecer-se um paralelo com as análises do III - 90.

(III - 91) “As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas **eram** devoradas com avidez. Pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro **era** a porta das cabanas, \emptyset o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde \emptyset a cama para os partos [...].”

“The wildest fruits and the least tasteful kinds of honey were avidly devoured. One can learn a great deal about the backlanders’ life by saying they crossed the leather era. Their shacks were made of leather, as were their beds \emptyset_1 , even the ones designed for the delivery of babies \emptyset_2 [...].”

Conforme mencionado acima, estabelecendo um paralelo, cabe chamar a atenção para a oração *one can learn*, pois esta contrastivamente reforça as argumentações quanto à impossibilidade da manutenção da voz ativa, via emprego do pronome generalizante *one*, na tradução de ‘contavam-se’ e ‘pesquisavam-se’ do alinhamento III - 90. No alinhamento III - 91, opostamente à impessoalidade no III - 90, que se referia às pessoas contemporâneas à narrativa, no grupo verbal *one can learn*, *one* exoforicamente se refere a qualquer pessoa, incluindo o próprio leitor, tal qual ‘Pode-se apanhar’ no original.

Considerando o vocábulo *ones*, em *the ones designed*, cuja função coesiva difere da do pronome *one* acima analisado, este estabelece uma relação de coesão por substituição, pois, partitivamente, repudia a generalização de *their beds*, presente em *as were their beds*, restringindo às *designed for the delivery of babies*. Nesta oração, *even* pré-posicionado à ‘*the ones*’, tal qual *as* na oração anterior, estabelece referência comparativa, estabelecendo uma relação de igualdade entre *beds* e *beds designed for the delivery of babies*. Com isto formou-se uma cadeia coesiva que estabelece relações de igualdade, a partir de *their shacks were made of leather*, de modo que a elipse \emptyset_1 de *made of leather* se realiza anaforicamente na oração anterior, o que permite que a elipse \emptyset_2 de *were made of leather*, também se realize anaforicamente em *their shacks were made of leather*.

Comparando esta cadeia coesiva com a do original, percebe-se que os elos coesivos das duas diferem. No excerto do original, a coesão é garantida pela inversão no posicionamento do predicado adjetivo, o qual vem à frente da forma verbal de ligação ‘era’ em ‘de couro era a porta das casas’, pois a inversão impediu que os grupos nominais seguintes ficassem ‘soltos’, como ficariam em ‘a porta das cabanas era de couro, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos’. No entanto, esta inversão não seria possível na tradução, visto que, em inglês, as inversões, geralmente, se dão entre sujeitos sintáticos e formas verbais (GRAMMARING; BBC WORLD SERVICE), como em *as were their beds*, não entre predicados e verbos.

A manutenção da estrutura sujeito-verbo-objeto em *Their shacks were made of leather*, viabilizou a eliminação das repetições que ocorreriam em \emptyset_1 e \emptyset_2 , pois: (i) *as* em *as were their beds*, evitou a repetição do predicativo *made of leather*, visto que *as* estabeleceu a referência comparativa (de igualdade) com o predicativo idêntico de *Their shacks were...*; (ii) *even*, ao introduzir uma reorganização mais precisa da oração anterior (HARPERCOLLINS, 2014), estabeleceu o vínculo entre as duas orações, permitindo que o substituto *ones* estabelecesse coesão anafórica com *their beds (that were made of leather)*, o que permitiu a elisão de *were made of leather*.

Com isto, algumas relações coesivas, pertinentes ao sistema linguístico do inglês, permitiram a aproximação entre o original e a tradução, no sentido da eliminação de algumas repetições de vocábulos, mas não viabilizaram a eliminação de uma repetição de *were*, a qual, mesmo numa retradução, não ocorreria em português, visto que esta

seria algo em torno de ‘seus barracos eram feitos de couro, assim como suas camas, até mesmo as destinadas aos partos de bebês’.

3.6 Pronomes Pessoal, *You*, e Possessivo Adjetivo, *Your*

Consultando a janela Collocates da interface Concord do Word Smith, constatou-se que o adjetivo possessivo (determinante possessivo, segundo Halliday e Hasan) *your* coocorreu 36 vezes com ele mesmo e 65 vezes com *you* em segmentos frásicos adjacentes. Em função da frequência elevada da última relação, paralelamente à apresentação das análises das ocorrências de *your*, também foram incluídas algumas considerações quanto às correspondências interlinguísticas que *your* estabeleceu quando coocorrendo com o pronome pessoal *you*. Dada a gama de correspondências interlinguísticas entre as formas possessivas das duas línguas e as consequentes dificuldades de quantificá-las, conforme destacado nas abordagens verticais, foram selecionados apenas alguns alinhamentos de parágrafos, em especial, aqueles cujas frequências de ocorrências de *your* são bastante elevadas. Cabe lembrar que as ocorrências de *you*, quando este foi aglutinado às formas contraídas dos operadores gramaticais auxiliares, foram desconsideradas por não se enquadrarem na definição de repetição adotada pela pesquisa.

(III - 92) “Também é verdade que em mamãe a desgraça não caía mal, trajas pretos eram adequados à sua natureza. Assim como **em você** toda cor é gritante, **o sol não Ø pega**, hoje posso **lhe dizer** que me dava pena **você mocinha**, errando a mão na **Ø** maquiagem. **Você** nunca me convenceu em **seus** dias de glória, cabelos ao vento no Bentley esporte do **seu** namorado. **Ø** Ficou irreconhecível vestida de noiva, ou de pilequinho na recepção do Jockey Club, **Ø** parecia fora de si a me acenar do convés do Conte Grande, de óculos escuros e luvas vermelhas. Da **Ø** lua-de-mel **Ø** voltou esfuziante, **Ø** falava com leite até de uma audiência com Pio XII no Vaticano. E eu me esforçava em partilhar **os seus** deslumbramentos, a ponto de **lhe** dar os parabéns quando **você** me mostrou **seu** passaporte, onde ao sobrenome Assumpção se acrescentara um Palumba.”
(Leite Derramado)

*“I have to admit, it was not as if tragedy didn’t suit Mother; wearing black complimented her nature. Just as all colours seem loud **on you** and **your skin won’t tan**. I can now admit*

that I felt sorry for you as a young woman, getting your make-up all wrong. You never convinced me in your glory days, smooching with your boyfriend in a Bentley convertible. You were unrecognisable dressed as a bride, tipsy at the Jockey Club reception; you looked beside yourself with happiness as you waved to me from the deck of the Conte Grande, in dark sunglasses and red gloves. You returned from your honeymoon in high excitement, full of your audience with Pius XII in the Vatican. And I forced myself to share your euphoria, such that I even congratulated you when you showed me your passport, where a Palumba had been added to the surname Assumpção.” (Spilt Milk)

No alinhamento III - 92 há 09 ocorrências de *you*, enquanto que há somente 04 de ‘você’ e 01 de ‘lhe’ correspondentes, e há 08 ocorrências de *your*, sendo que 04 correspondem a 02 ocorrências de ‘seu’ e outras 02 de ‘seus’. A superioridade de ocorrências de *you* se deu por 04 ocorrências deste pronome pessoal, correspondentes a elipses marcadas por Ø no original, terem sido inseridas na tradução, antecedendo formas verbais, pois, conforme mencionado na introdução, em sentenças declarativas os sujeitos sintáticos, pronominais, devem explicitados (HALLIDAY e HASAN, 1976), enquanto que no português as desinências verbais permitem as elipses destes sujeitos. Cabe ressaltar, que sentenças imperativas, ou seja, não declarativas, permitem a a não explicitação das formas pronominais *you* de singular e de plural.

No que se refere às 04 ocorrências de *your*, que não encontram correspondência direta com vocábulos do original, 02, em *your make-up, your honeymoon*, ocorreram em função de substantivos contáveis ingleses, quando na forma singular, não ocorrerem sem um determinante que os preceda. (HUDSON, 2004). Cabe destacar, que, embora incomum, *honeymoon* também atua como substantivo contável, visto que foram encontradas 07 ocorrências da sua forma de plural no BNC, como em *There will be no mass honeymoons*. (BNC, CH6 9088). Em *full of your audience with Pius XII in the Vatican*, correspondendo à ‘até de uma audiência com Pio XII no Vaticano’, por sua vez, qualquer que fosse a tradução, seria necessária a inserção de um vocábulo que atuasse como um dêitico, sinalizando que um membro em particular de uma classe estaria sendo referido. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.39, tradução nossa). E, dependendo do dêitico, ainda, seria necessária a inclusão de um pós-modificador, que exercesse tal função, de modo a

se distinguir a ‘audiência dela’ das demais no Vaticano. Vejamos, caso não tivesse ocorrido a inserção do modificador possessivo *your*, poderia ter sido inserido o dêitico *that*, o qual localizaria a audiência no tempo passado, mas não a distinguiria de outras. Assim, para tal distinção, seria necessário inserir um pós-modificador, como, por exemplo, *of yours*, donde a tradução seria *full of that audience of yours with Pius XII in the Vatican*. Cabe ressaltar que não caberia o uso do artigo *a/an*, uma vez que este, por definição, não atua como um dêitico, pois é um “determinante que antecede um substantivo contável [no singular], caso este não tenha sido previamente especificado ou conhecido” (HARPERCOLLINS, 2014, tradução nossa). Por fim, destaca-se que 01 ocorrência de ‘lhe’ no original, não foi traduzida, creio, por escolha subjetiva de tradução, pois ‘hoje posso lhe dizer’ foi traduzido por *I can now admit*, sendo que seriam possíveis outras traduções que se aproximassem mais do original. Similarmente, a ocorrência de *your* em *your skin won't tan* correspondendo à ‘o sol não pega’, se deu pelo afastamento entre texto fonte e alvo. No entanto, mesmo que se tentasse aproximar a tradução do original, em função da transitividade verbal, seria necessária a inserção do objeto sintático, o qual, por coerência textual, deveria ser *you*.

(III - 93) “Mas nem assim **você** me dá os remédios, **você** é meio desumana. Acho que **Ø** nem é da enfermagem, nunca vi essa **sua** cara por aqui. Claro, **você** é a minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. Eu ia mesmo **lhe** telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis. Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão com **você** e com o **seu** filho. Mas se o garotão está tão rico, não sei por que diabos **Ø** não me interna numa casa de saúde tradicional, de religiosas. Eu próprio poderia arcar com viagem e tratamento no estrangeiro, se o **seu** marido não me tivesse arruinado. Poderia me estabelecer no estrangeiro, passar o resto dos meus dias em Paris. Se me desse na veneta, poderia morrer na mesma cama do Ritz onde dormi quando menino. Porque nas férias de verão o **seu** avô, meu pai, sempre me levava à Europa de vapor. Mais tarde, cada vez que eu via um deles ao largo, na rota da Argentina, chamava **sua** mãe e apontava: lá vai o Arlanza!, o Cap Polonio!, o Lutétia!, enchia a boca para contar como era um transatlântico

por dentro. **Sua** mãe nunca tinha visto um navio de perto, depois de casada ela mal saía de Copacabana.” (Leite derramado)

*“But **you** still won’t give me my meds, **you** bully. I don’t even think **you**’re on the nursing staff; I’ve never seen **your** face around here before. Of course, it’s my daughter standing with her back to the light. Give me a kiss. I was actually going to call **you** to come keep me company, read me newspapers, Russian novels. This TV stays on all day long and the people here aren’t very sociable. Not that I’m complaining: that would be a sign of ingratitude to **you** and **your** son. But if the lad’s so rich, I don’t know why on earth **you** don’t have me admitted to a traditional care home, run by nuns. I would have been able to pay for travel and treatment abroad myself if **your** husband hadn’t ruined me. I could have taken up residence abroad, spent the rest of my days in Paris. If the urge were to take me, I could die in the same bed at the Ritz that I had slept in as a boy. Because in the summer holidays **your** grandfather, my father, always took me to Europe by steamer. Later, every time I saw one in the distance, on the Argentine route, I’d call **your** mother and point: there goes the Arlanza! The Cap Polonio! The Lutétia! And I’d wax lyrical about what an ocean liner was like on the inside. **Your** mother had never seen a ship close up. After we married she rarely left Copacabana.” (Spilt Milk)*

Nestes excertos há certo equilíbrio no número de ocorrências dos vocábulos *you* e *your* e seus correspondentes em português, no entanto, cabe salientar que, conforme esperado, devido à concordância dos pronomes possessivos do português, quanto ao grau e o gênero, com os substantivos-posses, 03 ocorrências de *your* estabeleceram correspondência com ‘seus’ e 03 com ‘suas’. Quanto ao pronome pessoal, das 05 ocorrências de *you*, 03 corresponderam à ‘você’, e 02 foram inseridas na tradução, pois se referem a elipses de ‘você’ antecedendo formas verbais conjugadas, conforme explicado nas análises do alinhamento III - 92. E, uma ocorrência de ‘você’ não foi traduzida, pois a tradução se distanciou muito do original.

(III - 94) “- Que Deus seja suficientemente bom para perdoar **seus** atos e **suas** palavras. **O senhor** tem ofendido a Deus e à Igreja. Tem desonrado as vestes sacerdotais que **Ø** leva. **Ø** Violou as leis da Igreja e do Estado. Tem agido como um comunista. Por isso nos vemos obrigados a não **lhe** dar tão cedo a paróquia que o **senhor** pediu. Vá (agora sua voz voltava a ser doce, mas de uma doçura cheia de resolução, uma doçura que não admitia réplicas), penitencie-se dos **seus** pecados, dedique-se aos fiéis da igreja em que trabalha e esqueça essas idéias comunistas, senão, teremos que tomar medidas mais sérias. **O senhor** pensa que Deus aprova o que está fazendo? Lembre-se que a **sua** inteligência é muito pequena, **o senhor** não pode penetrar nos desígnios de Deus...”(Capitães de areia)

*“May God be sufficiently good to forgive **your** acts and **your** words. **You** have offended God and the Church. You’ve dishonored the priestly vestments **you** wear. You’ve broken the laws of the Church and of the State. You’ve acted like a communist. That’s why we see ourselves obliged not to be in any hurry to give **you** the parish you’ve asked for. “Go” (now his voice had become soft again, but with a softness full of resolution, a softness that would not admit any reply) “and do penance for **your** sins, dedicate yourself to the faithful of the church where **you** work, and forget those communist ideas, if not we’ll have to take more serious measures. Do **you** think that God approves of what you’re doing? Remember that **your** intelligence is not very great, **you** can’t penetrate the designs of God...” (Captains of the Sands)*

No alinhamento III – 94 destaca-se as 04 traduções de ‘senhor’ por *you* e as 02 elipses dos sujeitos (você) de formas verbais conjugadas, as quais foram eliminadas na tradução pela inserção de *you*, considerando, ainda, que há outras 03 elipses que correspondem à *you’ve*. Há, também, 01 ocorrência do pronome pessoal do caso oblíquo ‘lhe’ que foi traduzida por *you*, e 01 ocorrência de *you* não estabeleceu correspondência em função de a tradução ter se afastado do original, conforme destacam os grifos nos excertos. Quanto ao determinante possessivo *your*, há 04 ocorrências, sendo que 02 correspondem a ‘seus’, 01 a ‘seu’ e 01 a ‘sua’.

(III - 95) “Porém, sr. Diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem **vos** pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o **vosso** redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o **vosso** redator para segunda-feira. Pelo que **vos** fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo. Criado agradecido e admirador atento.” (Capitães de areia)

*“Nevertheless, sir, picking up the words of the seamstress who wrote to your paper, I am the one who invites **you** to send a reporter to the Reformatory. I make a point of this. In that way we and the public too will know for certain and in truth the way in which minors are treated as they are regenerated by the Bahian Reformatory for Juvenile Delinquents and Abandoned Boys. I expect **your** reporter next Monday. And if I don't say that he can come whenever he likes, it is because visits must be made on the days authorized by the rules, and it is my custom always to obey the rules. This is the only reason I invite **your** reporter for Monday. I will be most gratified if **you** print this. In this way the false vicar of Christ will be confounded. **Your** thankful admirer,” (Captains of the Sands)*

Neste alinhamento surgiram outras possibilidades de correspondência para *you* e *your*, no caso, com a forma pronominal pessoal ‘vos’, do caso oblíquo, e as pronominais possessivas ‘vosso’, ‘vossa’, ‘vossos’ e ‘vossas’, respectivamente. Estas últimas merecem ressalva, pois, por elas também serem usadas como pronomes de tratamento, como em Vossa Santidade, que corresponde a *your Holiness*, elas são bastante relevantes no tocante ao *tenor* dos discursos. O termo *tenor*, segundo Halliday, refere-se às variáveis contextuais, relativas a *status* e aos níveis de formalidade e polidez, que apontam para distanciamentos sociais entre os participantes das instâncias

comunicativas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.631). Por também envolver a questão do *tenor*, cabe destacar a ocorrência de *sir*, correspondendo à ‘Sr. Diretor’, pois, em outros contextos frásicos, *sir* tende a ser precedido de *you*, pois quando *sir* é utilizado para conferir formalidade e polidez ao discurso (HARPERCOLLINS, 2014), *sir* é precedido de *you*, como em “**you, sir, indeed have the memory of an angel!**” traduzido de “**o senhor**, com efeito, tem uma memória de anjo.”, extraído de O mulato, de Aluísio Azevedo (COMPARA, PBAA2 1537).

Passemos, para os excertos do alinhamento III – 96, os quais contêm erros de ortografia e gramática, pois são partes de uma carta da costureira - talvez até iletrada -, mencionada nos excertos anteriores, a qual, conforme consta no romance, não é acostumada à arte de escrever.

(III - 96) “Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte agüenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e há de ver quem tem razão. E por essas e outras que existem os "Capitães da Areia". Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o **senhor** quiser ver unia coisa de cortar o **Ø** coração vá lá. Também se **Ø** quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho. (Maria Ricardina, costureira) (Capitães de areia)

*“If **your paper** could send somebody there secret theyd see what food they eat, the slave labor they have to do, that not even a strong man can take, and the beatings they get. But it has to be secret becauze if they find out everything will be fine. Drop by all of a sudden and youll see Im right. Thats why there are “Captains of the Sands.” Id rather see my son among them than in the reformatory. If **you** want to see something to break **your** heart go there. **You** also might want to talk to Father José Pedro who was chaplain there and saw all of it. He could tell it and with better words I havent got. Maria Ricardina, seamstress.” (Captains of the Sands)*

Neste alinhamento, embora não haja muitas ocorrências de *you* e *your*, nem de suas possíveis correspondências no português, têm relevância para a pesquisa as elipses, marcadas por Ø, por: uma delas por ter sido possível por conta das conjugações verbais do português, conforme descrito anteriormente; a outra de ‘seu’, presumível na expressão ‘de cortar o coração’, ter se dado por conta de diferenças entre os comportamentos dos dêiticos ‘o’ e *the*.

A expressão do português brasileiro ‘de cortar o coração’ tem uso figurativo, não sendo específico a alguém, pois, em sua totalidade, significa algo em torno de ‘triste’ ‘lamentável’, etc. Na tradução, o dêitico *the* foi substituído por *your*, numa relação inversa ao uso de “*the* como substituto para *my*, *her*, *your*, etc., referindo-se a alguma parte do corpo humano, como em *take me by the hand*” (HARPERCOLLINS, 2014).

Cabe então considerar a possibilidade de se substituir *your* por *the*, de modo a, talvez, se aproximar a tradução do original. Segundo Halliday e Hasan, *the* “não tem conteúdo e meramente indica que o item a que se refere é específico e identificável, sendo que a informação para identificá-lo é recuperável em algum lugar” (HALLIDAY E HASAN, 1976, p.71, tradução nossa) E, esta ‘recuperação’ pode ser endofórica, por anáfora, ou exofórica. Como no contexto frásico do excerto não cabe a referência anafórica, a referência poderia ser exofórica, mas estes autores alertam para duas condições para que *the* efetivamente estabeleça relações exofóricas: (i) “se referindo a um indivíduo particular ou subclasse, sendo esta ou aquele identificável num contexto situacional específico” (ibid.); (ii) se seu referente é “identificável no campo extralinguístico, independentemente do contexto situacional” (ibid.), sendo que neste caso: (a) o item a que *the* se refere “é único numa classe referida, como *the Sun*” (ibid.); (b) seu referente é um membro que “é assumido como tal, na ausência de uma especificação que aponte para o contrário, como em *the baby* referindo-se à *our baby*, ou *the government* referindo-se à *the government of our country*” (ibid.); (c) seu referente indica “uma classe toda, como *the stars*” (ibid.); (d) o item a que *the* se refere “é considerado como representativo de uma classe” (ibid.). Considerando estas possibilidades de referência exofórica, percebe-se que *heart*, no contexto em questão, não se enquadra em nenhuma delas, pois o uso de seu correspondente no original é figurativo. Talvez, fosse possível, certo modo, enquadrá-la como um membro que é assumido como tal, na ausência de uma

especificação que aponte para o contrário, similarmente a *the baby* referindo-se à *our baby*.

No entanto, considerando a noção de colocação, como fundamentação para a gramática, conforme sugere Hoey, esta última possibilidade parece ser invalidada pelos resultados obtidos em pesquisas no BNC. De fato, nelas, foram encontradas somente 03 ocorrências de *break + the + heart*, sendo que duas dessas ocorrências são seguidas de um pós-modificador introduzido por *of*, indicando posse, como em “*break the heart of a Stone* (Psalm 126: 5,6)” (BNC CC5 149) e “*to break the heart of men as Compeyson once did to her*” (BNC HPG 1178), onde efetivamente as referências são endofóricas, não exofóricas. Em contrapartida, foram encontradas 43 ocorrências de *break + adjective possessive + heart*, sendo 12 com *my*, 12 com *your*, 07 com *his*, 11 com *her* e 01 com *its*. Em outras palavras, na cognição, estas colocações parecem ser priorizadas, em relação à *break the heart*.

(III - 97) “Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão - mesmo que não consiga inventar **teu** rosto e **teus** olhos e **tua** boca. Mas embora decepada, esta mão não me assusta. A invenção dela vem de tal idéia de amor como se a mão estivesse realmente ligada a um corpo que, se não vejo, é por incapacidade de amar mais. Não estou à altura de imaginar uma pessoa inteira porque não sou uma pessoa inteira. E como imaginar um rosto se não sei de que expressão de rosto preciso? Logo que puder dispensar **tua** mão quente, irei sozinha e com horror. O horror será a minha responsabilidade até que se complete a metamorfose e que o horror se transforme em claridade. Não a claridade que nasce de um desejo de beleza e moralismo, como antes mesmo sem saber eu me propunha; mas a claridade natural do que existe, e é essa claridade natural o que me aterroriza. Embora eu saiba que o horror - o horror sou eu diante das coisas. Por enquanto estou inventando a **tua** presença, como um dia também não saberei me arriscar a morrer sozinha, morrer é do maior risco, não saberei passar para a morte e pôr o primeiro pé na primeira ausência de mim - também nessa hora última e tão primeira inventarei a **tua** presença desconhecida e **contigo** começarei a morrer até poder aprender sozinha a não existir, e então eu **te** libertarei. Por enquanto eu **te** prendo, e **tua** vida desconhecida e quente está

sendo a minha única íntima organização, eu que sem a **tua** mão me sentiria agora solta no tamanho enorme que descobri.” (Paixão segundo G. H.)

*“As soon as I can let go, I will go alone. In the meantime I must hold this hand of yours — though I can’t invent **your** face and **your** eyes and **your** mouth. Yet even amputated, that hand doesn’t scare me. Its invention comes from such an idea of love as if the hand really were attached to a body that I don’t see only because I can’t love enough. I cannot imagine a whole person because I am not a whole person. And how can I imagine a face without knowing what expression I need? As soon as I can release **your** warm hand, I’ll go alone and with horror. The horror will be my responsibility until the metamorphosis is complete and the horror becomes light. Not the light born of a desire for beauty and moralism, as before without realizing I intended; but the natural light of whatever exists, and it is that natural light that terrorizes me. Though I know that the horror — I am the horror in the face of things. For now I am inventing **your** presence, just as one day I won’t know how to risk dying alone, dying is the greatest risk of all, I won’t know how to enter death and take the first step into the first absence of me — just as in this last and so primary hour I shall invent **your** unknown presence and **with you** shall begin to die until I learn all by myself not to exist, and then I shall let **you** go. For now I cling to **you**, and **your** unknown and warm life is my only intimate organization, I who without **your** hand would feel set loose into the enormous vastness I discovered.” (Passion according G. H.)*

Do alinhamento III - 97, destaca-se somente o fato de ‘teu’, ‘tua’ e ‘teus’ terem sido traduzidos por *your* e de o pronome pessoal ‘contigo’ ter sido traduzido por *with you*. Cabe ressaltar que ‘contigo’ é formado pela preposição ‘com’ associada à forma pronominal ‘ti’, a qual igualmente consta no excerto do alinhamento III - 98, abaixo, onde também se constata uma elipse do sujeito sintático para a forma verbal ‘havia’.

(III - 98) “Lembrei-me de **ti**, quando beijara **teu** rosto de homem, devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de

beijar **teus** olhos - lembrei-me de que então eu havia sentido o sal na minha boca, e que o sal de lágrimas nos **teus** olhos era o meu amor por **ti**. Mas, o que mais me havia ligado em susto de amor, fora, no fundo do fundo do sal, **tua** substância insossa e inocente e infantil: ao meu beijo **tua** vida mais profundamente insípida me era dada, e beijar **teu** rosto era insosso e ocupado trabalho paciente de amor, era mulher tecendo um homem, assim como me **Ø** havias tecido, neutro artesanato de vida.” (Paixão segundo G. H.)

*“- I remembered **you**, when I kissed **your** man face, slowly, slowly kissed it, and when the time came to kiss **your** eyes - I remembered that then I had tasted the salt in my mouth, and that the salt of tears in **your** eyes was my love for **you**. But, what bound me most of all in a fright of love, had been, in the depth of the depths of the salt, **your** saltless and innocent and childish substance: with my kiss **your** deepest insipid life was given to me, and kissing **your** face was the saltless and busy patient work of love, it was woman weaving a man, just as **you** had woven me, neutral crafting of life.” (Passion according G. H.)*

Tendo findado as investigações das ocorrências de *your* e de *you*, constatou-se que, diferentemente do esperado, conforme descrito na introdução desta dissertação, não foram encontradas evidências qualitativas de que as relações coesivas que estes vocábulos estabelecem tenham gerado mais ocorrências do pronome adjetivo possessivo *your* em inglês, em relação às de seus correspondentes nos textos originais. Ao que parece, isto se reflete quantitativamente, pois sendo a proporção entre os totais de ocorrências de *you* (36) e o de seus correspondentes (pre) nominais (29) 1,24 (36/29), e a proporção entre os totais de formas possessivas *your* (38) e o de suas formas possessivas correspondentes no português (33), 1,15, a diferença de 0,09 para menos nos totais proporcionais das formas possessivas me parece não permitir análises conclusivas.

No entanto, considerando que nos números acima não constam as 11 ocorrências de elipses de formas (pre) nominais, nem as 3 de formas possessivas do português, no que se refere às repetições de vocábulos, dentro dos parâmetros da pesquisa, constatou-se que *your* e

you tenderam a se repetir mais vezes, em relação a seus correspondentes no português, em função de:

- *you* se referir às 2^{as} pessoas, no singular e plural, sejam como sujeitos ou objetos sintáticos, ou complementos precedidos de proposição como em *with you* ou *to you*, enquanto que no português, estas pessoas podem ser referidas, quando sujeitos sintáticos, por ‘tu’, ‘você’, ‘o senhor’, ‘vós’, ‘vocês’, e ‘os senhores’, e quando objetos sintáticos ou predicativos, por ‘ti’, ‘lhe’, ‘te’, ‘você’, ‘vos’, ‘lhes’, ‘vocês’, e ‘os senhores’, bem como, as formas contraídas, ‘contigo’ e ‘convosco’;
- *your* indicar posse das 2^{as} pessoas, no singular e plural, enquanto que no português, diferentemente do inglês, os pronomes possessivos concordam em grau e gênero com suas respectivas as posses. E, além disto, por falantes do português disporem de ‘seu’ e ‘sua’, e suas formas plural para indicar posse, em concordância com você/vocês.

Contudo, por em inglês, diferentemente de no português, distinguir-se adjetivos possessivos de pronomes possessivos, neste caso *your* / *yours*, as tendências à repetição são atenuadas quando comparadas às tendências no português

Cabe salientar que, à parte os alinhamentos analisados, encontrou-se o pronome pessoal *you* estabelecendo relações exofóricas generalizantes, conforme descritas nas investigações do vocábulo *were*, como em, “*But will the discoveries of childhood have been like in a laboratory where you find whatever you find?*”, traduzido de “No entanto na infância as descobertas terão sido como num laboratório onde se acha o que se achar?”, extraído de Paixão segundo G. H..

Com as análises dos alinhamentos contendo os vocábulos *you* e *your*, e suas respectivas correspondências, findam as investigações, relativas às relações gramático-coesivas, que os vocábulos da amostra selecionada estabeleceram nas traduções presentes no Córpus da Pesquisa. Com isto conclui-se também todas as investigações previstas pela pesquisa, cabendo, então, discorrer-se um pouco quanto às conclusões finais da pesquisa.

CONCLUSÕES

Findadas as abordagens, horizontais e verticais, ao Córpus da Pesquisa, previstas para esta etapa da pesquisa, cumpre, então, destacar, de forma sumarizada, algumas evidências obtidas. Lembrando que, estas somente traduzem alguns resultados das primeiras investigações de uma

pesquisa maior, a qual deve englobar outras pesquisas nos campos da semântica e da cognição, conforme foi discutido na introdução desta dissertação.

As evidências encontradas, no meu entender, apontam para a confirmação do pressuposto de que, em inglês, as frequências de ocorrências de repetições de vocábulos tendam a ser mais elevadas, quando apostas às frequências homólogas em português. Bem como, parte delas também sustenta a hipótese de que o Pressuposto da Pesquisa pode ser diretamente relacionável a alguns aspectos gramático-coesivos peculiares à língua inglesa.

Antes de apresentar as evidências, é importante ressaltar que, por conta de limitações, quanto à magnitude do *Córpus da Pesquisa*, e de algumas dificuldades, que surgiram ao longo dos contrastes interlinguísticos, entre as frequências de ocorrências de alguns vocábulos correspondentes, a pesquisa não assumiu como possível a obtenção de alguma quantificação genérica, que visasse o estabelecimento de percentuais absolutos, ou relativos, de frequências de ocorrências de vocábulos, os quais pudessem ser tomados como referenciais numéricos conclusivos do Pressuposto da Pesquisa. Mesmo porque, alguns contrastes envolveram os quatro subcorpora do *Córpus da Pesquisa*, enquanto que, outros, somente parte dele. Por estas razões, adotou-se a expressão ‘tendência a mais repetições’ na caracterização das constatações de superioridades numéricas de ocorrências de vocábulos e de repetições destes, em inglês, em relação ao português. Igualmente, a expressão foi adotada para se referir aos efeitos motivadores de repetições lexicais, observados nas relações gramático-coesivas, que geraram superioridades de ocorrências de itens lexicais ingleses. Em resumo, foi adotado o cruzamento das tendências a mais repetições de vocábulos ingleses, sob os vieses quantitativos e qualitativos, para, via método indutivo, esboçar-se um perfil conclusivo.

Na checagem do Pressuposto da Pesquisa, partindo do macrouniverso do *Córpus da Pesquisa*, foram realizados contrastes entre as frequências absolutas e as frequências relativas de ocorrências de vocábulos nos quatro subcorpora da pesquisa, bem como, foram contrastadas frequências homólogas, individualizadas por textos, calculadas com base em 12 dos 16 textos do *Córpus da Pesquisa*, somando aproximadamente 95% do total de palavras deste. Observou-se que, nas investigações macro, tanto no direcionamento português-inglês quanto no inglês-português, as quantificações obtidas acusaram

superioridades numéricas de frequências de ocorrências de vocábulos, e repetições destes, em ambos os subcorpora *ST* e *TT* em língua inglesa.

Num segundo momento, em direção ao microuniverso, com base em frequências absolutas e relativas de vocábulos, agrupados de acordo com suas categorizações morfossintáticas, foram contrastivamente investigadas possibilidades de haver concentrações de frequências, numericamente superiores em inglês, nesta ou naquela categoria morfossintática, de modo a se selecionar alguns vocábulos para investigações individualizadas. Nestes contrastes, foram constatadas tendências a frequências de ocorrências mais elevadas de pronomes e verbos. Cabe ressaltar, que até este ponto a pesquisa assumia como premissa verdadeira, a de que as probabilidades de repetições de vocábulos são diretamente proporcionais aos números totais de palavras dos subcorpora, conforme atestam Sardinha (2004) e Scott (2010).

Com base nas constatações das primeiras investigações marco, partiu-se para investigações contrastivas, baseadas nos subcorpora *ST* e *TT* em português e os *ST* e *TT* em inglês, focando nos microuniversos de alguns pronomes pessoais e possessivos, e adjetivos possessivos do inglês. Tal qual observado nas investigações macro, as frequências de ocorrências dos vocábulos ingleses selecionados, pertencentes a estas categorias morfossintáticas de vocábulos, são consideravelmente superiores às homólogas de seus correspondentes em português.

Já com vistas às investigações relativas à Hipótese da Pesquisa, mas ainda dentro da checagem do Pressuposto da Pesquisa, também foram incluídas investigações contrastivas relativas às frequências de ocorrências do vocábulo *one*, por ele, segundo Halliday e Hasan (1976), ser o substituto nominal em coesões textuais por substituições nominais, por *one* poder substituir o pronome pessoal neutro *it* em sentenças declarativas impessoais, conforme mencionado na introdução desta dissertação, e, ainda, por *one* poder atuar como pronome indefinido, interlinguisticamente correspondendo aos pronomes indefinidos ‘um’ e ‘uma’ do português e os artigos indefinidos homônimos destes. E, em função destes últimos, fez-se necessário também incluir os artigos indefinidos *a* e *an* nas investigações em questão. Porém, por o Córpus da Pesquisa não ser morfossintaticamente anotado e os números de ocorrências de *one*, *a* e *an* e de seus correspondentes no português serem bastante elevados, foram contrastadas as proporções entre as frequências de ocorrências destes, agrupando os pronomes indefinidos e os artigos indefinidos nas duas línguas. Nestes contrastes, foram observadas

proporções superiores de ocorrências em inglês, sendo estas bastante desproporcionais, no que se refere aos direcionamentos de tradução, uma vez que, no direcionamento português-inglês, a superioridade constatada foi de 52%, mas, no inglês-português, foi de apenas 19,27%. Por esta razão, optou-se pela inclusão de contrastes entre as frequências de ocorrências de *one, a, an*, ‘um’ e ‘uma’, com base em frequências fornecidas pelo *Cópus COMPARA*, visto que este *cópus* distingue as frequências de ocorrências de vocábulos, de acordo com suas caracterizações morfossintáticas. Nestes contrastes, foram estabelecidas relações de proporções entre as ocorrências destes pronomes e artigos indefinidos nas duas línguas, as quais destacaram superioridades das frequências individualizadas de ocorrências de *one, a e an*, em relação às de ‘um’ e ‘uma’.

Cabe ressaltar que após as quantificações das ocorrências individualizadas dos vocábulos selecionados, constatou-se ser verdadeira a premissa, acima mencionada, quanto à relação proporcionalmente direta entre os números de repetições de vocábulos e os números totais de ocorrências de vocábulos. De fato, os números reduzidos de pronomes pessoais e possessivos, de adjetivos possessivos, e de artigos e pronomes indefinidos investigados, apostos aos seus números elevados de ocorrências, apontaram para a relação diretamente proporcional entre as frequências de repetições destes vocábulos e os totais de suas ocorrências.

Das investigações quantitativas dos vocábulos individualizados, também foi constatado, via abordagens verticais ao *Cópus da Pesquisa*, que elas são numericamente superiores no sub*cópus TT* em inglês, em relação às frequências de ocorrências de seus correspondentes no sub*cópus ST* em português:

- Em função de sujeitos sintáticos deverem ser explicitados em inglês (HALLIDAY e HASAN, 1976), enquanto que, em português, por conta das conjugações verbais, serem possíveis, e, muitas vezes, até desejáveis, as elipses de sujeitos sintáticos, como se constatou em várias ocorrências de elipses desta sorte no sub*cópus ST* em português, como, por exemplo, no caso do contraste entre os pronomes pessoais para as primeiras pessoas, que apresentou discrepâncias consideráveis, no sentido de mais ocorrências em inglês, como indica o Gráfico II – 6, no capítulo II;
- Em função de substantivos contáveis ingleses, no singular, não figurarem em segmentos fráscicos, sem serem precedidos de um

determinante. De fato, muitos destes, que figuram no subcórpus *TT* em inglês, em sentenças declarativas informando posse, ou nas quais constam relações de posse, tenderam a ser precedidos de adjetivos (determinantes) possessivos referindo-os aos possuidores, conforme apontaram os percentuais indicativos de superioridades de ocorrências de pronomes possessivos ingleses relativos às primeiras pessoas, que variaram entre 40,17% a 43,50%, conforme aponta o quadro II – 6, no capítulo II;

- Em função de o pronome indefinido *one* atuar como substituto nominal em relações coesivas por substituição nominal, e não ter sido elidido na grande maioria de suas ocorrências investigadas, enquanto que, seus possíveis correspondentes ‘um’ e ‘uma’ no subcórpus *ST* em português, terem tendido a ser elidido, apesar de tal qual *one*, atuarem como substitutos nominais; Esta tendência se confirmou nas investigações no Córpus COMPARA, visto que, em seu subcórpus com os textos fonte em português, há apenas 73 ocorrências dos pronomes indefinidos ‘um’ ou ‘uma’, enquanto que, no com os textos alvo em inglês, há 1.211 ocorrências do pronome indefinido. Certamente, neste último número estão incluídas as ocorrências de *one*, não atuando como substitutos nominais, no entanto, na análise de alguns alinhamentos frásicos de excertos do Córpus da Pesquisa, constatou-se a considerável presença do substituto nominal *one* nas traduções, estabelecendo correspondências com coesões por elipses nos originais.

Para encerrar as abordagens verticais ao Córpus da Pesquisa, com base em expectativas prévias de tendências de repetições destes, selecionou-se para outras investigações contrastivas, os vocábulos formados por derivação deverbal com *-ing*, bem como, os operadores gramaticais e os substitutos verbais *do*, *does* e *did*. Essas investigações confirmaram as expectativas prévias, e, sobretudo, acusaram que, as consideráveis superioridades numéricas de ocorrências destes no subcórpus *TT* em inglês, em relação ao *ST* em português, se deram por conta de:

- Muitos substantivos e adjetivos terem se formado, via derivações deverbais com *-ing*, bem como, as formas nominais de gerúndio terminarem com este sufixo, e, muitas vezes, formas nominais de infinitivo também serem indicadas pelo sufixo *-ing*, enquanto que o sufixo ‘-ndo’, do português, indica somente a forma nominal de gerúndio. E, em função destas

atuações do sufixo *-ing*, a proporção entre as frequências de ocorrências de vocábulos terminados em *-ing* e as de ‘-ndo’, em seus respectivos subcorpora, é de 3,68, o que significa que se constatou 268% ocorrências a mais de vocábulos terminados em *-ing*;

- Operadores gramaticais (auxiliares), indicativos de tempos-aspectos verbais, destituídos de morfemas lexicais, inexistirem no português, o que gerou 129 ocorrências de *do*, 59 de *does* e 139 de *did*, atuando como operadores gramaticais, as quais não encontram correspondências diretas nos textos originais e constam somente nos textos traduzidos para o inglês;
- O verbo ‘fazer’, apesar de também ser um substituto verbal em relações de coesão por substituição, tender, segundo as investigações efetuadas, a ser elidido, conforme se percebeu ao contrastá-lo com 10 ocorrências de *do*, 07 de *does* e 27 de *did*, atuando como substitutos verbais, que estabeleceram correspondências com coesões por elipse nos textos em português; ou seja, estabeleceram correspondências diretas com vocábulos não explicitados em relações de coesão encontradas no subcórpus *ST* em português.

Por fim, no que concerne às investigações relativas à Hipótese da Pesquisa, a qual professa que o Pressuposto da Pesquisa se alicerça em relações gramático-coesivas peculiares à língua inglesa, procedeu-se a abordagem horizontal ao Córpus da Pesquisa, baseada em alinhamentos de excertos de segmentos frásicos extraídos dos textos fonte e alvo. Para tal, com vistas à adoção de uma postura não arbitrária na seleção dos vocábulos, princípios de amostragem da Estatística Probabilística foram adotados, de modo a se obter uma amostra de vocábulos, que pudesse ser tomada como estatisticamente representativa de um universo maior de vocábulos, no caso, o do British National Corpus (BNC).

Nas abordagens horizontais, sob o viés das relações gramático-coesivas, constatou-se que o número de ocorrências de vocábulos da amostra, que se repetiram somente nos excertos de tradução, é bastante alto, por estes corresponderem a vocábulos não explicitados ou inexistentes nos excertos em português. De fato, de um universo composto de 235 ocorrências analisadas, 53 surgiram na tradução, ou seja, 22,55% das ocorrências dos vocábulos nas traduções são repetições, sendo que a maioria delas corresponde a elipses lexicais, e algumas a vocábulos inexistentes nos originais. Constatou-se também,

que, em alguns casos, um único vocábulo do inglês estabeleceu correspondências com vários do português, como por exemplo, *you* que, no subcorpúsculo *TT* em inglês, estabeleceu correspondências com ‘tu’, ‘você’, ‘o senhor’, ‘vós’, ‘vocês’, e ‘os senhores’.

Entretanto, não foram constatadas tendências à existência de relações diretamente proporcionais entre as quantidades de ocorrências de vocábulos ingleses analisados e as quantidades de elipses lexicais e de vocábulos inexistentes nos originais em português. Com efeito, se por um lado foi constatada a ocorrência de 01 elipse em português na análise de um único alinhamento, como quando as ocorrências de *arms* foram analisadas, por outro, constatou-se somente 02, a despeito de se ter analisado 08 alinhamentos, como no caso dos contendo os vocábulos *times* e *sometimes*, apesar de todos os alinhamentos analisados, terem sido selecionados por apresentarem repetições de um mesmo vocábulo da amostra, em segmentos frásicos adjacentes.

Por fim, não menos relevante à pesquisa, constatou-se alguns casos em que as repetições de vocábulos não puderam ser explicadas via análises gramático-coesivas, às quais se atribuiu escolhas subjetivas de tradução, como causadoras das repetições. No entanto, embora não seja o foco desta dissertação, tais repetições de vocábulos despertaram questionamentos, pois se não puderam ser vinculadas a relações gramático-coesivas, podem estar mais relacionadas à dimensão semântico-funcional da língua, talvez relativas às prosódias semânticas, o quê, segundo a pesquisa, teria efeitos na dimensão cognitiva, conforme discutido na introdução desta dissertação.

Concluindo, uma vez que tanto as abordagens verticais quanto as horizontais apontaram para frequências mais elevadas de repetições em inglês, e a grande maioria delas se deu em função de relações gramático-coesivas, pertinentes ao sistema linguístico do inglês, parece-nos seguro assumir que os resultados da pesquisa apontam para a confirmação tanto do Pressuposto quanto da Hipótese da Pesquisa. Sobretudo, visto que, uma boa parte das repetições constatadas nas análises dos alinhamentos frásicos, surgiu nas traduções dos textos, estabelecendo correspondências com elipses lexicais (vocábulos não explicitados) do original, a pesquisa evidenciou um aspecto não exatamente vislumbrado na sua concepção. De fato, embora se pressupusesse números maiores de ocorrências de elipses lexicais nos textos originais em português, especialmente, em função das estreitas relações gramático-coesivas que sujeitos sintáticos estabelecem com formas verbais do português, não se vislumbrava que as

impossibilidades de elipse de vocábulos em inglês tivessem tamanha força, no sentido de elevar o número de ocorrências de repetições de vocábulos. Assim, se muitas das repetições de vocábulos constatadas estabeleceram correspondências com vocábulos não explicitados - elípticos - nos originais, me parece seguro inferir que as sentenças em inglês tendam a depender mais de explicitações lexicais para se realizarem sintática e semanticamente do que as sentenças em português. Certamente, a confirmação de tal asserção, certo modo até axiomática, demanda futuras pesquisas, que não sejam somente focadas nas relações gramático-coesivas que acarretam repetições lexicais.

APÊNDICE I

<i>POS Tag</i>	Categorização Morfossintática	<i>POS Tag</i>	Categorização Morfossintática
CC	<i>coordinating conjunction</i>	VBD	<i>verb be, past</i>
CD	<i>cardinal number</i>	VBG	<i>verb be, gerund/participle</i>
DT	<i>determiner</i>	VBN	<i>verb be, past participle</i>
EX	<i>existential there</i>	VBZ	<i>verb be, pres, 3rd p. sing</i>
FW	<i>foreign word</i>	VBP	<i>verb be, pres non-3rd p.</i>
IN	<i>preposition/subord. conj.</i>	VD	<i>verb do, base form</i>
IN/that	<i>complementizer</i>	VDD	<i>verb do, past</i>
JJ	<i>adjective</i>	VDG	<i>verb do gerund/participle</i>
JJR	<i>adjective, comparative</i>	VDN	<i>verb do, past participle</i>
JJS	<i>adjective, superlative</i>	VDZ	<i>verb do, pres, 3rd per. sing</i>
LS	<i>list marker</i>	VDP	<i>verb do, pres, non-3rd per.</i>
MD	<i>modal</i>	VH	<i>verb have, base form</i>
NN	<i>noun, singular or mass</i>	VHD	<i>verb have, past</i>
NNS	<i>noun plural</i>	VHG	<i>verb have, gerund/participle</i>
NP	<i>proper noun, singular</i>	VHN	<i>verb have, past participle</i>
NPS	<i>proper noun, plural</i>	VHZ	<i>verb have, pres 3rd per. sing</i>
PDT	<i>predeterminer</i>	VHP	<i>verb have, pres non-3rd per.</i>
POS	<i>possessive ending</i>	VV	<i>verb, base form</i>
PP	<i>personal pronoun</i>	VVD	<i>verb, past tense</i>
PP\$	<i>possessive pronoun</i>	VVG	<i>verb, gerund/participle</i>
RB	<i>adverb</i>	VVN	<i>verb, past participle</i>
RBR	<i>adverb, comparative</i>	VVP	<i>verb, present, non-3rd p.</i>
RBS	<i>adverb, superlative</i>	VVZ	<i>verb, present 3d p. sing.</i>
RP	<i>particle</i>	WDT	<i>wh-determiner</i>
SENT	<i>end punctuation</i>	WP	<i>wh-pronoun</i>
SYM	<i>symbol</i>	WP\$	<i>possessive wh-pronoun</i>
TO	<i>to</i>	WRB	<i>wh-abverb</i>
UH	<i>interjection</i>	:	<i>general joiner</i>
VB	<i>verb be, base form</i>	\$	<i>currency symbol</i>

Referências Bibliográficas

- ANTHONY, L. **AntConc 1.0.0**. Tokyo, Japan: Waseda University, 2012, disponível em www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html acesso 18 mar. 2014.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKER, M. *Corpus-based Translation Studies: The Challenges that Lie ahead*, in Harold Somers (ed.) *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering, in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 1996, p. 175-186.
- BAKER, M. *In other words: A coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.
- BAKHTIN, M., **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Yara F. Vieira 11ª ed. São Paulo SP: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M; **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra, 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. **Elementos da semiologia** Tradução Izidoro Blikstein, 3. ed. São Paulo: Cultrix. 1979.
- BBC WORDL SERVICE, disponível em <http://www.bbc.co.uk/worldservice/learningenglish/grammar/learnit/learnity34.shtml>. Acesso em 13/nov./2014
- BERBER, SARDINHA, A. P. **A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras-chave usando o programa computacional WordSmith Tools in the ESPecialist**, vol. 26, nº 2, 2005, 183-204.
- BERBER, SARDINHA, A. P. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BNC *The British National Corpus*, version 3 (BNC XML Edition). Oxford University Computing Services on behalf of the BNC Consortium, 2007, disponível <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>.
- CÂMARA, JR., J. M., **Problemas de Linguística Descritiva**. 13 ed. Petrópolis: Vozes 1988.
- DAVIES, M. e MICHAEL, F. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**. 2006, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.
- DRAE *Diccionario de la lengua española ed. 22.a, Real Academia Española*, 2001 disponível em <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>, acesso em 13 mai. 2014.

FRANKENBERG-GARCIA, A. e SANTOS, D. **COMPARA, um corpus paralelo de português e de inglês na Web**. Cadernos de Tradução IX.1, 2002, pp. 61-79. Universidade de Santa Catarina. ISSN: 1676-7047.

GOUVEIA, C. A. M. e BARBARA, L. *Marked or unmarked, that is not the question. The question is: where's the Theme?* In Ilha do Desterro, nº 46 Florianópolis: UFSC, 2004, p.155-177.

GRAMMARING, disponível em <http://www.grammaring.com/subject-auxiliary-inversion-after-negative-adverbials>. Acesso em 13/nov./2014

HALLIDAY, M. A. K e HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. *An Introduction to functional grammar*. 3.ed. Revised by Christian Matthiessen. New York: Oxford University Press Inc, 2004.

HARPERCOLLINS. *Collins Online English Dictionary*, disponível em <http://www.collinsdictionary.com/>, acesso em 28 mar. 2014.

HERNANDES, P. **Professor Paulo Hernandez WEB site**, 2000, disponível em <http://www.paulohernandes.pro.br/glossario/v/verbo.html>, acesso em 04 ago. 2014.

HOEY, M. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HOEY, M. *Lexical priming: a new theory of words and language*. Oxon: Routledge, 2005.

HOLANDA, A. B., de. **Aurélio Online, 2008**, disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/>, último acesso em 28 mar. 2014.

HOLMES, J. *The Name and Nature of Translation Studies*. In *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi 2000.

HOUAISS, A. e SALLES VILAR, M. de **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

HUDSON, R. *Are determiners heads*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2004. Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/dick/texts/dets.pdf>, acesso 31 mar. 2014.

ILC - Istituto di Linguistica Computazionale. *Verb Semantic Classes*, Disponível em <http://www.ilc.cnr.it/EAGLES96/rep2/node10.html>, acesso em 15 set.. 2014.

- KLEIN, D.E., e MURPHY, G. L. *The Representation of Polysemous Words* in *Journal of Memory and Language*, n. 45, 2001, 259 - 282. Disponível em: http://www.wjh.harvard.edu/~lds/readinggroup/Klein_Murphy-representation_polysemous-JML2001.pdf, acesso em 17 mar. 2014.
- KOCH, I. G. V. **Principais mecanismos de coesão textual em português**, in *Cadernos de estudos linguísticos*, nº 15, 1988, p.73-80. LINGUATECA COMPARA, disponível em <http://www.linguateca.pt/COMPARA/>
- LOPES, C. A. G. **Repetição na língua portuguesa** in *Revista Philologus*, v. 22, 2009, disponível em <http://www.filologia.org.br/revista/32/09.htm> acesso 20 abr. 2014.
- MCENERY, A. M. e XIAO, R. Z. *Parallel and comparable corpora: What are they up to? in Incorporating corpora: translation and the linguist*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.
- MERRIEN-WEBSTER *Online Dictionary*, 2015, disponível em <http://www.merriam-webster.com/>, acesso em 28 mar. 2015.
- MORAVIA, A. **Histórias da Pré-história**, trad. Nilson Molin. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MORETTI, P. A. e BUSSAB, W. de O. **Estatística Básica**, 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- MURPHY, R. *Grammar in Use – A self study reference and practice book for intermediate students*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- NADAL, L. *Los culturemas: ¿Unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?* *Language Design* 11 Universidad de Córdoba, 2009, 93-120 disponível em http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf, acesso em 08 mai. 2013.
- NORD, C. *Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Trad. Christiane Nord e Penelope Sparrow. Atlanta: Rodopi, 1991.
- OTERO, P. G. **TreeTagger para o português consulta on-line**, 2005, disponível em <http://gramatica.usc.es/~gamallo/tagger.htm> acesso em 30 jul. 2014.
- PACE-SIGGE M. T. L. *The concept of Lexical Priming in the context of language use*, in *ICAME Journal - Computers in English Linguistics* No. 37, *University of East Finland*, 2013, p.149-174, disponível em http://clu.uni.no/icame/ij37/Pages_149-174.pdf, acesso 06 ago. 2014.
- REISS, K. e VERMEER, H. J. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Madri: Akal, 1996.

- RUBBA, J. *An Overview of English Morphological System*. California Polytechnic State University: San Luis Obispo, 2004. Disponível em <http://cla.calpoly.edu/~jrubba/morph/morph.over.html> acesso em 22 jun. 2012.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**, tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4ª ed. S. Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1969.
- SCOTT, M. *WordSmith Tools 6*, Oxford: Lexical Analysis Software Ltd. & Oxford University Press, 2010, disponível em <http://www.lexically.net/wordsmith/> acesso em 11 fev. 2013.
- SINCLAIR⁽¹⁾, J. *How to make a corpus*, in *Developing linguistic corpora: a guide to good practice*. ed. M. Wynne. Oxford: Oxbow Books, 2005, disponível em <http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/linguistic-corpora/>, acesso em 01 abr. 2014.
- SINCLAIR⁽²⁾, J. *Corpus and Text: Basic Principles*, in *Developing linguistic corpora: a guide to good practice*. ed. M. Wynne. Oxford: Oxbow Books: 1-16, 2005, disponível em: <http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/linguistic-corpora/> acesso 01 abr. 2014.
- SINCLAIR, J. *Trust the text: language, corpus and discourse*. London: Routledge, 2004.
- SINCLAIR, J. M. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SPANGLER, A. *She who laughs, lasts! laugh-out-loud stories from today's best-known women of faith*. Nashville, TN: Zondervan/HarperCollins Christian Publishing, 2009.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. 2012.
- UCREL - *University Centre for Computer Corpus Research on Language*, disponível em <http://ucrel.lancs.ac.uk/> acesso em 01 ago. 2014.
- UNC - *College of Arts & sciences. Word Choice*, disponível em <http://writingcenter.unc.edu/handouts/word-choice/> acesso em 08 out. 2012.
- VASSARSTATS *Statistical Computation Web Site*, disponível em vassarstats.net/ acesso 02 ago. 2014.
- VERMEER, H.J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Porto: Edições ASA, 1986.